

ganância

Os
7
MORTAIS

CARDINAL COPY

Heróis ou vilões?
Vigilantes a solta na cidade

Exceção com cara
que inspira medo

CARDINAL COPY

Queda de pecado
cresce em
Cardinal City

el
— EBOOKS —

AUDITOR

LANA

PECHERCZYK

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

ganância

Os
7
MORTAIS

CARDINAL COPY

Heróis ou vilões?
Vigilantes a solta na cidade

Exceção com cara
que inspira medo

CARDINAL COPY

Queda de pecado
cresce em
Cardinal City

el
— EBOOKS —

AUDITOR

LANA

PECHERCZYK

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

ganância

08
7
MONTHS

CARDINAL COPY
Homenagem à Igreja
Vigilância e controle nos Estados

CARDINAL COPY
União de pecado
crimes em
Cardinal City

de
—HBOOKS—

AUDITOR

LANA PECHERCZYK

Table of contents

1. Title Page
2. Copyright
3. MAPA
4. Epigraph
5. Capítulo 1
6. Capítulo 2
7. Capítulo 3
8. Capítulo 4
9. Capítulo 5
10. Capítulo 6
11. Capítulo 7
12. Capítulo 8
13. Capítulo 9
14. Capítulo 10
15. Capítulo 11
16. Capítulo 12
17. Capítulo 13
18. Capítulo 14
19. Capítulo 15
20. Capítulo 16
21. Capítulo 17
22. Capítulo 18
23. Capítulo 19
24. Capítulo 20
25. Capítulo 21
26. Capítulo 22
27. Capítulo 23
28. Capítulo 24
29. Capítulo 25
30. Capítulo 26
31. Capítulo 27
32. Capítulo 28
33. Capítulo 29
34. Capítulo 30
35. Capítulo 31
36. Capítulo 32
37. Capítulo 33
38. Capítulo 34
39. Capítulo 35
40. Capítulo 36

- 41. [Capítulo 37](#)
- 42. [Personagens e Glossário](#)
- 43. [O ANSEIO DE LOBOS SOLITÁRIOS](#)
 - 1. [CAPÍTULO 1](#)
 - 2. [CAPÍTULO 2](#)
 - 3. [CAPÍTULO 3](#)
 - 4. [Outros livros Lana Pecherczyk](#)
 - 5. [Sobre a Autora](#)
- 44. [Índice](#)

Guide

- 1. [Cover](#)
- 2. [Beginning](#)
- 3. [Índice](#)

GANÂNCIA

OS 7 MORTAIS

LIVRO 2

LANA PECHERCZYK

TRADUÇÃO

ERIKA ROBLES



Copyright ©2019 Lana Pecherczyk

Título Original: GREED

Capa: Manoela Wings

Mapa: Lana Pecherczyk

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares, organizações e situações são produtos da imaginação do autor ou usados como ficção.

Qualquer semelhança com fatos reais é mera coincidência.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em partes, através de quaisquer meios. Os direitos morais do autor foram contemplados.

Todos os direitos desta edição reservados à:



DL BOOKS EDITORA

MAPA DE CARDINAL CITY



Para ganância, toda a natureza é insuficiente.
Sêneca

CAPÍTULO 1

GRIFFIN LÁZARO

Com a lua cheia, Cardinal City brilhava suavemente sob um cobertor de flocos brancos. Griffin Lázaro escorregou em uma telha, xingando quando um monte de neve caiu com uma explosão de pó três andares abaixo.

— Isso não é discreto. — O modulador de voz deixou sua voz grave e rouca.

O irmão, Evan, caiu no telhado ao seu lado, por pouco escapando da beirada.

— Discrição é meu nome do meio.

— Não tem um nome do meio.

A risada que compartilharam foi curta quando o ar gelado e frígido penetrou pelas roupas. Usavam calças de couro pretas idênticas, jaqueta com gorro e lenços faciais *fukumen* cobrindo o nariz e a boca. Só que o lenço de Griffin era azul; o de Evan, verde.

Evan pulou para um telhado saliente um nível abaixo, escorregou e quase caiu pela beirada. Num piscar de olhos, pegou as duas katanas e as usou como bastões de trilha, apunhalando as superfícies enquanto se movia até pular em outro beiral abaixo, e enfim na ruela de paralelepípedo.

Griffin fez uma careta. *Tão barulhento na calada da noite.*

Puxou o bastão do suporte nas costas e ativou uma alavanca com um movimento bem treinado do pulso. Em um instante, cada lado do bastão aumentou com um *shing* metálico. O bastão, agora do tamanho do corpo, era mais forte do que titânio e tão flexível quanto madeira de freixo. Griffin apertou um botão e um cravo saiu da ponta para espetar através da neve sob seus pés. Um barulho abafado soou. Sim. Firme. Fixo. Menos barulhento que as katanas.

Antes de descer, puxou a manga para conferir o status da tatuagem de Yin-Yang na parte interna do pulso. A tinta especial reagia a sua resposta de pressentir a ganância. Resumindo, quanto mais ganância sentia, mais preta a tinta ficava, escurecendo o símbolo inteiro. Muito preto e estaria em perigo de perder o controle e matar qualquer toque de ganância que pressentisse nas proximidades – *qualquer*. Era uma

vontade caótica e mortal que nunca queria repetir. Usando o relógio de pulso, descobrira que a exposição controlada ao pecado ou virtude tinha uma resposta na tinta da tatuagem. Como estava prestes a frustrar um roubo, ficaria curioso de ver qual ato penderia a balança – para o escuro ou claro.

Depois de notar o status atual, laboriosamente ativou o cronômetro no relógio, a língua tocando a ponta dos dentes até acertar a configuração. Depois de ficar satisfeito que estava gravando, respirou fundo e pulou pela beirada, e depois para a próxima para pousar rápido e em silêncio ao lado do irmão.

— Estava na hora. Minhas bolas estão congelando. — Evan usou as katanas para acenar na região da virilha.

— Talvez devesse ter usado roupas térmicas — Griffin falou entredentes.

Uma risada masculina soou no ponto de Griffin, lembrando-o que o irmão Parker monitorava o progresso. Tecnicamente, Sloan deveria estar no comando do suporte tático... ou ao menos o pai, Flint, mas nenhum deles estava disponível esta noite.

Evan tocou o ponto.

— Atualização, Orgulho?

Quando em campo, precisavam se referir um ao outro pelos codinomes de pecado para evitar que as verdadeiras identidades fossem expostas.

— *Não posso triangular uma localização. Preciso de mais informação. Ganância?* — Parker disse no ponto.

— Já falei, a sensação fica se movendo. E nós ficamos nos movendo — Griffin respondeu, irritado.

— *Então, pare e foque.*

Contraiu a mandíbula com o tom autoritário de Parker. Com um suspiro, apertou os olhos e forçou todo o barulho da rua para longe da mente. Isso era um esforço para ele, mais do que para os outros irmãos. Sons pareciam perfurar seus ossos, provocando até irritarem, mas o treinamento brutal que recebera durante a juventude também fora perfurado em seus ossos.

A respiração ficou mais profunda, e o coração desacelerou. O pio de uma coruja se tornou uma brisa e as bufadas pesadas do irmão viraram um sussurro, e as sirenes distantes, uma memória. Respirou fundo e focou na sensação de pecado corroendo seu âmago. Ganância cobria a cidade como uma película tóxica, sufocando devagar.

Mas estava atrás do mais forte, mais sujo, o...

Um projétil frio e duro atingiu Griffin no rosto, junto com um rompante de risada rouca. Griffin tentou ignorar e recuperar o foco, mas o frio o atingiu e tirou da meditação com um choque. Os dedos esbranquiçaram no bastão bo. Os dentes rangeram. Cada nervo no seu

corpo gritou conforme fúria tomava conta, e as memórias sangrentas lampejaram na frente dos seus olhos. Corpos quebrados deitados na terra. Ossos brancos espetando pela pele vermelha. Sangue nas mãos... Soldados gritando para que ele pare. Pare. *Pare!*

Abriu as pálpebras para encontrar Evan fazendo outra bola de neve, alegria brilhando nos olhos.

Bile ardeu o fundo da garganta de Griffin enquanto forçava as memórias ruins a desaparecerem.

Não esta noite. Não agora. Estava no controle agora. Nada como antigamente.

Uma segunda bola de neve foi arremessada no seu rosto e a desviou com o bastão bo, explodindo o gelo em pó branco.

— O que diabos? — Griffin rosnou, tremendo com violência contida, se coçando para infligir dor.

Evan deu de ombros.

— Não estou acostumado a sentir frio. Preciso me aquecer. E mais, está tenso demais. Não vamos encontrar a fonte da ganância a não ser que relaxe.

— Você soa como Luxúria. — A família estava conspirando escondido dele?

— Sim, bom, Luxúria tem razão. — Evan fungou e desviou o olhar, como se isso acabasse com a conversa.

Griffin chutou a parte de baixo do bastão e virou no rosto de Evan. Milissegundos antes de atingir, o ar estalou eletricidade, e Evan desviou para o lado. O bastão golpeou a parede de tijolos, ecoando pelo beco escuro. *Maldito Evan, usando a habilidade para prever e desviar do golpe.*

Evan abriu uma carranca.

— Não comece algo que não pode vencer, mano.

Griffin atacou de novo, virando o bastão, usando a outra ponta.

Evan segurou a um centímetro do rosto, os olhos semicerrando. O tom ficou gélido.

— Último aviso.

Griffin puxou a vara, mas Evan não soltou.

— Eu te desafio. — Griffin empurrou.

— Você tem um desejo de morte.

Morte seria boa demais para alguém como Griffin.

— *O que diabos está acontecendo?* — A voz de Parker soou no ponto.

— Ganância está irritadinho porque falei para relaxar — Evan disse.

— Não quer me ver relaxado, irmão — Griffin rosnou.

Eletricidade estalou visível sobre as mãos de Evan enquanto pairava ameaçadoramente perto do bastão.

— Talvez queira.

Evan e Griffin se encararam em uma batalha de determinação.

Griffin quase podia ouvir a pergunta nos olhos do irmão. Era a mesma pergunta que a família fazia em tons abafados quando achavam que Griffin não estava ouvindo.

O que aconteceu lá?

O que aconteceu durante o treinamento de combate de Griffin que o fez o lutador violento e rígido que era hoje? Ou talvez já soubessem, e era por isso que o tratavam com luvas de pelica. Todos foram criados no mesmo laboratório para pressentir pecado. Todos nasceram como os humanos melhorados que eram hoje. Todos forçados a uma vida de treinamento de combate e educados nas artes mortais. Exceto que enquanto todos saíram ilesos, Griffin fora levado ao limite. Capturado durante o treinamento e torturado. Perdera o controle.

Nunca mais.

— *Ganância?* — Parker incitou.

— Para lá. — Griffin apontou para a saída da ruela.

— Não brinca, Sherlock. É a única saída — Evan resmungou.

Griffin queria enfiar o bastão de volta na cara dele, mas uma pontada afiada de dor na barriga o fez se curvar de repente. O bastão de metal caiu. Apertou a cintura.

A mão de Evan avançou para firmá-lo.

— Está bem, mano?

— Si... — um suspiro dolorido escapou. *Ganância.*

Muita. A sensação era tão poderosa que podia apenas deduzir que um crime mortal estava prestes a acontecer.

— Achei. — Evan abasteceu o poder, os punhos faiscando. Deu um olhar furtivo para a ruela.

O som de vidro quebrando e vozes abafadas cortaram pela noite silenciosa, lembrando Griffin que eles mesmos não foram exatamente silenciosos. Qualquer um poderia estar observando, ou ouvindo.

Evan encontrou o olhar de Griffin.

— Está bem?

Afastou a sensação ruim do pecado e aí resetou o cronômetro no relógio. Brigar com Evan contaminara o experimento. Cronômetro programado. Status da tatuagem conferido.

— Estou bem. Vamos.

— Hostis na saída leste da ruela — Evan murmurou, direcionando as palavras para Parker no ponto. Espreitou para frente.

— *Afirmativo. Acessando as câmeras da rua agora.*

Movendo-se como um, Griffin e Evan entraram em uma praça de paralelepípedo com lojas e analisaram a localização. Estavam dentro do Quadrante – uma área cultural popular da cidade dividida em quatro distritos: arte, compras, comida e entretenimento dispersos por

apartamentos. Bem no meio tinha um roubo acontecendo a pleno vapor.

Griffin enviou sua consciência para a joalheria, pressentindo o número de assinaturas de pecado ganancioso.

Ergueu três dedos, balançando dois na direção dos fundos da loja e um para a frente. Três criminosos.

Evan acenou que pegaria os dois, mas Griffin lutou mentalmente com as opções. Se deixasse Evan ficar com a maior briga, logo com a maior diversão, seria percebido como generosidade. Entretanto, dependendo do ponto de vista, também poderia significar Evan assumir o maior risco, logo fazendo Griffin ganancioso por permanecer em segurança. Depois que começou a pensar por esse lado, percebeu que havia variáveis demais para prever. Não tinha como saber até depois do fato. De qualquer jeito, a tatuagem bioindicadora clarearia ou escureceria, deixando Griffin desequilibrado. O importante era cronometrar o ato e registrar qual direção a tatuagem penderia, depois o equilíbrio seria fácil resolver.

Indicou que entraria primeiro.

Evan revirou os olhos e entrou mesmo assim.

Um grito de surpresa veio de dentro conforme Evan desviava do bandido de vigia e desaparecia para os fundos, sem dúvida para onde ficava o cofre. Enquanto o vigia em pânico tentava escapar, Griffin esticou o braço e o acertou no pescoço. O homem caiu para trás e deslizou pelo chão, a arma voando para baixo de um armário. Gemeu e tentou levantar, mas Griffin o pressionou no chão com o bastão bo.

— Não faria isso se fosse você. — Griffin tirou uma abraçadeira do cinto. Prendeu os pulsos do homem depois disse para o Parker: — *Menos um.*

— *Copiado* — Parker respondeu. — *Agora, vá ajudar Inveja.*

Griffin hesitou. Mostrou a tatuagem no pulso. *Maldição.* Muito branco e passaram apenas quatro minutos. Estalou a língua e resetou o cronômetro. Deveria ter ido primeiro, como a intuição dissera. Agora, precisava encarar outra multidão de opções para corrigir o desequilíbrio, e não possuía nenhum dado para validar as ações relacionadas a esse incidente em específico. Ajudar Evan seria considerado ganância ou generosidade? Tudo dependia se Evan queria ajuda ou não.

— *Ganância. Copiou?*

Griffin tocou o ponto.

— Sim, copiei.

— *Vá ajudar Inveja.*

Dois criminosos estavam dentro da competência das habilidades de Evan. Considerando que a tatuagem de Griffin estava inclinada para o branco, faria melhor uso do tempo ao cometer um ato de ganância

para levá-lo de volta ao equilíbrio.

— Negativo. Vou para casa.

Parker discutiu, mas Griffin ignorou. Retraiu o bastão e prendeu no suporte nas costas. A voz na sua orelha se tornou exigente, então Griffin tirou o ponto e deixou a loja, pegando algumas bijuterias da prateleira ao sair.

CAPÍTULO 2

GRIFFIN LÁZARO

Quando Griffin voltou para a Casa Lázaro, entrou pelo acesso secreto, no beco dos fundos, do quartel general no porão. Acima e perfurando o céu, estava um condomínio de apartamentos particulares com um restaurante e uma balada na entrada da rua. Normalmente, depois de voltar de uma missão, o time tirava o uniforme na entrada da área comunal, mandava para lavanderia confidencial e trocava relatórios no novo centro de operações. Mas esta noite, Griffin queria evitar o julgamento de Parker.

O mais silencioso possível, Griffin passou pelo túnel escuro que levava da rua para o quartel general, esperando escapulir em silêncio de qualquer um ainda na sala de vigilância de operações. Tirou o capuz, puxou o lenço, e respirou sem dificuldade pela primeira vez em horas.

Os cristais falsos no colar que roubara afundavam em sua mão, mas não ousava soltar o punho até retornar para a reclusão do apartamento. Fazia sentido soltar o objeto roubado em alguma lixeira em algum lugar, mas Griffin estudara o efeito de ganância no bioindicador, e deixar algo na rua para alguém pegar não era o mesmo que levar para casa. Uma diferença de doze por cento na mudança da cor da tinta, para ser preciso, e esta noite, precisava dos pontos extra. Passara tempo demais lutando para proteger a cidade. Precisava de toda a ganância que conseguisse.

Ar irrompeu dos pulmões enquanto chegava no elevador e as portas se fechavam atrás de si. Até que enfim, estava sozinho. Conforme o elevador subia para seu andar, tentou relaxar, mas a pressão do colar não deixava.

Arranhava e irritava, mas era necessário.

As portas do elevador se abriram e Griffin encarou o longo corredor escuro até onde uma sombra alta e musculosa pairava contra a porta do seu apartamento. Ficou tenso e se moveu para segurar o bastão enquanto escondia o outro punho atrás das costas, encobrindo a evidência roubada. Aí reconheceu a silhueta do brutamontes. Parker. Griffin soltou a arma e caminhou na direção do irmão que ergueu uma

sobrançelha indignada com a aproximação.

— O que aconteceu, Griff? — Parker perguntou, se afastando da parede para ficar em pé sem auxílio.

Com o longo cabelo castanho avermelhado e olhos dourados, Parker tinha um olhar animalístico que lhe dava certa arrogância. Devia ser orgulho, senão por que usaria a jaqueta de fumar de veludo marrom ridícula e calças risca de giz de cetim de grife. Tudo o que precisava era de um cachimbo e uma garota no braço para completar a própria foto predatória da Playboy.

Parker aguardou com expectativa.

— Não sei o que quer dizer — Griffin respondeu.

— Não banque o espertinho comigo. Podemos falar disso lá dentro? — Acenou na direção da porta do apartamento de Griffin usando uma pilha de papéis na sua mão.

Pânico engasgou Griffin.

— É só o Tony do outro lado do corredor. Podemos conversar aqui fora.

O irmão Tony lutava contra o pecado da Gula e era ator. Não estaria em casa. O que fosse que Parker precisava dizer, não tinha problema fazer isso aqui fora. Não havia necessidade de entrar na casa de Griffin.

Parker deu uma olhada analítica em Griffin.

— Deixou seu irmão no meio da missão.

Griffin mordeu a bochecha. Havia dois rumos que isso podia tomar. Poderia mentir e arrumar uma desculpa, ou apenas constatar o fato que foi embora por causa da necessidade do pecado. Uma resposta o levaria para o lado da ganância, a outra o manteria neutro – ou pior, o levaria mais para o claro. Mais uma decisão para ser tomada quando já estava exausto.

Parker deve ter visto o olhar de Griffin se mover na direção do pulso, porque balançou a cabeça depreciativamente e ergueu o monte de papéis.

— Puta que pariu, Griff. Sei que acha que resolveu o problema do equilíbrio, mas não resolveu. Cada um de nós precisa encontrar a parceira, ou iremos acabar como nosso pecado encarnado e nos tornaremos os monstros que o Sindicato pretendia. É isso que você quer? — O tom era dolorosamente alto no pequeno corredor, e Griffin fez uma careta.

— Sabe que não.

Encontrar uma parceira para a vida que representava a virtude oposta supostamente os libertaria do fardo do pecado, desencadearia habilidades especiais, e os deixaria livres para lutar contra o crime e tomar qualquer decisão que quisessem sem consultar a tatuagem. Sem a parceira, seriam prisioneiros eternos do destino forçado neles ao

nascimento – purificar metade do mundo do pecado, não importa as consequências mortais. Para evitar isso, Griffin preferiria confiar na previsibilidade da ciência do que na teoria mirabolante da *parceira predestinada*. Só porque Evan encontrou a parceira dele não significava que o resto deles encontraria. Todos procuraram durante décadas e deram com os burros n'água. Era toda a evidência que precisava para se ater ao protocolo de cronometragem.

— Bom — Parker continuou —, enquanto estava controlando seu pecado de forma obsessiva, o resto de nós criou um plano para acelerar a procura pelos parceiros. Só precisamos da sua ajuda para terminar.

— Não preciso de uma parceira quando estou lidando muito bem sozinho.

Parker soltou uma gargalhada. Foi um rugido grave que inclinou a cabeça para trás expondo dentes perfeitamente brancos, e estremeceu o corredor. Quando terminou, limpou lágrimas dos olhos com o braço.

— Essa foi boa. Lidando sozinho. — Aí a expressão ficou séria. — Tem mais coisa envolvida do que manter a porra da tatuagem em partes iguais.

— Mas não tem — Griffin discordou. — Você me disse que tudo o que precisávamos fazer era garantir que a marca ficasse partes iguais de preto e branco e ficaríamos bem. Funcionou para mim durante anos e ensinei a todos vocês como equilibrar cada ato de pecado com um ato igualmente quantificável de virtude. Não é minha culpa que nenhum de vocês deu ouvidos e estão correndo risco de fracassarem.

Griffin não precisava de lembretes da consequência de ignorar seu equilíbrio. O sangue nas mãos o visitava todas as noites nos sonhos.

Parker semicerrou os olhos.

— Aquela tatuagem sempre foi apenas uma solução provisória para o problema. Não permanente. Sem sua parceira, não vai ganhar habilidades especiais.

— Não preciso delas. Ganho todas as minhas batalhas sem elas.

— Seu orgulho está fazendo minha barriga doer. Será sua ruína, Griffin.

Deu de ombros. Não se importava.

Parker insistiu.

— Não pode ter filhos até encontrar a parceira. Tem apenas balas de festim. Ou esqueceu disso? Ou não liga?

— Não acho que pessoas como nós deveriam colocar crianças no mundo.

— É, bom, o resto de nós acha, por que, qual é o sentido se não estivermos lutando para construir um mundo seguro para nossos filhos?

— Precisa de alguma coisa, ou posso trocar de roupa?

— Evan quase foi capturado pela polícia.

Um momento de silêncio.

Griffin desviou o olhar.

— E não foi só isso. Alguém apareceu e executou dois dos criminosos.

— O quê? — O olhar de Griffin voltou para Parker.

— Isso mesmo. Enquanto estava cuidando do seu pecado, alguém... que não sabemos quem... apareceu e colocou uma bala no meio de cada cabeça enquanto Evan estava conferindo o cara que você conteve. Não consegui ver o atirador, mas o único motivo que ficaram vivos foi porque ouviram as sirenes da polícia a caminho da loja. Evan teve sorte de escapar, não graças a você.

Griffin não sabia o que dizer.

— Se tivesse ficado, Griffin, duas pessoas poderiam estar vivas, e o mundo poderia não culpar os Sete Mortais pelo assassinato.

— Por que nos culpariam?

— Porque o sobrevivente viu apenas você e Evan de uniforme. Quem pensa que vai dizer que matou os parceiros ladrões?

— Evan está bem?

— Está, mas nos deve uma. — Parker enfiou o monte de papéis no peito de Griffin. — Esse é o resultado de um algoritmo que Flint e eu estamos trabalhando para isolar as candidatas para nossas parceiras em potencial. Puxa informação da internet e afunila para qualquer candidata que poderia personificar qualquer uma das virtudes opostas dos nossos pecados. Dê uma olhada e nos dê um *feedback*.

Griffin encontrou o olhar de Parker.

— Não sou algum tipo de cupido. Sou um analista. Deveria saber já que trabalho para sua empresa.

— Bom, analise as informações. E... é, sobre trabalhar nas Indústrias Lázaro. Foi transferido, começando na segunda-feira.

— O quê? — Griffin recuou, incrédulo. — Não pode me demitir.

— Como eu disse, nos deve uma. — Entregou outro pacote para Griffin – um jornal dobrado. — Não estou te demitindo. Estou transferindo para a sede do Cardinal Copy. Um jornalista está publicando artigos difamatórios sobre os Sete Mortais e precisamos de alguém lá dentro para interferir e fazer reconhecimento. Restaurar a opinião pública é de suma importância. Considerando que esta noite acrescentou a má fama, precisa fazer isso.

— Também não sou jornalista — Griffin disse, incisivo.

— Não preciso de um jornalista.

— A resposta é não. — Não faria isso. Tinha uma rotina. Tinha um emprego. Gostava do que fazia. Gostava do escritório nas Indústrias Lázaro. Tinha vista para o parque central do Quadrante. Era privativo e silencioso. Ninguém o incomodava lá.

Se fizesse como Parker pediu, tudo seria perturbado.

— Não foi um pedido, Griff. E é tarde demais. Temos um contato infiltrado. A amiga de Grace te indicou para o cargo de auditor. Oficialmente, fará análises e dará sugestões de produtividade e eficácia para o jornal. Extraoficial, vai descobrir por que esse homem está espalhando informação falsa e enganosa. Quero saber por quê, e quero que pare.

— Por que eu? Por que não Sloan? Ela tem as habilidades tecnológicas. Não faz nada a não ser ficar de boqueira o dia inteiro jogando vídeo game. Tenho uma vida. Era bom no meu trabalho. — *Sou bom no meu trabalho.*

— Ganância foi isolado por esse jornalista em várias ocasiões. Para você, é pessoal. — Parker olhou para o jornal agora na mão de Griffin. — Dê uma olhada na reportagem de capa.

Griffin não poderia ajustar os papéis sem revelar o item roubado na mão, então não o fez. A garganta embargou. Suor pinicou o couro cabeludo. Isso não ia acontecer.

— Que seja — Parker disse. — Olhe agora. Olhe depois. Não dou a mínima. Apenas leia. Tem uma entrevista programada para semana que vem, e vai começar na segunda seguinte.

— Tão certo que vou conseguir o emprego?

— É um Lázaro. Claro que vai conseguir o emprego.

Parker desviou de Griffin e caminhou pelo corredor até o elevador, o pijama se movendo como uma capa real ao passar. Um pouco antes das portas se fecharem, levando-o, acrescentou:

— Espero progresso no algoritmo no jantar de família na terça-feira depois que começar a trabalhar. — E aí desapareceu.

Em uma semana?

Griffin abriu a porta do apartamento, mas prendeu depois de alguns centímetros. Chutou. Não se moveu. Apertou os olhos bem fechados e contou até dez. Depois contou até cem em múltiplos de dez. Quando abriu os olhos, empurrou a porta com o ombro até abrir o suficiente para que passasse.

As luzes se acenderam automaticamente, iluminando o lixão no qual vivia. Um dia foi um lugar organizado e limpo, hoje pilhas de itens roubados oscilavam ao redor da sala de estar aberta. Cada item foi pego para harmonizar com os atos de generosidade que cometeu em nome de lutar contra o crime. De livros até jornais, de vasos caros até joias. Alguns chamariam de caverna do tesouro. Ele chamava de pesadelo, mas ao menos nenhuma alma viva foi machucada por sua coleção. Nunca perdera o controle, nunca perdera o equilíbrio, nunca tivera uma situação onde a escuridão o engolira e a ganância tomara conta. Jogou o colar no vazio e ouviu um barulho quando pousou e escorreu entre as fendas de uma pilha.

Abriu a jaqueta e tirou, imediatamente conferindo o estado da tatuagem. Partes iguais de preto e branco. Então por que ele se sentia como se o mundo estivesse ruindo?

CAPÍTULO 3

LILO LIKEKE

Era seis e meia da manhã quando Lilo Likeke entrou apressada na redação do Cardinal Copy. A maioria dos jornalistas chegava às cinco e meia para conferir as histórias da competição antes de começar o próprio dia.

Ela se apressou pelo corredor acarpetado nos saltos baixos, estourando uma bolha dupla de chiclete de mirtilo para se distrair da fome. Esquecera de abastecer a despensa. Era sua culpa por dar o resto do leite e pão para o gato sem dono que frequentava a saída de incêndio.

Quando chegou na mesa, largou a bolsa de tecido surrada, acenou um oi rápido para Beverly Saks, a colunista de conselhos de cabelo azul e sessenta e cinco anos, depois correu para a sala de descanso.

Bev tinha um encontro novo toda terça, jogava pôquer nas quintas, e ia na Ioga Bikram com a amiga delas, Misha, aos domingos. Bev era incrível. Lilo esperava que tivesse a coragem de viver com tanta intensidade na idade de Bev porque, no momento, aos vinte e oito anos, ela se sentia como uma mulher velhota cínica. Ser uma jornalista criminal investigativa poderia fazer isso com você. Ser a filha do chefe da máfia da cidade também poderia fazer isso.

Balançando a cabeça para afastar os pensamentos do pai, Lilo entrou na sala de descanso antes que o editor chefe, Fred, pudesse vê-la. Ele havia dado uma história ontem, e não fizera nada. Tudo bem, era sobre um cachorro que resgatou o dono de uma desidratação severa ao dar água da privada para ele, só para o dono contrair hepatite A, e por sua vez, tentar processar o cachorro – não era bem um caso criminal fascinante, ainda mais já que estivera correndo atrás de pistas de vigilantes há semanas.

A última vez que tivera um furo naquela direção foi há dois meses atrás, quando estivera com a amiga Grace andando de volta para casa de um restaurante. Por pura sorte ela estivera no local para testemunhar um dos Sete Mortais ajudando o policiamento local a prender um grupo de terroristas de túnicas brancas. Foi uma ocasião importante. Não só um vigilante saíra do hiato, mas também

demonstrara uma habilidade sobrenatural – eletricidade saiu das mãos dele! A história colocara o grupo de lutadores contra o crime firme na categoria de super-herói, o que era inédito fora de histórias em quadrinhos. Desde então, apesar de nenhum outro superpoder ter sido reportado, houve numerosas aparências dos Sete Mortais.

Quem eram os Sete Mortais, e de onde vinham seus poderes? Eram reais, ou algum truque de visão? O que estavam fazendo em Cardinal City?

Os terroristas de túnicas brancas também eram um mistério que queria solucionar, mas até agora, não conseguira nada. Considerando que os Sete Mortais eram tão secretos, o público sabia pouco sobre eles. Descobrir segredos deles, ou dos terroristas, seria seu furo e estava ficando obcecada rápido.

Só Deus sabia que a cidade precisava de heróis. O crime estava em alta e subindo. Lilo não podia evitar se sentir parcialmente responsável por isso. A família tinha muito pelo que responder e estivera tentando compensar sendo uma das mocinhas.

Lilo assoprou e estourou o chiclete enquanto olhava em volta da sala de descanso, procurando a cesta de cápsulas de café. Encontrou; ali, enfiada atrás da máquina de café. *É um milagre!* Só uma cápsula restante.

Quase poderia sentir o gosto do café com sabor de mirtilo descendo pela garganta. As mãos tremiam com a hipoglicemia enquanto procurava uma caneca vazia na lava-louça. *Sucesso!* Virou para voltar para a cesta de cápsulas e bateu de cara em um cashmere duro. O nariz esmagou e a bolha estourou. Deixou a caneca cair e... um fio grosso de chiclete roxo pendia da boca até a parede tricotada à sua frente.

— Desculpa — Lilo falou distorcida, desesperadamente tentando manter o resto do chiclete na boca. Dedilhou as beiradas do chiclete esmagado no suéter do homem. Preso. Pegajoso. Espalhando em todo lugar. Ah não! O monte roxo continuava esticando. Grudou nos dedos dela. Grudou nele. Pendia da sua boca. Pendia do suéter dele até sua mão. Consciência formigou sua testa e sabia que ele estava carrancudo para ela. Forçando os olhos abertos, e se recusando a ceder sob o pulso acelerado, ergueu a cabeça devagar... e ergueu... e o coração palpitou. O queixo dela caiu. O resto do chiclete caiu da boca e pendurou pesado no cashmere, pulando em uma barriga perfeitamente lisa.

O homem na frente dela era tão lindo, poderia ter saído da última edição da revista GQ. O olhar dela o percorreu de cima abaixo. Cabelo marrom bem cortado, partido e modelado. Cílios pretos densos piscaram por trás de óculos de armação preta. Barba por fazer perfeita acentuava uma mandíbula forte. Lábios largos e lambíbeis. Pescoço

forte e sensual. Os olhos desviaram mais para baixo. Camisa branca. Gravata de seda. Suéter de cashmere. Chiclete roxo. Blazer azul marinho sob medida para caber na musculatura extraordinária. Sim, ele malhava. Calças cinzas. Pernas compridas...

Segurava uma caneca de metal na mão e a cápsula dela na outra.

Meu deusinho, você é magnífico. Onde diabos encontraram esse homem? *É óbvio, na academia. Pergunta boba, Lilo.*

Espera um minuto – *a cápsula dela!* Piscou rápido. Estava com a cápsula. A última. Saiu do torpor de luxúria.

— O quê? — ele perguntou.

Até a voz era magnífica. Derreteu seu âmago com um toque suave e sedoso que a fez lamber os lábios.

— O quê, o quê? — respondeu, percebendo que, na verdade, não saíra do torpor, afinal.

— Você disse “Meu deusinho, você é magnífico.”

Dissera isso em voz alta?

— Hm. — Soltou uma risada. — Não ligue para mim. — Depois fechou a boca, as bochechas fervendo. — Tenho uma tendência de dizer a primeira coisa na cabeça. Minha mãe diz que sou generosa demais com as palavras, mas... acho que é por isso que sou jornalista. E mais, gosto de reportar a verdade. Fatos, sabe. Nada de ficção. Não como o que alguns jornalistas aqui gostam de chamar de versão. — *Nossa, Lilo. Cala a boca.*

— Fato. — Ele ergueu a sobrancelha.

— Sim, tipo o fato que vi essa cápsula primeiro, então, tecnicamente, deveria ser minha.

— Não vi seu nome nela.

— Bom, é por que não tinha... quer saber? Esquece. É sua. Te devo uma. — Fez uma careta e tentou tirar o chiclete do peito dele outra vez. Isso não estava indo bem. — Hm. Desculpa pelo chiclete. Se tirar o suéter, posso congelar e aí o chiclete deve sair inteiro.

Para provar que sabia o que estava falando, começou a detalhar o processo que vira uma vez em um episódio da Martha Stewart, mas quanto mais falava mais ele parecia empalidecer e tudo o que ela podia ver era a bagunça pegajosa roxa na frente dele estremecendo com a respiração entrecortada. Teve a impressão que chiclete *nunca* grudava na camisa dele. Nunca tinha um pelo fora do lugar, e se alguém ousasse interromper seus planos meticulosos de vida, se arrependeriam.

— Vou só... — Ela cutucou um pouco mais e fez uma careta enquanto o chiclete saía em grande e longos fios. — Um pouco mais.

Usou duas mãos. Deus, ele era sólido. Duro como tijolo. E por trás do chiclete de mirtilo, podia sentir um cheiro delicioso de floresta densa erica que queria entrar dentro dela e ronronar como uma

gatinha. Aquele perfume masculino repentino a fez espalmar a mão nele para se equilibrar. Agora o chiclete estava na palma e não podia soltar. Piorara, na verdade.

Mas ele não estava prestando atenção. Suor marcava sua testa, e puxou a gravata.

— Por que está tão quente aqui?

— Quente. — Foi a única palavra estúpida que saiu da boca enquanto ela encarava sua mão no peito dele.

Cobriu a mão dela, muito provavelmente para removê-la, mas uma pontada de calor lancinou por ela com o contato e os dois hesitaram. Ele se afastou e encarou a mão. Mãos grandes. Meu Deus, ele tinha mãos grandes.

Quando falou outra vez, a voz estava rouca:

— Não precisa se preocupar com limpar.

— Sim, preciso. Foi minha culpa.

— Estatisticamente falando, tem uma alta probabilidade do chiclete já ter arruinado o suéter, então não tem problema. Por favor, pare.

— Sabia que estatisticamente, oitenta e cinco por cento de estatísticas são inventadas.

O canto da boca dele se contraiu.

— Está me zuando?

Calor subiu pelo pescoço dela. Decidiu focar no dano que o chiclete causara.

— Que tal se comprar um novo?

Ele olhou para o peito, fazendo uma careta.

— Ainda está me tocando.

Lilo congelou. Ah não. A mãe a avisara sobre isso. Ela ficava tátil. As pessoas não gostavam. O ex, Donald Doppenger – ou Donnie Darko como ela agora o chamava pelas costas –, costumava repreendê-la constantemente se o tocassem em público. O que era muito difícil não fazer, por sinal, ainda mais quando podiam se tocar o tanto que quisessem entre quatro paredes. Ela gostava de tocar. Muito. Mas não deveria usar aquele relacionamento como base para comparar outros relacionamentos. Não que esse incidente fosse um relacionamento. Ah, pelo amor de Deus, agora ela tagarelava na mente.

— Sinto muito — murmurou e se afastou, escondendo as mãos atrás das costas. Isso era um pesadelo que precisava de retificação imediata. Virou e falou enquanto fazia duas canecas de café instantâneo com mãos pegajosas. — Se me mandar a conta, ficarei feliz em pagar pelo dano ao suéter. Pode me encontrar na seção de investigação criminal. Meu nome é Lilo Likeke.

Por favor, que não seja cashmere de verdade.

Rápido. Rápido. Faça o café e dê o fora dali.

O silêncio se alongou por uns bons minutos enquanto ela vertia líquido fervente em duas canecas, depois acrescentava creme e açúcar. A presença dele queimava nas suas costas. Por que não estava dizendo nada?

Algo esmagou atrás dela, como uma lata de refrigerante amassada. Rodopiou.

Ele a encarava, de olhos arregalados e rosto branco. O olhar acusatório oscilava entre a caneca de metal amassada na sua mão e de volta para ela como se tivesse algo a ver com os destroços mutilados.

Ela o deixara bravo o suficiente para esmagar a caneca.

Com mais uma desculpa murmurada, ela se apressou para fora da porta para o escritório aberto.

Entrou no seu cubículo e abaixou na cadeira até ter certeza de que se tornara invisível. Somente quando o ardor nas bochechas cedeu que ela olhou em volta para ver se alguém mais notou a vergonha descarada. A mesa dela era perto de uma variedade eclética de outras. Sobre a divisória estava Bev. Um investigador deprimido chamado Quentin ficava à esquerda, e atrás de Lilo estava Candy, a jornalista de moda.

Investigação criminal cercada pela seção de estilo de vida. Era uma piada.

Os dois últimos jornalistas ainda não haviam chegado, o que deixou Lilo contente. A última coisa que precisava era de mais olhos julgando sua manhã vergonhosa.

— Café, Bev. — Colocou a caneca na mesa da amiga e voltou para o cubículozinho para mexer nos brincos de argola e desaparecer.

— Não pedi um café, amor. — A voz rouca de Bev tinha um tom de “não mexa comigo”. Era enganoso porque Bev era doce como bala de coco.

— Bom, fiz mesmo assim. Pode ficar. É todo seu.

— Eu bebo chá — Bev murmurou. — Mas obrigada mesmo assim, linda.

— Você está certa. Gosta de chá. Eu sei disso. — Lilo colocou o rosto nas mãos. — Não sei qual é meu problema esta manhã. Primeiro, dormi pelo despertador, depois teve o incidente do chiclete, e agora isso. Conhecendo minha sorte, vou logo e encontrar um boletim de ocorrência sobre algo que deveria ter sido colocado no site horas atrás.

Silêncio do outro lado da divisória. Bev levantou devagar do outro lado, apenas o suficiente para Lilo ver o cabelo azul, sobrancelhas arqueadas e sombra azul antes de abaixar outra vez. Ergueu. Sentou.

Fazendo os agachamentos matinais.

— O incidente do chiclete — Bev disse em uma levantada. — Aquele boboca te incomodando outra vez? Pensei que tivesse dito a

ele para enfiar onde o sol não alcança.

Ela se referia a Donnie.

— Não. Tudo eu dessa vez. Eu... — Nem conseguia imaginar o incidente sem corar. — Trombei de cara no peito de cashmere desse deus nerd super gostoso na sala de descanso e meio que por acidente estourei o chiclete no tal cashmere e depois tentei esfregar, mas piorei e depois falei para ele tirar e ah, meu Deus, vou vomitar. — Apertou a barriga.

Dessa vez, Bev levantou e ficou em pé, olhando sobre a divisória. As unhas vermelhas bateram na divisória enquanto os dedos tamborilavam.

— Não tem nerds gostosos trabalhando aqui. Só velhos babacas quase aposentados.

— Sim, eu sei. Deve ser novo. — Conforme as palavras escapavam da sua boca, o mundo se fechou na Lilo e ela se empertigou, coluna reta como uma tábua. — Ah, não. O cara novo. Deve ser o irmão do namorado da Grace. O que indiquei para o cargo de auditor.

— Indicou alguém que não conhece?

— Grace conhece ele. Confio nela.

Grace raramente pedia alguma coisa, então quando pedira um favor para ajudar o namorado, Evan Lázaro, Lilo sabia que precisava ajudar. Grace sempre apoiara Lilo e a defendera durante o término difícil com Donnie. No final, o favor foi fácil para Lilo. Tudo o que precisou fazer foi entregar o currículo do irmão de Evan e o diretor quase caiu da cadeira para agendar uma entrevista. Ao que parece, ele tinha acesso a algum novo software de automação de notícias do balacobaco que triplicaria a produtividade e aumentaria as vendas.

A família Lázaro era sinônimo de fama e ambição em Cardinal City. O mais velho, Parker Lázaro, comandava uma empresa de tecnologia multimilionária – talvez bilionária. Um outro irmão era estrela de cinema... Tony Lázaro, e ela tinha certeza que outro irmão era o chef principal do restaurante com estrelas Michelin, Heaven. Wyatt Lázaro era o nome dele. Havia mais membros da família, mas Lilo não podia se lembrar direito.

Memórias lampejaram na frente dos seus olhos e foi instantaneamente transportada de volta há alguns meses para quando almoçara com Grace no restaurante do Wyatt. Grace estivera tentando afundar na cadeira para se esconder dos homens imponentes e difíceis de não serem vistos enquanto entravam no salão. As mulheres Lázaro na mesa eram absolutamente deslumbrantes, e os homens... Parker Lázaro, Tony Lázaro e... o homem em quem estourou o chiclete.

Griffin. O nome dele era Griffin.

Até mesmo o nome soava como algo imponente da mitologia. Uma besta majestosa, parte águia e leão que protegia tesouro – a cápsula de

café – e metal amassado sob a mão selvagem.

Os olhos de Bev se arregalaram enquanto observava algo sobre o ombro de Lilo, depois sentava apressada.

— Com certeza, não é um boboca.

Lilo virou para encontrar o homem da hora parado atrás dela com uma caneca fumegante de café e olhando para quadro de inspiração com olhos curiosos.

Removera o suéter e trocara o blazer – nada de chiclete à vista. A mandíbula contraída e narinas dilatadas indicavam que descontentamento ainda estava rampante nele. Estava prestes a dizer algo conflituoso. Ficou tensa.

Ele colocou a caneca na mesa com calma.

— Não quero seu café.

— Ah. Tudo bem. — Não foi isso que esperava. — Mas não é meu café. Chegou primeiro. Achado não é roubado, lembra?

— Não. Estava certa. Chegou primeiro.

Iriam discutir sobre quem era o dono do café?

— Mas arruinei seu suéter — Lilo acrescentou, diplomática. — Então deveria ficar com você. Vou pagar pelo suéter, claro. Só espera um pouco enquanto pego o cheque da bolsa.

As mãos tremeram enquanto pegava a bolsa e abria. Pavor cobriu seu âmago. A última coisa que queria fazer era um cheque. Significava pedir ajuda ao pai, e não queria nada a ver com ele. Nem deveria continuar carregando o antigo talão por aí.

— Não. — A voz alta de Griffin ecoou no escritório e as pessoas olharam. Percebendo a atenção indesejada, abaixou o tom. — Não quero pagamento pelo suéter.

Precisava aceitar pagamento. Não poderia olhá-lo nos olhos se recusasse. Todas as vezes que o veria nos corredores, pensaria em como arruinara o suéter. Devia algo a ele.

— Nos considere quites — acrescentou, depois elaborou: — Também me indicou para o trabalho.

Lilo piscou. Ele sabia quem ela era?

— Então, não te devo nada, e não quero nada de você. Vamos deixar por isso mesmo.

Enfiou as mãos nos bolsos e se afastou.

CAPÍTULO 4

GRIFFIN LÁZARO

Griffin entrou no novo escritório privativo, se recusando a acreditar no que o corpo gritava para ele: aquela mulher era sua parceira.

Calor inundou seus poros junto com o cheiro remanescente de chiclete de mirtilo misturado com algo indiscutivelmente feminino. Fez cada músculo, cada sentido, cada terminação nervosa, ficar sensível no seu corpo. A camisa pinicava, os sapatos pareciam pequenos demais para os pés. Puxando a gravata, sentou na mesa e forçou os pulmões a respirarem em um ritmo equilibrado.

Mesmo que ela fosse – *irrelevante* – ele estava em perfeito controle.

Não precisava de uma parceira. Menos ainda de uma mulher tagarela que mastigava chiclete e provavelmente não fazia ideia do que era uma verdadeira estatística, mesmo que gostasse de fatos. Passou os dedos pelo cabelo, bagunçando o penteado.

Fato: Estar perto dela bagunçou seu equilíbrio. Não ligava se a tatuagem dizia que estava equilibrado. Sabia como se sentia, e suas emoções estavam confusas. Como isso poderia ser bom?

Fato: Não podia se dar ao luxo de uma fraqueza – só tocá-la bloqueou a sensação de ganância do prédio inteiro.

Fato: Ela o distraiu, e isso era perigoso. Quando colocou as mãos nele, não pôde respirar com a intensidade do desejo irracional por ela.

Foi ilógico como toda sensação de normalidade desapareceu no momento que fizeram contato. Foi como se tivesse entrado no Além da Imaginação. Os pulmões contraíram. O coração acelerou, e ele suou profusamente. O que era pior, o cheiro natural sob aquele chiclete infernal o deixou tão excitado que ficou duro como uma pedra no mesmo instante. Nunca na vida ficara tão grato por uma mulher ficar esbaforida e fugir. Sabia que Evan disse que sentira algo parecido perto de Grace, mas tudo ainda soava tão ridículo para Griffin.

Mas mesmo ao pensar isso, outra voz sussurrou que ciência era baseada em fato. Se a mãe biológica criou ele e os irmãos para reconhecer o exato oposto do pecado, então com certeza não era um erro. Devia existir um motivo, talvez um que fosse necessário.

Ela era uma linda distração que não poderia se dar ao luxo. Perder o controle era o primeiro passo para o caos. As pilhas de cadáveres nas memórias eram um testamento disso.

Afastando pensamentos da mulher da mente, Griffin inalou uma respiração restauradora, ajustou os óculos na ponte do nariz, e espreitou a coleção de jornais espalhada na mesa. Ao chegar cedo naquela manhã, fora levado até o escritório pela secretária do editor e dito para que se acomodasse até a reunião onde seria apresentado para o resto da equipe. Não seria bem recebido, sabia disso. Ninguém empregado com o propósito de cortar empregos seria bem-vindo.

Focou no outro motivo para estar aqui: as reportagens difamatórias e a pessoa escrevendo-as – Donald Doppenger. Nunca conhecera o homem e o teria caçado para investigar por que gostava de publicar mentiras sobre a família de Griffin.

Há algumas noites atrás, a assistente de Parker dera um punhado de jornais para Griffin, todos com reportagens escritas pelo homem em questão. Todos os jornais agora estavam sobre a mesa. Quatro pilhas de jornais dobrados com três fileiras e mostrando a reportagem de capa, encararam de volta para ele. Cada uma tinha uma manchete diferente marcando os Sete Mortais como vigilantes disruptivos e destrutivos. Todos escritos por Doppenger. Era uma pena que não gostava de fatos – metade da baboseira que escrevia era presunção sensacionalista.

Uma manchete chamou sua atenção.

Cidade Sequestrada: Onde está Ganância agora?

A história datava de três meses atrás e detalhava um número de sequestros chocantes na cidade. Em um, o filho de um aristocrata rico fora sequestrado e um pedido de resgate ao alcance do pai foi pedido e não pago. Mas no lugar de escrever sobre a falta de preocupação paternal com o bem-estar do filho, o escritor culpou a negligência de Ganância por não responder ao pedido de ajuda desesperado da mãe para encontrar os sequestradores.

Griffin bufou com desgosto. Então ele precisava estar em todos os lugares ao mesmo tempo, era? Soltoou o jornal e foi para o próximo.

Outra história alegava que os Sete Mortais eram os culpados pelo desabamento do prédio organizado pela ex-noiva de Wyatt, Sara. Aquela história era muito maior do que o jornal noticiou. Ao longo dos últimos meses, graças a persistência de Evan, descobriram a verdadeira natureza sinistra de Sara. Ela trabalhava para o Sindicato – a organização que criou os sete – e eles os queriam de volta. Já que não conseguiam pegá-los, tentaram replicar o experimento criando clones com biologia sobrenatural, mas também falharam nisso. Os clones tinham uma validade de poucos meses. Agora não importava, Evan destruíra o laboratório há dois meses atrás, dando aos Sete

Mortais uma vantagem sobre o Sindicato.

A única outra vantagem deles era como a mãe biológica escondera as habilidades sobrenaturais atrás de camadas de DNA lixo nos seus corpos, para serem reveladas apenas quando cada um encontrasse seu parceiro.

A parceira.

Não uma companheira, ou esposa, ou namorada ou amante. Uma parceira.

Alguém com quem se uniriam em um nível biológico intrínseco e inescapável. Alguém que ativaria uma resposta de feromônios no seu corpo para atraí-la a sentir o mesmo por ele. Na natureza, animais faziam parcerias para propósitos de reprodução e com frequência formavam uma conexão monogâmica pela vida inteira. A natureza foi de onde a criadora tirou toda pesquisa e ideias, mas porque estava morta e só deixou para trás um computador encriptado com as anotações sem sentido, Griffin fora forçado a conduzir seu próprio estudo. Queria compreender o que o futuro guardava. Mais importante, queria saber como se livrar disso.

Griffin encarou a mão outra vez, virando-a. A tatuagem na parte interna do pulso coçava desde que conhecera Lilo na sala de descanso. Era impossível dizer se ela teve um efeito no seu equilíbrio biológico considerando que já estava em harmonia, mas coçou. Talvez o simples fato que não mudara nem um pontinho desde que a conheceu era um sinal que era *ela*. Um encontro com qualquer outra pessoa sobre quem devia o quê bagunçaria a tatuagem. Mas não ela. Não Lilo Likeke.

Antes de Evan conhecer a parceira, Grace, a tatuagem dele estivera quase completamente preta. Dentro de momentos após se aproximar de Grace, a tatuagem equalizara – voltando ao padrão normal preto e branco do Yin-Yang que todos reconheciam. Griffin pensara que essa mudança repentina era trapaça, mas não podia esconder o fato que o equilíbrio significava que Evan estava livre para ajudar qualquer um, a qualquer hora que quisesse sem consequência para a atração interna perigosa do seu pecado.

Uma cicatriz passava pelo dorso da mão de Griffin, um efeito colateral da época que passou no Oriente Médio com o SAE Australiano. Como o resto da família, seu treinamento mortal de combate cobrira seis outros países ao redor do mundo. De missões infiltradas, expedições de busca, até Kung-Fu com os mestres do Tibet. Fora uma época solitária e assustadora, começando aos quinze anos e retornara com cicatrizes que nem sempre eram vistas a olho nu. Se Mary soubesse toda a brutalidade do treinamento, nunca teria deixado que fossem. Mas até aí, talvez soubesse. A mãe adotiva era tão mortal e determinada quanto eles – exceto que eles cresceram com pais amáveis e Mary cresceu sob lavagem cerebral para ser uma assassina

de uma sociedade secreta conhecida como Irmandade Hildegard.

O relacionamento amoroso de Mary e Flint fora um farol de esperança para cada um dos sete. Fizeram parecer que um relacionamento normal era possível para pessoas como eles.

Sem ser chamada, o rosto de Lilo entrou na mente de Griffin e o cheiro de chiclete veio junto. Supunha que era atraente. Bastante. Tinha a pele macia e resplandecente. O cabelo marrom era um pouco bagunçado, mas o rubor nas bochechas e o brilho nos olhos a deixavam viva. Tinha paixão. Ele respeitava isso.

Pensar em Lilo fez uma onda de energia invisível oscilar por ele, deixando-o tonto. A onda quebrou, e ficou atordoado, só para senti-la outra vez. E de novo. Cada vez, objetos de metal na mesa se erguiam alguns centímetros, pairavam e caíam de volta com um baque, deixando sua mesa um caos. Clipes, grampos, tesouras e o telefone; todos subiram como se tivesse entrado em um contêiner de gravidade zero. Quanto mais forte a onda de energia formigando por ele, mais alto os objetos subiam. Todos os itens giraram e rodopiaram no ar para apontar para Griffin, como se ele fosse o norte deles.

Os pulmões dele contraíram com a realidade do seu novo poder se manifestando.

Primeiro a caneca de metal esmagando sozinha, agora isso.

Metal voador?

Não.

Não no primeiro dia de trabalho.

Não agora.

Nem nunca.

Uma batida soou na porta e todos os itens metálicos caíram. Ele se atrapalhou para organizar a desordem, alinhando os jornais em filas perfeitas e juntando os lápis em uma pilha.

— Sr. Lázaro.

Fred, o Editor, colocou a cabeça para dentro da porta do escritório. Para lembrar do seu nome, Griffin usou a técnica de associação. Não apenas era um editor, mas Fred era um homem mais velho. Julgando pelo cabelo branco e rosto enrugado, estava perto da aposentadoria. Mas Fred, o Editor Idoso era muito grande. Como a maioria dos jornalistas e editores que Griffin conhecera até agora, o cabelo de Fred era tão bagunçado quanto as roupas. Deveria passar uma escova por ele de vez em quando. Talvez as pessoas o respeitariam mais se cuidasse da aparência, e Griffin não precisaria ser empregado para auditar a eficácia do departamento.

— Sim? — Griffin alisou a gravata.

— Está na hora da reunião matinal. Se puder me seguir, te levo lá.

— Sim. Obrigado. — Griffin colocou as mãos nos bolsos, esperando dispersar o formigamento residual deixado pela atração magnética

invisível da sua nova habilidade. Lidaria com isso mais tarde.

Seguiu Fred, o editor, pelo corredor até uma sala de reunião com uma mesa retangular de madeira comprida e a equipe do Cardinal Copy sentada em cadeiras. Parecia que era o último a chegar. Parou atrás de Fred, na ponta da mesa. A sensação de ganância pulsava de leve nele, e Griffin parou um segundo para se familiarizar com cada pessoa – combinando a assinatura de ganância com cada rosto. O homem moreno no final da mesa tinha a ganância mais forte. Passando os olhos pelo homem, Griffin não pôde ver nada que fosse sinônimo de força. O homem era alto, no início dos quarenta anos, magro e mole. O queixo era pontudo. Os olhos um azul desbotado ardiloso.

Uma pressão leve no seu braço fez toda a ganância esvair da sala. A noção estranha fez Griffin se virar a tempo de ver Lilo enquanto se espremia para passar. Ganância voltou aos poucos quando removeu o toque leve. Faziam meros minutos desde que a vira pela última vez, mas o corpo dele reagiu como se tivessem passado anos afastados e fossem amantes perdidos. Cada pelo se eriçou. O sangue em suas veias ferveu. O corpo ansiava por ela, não podia negar.

— Bom dia, todo mundo — ela disse com uma voz cantarolante enquanto colocava uma bandeja de quitutes na mesa. — Peguei bolinhos na padaria lá embaixo. E, sim, Peter. Acrescentei alguns donuts.

Um homem de cabelo grisalho com óculos redondos sorriu de orelha grande a orelha grande e esticou a mão na hora para pegar um donut coberto de chocolate.

Peter, o comedor de donut. Fácil de lembrar.

Lilo deu um olhar de soslaio nervoso para Griffin antes de se apoderar da última cadeira livre no final da mesa de reuniões. Era ao lado do homem ganancioso alto que deixou Griffin curioso. Por que ela fez uma careta e se afastou como se tivesse um cheiro ruim ao lado, e por que a ganância dele cresceu ainda mais quando ela chegou?

— Certo, bom, se estamos todos aqui, vamos continuar a reunião. — Fred pegou um donut da bandeja e sentou. De repente, percebeu que Griffin ficou em pé. — Tem uma cadeira em algum lugar para Sr. Lázaro? — perguntou para todos os presentes.

Ninguém ergueu a mão ou se ofereceu para pegar uma cadeira.

— Pode ficar com a minha, se quiser. — Lilo opinou do final. — Vou só pegar uma nova do escritório.

Griffin hesitou. Ela achava mesmo que deixaria uma mulher ceder o lugar para ele? Na verdade, todos achavam? Deu uma olhada pela mesa em sua maioria masculina e nenhuma pessoa ofereceu o assento no lugar de Lilo. Não que ele precisasse, mas era questão de

princípios. Cavalheirismo não estava presente.

— Não, obrigado. Fico em pé. Será mais fácil de me ver quando eu falar.

— Ótimo — Fred disse, se dirigindo a mesa. — Todo mundo, esse é Griffin Lázaro. Foi empregado para aumentar a eficiência desse jornal ao analisar nossa produtividade e descobrir quais tarefas podem ser passadas para o novo software de automação que será instalado em breve.

Alguns murmurinhos percorreram a mesa.

— Sr. Lázaro. Fique à vontade. — Fred voltou a mordiscar o donut, claramente imperturbado com a nova situação. Provavelmente pensava que o emprego estava seguro.

— Obrigado, Fred. — Griffin abriu o blazer e colocou as mãos nos bolsos. — Como Fred mencionou, estou aqui para analisar seus empregos e descobrir quais tarefas podem ser automatizadas pelo programa. Teoricamente, isso vai dar mais tempo para vocês procurarem histórias mais importantes. Se é uma pessoa cujo trabalho consiste em cinquenta por cento ou mais de tarefas dispensáveis, então será redundante e papéis serão fundidos. Analisarei as informações armazenadas para ver como as histórias entram no sistema, como são delegadas e o processo de investigação, pesquisa e escrita para serem publicadas. Também passarei tempo com indivíduos de cada departamento para considerar erros de informações para que possa ajustar as recomendações de maneira correta. Alguma pergunta?

Silêncio.

O cara alto levantou a mão.

— Sim, quem morreu e fez de você Deus?

Griffin semicerrou os olhos.

— Talvez comece com você primeiro. Sr...?

— Doppenger — ele respondeu, ainda com um sorriso presunçoso no rosto. — Donald Doppenger. Meus amigos me chamam de Don, ou Donnie, se for bem próximo.

Com isso, ele piscou para Lilo, que nem estava olhando. Na verdade, ainda parecia querer se afastar o mais longe possível do homem.

Griffin encarou o homem enquanto revirava o nome na cabeça com associações apropriadas. Usava roupas escuras, a ganância era profunda, mas a conexão mais fácil que Griffin conseguiu foi: Difícil.

— Não estou aqui para fazer amigos — Griffin disse.

Doppenger abriu uma carranca.

Pressentindo a mudança na dinâmica da sala, Fred se levantou.

— Ah... Talvez possa começar com outra pessoa. Don prefere trabalhar sozinho.

Griffin arqueou a sobancelha.

— Ninguém está isento, Donald. Para sua informação, o Diretor do seu jornal me contratou pessoalmente.

— Histórias não podem ser automatizadas por um computador, cara! — Donald rosnou. — É um trabalho difícil e ingrato. Deveria saber. Fui nomeado duas vezes ao Pulitzer.

— Nomeado. Então não ganhou. — Griffin sabia que não deveria ter dito isso no momento que as palavras saíram da sua boca. A temperatura no recinto caiu até ficar um gelo. Ele tentou contornar. — Essa empresa não funciona com nomeações. Funciona com dólares e centavos, que no momento estão escorrendo de cada departamento.

Doppenger subiu o tom para discutir, mas Griffin ergueu a mão, interrompendo.

— Tudo bem — Griffin disse. — Não preciso começar com você.

— Por que não vemos as histórias que temos hoje e partimos daí, sim? — Fred abriu a pasta amarela na sua frente.

Por dentro, Griffin fez uma careta. Ainda usando papel e caneta. Olhou em volta da mesa e notou que muitos funcionários também estavam com um caderno e lápis. Exceto uma sentada do lado oposto da Lilo. Uma pequena mulher loira com lábios carnudos e olhos redondos. Farfalhou os cílios para Griffin quando seus olhos se encontraram, depois voltou para o computador, olhando melindrosamente de volta para ele de vez em quando.

— Certo, o que entrou essa manhã? — Fred perguntou. — Alguém tem algo novo?

Uma por uma, as pessoas em volta da mesa detalharam no que estavam trabalhando. Griffin já podia ver buracos nos processos. Fred dependia em cada indivíduo para se voluntariar para as histórias em vez de sempre delegar do começo. Quando todos terminaram, Fred pegou alguns papéis da pasta e leu cada folha.

— Tenho um punhado de sobras aqui. Conhecem o esquema. Grite se alguma agradar. Roubo na Joalheria da rua Kent nesta manhã supostamente frustrado por dois vigilantes. Conta de danos pode ser extrema.

Lilo ergueu a mão, a boca se abriu, mas Doppenger a interrompeu.

— Eu pego — falou.

Lilo fez uma careta e abaixou a mão.

Antipatia pelo homem fervilhou imediatamente no sangue de Griffin.

Fred ainda lia a folha de informações.

— Espera. Um dos criminosos chama Liota. — O olhar foi para Lilo. — Parente seu?

Ela empalideceu.

— Hm... não sei. Não falo mais com nenhum deles. Não sou uma

Liota há anos.

Era casada? Divorciada?

— Bom, pode pegar esse, Lil. Vá para a delegacia e veja o que pode arrancar do cara. Conexão familiar pode fazer você passar pela porta.

— Mas... — Donald começou.

— Qualquer conexão é uma boa conexão, sabe disso, Don — Fred afirmou.

— Bom, ela pode usar uma ajudinha para passar pelos policiais. Posso ir com ela.

Ela está sentada bem ao seu lado, Griffin pensou. *Ela* tem um nome.

— Eu vou com ela. — Griffin se pegou voluntariando.

Todos os olhos viraram para ele.

Elaborou:

— Minha irmã trabalha lá, e vai me dar uma chance de analisar o processo da Srta. Likeke.

CAPÍTULO 5

LILO LIKEKE

Lilo voltou para a mesa, enervada. Primeiro, estava sendo forçada a entrevistar o primo distante, Nathaniel; segundo, porque Donnie tentara se intrometer na história dela e; terceiro, porque o deus nerd super gostoso iria junto e observaria e analisaria tudo o que ela fizesse.

— Está bem, querida? — Bev perguntou enquanto voltava para mesa.

— Sim. Tudo bem. — Ela ficaria bem.

O olhar de Lilo foi do cabelo azul de Bev para o pôster preso do seu lado da parede da divisória. Era o quadro de inspiração dos Sete Mortais. Recortes de fotos e jornais estavam pregados nele. A foto favorita era do vigilante Ganância, tirada há dois anos atrás no local da explosão. Logo após tirar uma vítima dos destroços, ele estivera em pé no meio da poeira, uma silhueta escura masculina definida por uma nuvem branca. O fotógrafo ganhara um prêmio pela foto. Lilo sabia que os vigilantes não eram os culpados pela tragédia e ficara furiosa com Donnie por ter escrito a história que os acusou. Por que resgatariam as pessoas dos destroços se eram responsáveis por derrubar o prédio?

Donnie respondeu que causar uma tragédia para que pudessem aparecer para o resgate era um comportamento de psicopata clássico.

Bev desenhara um coração vermelho em volta da foto, e Candy imprimira e plastificara uma foto de Lilo mandando beijinho e colou ao lado de Ganância. Não pergunte para Lilo como Candy conseguira essa imagem, mas fazia Lilo rir, então deixou no lugar.

Os olhos se moveram para um recorte do qual se orgulhava: o que há alguns meses atrás Inveja salvara a cidade dos terroristas de túnica branca na rua. Ela intitulara: *Vigilante, ou Super-herói?* Porque foi o primeiro dia que qualquer um dos Sete Mortais fora visto usando uma habilidade sobrenatural. Ele eletrocutara os terroristas com as próprias mãos, derrubando o líder. A imagem central fora tirada com a câmera do telefone e mostrava Inveja com traje de batalha completo, espadas em punho – sim, tinha duas! Um lenço verde sobre a boca encobria

sua identidade. Dois olhos ameaçadores olhavam para a câmera, fuzilando Lilo.

A mão foi para o pescoço com a memória. Água espirrava de um hidrante danificado. Dois veículos colidiram. Um homem maluco portava uma arma. Havia uma refém e transeuntes machucados. Caos. Uma policial tentara assumir o controle da ocorrência, mas foi Inveja que roubou a cena.

Ver o guerreiro mortal em ação fez Lilo compreender por que todos tinham fã clubes na internet. Havia contas de Instagram dedicadas para cada um dos Sete Mortais. Ela mesma rolara pelas contas uma vez ou outra. Os desenhos de peitos masculinos nus de heróis imaginários eram todos em nome da pesquisa, ela ficava se dizendo. Cada conta de Instagram especulava sobre a verdadeira identidade dos cinco homens e duas mulheres no grupo e postavam exemplos de espécimes ideais. Nenhum deles era real, claro, mas fazia uma garota pensar.

O que não daria para escrever essa exclusiva.

Falando de uma exclusiva, como Lilo sobreviveria a manhã trabalhando com Griffin? Não só estava surtando com o olhar atento dele e possível risco para a segurança do seu emprego, mas ver o jeito que assumiu o controle da reunião fora magnético. O mesmo tipo de personalidade determinada que a atraía para Donnie no começo. Isso é, até se tornar dominador demais. Ela estremeceu sem querer, afastando os pensamentos a força. Não pensaria nele agora. Aquele relacionamento tomara tudo o que tinha a oferecer, e um pouco mais. Não. Era muito mais seguro fantasiar com os homens inacessíveis dos Sete Mortais.

Depois de uma olhada rápida para o quadro de inspiração, desviou a atenção de volta para o computador e se pôs a descobrir os detalhes da delegacia que precisava visitar. Pelo menos não era a história do vaso de cachorro.

— Como pôde? — uma voz rude acusou por trás.

Virou para encarar o homem que fez seus ovários encolherem.

— Como pude o quê, Donnie?

— Precisava daquela história.

— Não é minha culpa que Fred deu pra mim.

As sobancelhas de Donnie abaixaram.

— Usar a conexão da sua família corrupta é dissimulado.

— Sabe muito bem que me deserdei daquela família e, além do mais, não pareceu se importar de onde veio a dica quando dei uma história pra você semana passada.

— E desde então? Nada. Está pensando só em você.

O queixo de Lilo caiu. Sério? Deu cada uma das dicas que o pai passou para ela sobre os sindicatos do crime controlando a cidade.

Durante quatro anos! Do momento que começou a trabalhar no Cardinal Copy, todas as dicas do pai foram para Donnie. Foi assim que fora nomeado para o maldito Pulitzer.

Ela não queria nada a ver com isso. Ou as dicas eram o jeito distorcido do pai de mostrar que se importava, ou usava Lilo para benefício próprio – dedurar a competição para se livrar deles.

Mesmo enquanto os pensamentos desafiadores percorriam o cérebro, sabia que não podia dar voz a eles. Donnie tinha um jeito de dominar sua razão. Depois de deixar a família, passou anos faminta por afeto até Donnie se aproveitar da sua vulnerabilidade. No momento que descobriu sua conexão familiar, fingiu simpatizar com ela. Lilo via com clareza agora. Tudo o que fez no relacionamento deles foi dar, dar, dar. Cozinhou os jantares, limpou o apartamento dele, deixou que só sua opinião importasse no quarto até que, enfim, não pôde funcionar adequadamente. Literalmente. No dia que percebeu que não conseguia ter um orgasmo sem a ajuda dele foi o dia que terminou.

Teve alguém tomando decisões por você a vida inteira, ele gritara. Nunca ficará satisfeita sem mim.

Ah, se ele soubesse como aquela afirmação era verdadeira. Ela o odiava.

Entretanto... Donnie se inclinou contra a divisória e deu um sorriso que iluminou o rosto em algo que um dia ela pensou ser uma beleza juvenil.

— Princesa — repreendeu. — Sabe que traz à tona o melhor em mim.

O melhor? Tinha certeza que aquilo fora o pior.

— Não sou o mesmo desde que você partiu — falou, a voz convincente. — Preciso de você. Volte para mim.

— Donnie...

— Sua escova de dentes ainda está no armário.

Os olhos dela se fecharam. Sabia que iria se arrepender disso. De algum jeito, o homem conseguiu afetá-la e...

— Talvez possa ir junto.

Donnie cruzou os braços.

— Trabalho sozinho. Você sabe disso.

Os dedos dela seguraram o teclado.

— Desculpa interromper. — A voz do Griffin fez os dois sobressaltarem. Estava parado carrancudo e imponente, entregando uma folha de matéria para Donnie. — Fred me pediu para te entregar isso, Donald. Parece ser uma matéria.

— Não é meu chefe — rosnou e pegou a folha de Griffin. Com cada segundo que passava, fúria manchava sua tez ao ler. — Isso é sobre um homem que está processando o cachorro por salvar sua vida —

falou, incrédulo.

— De fato. — Griffin abriu o blazer e colocou as mãos nos bolsos. Alguns teriam chamado a pose de pavonear, mas nele, parecia muito sensual.

Griffin inclinou a cabeça para Donnie.

— A não ser que tenha uma história melhor para investigar?

De algum jeito, a confiança de Griffin era contagiante. Se ele podia enfrentar Donnie sem problemas, então ela também podia. Pro inferno com Donnie.

— Mas não tem, né, Donnie? — Lilo perguntou, mas se encolheu um pouco quando toda a força do olhar ameaçador de Donnie virou para ela. — Quero dizer, estava aqui pedindo uma dica, então presumo que não tenha mais nada.

O ex-amante a fuzilou por um segundo antes de virar a fúria para Griffin.

Os dois homens se encararam pelo que pareceu uma eternidade, e aí, estranhamente, do nada, um grampeador voou pelo ar e atingiu a nuca de Donnie. Foi empurrado para frente com o impacto. Os dois homens ficaram boquiabertos e olharam em volta procurando a fonte do arremesso. É óbvio que era isso – alguém jogou. Deve ter sido.

Talvez tenha sido a Bev. Ela odiava o *boboca*.

— O que diabos? — Donnie esfregou a cabeça, as bochechas ficando coradas. — De onde saiu isso?

— Talvez do vento. — Griffin deu de ombros.

Donnie enrolou o papel da matéria em um cilindro e apontou para Griffin.

— Isso não acabou.

— Eu sei — Griffin disse. — Te vejo mais tarde para sua avaliação.

Depois de Donnie sair pisando firme, Lilo soltou um suspiro de alívio e disse para Griffin:

— Sabe que fez um inimigo eterno, né?

— Não tenho medo dele. Você também não deveria ter.

Aquelas poucas palavras confiantes fizeram Lilo se empertigar. Estava certo. Ela não deveria ter. Donnie era a única pessoa no mundo que a fazia se sentir pequena, mas ele não podia machucá-la agora. De algum jeito, sentada ao lado do homem poderoso, Lilo se sentia forte – ainda mais porque nada daquele fogo Lázaro estava direcionado a ela. No mínimo, Griffin parecia estar fazendo questão de defendê-la. Estava na hora de começar a colocar Donnie no mesmo pote de todos os outros babacas do mundo. Não o dela.

— Já liguei para meu contato na delegacia — Griffin disse. — Está pronta para nós.

— Obrigada por isso. Parece que te devo mais uma.

Griffin ajustou os óculos desconfortável e um rubor rosa marcou

suas bochechas lindas.

— Não. Já falei, não quero que me deva nada.

Ele estava corando?

Lilo inclinou a cabeça e o estudou. As bochechas estavam definitivamente rosadas. De repente, ficou ocupado olhando para qualquer lugar, menos para ela. Se ela fosse boba, teria pensado que estava nervoso de estar perto dela. Só um motivo que um homem ficava nervoso perto de uma mulher. Sexo.

A ideia de Griffin desejá-la a deu a coragem de dizer em um tom sedutor:

— Que pena. Poderia gostar do que tenho a oferecer.

CAPÍTULO 6

GRIFFIN LÁZARO

Griffin levou Lilo até a delegacia na Escalade preta, ainda corado com as últimas palavras que dirigiu a ele.

Poderia gostar do que tenho a oferecer.

No espaço apertado do carro, não podia ignorar a mulher. Perto assim dela, a sensação de ganância ficava em segundo plano para todo o resto.

Foram quinze minutos de agonia ardente.

Chiclete e perfume feminino o cercou, como se passassem pelo filtro interno do carro. A presença dela lambia sua pele, o tentando a esticar o braço e tocar, para ver qual seria a sensação.

Ficaria irritado com o contato, como ficava a maioria das outras vezes que era tocado? Ou seria como ela disse, e ele gostaria do que oferecia?

Não. Não foi o que ela quis dizer. Isso era sua própria resposta biológica irracional encontrando tensão sexual onde não existia nada. Precisou de cada grama de controle para manter as mãos no volante.

Uma hora, ousou olhar para ela, e aí descobriu que tinha dificuldade de desviar o olhar. O sol da manhã sobre o cabelo marrom na altura dos ombros criava um halo laranja. De vez em quando, ela remexia os brincos de argola dourados, suspirava e apoiava a cabeça na mão enquanto olhava melancólica pela janela, observando a cidade passar.

De perfil, os cílios eram longos e as maçãs do rosto, altas. Com certeza, atraente. Até mesmo bonita. Griffin conferiu a rua, depois voltou a observá-la. A jaqueta jeans surrada estava aberta o suficiente para ver a pele oliva sobre a clavícula delicada, abaixando até o volume precioso do seio antes de se esconder sob uma camisa branca. O olhar dele continuou para onde a mão estava presa entre as dobras leves da saia com estampa floral, joelhos apertados, como se também sentisse a mesma energia carregada oscilando entre eles.

Isso significava que estava tão dominada quanto ele?

O pensamento ativou um botão no seu corpo. A boca ficou seca, o pau ganhou vida e o calor formigou sua pele em ondas. O metal no

carro chacoalhou, e ele sentiu uma conexão intrínseca entre a pele e o carro. Respirando fundo, ele se forçou a acalmar. A última vez que sua habilidade deu as caras foi com o grampeador na cabeça de Donnie. Antes disso, foi no escritório. Todas as vezes que conseguiu manipular metal, estivera pensando na Lilo. Parecia que sua nova habilidade surgia quando estava perto dela. Talvez como um instinto protetor. Precisava se controlar.

Afrouxou a gravata e abafou um gemido quando pegou Lilo apertando os joelhos outra vez.

Isso era tortura.

Em uma tentativa desesperada de dominar sua fisiologia interna, tentou criar alguma associação de palavras para ela, mas todas as palavras que sua mente projetava pioravam as coisas. Linda. Lasciva. Luminosa.

O formigamento que percorria seu corpo aumentou em intensidade. Deu tapinhas nas bochechas com o dorso da mão. Sim, estava meio úmido. Suado. Quente.

Uma buzina soou. Puxou o volante para voltar para a pista correta.

— Desculpa — murmurou, ralhando consigo mentalmente.

Podia sentir os olhos dela o observando, e precisava de uma distração rápida, então tagarelou uma pergunta:

— Como uma garota como você acaba trabalhando em um lugar como Cardinal Copy?

— De todos os bares em todas as cidades do mundo... — Lilo falou com uma voz baixa estranha depois riu.

Era uma coisa tão peculiar de se dizer.

— Não, falei Cardinal Copy. Não bar.

Ela arquejou e virou para ele com atenção intensa.

— Nunca viu *Casablanca*?

— Não, nunca fui lá. Fui pra Espanha uma vez, mas foi o mais perto que cheguei.

Lilo riu.

— É um filme antigo com Humphrey Bogart, seu bobo.

Então... não a cidade em Marrocos? Balançou a cabeça, sentindo-se mais e mais fora do controle.

— Não, não vi.

— Uau. Está perdendo. *Casablanca* é um dos meus favoritos.

— Não tenho tempo para assistir filmes.

— Não? O que faz para se divertir?

Outra pergunta peculiar.

— Trabalho.

— Por diversão? Preciso te levar pra dançar ou algo assim.

— Não danço, e mais... volto ao ponto original. Costumo estar trabalhando.

Lilo se inclinou curiosa para Griffin.

— De certo não trabalha a noite toda também.

O odor dela cresceu, fazendo-o se mover com desconforto. A pergunta era pessoal demais. Manter as atividades noturnas em segredo fora difícil, não gostava de mentir, mas Mary lhe dera várias ferramentas para ajudar com o processo. Uma delas era mudar o foco de volta para a pessoa fazendo a pergunta.

— Então, por que *Casablanca* é seu favorito?

Lilo recostou de volta no assento, sorrindo.

— É uma história de amor triste, mas também é sobre a Segunda Guerra Mundial. Aquelas pessoas estão presas em Casablanca enquanto esperam a América decidir se vai se prontificar e lutar contra Hitler, ou ficar de fora. Me lembra do estado do nosso próprio mundinho triste.

— Como?

— Bogie e Bergman interpretam personagens que estão perdidamente apaixonados um pelo outro, mas as circunstâncias da guerra os afastaram. Acho que gosto porque explora se podemos manter conexões duradouras quando o mundo está desabando ao nosso redor. Se continuamos lutando a boa batalha quando parece que o romance morreu. — Ela lhe deu um sorriso triste. — Não ficam juntos no final.

— O casal? — Griffin olhou para ela.

Balançou a cabeça.

— Não duram.

— Isso parece... anticlimático.

— Acho que sim, mas quando abre mão do amor da sua vida, ele se encontra. Descobre que tinha muita coisa ruim para se arrepender e o amor era merecido por um homem melhor. Mas não desistiu, ele tenta descobrir o que faz alguém merecer amor. Não estou fazendo sentido. Acho que precisa ver o filme para entender.

Por algum motivo, as palavras inspiraram desafio nele. Alguém a fez sentir que não era merecedora de amor? Os olhos tristes piscaram para ele.

— Esquece. O que quis dizer, uma garota como eu?

— Mastiga chiclete. Traz quitutes. Tem pôsteres na sua mesa com coraçõezinhos neles. Usa saia floral...

Ela ergueu a mão, cortando-o com um olhar feio.

— Eu entendo. Acha que sou uma mulher fraca demais para ser uma jornalista investigativa criminal bem-sucedida.

Percebeu sua gafe tarde demais.

— Não foi isso que quis dizer.

— Claro que foi.

— Não, quero dizer que você parece boa demais para um lugar que

vê muitas coisas ruins.

— Ah. Bom, é Cardinal City. Já vi muito pior crescendo, acredite.

Griffin pensou no que Fred disse sobre a conexão com o ladrão na prisão e as palavras mais cedo sobre não merecer o amor.

— Sua família?

— Sim.

— Quer falar sobre isso?

— Com você? Senhor Perfeito sem um fio de cabelo fora do lugar?

— Bufou uma risada. — Não muito. Não, obrigada.

Perfeito?

Passou a mão sobre o cabelo e fuzilou a rua à frente. O silêncio dele deve tê-la deixado desconfortável, porque mudou o tom rápido.

— Mas se precisa que eu fale, falarei. Minha mãe costumava dizer que falo mais que um papagaio mudo.

— Não faz sentido.

— Eu sei.

— Imagino que o papagaio ficaria muito triste se fosse mudo.

Isso o ganhou uma risada, apesar de não saber por quê. Só estava constatando o óbvio.

Deveria ficar feliz que ela cedeu, mas não ficou. Ficou irritado, e não sabia por quê. Essa mulher estava tão acostumada a fazer o que outras pessoas queriam. Pessoas como Donald, o Difícil. O ingrato falara com ela como se fosse seu capacho, pronta para ele pisar em cima.

— Não. Não tem problema — ele disse. — Pode me contar se ou quando quiser. Você que sabe.

Um pequeno suspiro de agradecimento foi a única resposta.

Alguns minutos depois, estacionaram na garagem anexada a delegacia da PCC¹. Griffin saiu e foi abrir a porta de Lilo.

— Quando entrarmos, deveria ficar perto de mim.

— Por quê? — Ela sorriu para ele enquanto pegava a bolsa aos seus pés.

— Estamos na delegacia de Cardinal City.

Ele precisava mesmo explicar mais? Haveria criminosos em todos os cantos. A sensação de ganância já repuxava seu âmagô, testando sua resiliência. Como foguinhos acesos à noite, os faróis de ganância brilhavam claros na sua mente, incitando-o a se aproximar, encontrá-los e apagá-los. Mas nenhuma das assinaturas de ganância era mortal. Ainda não.

— Posso ser uma mulher fraca, Griffin...

— Falei que não foi isso que quis dizer. — Ajustou os óculos, frustrado.

— ... mas posso cuidar de mim mesma. Sou uma jornalista criminal. Sei Krav Maga. Posso lutar minhas próprias batalhas. Ficarei

bem dentro da delegacia.

— Qual Krav Maga? — perguntou, apoiando o braço acima da porta e olhando para ela.

— O que quer dizer?

— Bom, tem alguns movimentos que você aprende na aula de defesa pessoal que ajudam a resistir uma agressão, ou tem o verdadeiro Krav Maga, desenvolvido pelas forças de Israel e é implacável, cruel e criado para machucar e incapacitar seu oponente o mais rápido possível.

Ela arquejou.

— Hm. Faço aulas no centro comunitário todas as quintas.

Então era o tipo inútil, apostaria. Algum instrutor de araque que aprendera técnicas de outro instrutor de araque, nenhum deles nunca viu o verdadeiro combate ou foi uma pessoa menor assoberbada por uma maior. Tudo o que precisaria seria uma situação interpretada errado e poderia significar o fim da vida dela.

O pensamento o deixou enjoado.

Lilo empinou o queixo, ergueu a saia e tirou um bastão comprido de uma faixa presa na coxa.

— Também tenho isso.

Ele piscou.

— Isso é um agulhão?

— Sim, e não tenho medo de usar.

— Uau. Tudo bem. — Ele recuou.

— Não em você! Mas sou uma mulher, jornalista criminal em Cardinal City. Às vezes preciso ir à lugares indesejados sozinha. É para proteção. Meu ponto é que não sou tão fraca quanto pareço, então pode parar de pensar nisso.

Griffin não pôde impedir o rosnado crescendo na garganta. O fato que uma mulher precisava andar por Cardinal City com uma arma para se proteger não caía bem. Deveria poder andar pelas ruas se sentindo segura. Lilo deveria se sentir segura.

— Vai acabar assassinada — ele disse.

— Ficaria feliz em demonstrar se não acredita em mim. — O sorriso enjoativamente doce tinha um toque de provocação.

— Então pode cuidar de si. Por que estava prestes a deixar que Doppenger pegasse sua história?

Ela empalideceu e desviou o olhar.

— Ouviu isso, hm?

— Não parecia que estava lutando suas próprias batalhas na hora.

— Temos história. — Guardou o agulhão.

— O que ele tem sobre você?

— Desculpa?

— Para ceder com tanta frequência a ele.

Lilo saiu do veículo e fechou a porta.

— Costumávamos namorar. Só isso.

— Mas... ele é mais velho que você.

— Ah, não fique tão surpreso. Não é tão mais velho. Só um pouco mais de dez anos e, além do mais, o amor não conhece limites.

Griffin fez uma careta. Lilo e aquele ganancioso? Juntos? E ele ainda tentava se insinuar na vida dela.

— Então, era?

— Era o quê?

— Amor verdadeiro.

Quando Lilo inclinou a cabeça e observou Griffin, soube que exagerou.

Por que perguntou? Não era como se ligasse.

— Esquece — acrescentou rápido. — Não é da minha conta. Vamos.

Enquanto andavam para a entrada, não pôde evitar ponderar o que acontecera com uma garota como Lilo para transformá-la na mulher que era hoje. Qual era a da conexão familiar que lhe mostrou o pior de Cardinal City, entretanto, no lugar de sucumbir ao pecado, ela lutava contra ele?

O que foi que disse sobre o filme?

O que faz alguém merecer o amor?

Um pouco antes dele abrir a porta da delegacia, ela acrescentou:

— Agora, não tocaria nele nem com uma vara de pescar. Então, não. Não foi amor verdadeiro.

CAPÍTULO 7

LILO LIKEKE

Para entrar na delegacia movimentada, Lilo desviou de um mendigo sem dente e se espremeu para passar de uma mulher usando um minivestido de lantejoulas roxo que fedia a álcool e coisas que não queria pensar. Parecia que a delegacia era um lugar popular para se estar em uma segunda-feira pela manhã. Lilo resistiu segurar Griffin para evitar perdê-lo no burburinho da multidão, ainda mais já que enfatizara que poderia se proteger.

A mesa da recepção estava atrás de uma parede do lado mais distante da entrada. Ao lado de uma porta vermelha simples, a mesa era um buraco na parede onde dois policiais homens processavam relatórios atrás de uma grade de metal para proteção. Entre Lilo e aquela mesa havia uma horda de pessoas. Criminosos algemados estavam enfileirados em bancos de madeira contra as paredes da entrada, esperando para serem processados. Pessoas estavam paradas na frente da recepção, ansiosas para reclamar ou relatar um crime.

Um corpo trombou com Lilo e ela cambaleou direto em Griffin. Ele esticou uma mãozona para equilibrá-la e olhou sobre a cabeça dela para o infrator – um garoto adolescente pequeno e magrela usando cores de uma gangue e uma bandana na cabeça. O adolescente deve ter visto algo nos olhos de Griffin porque ergueu as mãos em rendição e recuou.

Ainda com a mão sobre o ombro dela, Griffin direcionou Lilo para o lado em um espaço vazio. À direita, uma mulher com meias arrastão rasgadas, e à esquerda, um homem velho segurando a bengala como se fosse um salva-vidas.

Griffin pegou o telefone e fez uma ligação. Dois segundos depois, falou com um tom rude marcado por impaciência.

— Estamos aqui. Onde você está?

Pela aparência da mandíbula contraindo e os lábios afinando, ele não estava feliz com a resposta, mas logo depois guardou o telefone.

— Ela está a caminho.

— Ah. Ótimo. — Lilo pegou o crachá de imprensa e prendeu na lapela da jaqueta jeans. — Então, normalmente, se não tivesse uma

conexão como você, associado a um dos detetives, colocaria isso e... o quê? Por que está me olhando desse jeito?

A cabeça de Griffin se inclinou.

— Por que está me contando tudo isso?

— Por que você está aqui pra avaliar meu processo, né?

Reconhecimento marcou suas feições.

— Claro.

— Maninho! — Uma voz feminina ecoou sobre o murmurinho da sala, forçando-os a interromperem o contato visual e procurarem a fonte.

Queixos caíram no recinto. Homens babaram, mulheres suspiraram com inveja. Parada na porta vermelha aberta no fundo da delegacia estava uma morena alta que parecia que comia homens no café da manhã. Na verdade, Lilo a vira em ação dois meses atrás quando os terroristas de túnica branca atacaram na rua. Lilo tentara entrevistá-la, mas estivera ocupada demais se recuperando depois de nocautear um homem louco.

A mulher amazônica intimidante e estonteante devia ser a irmã do Griffin. Os mesmos lábios largos, mesmos cílios grossos. Usava pouca maquiagem. Nada de esmalte. Botas pretas de exército. O longo cabelo ondulado estava amarrado na nuca. Uma arma preta presa sob o braço contrastava bem contra a camiseta branca de uma banda de punk-rock, com as mangas enroladas. Braços impressionantes. Forte, mas ainda feminina. A mulher colocou as mãos nos quadris, inclinando as curvas para o lado. Mesmo deste ângulo, Lilo podia ver que tinha uma bela bunda curvando sob o jeans. O tipo que impulsionava pernas fortes e, se deixada sem controle, cresceria implacavelmente com o excesso de bolinhos doces. Era óbvio que a mulher se mantinha em plena forma física. Provavelmente nunca viu o lado de dentro de um donut. Ou o de fora, a propósito.

Talvez Lilo devesse começar a comprar quitutes saudáveis no lugar de donuts.

Griffin colocou a mão na lombar de Lilo e a empurrou pela multidão até a mulher para quem todos estavam boquiabertos. Ou talvez estivessem boquiabertos para Griffin. Era mais alto e igualmente impressionante.

— Liza — grunhiu como cumprimento.

— Só isso? — Liza sorriu e bagunçou o cabelo cuidadosamente arrumado do irmão, fazendo-o hesitar. — É tão rígido. — Depois virou para Lilo. — Contou pra você? O quanto ele é rígido? Nunca desiste de nada. Também nunca pega nada. Tão chato.

Uma risadinha escapuliu de Lilo. Ele era rígido mesmo. Sexy. Perfeito. Só não sabia se deveria dizer isso na frente da irmã. Em vez disso, algo estúpido saiu.

— Você também é bem durinha.

Griffin e Liza encaram Lilo até ela sentir o calor esvaír do rosto.

— Hm... isso é... legal. Redondinha. Firme. É pra ser um elogio. — Ah, Deus, ela queria sumir. — Foi isso que quis dizer com rígido, né?

Liza soltou uma gargalhada.

— Obrigada, babe — ela disse, limpando as lágrimas dos olhos brilhantes. — Mas não curto minas. No momento, ao menos.

— Ah, eu também não. Só pensei que tinha uma bela bunda. Hm. A bunda dele também é incrível, se te faz sentir melhor. Ah, Deus, não posso parar. — Lilo bateu as mãos sobre a boca.

A boca de Griffin se moveu e Lilo quase acreditou que veria o primeiro sorriso, mas ele se conteve, expressão taciturna permanecendo firme.

— Ela não tem filtro, parece — Griffin explicou para Liza.

A vergonha dela dobrou, mas estava certo. Para confirmar, Lilo assentiu, a mão ainda cobrindo a boca.

— Excelente pra caralho. Sou igual — Liza disse, avaliando Lilo e depois voltando para Griffin com um soco no braço. — Gosto dela. Pode ficar.

Lilo soltou um suspiro de alívio e abaixou as mãos da boca. A última coisa que precisava era ser impedida de falar com o primo.

A irmã de Griffin bagunçou o cabelo outra vez, e ele abriu uma carranca.

— Pare de me tocar.

Liza deu um tapa sobre a cabeça dele.

— O que quer dizer?

Ele desviou e evitou outro tapa.

— Você sabe o que eu quero dizer.

— Desse jeito? — Liza bateu na barriga dele com o dorso da mão.

— Ou assim? — Ela o cutucou no peito. — Ou assim? — Pegou os óculos do rosto dele e colocou no seu.

A pele em volta dos lábios de Griffin ficou branca. As narinas dilataram. As sobrancelhas abaixaram. Lilo quase podia ver o cobertor vermelho de fúria cair por trás de seus olhos.

— Faça isso mais uma vez — rosnou. — Eu te desafio.

Liza riu, encontrou o olhar de Lilo e apontou de volta para o irmão com os óculos que removeu do rosto. — Sua Rigidez Real precisa de lembretes para relaxar, ou nunca vai usar aquele plug anal que comprei pra ele de aniversário.

Humilhação marcou as feições de Griffin.

— Joguei fora no momento que cheguei em casa.

— Ah, sem graça. Ele é sem graça. Viu? Precisa de lembretes. — O tom na voz de Liza indicava algo mais do que apenas picuinha de irmã. As palavras quase pareceram uma mensagem para Lilo. *Cuide do*

meu irmão.

— Vou lembrar disso. — Lilo sorriu e olhou para trás, para um Griffin desgostoso, agora alisando o cabelo de volta a perfeita ordem. Ela parou um segundo para apreciar o rosto dele sem óculos. Algumas pessoas ficavam estranhas sem eles, mas não Griffin. Parecia feroz. Uma besta magnífica, violenta. Uma selvageria o cobriu que pegou Lilo completamente despreparada, e ela amou.

Ele pegou os óculos de volta de Liza e os colocou.

— Fabuloso, porra — Liza disse, batendo palmas. — Vamos.

Recuou e os guiou pela porta vermelha, fechando e trancando depois de terem entrado.

Passaram por um corredor de pedra frio até uma área aberta caótica de detetives. Não era como o escritório de Lilo, onde as pessoas sentavam em silêncio nas suas mesas – exceto Candy que costumava ouvir o rádio pelo computador. As pessoas aqui estavam gritando ao telefone, jogando bolas de papel uns nos outros, e jogando joguinhos de celular. Lilo não podia acreditar quantos deles estavam sentados ali perdendo tempo quando uma multidão esperava na recepção. Talvez os detetives não lidassem com esse tipo de coisa... ou talvez o DPCC¹ tivesse desistido.

Liza andou na frente de Lilo e Griffin. Alguém assobiou do cercado dos detetives e Lilo não sabia se estava direcionado a ela ou Liza, ou as duas, mas Liza continuou andando, sem hesitar. Lilo a imitou. Griffin não. Parou e virou para analisar o recinto, tentando identificar o ofensor. A fúria contida que controlara com a provocação amigável da irmã ressurgiu. Os punhos se abriram e fecharam.

Um detetive alto com um bigode estava parado na mesa a alguns metros e deu um olhar depreciativo a Griffin.

— Tem algo a dizer, Poindexter?

Risada ressoou entre os amigos obesos, incompetentes e de olhos baixos do detetive.

Percebendo que não estava sendo seguida, Liza rodopiou e buscou Griffin.

— Não vale a pena, parsa. São babacas misóginos com mais sangue nos pauzinhos do que cérebro.

— Não foi o que você disse ontem à noite — o detetive de bigode disse, para alegria indecente dos amiguinhos.

Griffin mostrou os dentes e eles hesitaram.

Liza respirou fundo e colocou a mão no peito do irmão.

— Eu cuido disso.

Ela andou com calma até o homem sentado à mesa. Lilo pensou que ia esmurrá-lo no olho, ou algo do tipo – é o que Lilo queria fazer –, mas Liza colocou as mãos devagar nos braços da cadeira do homem e se inclinou para frente até os lábios ficarem perto da sua orelha.

Sussurrou palavras que só eles podiam ouvir.

O rosto do detetive foi de presunçoso para vermelho, pálido, e depois, enfim terminou o arco-íris em um verde doentio. Quando Liza empurrou sua cadeira e rebolou de volta, o homem voltou para o computador, nenhuma outra palavra dita. Os amigos tentaram falar com ele, mas ignorou.

Lilo correu atrás de Griffin e Liza enquanto continuavam pelo corredor.

— O que você disse? — Lilo perguntou, alcançando.

Liza sorriu e depois deu uma olhada significativa para o irmão.

— Ameacei revelar quem ele desejava de verdade.

— Griffin? — Lilo arquejou. — Como soube?

— Hm. — Liza demorou um segundo para considerar. — Talvez tenha visto ele assistindo pornô de rapazes no telefone quando pensou que ninguém estava olhando, então dei um palpite. Vem. Por aqui.

Talvez?

Chegaram em outra porta e entraram para as celas. Um corredor largo com três celas de cada lado com uma porta grossa feita de vidro laminado sujo. Liza ergueu o queixo para o policial grandão de guarda na entrada e ele retribuiu o cumprimento.

— Esse pessoal quer falar com o criminoso que trouxemos essa manhã. — Liza indicou para a última cela à direita. Colocou uma nota de vinte no bolso. — Precisa de um café, né, Bobo?

O guarda escrutinou Lilo e Griffin depois deu de ombros.

— Sim. Estou com sede.

E depois foi embora.

Suborno. Ugh. Lilo sabia que era o único jeito para eles passarem até a cela, mas ia contra tudo que Lilo acreditava. Aquele guarda nem mesmo piscou. Deveria ter ao menos mencionado que a visita ia contra o protocolo, mas ele só deu de ombros. Era tão desprezível quanto os detetives preguiçosos. A falta de respeito para garantir a lei foi o motivo que ela começou a noticiar crimes. Bom, parte disso.

A outra parte era uma vendeta pessoal contra os pais e todas as pessoas corruptas na cidade que acreditavam que podiam comprar seu caminho na vida.

Aprendera a verdade cruel sobre dinheiro no aniversário de dezesseis anos. Os pais deram uma festa surpresa no quintal da mansão. No começo da noite, pensou que tinha os melhores pais do mundo. Tinha um vestido de tafetá rosa lindo e um monte de presentes. Renata, a governanta, recebera a noite de folga para aproveitar a festa. Todas as crianças do seu ano na escola foram convidadas, até a melhor amiga, Misha, do continente. Crianças que nunca conhecera que moravam na mesma rua foram convidadas. As famílias foram convidadas. Estranhamente, a professora de história

favorita dela foi convidada e até a presenteou com um bonequinho de animal de cristal. Amava bonequinhos de cristal e se lembrava de ficar tão impressionada que a professora perdeu tempo de descobrir.

Mas havia tantas pessoas, que parecia impessoal. Por fora, parecia um sonho, como se ela fosse a garota mais popular e amada no mundo. Depois percebeu algumas coisinhas. Pessoas sendo pagas com maços de dinheiro ao saírem. Indesejáveis com armas semiescondidas, espreitando nas sombras. Todo mundo era muito amigável com ela. Parecia falso. A única pessoa genuína era Misha, mas precisou ir embora mais cedo para trabalhar no restaurante da família. Lilo ficara triste que a amiga precisara ir, mas aí Andy, o jovem que estagiava na biblioteca, preencheria a ausência. Por um segundo, Lilo acreditara que até que enfim alguém se interessara por ela, não porque os pais o assustaram ou pagaram, mas porque gostava dela genuinamente. Passaram horas falando da biblioteca, conectando com os interesses mútuos por velhas matérias jornalísticas e casos arquivados.

No final da noite, fora para cama se sentindo confortada que o mundo ainda era um pouquinho honesto. Mas antes de subir na cama, ela se lembrou que deixara o novo bonequinho na mesa de bebidas do lado de fora e escapuliu para encontrá-lo.

Havia vozes saindo do jardim e Lilo pensara que talvez alguns convidados tivessem se perdido no enorme labirinto vivo do quintal. Seguindo os sons da conversa pelo labirinto, Lilo encontrou o pai na fonte do centro, pagando Andy com um maço de dinheiro pelo esforço de animar sua filha naquela noite. Lilo se escondeu atrás de um arbusto podado, tomando cuidado para não deixar que os outros homens a vissem. Todos eram homens que Lilo conhecia bem. Tio Bobby. Tio Peter. Grande Jo-Jo. Todos estavam envolvidos.

Todos pagos para serem seus amigos.

Dinheiro era a raiz de todo mal, e os pais estavam rolando nele. Na manhã seguinte, Lilo começara um emprego numa lanchonete de fast-food local, apesar do nojo dos pais, e economizou dinheiro o suficiente que, quando fez dezoito anos, se mudou de casa e nunca olhou para trás.

¹ Departamento de Polícia de Cardinal City

CAPÍTULO 8

GRIFFIN LÁZARO

Do lado de fora da cela, Griffin observou Lilo encarar o homem magrelo na cama e ponderou o que ele fizera para que ela apertasse a bolsa com tanta força. A outra mão esticou para onde o agulhão estava.

— Esse bostinha é Nathaniel Liota — Liza disse enquanto abria a porta de vidro grossa da cela. — Pego com a mão na massa roubando da joalheria ontem à noite. Os dois cúmplices estavam mortos no local.

Desconforto formigou. Dois mortos porque Griffin deixara Evan sozinho.

Dentro da cela, os olhos de Nathaniel se arregalaram quando viu Lilo e levantou de um pulo.

— Lilo! Você veio.

A ganância do criminoso lampejou com a presença de Lilo. Queria algo que Lilo não estava preparada para dar, algo que talvez valesse a pena machucar para conseguir, e isso deixou Griffin desconfiado.

As sobancelhas dela se juntaram.

— Estou aqui pelo Cardinal Copy.

Não viu a mudança de expressão no rosto de Nathaniel porque procurava na bolsa pelo gravador. Griffin viu e não gostou. A esperança inicial de Nathaniel derretera e lampejara para algo pérfido – só por um segundo – antes de desaparecer. Griffin se aproximou de Lilo.

— Estão bem? — Liza perguntou para Griffin. — Tenho uma pilha de papéis na mesa que preciso terminar.

— Sim, estamos bem. — Ele cruzou os braços, encarando o homem que era primo de Lilo.

Lilo arregalou os olhos para Liza.

— Vai nos deixar sozinhos?

— Não se preocupe. Esse rigidozinho é mais forte do que parece.

— Liza deu tapinhas no ombro de Griffin. Ao sair, fechou a porta de vidro, trancando os dois com o criminoso.

Era óbvio que Lilo estava preocupada. Mordeu o lábio, os olhos se

moveram pelo recinto, e os dedos ficaram brancos no gravador.

Griffin fez algo inesperado. Pegou sua mão livre e apertou, apesar do contato repentino mandar ondas de sensação pelo braço. Na hora, os ombros dela relaxaram e deu um sorriso de agradecimento a ele. Ver a tensão dela se esvair por causa dele fez seu peito inflar. Foi desconfortável, e não gostou. Fazia as roupas parecerem mais apertadas. Fazia ele se sentir quente outra vez, e a sensação de ganância se dissipara, o que significava que não podia mais sentir o que o homem queria de Lilo.

Griffin olhou para as mãos unidas, depois voltou o olhar para Nathaniel e o olhou de cima embaixo. O homem usava roupas sujas, tinha o cabelo loiro que parecia cortar sozinho, e vasilhos estourados cercavam as narinas e olhos amarelados. Talvez tivesse a mesma idade de Lilo, mas o possível vício em drogas o fazia parecer mais velho. Nathaniel, o abusador de narcóticos.

O homem deu um passo em direção a Lilo.

Griffin o interceptou e colocou a mão livre no peito de Nathaniel.

— Não.

Fuzilou Griffin, mas recuou.

— Não tenho treta, cara. Só quero falar com minha prima.

Um pequeno sorriso educado apertou a boca de Lilo.

— Certo, o que pode nos dizer sobre o roubo nesta manhã?

A sobrançelha de Nathaniel se ergueu.

— Você não sabe?

— Sei o quê?

— Sobre seu pai.

Lilo empalideceu. A sensação calorosa no peito de Griffin virou gelo.

— Caso esteja vivendo numa caverna, Nathaniel, ele não é meu pai há anos. Cortei todos os elos com ele.

— Está desaparecido — Nathaniel disse. — Sei pai está desaparecido. Não liga?

A mão de Lilo se apertou.

— Com seu ramo de trabalho, não estou surpresa. Agora, de volta ao motivo que está nessa cela?

— Estávamos na loja esta manhã para juntar um resgate.

As orelhas de Griffin ficaram atentas.

— Se não conseguirmos até meio-dia de quarta-feira, seu pai está morto. Isso não te incomoda? — Nathaniel acrescentou, fungando.

Lilo respirou fundo e soltou devagar.

— Mesmo que me preocupasse, não tenho nada para dar.

— Se abraße o cofre, teria alguma coisa.

— Minha mãe pode fazer isso.

— Não é ela com o código do cadeado.

— O que quer dizer?

Ele limpou o nariz com a manga.

— Seu pai fez de um jeito que só ele e você podem abrir o trinco. Não confiou em mais ninguém. Nosso plano de conseguir o resgate não deu certo. Precisa ir e pegar o dinheiro reserva do cofre e depois levar para o ponto de encontro para recuperar seu pai.

— Por que minha mãe não me ligou?

— Lilo. Não está mesmo considerando isso, né? — Griffin perguntou.

— Fique fora disso, cara. É problema de família.

Depois de respirar fundo, Griffin forçou a raiva para baixo e ergueu uma sobrancelha em questionamento para Lilo.

— Não vou me envolver — ela confirmou. — Meu pai provocou, agora vai ter que aguentar.

— Nah, não está falando sério, prima. Te conheço, Lilo. Brincamos de polícia e ladrão juntos quando crianças. Não é tão certinha quanto pensa que é. — O humor desapareceu e franziu o cenho. — Se não conseguirmos recuperar seu pai, então sabe o que vai acontecer com o lado sul sem um líder. O que vai acontecer com sua mãe?

— Minha mãe mora em uma comunidade privada bem longe do lado sul. Ela vai ficar bem.

— E as crianças do lado sul?

Griffin bufou.

— Não finja que isso é por causa das crianças.

Nathanial apertou os punhos.

— Último aviso, cara. Fique fora disso.

— Vamos nos ater ao motivo de eu estar aqui. — Lilo piscou rápido depois levou o gravador até o queixo para ativar o botão de gravar porque a outra mão estava apertada em volta da de Griffin. Depois que o aparelho começou a gravar, esticou na direção do primo. — Preciso lembrá-lo que estamos gravando. Qualquer coisa que disser poderá ser publicada no jornal e incriminá-lo. O que pode nos dizer sobre as duas mortes no roubo?

— Não acreditaria se te contasse. — Nathanial começou a zanzar pela cela.

— Tente — Lilo disse.

— Não vou dizer nada que vai me colocar na cadeia.

— Foi pego com a mão na massa roubando da joalheria — Griffin acrescentou, incrédulo. Já ia cumprir pena.

— Não. Fui pego sentado na joalheria com as mãos amarradas. Nada mais do que isso pode ser provado. Poderia estar no lugar errado na hora errada.

Griffin não podia acreditar na pachorra.

— Acabou de dizer que estava juntando um resgate.

— Sim, bom, isso poderia significar qualquer coisa.

— Por favor, Nathaniel. Qualquer luz que puder lançar sobre as mortes ajudará — Lilo acrescentou.

Nathaniel olhou para Griffin, depois de volta para a prima.

— Se eu fizer isso, vai ajudar seu pai?

— Não prometo nada, mas posso tentar.

Griffin fechou os olhos e exalou. Maldição, Lilo.

— Nós fomos impedidos...

— Nós? — Lilo interrompeu.

— Sim, eu, Grande Jo-Jo e Ruff-Nut.

— Grande Jo-Jo está morto? — Os olhos de Lilo se arregalaram.

Nathaniel assentiu, solene.

— Estávamos lá... é tudo que vou dizer sobre isso, mas a porra dos ninjas apareceram e... bom, foi assim que acabei amarrado, tá ligada?

— Continue.

— Certo, então, tô sentado lá no chão da loja, cuidando da minha vida e um dos ninjas...

— Está falando dos Sete Mortais? — Lilo perguntou.

— Sim.

— Alguma ideia de qual?

— O azul e o verde.

— Dois?

— Sim. Então, o azul dá no pé, mas depois volta. Só que, quando volta, está com uma arma.

— Deve estar enganado — Griffin interrompeu. — Eles não usam armas.

Bom, *ele* não usava. De vez em quando, Parker e Tony usavam. E Liza, mas isso era no trabalho. Armas eram barulhentas, bagunceiras e não condizentes com missões secretas em locais apertados e, além do mais, fora para casa depois que deixou a joalheria. O homem devia estar enganado.

— Você não estava lá — Nathaniel acusou. — Eu estava, e posso dizer, aquele ninja azul voltou e atirou nos meus amigos a queimou a cabeça.

Lilo balançou a cabeça.

— Griffin está certo. Tiros não são o estilo dos Sete Mortais. Li o relatório oficial da polícia e nada disso estava lá. Só que os Sete Mortais impediram o roubo e depois deixaram os criminosos imobilizados para a polícia prender.

Um baque alto ecoou no ar, implodindo nos tímpanos de Griffin.

Cada terminação nervosa e sensação no seu corpo perdeu o controle. Por instinto, puxou Lilo para perto e rolou para proteger o corpo dela com o seu conforme um segundo *boom* chacoalhou a cela. Algo o atingiu na cabeça, dor explodindo na têmpora e tudo ficou

embaçado. Uma pedra. De algum lugar. Sangue quente escorreu da têmpora e tocou o ferimento. O dedo saiu melecado e vermelho. O embaçado mudou, e o chão se inclinou na direção dele. Griffin cambaleou, piscando, confuso. As botas triturraram no chão e no lugar de ver dentro de uma cela, viu terra vermelha. Lampejos de outras coisas vermelhas e carnudas quebradas passaram ante seus olhos. Visões nojentas de quando foi torturado no Oriente Médio. Sentiu o cheiro acre de gasolina e uma queimadura resultante no braço esquerdo e, por um segundo, ficou perdido no pânico das suas memórias – quando o encharcaram de combustível para fazê-lo falar. Névoa cinza cobriu seus olhos. Um zumbido o ensurdeceu. Piscou mais algumas vezes antes de compreender o que aconteceu.

Uma bomba explodira. A parede externa desmoronara.

Lilo?

— Você está bem? — perguntou para a mulher trêmula encasulada nos seus braços.

— Acho que sim. — Juntos se viraram para encarar o buraco aberto na parede externa. Luz entrava em raios poeirentos. O barulho de um gemido saiu do pé dos destroços. Nathaniel estava semicoberto por pedaços de cimento e tijolo.

— Tenho que ajudá-lo — Griffin disse para Lilo. — Fique aqui.

Quando foi soltar a mão, ela resistiu.

Uma sombra bloqueou a luz. Olhou para cima para algo sem sentido. Parado dentro do buraco na parede estava Ganância, ou alguém vestido no traje de batalha com detalhes azuis. Griffin tentou encontrar uma explicação racional. Talvez alguém tivesse roubado seu traje. Talvez tivesse deixado em algum lugar. Mas mesmo enquanto os pensamentos se formavam, se dissolviam com negligência.

Isso era outra coisa.

Outra pessoa.

Para ter uma impressão melhor do intruso, Griffin tirou a mão da de Lilo. A sensação de ganância desabrochou no seu âmago até dor o lancinar, implorando para que se curvasse. O pecado vinha do impostor e era vagamente familiar.

Lilo entrou em pânico e segurou a mão de Griffin outra vez, afastando o pecado, deixando Griffin apenas com o sentido da visão e olfato para visualizar o pecador. Um capuz preto cobria a cabeça e um lenço azul feito de tecido elástico cobria o nariz e a boca. Apenas olhos frios e escuros encaravam Griffin por trás da sombra do capuz. Olhos que procuraram o recinto até pousarem no homem se contorcendo sob os destroços.

— Aí você está. — Uma voz sombria e sem vida saiu do homem mascarado. Apontou a arma para Nathaniel.

Griffin estava longe demais. Precisaria pular sobre os destroços e

isso os empurraria mais em Nathaniel. Mas até aí, se não tentasse nada, o Ganância falso mataria Nathaniel mesmo assim. O impostor deixara Nathaniel escapar na joalheria e viera terminar o trabalho.

Griffin deu um passo à frente. O Ganância falso moveu a arma para apontar para Griffin e atirou. Dor explodiu no seu ombro. Lilo gritou. Griffin colocou a mão no ombro para colocar pressão e tudo dentro dele zuniu. Sangue quente pulsou nas pontas dos dedos e o perigo iminente foi o suficiente para fazer seus instintos entrarem em modo protetor. O novo poder cresceu e encheu o recinto com energia magnética. Poder surgiu e formigou em suas veias. O gosto de ferro atingiu a língua. Era como se tivesse entrado dentro de um campo magnético. Cada objeto de metal na cela se tornou conectado ao Griffin. Sentiu os parafusos e porcas sob a cama. Sentiu o ferro nas argolas de Lilo, a bala afundada no seu ombro e o metal na arma agora apontada para sua cabeça.

Avançou mais no sexto sentido, Griffin conectou com a bala no cano da arma e, de algum jeito, soube que se concentrasse, poderia mover aquela bala para onde quisesse.

Lilo choramingou e sua concentração falhou. Tudo o que podia pensar era em levá-la para segurança. Ela era mais importante do que testar algum novo poder inexplicável. Fazendo uma careta com a dor no ombro, ele a cutucou para trás na direção da parede de vidro.

Do outro lado, o policial de plantão tentava desesperadamente abrir a porta.

Vendo a cavalaria, o intruso apontou a arma de volta para Nathaniel – o propósito principal de estar aqui.

— Não! — Lilo gritou.

Nathaniel virou para Lilo.

— Encontre seu pa...

Bang!

Nathaniel ficou mole quando a bala atravessou seu peito. Lilo recuou para evitar ver a carnificina sangrenta.

Griffin se atrasara. Lento demais. Mais uma vez, outra vida perdida por sua negligência, sua recusa. Se tivesse abraçado essa nova habilidade em vez de fugir dela, talvez Nathaniel estaria vivo.

Ele se afastou da parede de vidro e atacou o impostor. Agonia gritou no ombro quando atingiu o homem no torso. Juntos, cambalearam pelo buraco na parede para a neve fria e molhada do lado de fora, cegados pela luz da manhã. Griffin virou para cair no lado bom, depois rolou e se recuperou para encarar o oponente. Os óculos escorregaram e afundaram em uma pilha de neve velha, derretendo devagar sob o sol.

— Quem é você? — Griffin rosnou, agachado e pronto para atacar.

O homem olhou para ele e depois virou para escapar.

Improvável.

Griffin ficou em pé e deu um soco no impostor, mas foi desviado com o antebraço, bloqueando o ataque de Griffin.

— Deveria ter deixado quieto — o atacante disse, a voz abafada pela máscara no rosto. — Só estou atrás dos gananciosos.

Desafio desabrochou em Griffin. Esse era o trabalho *dele*. De ninguém mais.

— Nem fodendo. — Griffin expandiu a consciência magnética e prendeu na arma do oponente. Deixou o poder banhar o metal, cobrir como um cobertor e depois puxou até soltar das mãos do impostor e voar para o pavimento ao lado deles.

Os dois chafurdaram na bagunça molhada para chegar até ela primeiro, mas Griffin continuou aumentando a polaridade para afastar a arma. Todas as vezes que o outro homem a pegava, a arma escapava dos seus dedos.

O atacante mudou de tática e chutou Griffin no peito, fazendo-o rodopiar para trás. Caiu com um baque no concreto, ficando sem fôlego. O sol cegou Griffin e, atordoado, não percebeu o perigo até a arma estar apontada para o seu rosto.

Por um segundo, o tempo parou.

Aí o vigilante falso endureceu e se contorceu com um som de zumbido. As costas do atacante arquearam e desabou no chão, se contorcendo de dor.

Atrás dele, Lilo estava parada como uma deusa guerreira, agulhão apertado nas duas mãos, vento açoitando o cabelo marrom manchado de ouro pelo sol.

As pessoas na rua pararam e encararam e a polícia até que enfim passara pela porta de vidro da cela, mas no tempo que demorou para Griffin ver se Lilo estava bem, o impostor de algum jeito conseguira levantar e fugir.

Deveria ir atrás dele.

— Ah, meu Deus, Griffin. Você está bem? — Soltou o agulhão e agachou para colocar a mão no ombro dele, bloqueando a sensação de ganância que sentia recuando com o criminoso. — Ainda está sangrando. Meu Deus. — Ela repetiu as palavras murmuradas depois virou na direção do buraco na parede. — Precisamos de uma ambulância!

Piscou, tonto com a perda de sangue, só com um pensamento: ela salvou a vida dele.

O que deveria a ela por isso?

CAPÍTULO 9

LILO LIKEKE

Quando Lilo foi para o hospital, ficou grata que Grace tinha tempo livre da residência cirúrgica para cuidar deles pessoalmente – apesar de não ter ajudado muito ao Griffin. Alegou que a bala pegou apenas de raspão, mas Lilo podia ter jurado que a mancha de sangue na camisa originara do meio do ombro, não da borda. Como era, Griffin deixou Grace examiná-lo em particular e depois foi para casa.

Lilo não podia acreditar. Levava um tiro. Quem ia para casa em vez de ficar no hospital depois de um ferimento a bala?

Quando Lilo enfim viu Grace, estava uma bagunça. Tanto havia acontecido na última hora que ela não sabia o que pensar. O pai, o primo... Griffin levando um tiro, e *depois* lutando... o que diabos dera nele para fazer isso? O impostor vestido como um dos Sete Mortais. Atirou em Nathaniel.

— Então — Grace disse, tirando Lilo do torpor. — Você está bem?

Grace ajudou Lilo a se sentar na beirada da cama e puxou os braços para examinar os arranhões.

Lilo olhou para a amiga e soltou um pouco da tensão nervosa.

Grace e Lilo se conheceram há dois anos atrás quando Lilo investigou a explosão que foi falsamente culpada nos Sete Mortais. Os pais de Grace morreram na tragédia, e Lilo recebera a tarefa de entrevistar alguns dos sobreviventes. Já que Grace foi uma das poucas a sobreviver aos destroços, foi a primeira parada de Lilo. Lilo se lembrava vividamente do dia que apareceu no hospital para se esgueirar, escondida dos médicos, até o quarto de Grace. Lilo entreouvira Grace implorando com a polícia.

Coisas estranhas aconteceram naquele dia e ninguém acreditou na Grace, mas Lilo acreditou. Por que a mulher mentiria a esse respeito? Passaram os dois anos seguintes tentando descobrir a verdade sobre a explosão, mas não encontraram nada.

Desistiram até alguns meses atrás quando Grace retomara a investigação em uma última tentativa de provar a identidade da responsável pela explosão para a seguradora. Parecia determinada em descobrir a verdade, mas aí, de repente, falou para Lilo não se

preocupar depois que a seguradora revisou a recusa de cobertura. Todas as vítimas e famílias de vítimas receberam indenização, então Grace deixou o resto em paz.

— Lilo? — Grace repetiu enquanto limpava o braço de Lilo e examinava os ferimentos leves.

— Desculpa, só estava pensando no dia que nos conhecemos.

Grace sorriu e colocou uma mecha de cabelo solta do rabo de cavalo atrás da orelha.

— Um dos melhores dias da minha vida. Tirando conhecer Evan.

Lilo sorriu com os olhos derretidos de Grace. Não a culpava. Evan era uma graça. Um pouco bagunceiro, mas a maioria dos artistas era, e para ser honesta, Grace também era super bagunceira. Era uma união perfeita.

— E como está isso? — Lilo perguntou. — Sinto como se não te visse há séculos. Está sempre trabalhando, ou com ele.

— Sim. Ele é demais, né? — Grace suspirou. — Mas... ah, ei. Deveríamos estar falando sobre você. Como é trabalhar com Griffin?

Lilo quase gritou.

— O que você quer dizer com isso?

— Bom, com ele fazendo a auditoria no seu trabalho. Obrigada mais uma vez pelo favor.

— Sem problema. Feliz em ajudar.

Grace esperou ansiosa pela resposta do resto da pergunta.

— Ah — Lilo mordeu o lábio. — Hm. Bom, acho. Quer dizer, tirando o que aconteceu hoje.

— Hmm. — Grace semicerrou os olhos para o braço de Lilo e tirou uma pedrinha com pinças.

— Ai.

— Desculpa. Quer falar sobre o que aconteceu? Era seu primo, né?

— Como soube?

— Griff me contou — Grace acrescentou.

— Griff?

— É assim que a família o chama.

— Hm. Acho que gosto mais de Griffin. Bem mais suntuoso e misterioso.

Grace soltou as pinças na bandeja metálica.

— Ah, meu Deus. Suntuoso e misterioso? Está a fim do irmão do meu namorado!

— Não tô não. — Um rubor subiu pelo pescoço de Lilo.

— Bom, por que não?

— O que quer dizer?

— Ele é bem melhor do que Donnie.

— E eu não sei.

— Então, qual o problema? Sei que ele pode ser um pouco

reservado e tenso, e talvez use muitas planilhas, mas é um homem impressionante. — Grace pegou uma garrafa de soro e começou a irrigar o ferimento da Lilo. — Muito inteligente, leal, confiável?

— Confiável? É como dizer que uma casa surrada tem “personalidade” em uma tentativa de vendê-la. Estou na sua, mocinha.

Grace riu.

— Não é. Também é assertivo... corajoso e, bom, é um bom homem.

Era corajoso. Entrou na frente de Lilo, sabendo muito bem que poderia levar um tiro. Também tentou salvar o primo dela, apesar do fato que não tinha nenhum motivo sensato. Nathaniel era um estranho, criminoso, e ainda assim, Griffin tentara ajudá-lo. Mas...

— É confiante demais. Tentei isso com Donnie, e olha o que ganhei.

— Você é mais forte do que pensa. Não vai deixar outra pessoa pisotear você como ele fez.

— Bom, Griffin não quer nada a ver comigo, então não importa.

Grace examinou Lilo por um longo tempo.

— Acho difícil de acreditar. É uma mulher inteligente e linda.

— Também arruinei o suéter de cashmere dele ao explodir chiclete por acidente no seu peito.

— Nah. Vai. Não pode ser tão ruim assim. Talvez tenha sido o chiclete de mirtilo. Ele é um pouco sensível a cheiros fortes.

Era um ponto interessante que Lilo arquivou para pensar mais tarde. Só mais uma pista no mistério que era Griffin Lázaro. E não sabia por que estava considerando resolver esse enigma porque ele não gostava dela. Então, pare, Lilo. Pare de babar.

— Ficou tão bravo que esmagou a caneca de metal — ela mencionou. Não tinha como discutir isso.

— Sério? Não soa como Griff. Ele está sempre no controle.

— Sim, a irmã Liza disse que precisa relaxar. — Lilo deu de ombros. — Bom, aconteceu. Que seja. Tenho mais problemas na minha vida do que correr atrás de um homem desses, mesmo que ele tenha um cheiro maravilhoso.

— Cheiro maravilhoso?

Lilo acenou para ela.

— Ah, não é nada. Só esse negócio estranho.

— Conta.

— Sempre. Não guardo segredos. Então, todas as vezes que estou perto dele tudo o que posso sentir é seu cheiro e é um perfume almiscarado com floresta e uma conexão direta com... quer saber? Esquece. Não precisa saber disso. — Lilo calou a boca. A última coisa que precisava era começar a babar no cheiro do Griffin quando sabia que nunca existiria nada entre eles, ainda mais já que ele fora tão

claro com as intenções.

Devia ser apenas um tipo de fascínio pós-traumático.

Um sorriso lento subiu por um lado do rosto de Grace.

— Odor corporal mágico. Certo. Já passei por isso.

— Esquece. É estúpido.

Grace deu de ombros, mas não conseguiu tirar o sorriso do rosto.

— Então, vai na grande inauguração do Hell?

— A balada nova ao lado do Heaven? Os donos não são a família Lázaro?

— Parker, acho, mas sim. E aí? — Grace balançou as sobrancelhas.

— Não é só com convite?

— Quer dizer que Griffin não te convidou?

— Não. Por que convidaria? Acabamos de nos conhecer.

— De fato, por quê? — Grace murmurou baixo como se soubesse um segredo que Lilo não sabia. — Você precisa vir. Talvez traga sua amiga polonesa, qual é o nome dela mesmo?

— Misha.

— É, isso. Pelo que disse da última vez, ela estava com problemas com a empresa do pai, e uma noite de folga pode fazer bem para ela também. Vocês podem ser minhas convidadas.

— Não sei...

— Ouvi dizer que a imprensa foi ignorada... poderia ser uma oportunidade de conseguir a história que ninguém mais tem!

— Está pendurando uma cenoura na minha frente. Sempre faz isso!

— Eu sei. Vai, quando foi a última vez que saímos juntas? É só uma noite.

— Quando é?

— Acho que é nesse final de semana. Tenho que ver o dia e horário exatos. — Grace segurou o fôlego e implorou para Lilo com olhos animados. — Vai. Tô com saudades.

— Tá, tudo bem. — Não era como se Lilo tivesse algo mais importante para fazer. Podia muito bem passar o tempo livre com a melhor amiga.

— Sim! — Grace deu um soquinho no ar e Lilo riu porque derrubou uma bandeja de instrumentos.

Era bom ver a amiga tão feliz, e Evan era grande parte disso. O pensamento fez a pontadinha no peito de Lilo crescer. Fazia um tempo desde que tivera alguém que a fizesse brilhar desse jeito. Ficar com Donnie a drenou. E antes dele, não havia ninguém na vida dela. Ninguém desde que deixou a família.

— Ei — Lilo disse. — Por acaso tem o telefone do Griffin?

Grace sorriu enquanto organizava a bandeja.

— Claro.

— Não olhe para mim desse jeito. Preciso falar com ele sobre o que

aconteceu na delegacia. Quero confirmar a história antes de ir para o escritório e escrever, e ele foi embora com tanta pressa. Também deveria conferir que esta bem. Ele está sozinho? Talvez precise de ajuda para se mover.

Grace parou e hesitou. Quando falou, abaixou a voz:

— Quando diz confirmar a história, está falando da pessoa que atirou no seu primo?

— Griffin te contou? O que ele disse?

— Disse que um impostor vestido em um traje dos Sete Mortais atacou e assassinou Nathaniel.

Lilo mordeu o lábio.

— Também não acho que foi um deles, e se mencionar o que vi na reportagem pro jornal, então poderia ser entendido errado. Estou dividida. Tenho que reportar a verdade. Você me conhece. Sou a primeira pessoa a gritar isso. Mas... é só um instinto me dizendo que é um vigilante falso. Não tenho prova. Não posso escrever sobre meus instintos, não é assim que funciona.

— Ei, está tudo bem. — Grace tocou no braço de Lilo e apertou de leve. — Vai dar tudo certo, não se preocupe.

Lilo sorriu, mas o turbilhão dentro de si se recusou a ceder.

— Não sei. Não tenho pistas. Nada.

— Nenhuma pista?

— Bom, o vigilante falso queria Nathaniel morto. — Lilo pausou e respirou fundo. Estivera evitando o assunto desde que chegou, mas se não pudesse falar disso com uma das melhores amigas, então com quemalaria? — Meu primo disse que meu pai foi sequestrado, e tem um pedido de resgate envolvido.

Grace sentou ao lado de Lilo na cama.

— Você está bem?

— Não sei.

Grace colocou o braço em volta dos ombros de Lilo. Não falou nada, só ofereceu conforto.

— Não sei o que fazer — Lilo admitiu.

— O que você pode fazer?

— Antes de morrer, Nathaniel disse que tinha o suficiente no cofre do meu pai para pagar o resgate e que sou a única codificada no trinco. Acho que preciso fazer isso.

— Deveria levar Griffin com você.

Lilo se afastou.

— Por que ele iria comigo?

— Lilo. Você se entrega demais para os outros, e nunca espera nada em troca. Tenho cem por cento de certeza que se perguntar, ele irá com você. Talvez até conte para Liza.

— Nada de polícia. Sabe como essas coisas são.

— E nunca dá certo.

— No que me diz respeito, se eu fizer isso, só quero entregar o dinheiro, pegar meu pai e voltar a ignorá-lo.

Grace tirou o telefone do bolso e começou a digitar.

— Estou pegando o telefone de Griff. Pronto. Enviado. Ligue para ele.

O telefone de Lilo apitou com a mensagem de Grace. Acabara de conhecer Griffin, mas saber que Grace confiava nele fazia Lilo sentir o mesmo. Ele a ajudara hoje em várias ocasiões. Sabia que segurar a mão dela na delegacia o deixou desconfortável, mas nunca a afastou. Ela gostou disso.

Talvez Grace estivesse certa, e pedir ajuda só dessa vez não seria muito ruim.

— Obrigada, Grace.

— E se Griff estiver sendo tapado, então Evan vai com você.

— Sério?

— Com certeza. É família para mim, Lilo. Ele te ajudaria num piscar de olhos.

Lágrimas arderam o fundo dos olhos de Lilo. Poderia demorar, mas sabia que se continuasse se cercando com pessoas que se importavam, construiria uma nova família para si.

CAPÍTULO 10

DONALD DOPPENGER

Donald Doppenger entrou no apartamento, tirou a jaqueta de couro do Ganância e chutou o sofá Chesterfield dez vezes.

— Estúpido, estúpido, estúpido!

Puxou a máscara do rosto. Depois, pensando bem, tirou da cabeça e jogou no outro lado da sala. Nem mesmo voou direito. Flutuou e balançou até cair mole no chão acarpetado. Mordeu o lábio até sangrar, depois pisoteou o lenço com as botas.

— Tome isso se... porra... não sei. Aaah! — Empurrou um abajur da mesa de centro. Quebrou no chão.

O sêrum que recebera ainda percorria suas veias, dando a ele energia excessiva e força. Precisava gastá-la, e sem nenhum outro lugar para isso, socou a parede até o punho sangrar, e o porta-retrato com o diploma da faculdade cair no chão, estilhaçando o vidro. Quando o punho não conseguiu suportar a parede dura da parede, socou as almofadas de couro no sofá até rasgarem, depois as jogou para cima.

Depois de terminar a destruição, sentou no Chesterfield e observou as plumas da almofada flutuarem no chão.

Suaves, suaves.

Sussurraram em um vento silencioso, sem nenhuma preocupação.

Rugiu para elas e socou as coxas.

Não era assim que deveria ter acontecido. Ele não dava a mínima por ter atirado naquele babaca do Lázaro, mas quase foi pego! Se não fosse pelo sêrum não teria se recuperado do choque que Lilo lhe deu a tempo de escapar.

Donald fez uma careta. Se Lilo soubesse que era ele, *nunca* o teria machucado. Não sua princesa.

Se tivessem permitido que fosse para a delegacia entrevistar a vítima sobrevivente assim como planejara – sozinho – então Lilo não teria estado lá, e aquele cuzão também não.

Havia muitas variáveis nesse cenário, e Donald estava farto. Estivera nadando em águas variáveis a vida inteira. Se tivesse escrito um artigo melhor, teria ganhado do Pulitzer no lugar do Michael

Prowler do Times. Se fosse um pouco mais firme com Lilo, ela não o teria deixado. Se tivesse nascido primeiro, no lugar do irmão Milo, o senador, teria sido tratado como um campeão. Em vez disso, Donald sempre viera em segundo lugar. Ser nomeado para o Pulitzer não era o suficiente perante os olhos dos pais... então Donald iria ganhá-lo, não importava o que custasse.

Ele queria.

Precisava.

Conseguiria, custe o que custar.

O poder estava se esvaindo das veias, e a sensação de ganância diminuindo. O sêrum durava só uma hora ou duas, e as pessoas de quem recebia só lhe dariam mais contanto que cumprisse seu lado do acordo – fazer o público odiar os Sete Mortais. Tudo bem por ele. Poderia usar a situação que orquestrou para escrever uma exclusiva sobre o que se passava de verdade na mente dos Sete. Apesar do apelido do público para eles, nunca foram mortais. Sempre preferiram prender criminosos com um lacinho antes de entregarem para as autoridades. Deixava Donald maluco. Tinham o poder de matar, então por que não? Por que não livrar a cidade dos pecadores?

A cidade estava lotada, fedendo e entregue ao caos. Com a população beirando os sete milhões, se livrar do lixo na sarjeta faria um favor a todos.

Há alguns meses atrás, Donald estivera bebendo no bar do Fitzgerald, afogando o desespero em um copo de uísque. Lilo o deixara. Depois do relacionamento de dois anos, não podia acreditar que sua princesa o deixou. Nunca fizera nada sem sua aprovação, mas aquela amiga dela... a médica. Tagarelara no ouvido da Lilo e a envenenara contra Donald. Aquela vaca virara sua namorada contra ele. Se Lilo estivesse em casa para fazer o jantar quando dissesse que estava, em vez de ficar por aí durante o ataque na Um, então nunca teriam brigado. Donald teria sido o jornalista a conseguir a história, e precisava mais do que ela.

Vigilante ou Super-herói, minha bunda.

Bom, ele conquistaria Lilo de volta. Não sobreviveria muito sem ele. Não quando ele comandara tudo na vida dela. Não ficaria satisfeita sem ele. Logo, voltaria se arrastando.

Logo, ele teria a história e a grana para bancar.

Aquela noite no bar foi quando a mulher de cabelo branco aparecera pela primeira vez na sua vida. Primeiro, pensou que todos os sonhos tivessem se realizado. Quem precisava de Lilo quando essa linda mulher estava prestes a lhe dar uma foda de consolação. Superaria a princesa. Daria a volta por cima e afogaria as mágoas.

Mas a moça o ofereceu outra coisa. Uma oportunidade.

Ela perguntara o que precisaria para dar esperança a ele outra vez,

e respondera *acabar com os Sete Mortais...* contanto que fosse o responsável pela reportagem.

Depois acrescentou: ter Lilo de volta.

E enquanto estava fantasiando, incluía fama e fortuna.

Por que não? Se estivesse sendo honesto, queria tudo.

Ela o levou para um armazém nos arredores da cidade. Ali ela colocou uma fantasia de couro todo branco, o oposto completo do que os Sete Mortais usavam. Usou uma máscara de pássaro na parte superior do rosto. Por um segundo, pensou que entrara em algum circuito fetichista clandestino, mas havia outros como ele presentes. Chamavam ela de Falcon pelas costas. Deixou claro que era uma executora para outra pessoa, alguém importante, e se algum deles estivesse com dúvidas, deveriam partir. Quando um homem deu um passo à frente para aceitar a oferta de partir, quebrou seu pescoço.

Ninguém disse uma palavra depois disso.

Foi nesse armazém, com os outros estranhos que recebera o sêrum.

O telefone tocou, trazendo-o de volta ao presente.

Donald levantou e chutou as coisas para longe até encontrar o celular sob a mesa de centro.

Atendeu.

— O quê?

Silêncio do outro lado. Conferiu a tela e reconheceu o número pré-pago associado a ela – Falcon. *Merda.*

— Completou sua missão? — uma voz vazia soou. Só de ouvir o tom o fazia hesitar. Não sabia como fora atraído por ela quando estava sem a fantasia. A mulher tinha uma voz como unhas em uma lousa.

— Sim — falou seco. — Matei a testemunha, mas não consegui a história. Quase não sobrevivi graças aquele babaca Lázaro. Preciso de mais sêrum.

Silêncio outra vez.

Durou tanto tempo que Donald pensou que talvez ela tivesse desligado, mas aí ela falou.

— Não temos obrigação de te dar nada.

— Se não der, confesso. Faço minha história premiada sobre você no lugar dos vigilantes.

— Acabou de nos ameaçar, Sr. Doppenger?

Ele mordeu o lábio.

— Farei qualquer coisa que quiser, só me dê o sêrum. Dessa vez, vou garantir que as pessoas certas me vejam.

Como aconteceu, apenas Lilo e Griffin viram Donald matar aquele homem na cela. Precisava de testemunhas públicas do crime de fato, não apenas ele como Ganância fugindo da explosão. Precisava ser grande o suficiente, sem sentido o suficiente, para que a cidade se virasse contra os heróis. Quase fora bem-sucedido há dois anos atrás

quando escreveu a história sobre os Sete Mortais destruindo o prédio que matou todas aquelas pessoas. Não viu um pio dos vigilantes durante anos depois disso. A cidade perdera a fé neles, e eles perderam a fé em si próprios. Ele fez tudo isso sem a ajuda da mocinha Falcon e seus benfeitores. Podia fazer outra vez.

— Sr. Doppenger? Ainda está aí?

Donald ficou atento.

— Desculpa, não ouvi.

— Perguntei sobre o Lázaro que mencionou estar lá. Elabore.

— Ele é irrelevante. Um analista de dados ou algo do tipo. Mas por causa dele, não recebi a história, e outra pessoa sim. Apareceu para acompanhar minha princesa, depois o babaca decidiu brigar comigo. A arma que me deu estava com defeito. Mirei na cabeça, mas atirei no ombro e ele se safou.

Pediria reembolso, só que ele não pagou nada pelo sêrum. Estranhamente, deram de graça.

— Nossas armas nunca falham. Sua in experiência deve ser a causa.

— Acho que não. Passei a maior parte da minha adolescência caçando na floresta com meu pai e irmão. Sei como usar uma arma. Sei como mirar.

— Interessante.

Que porra? Donald queria perguntar, mas sabia que não devia bisbilhotar com Falcon.

O sêrum deveria fazê-lo mais forte, se curar mais rápido e pressentir o pecado da ganância nos piores pecadores. Ela disse que forneceria um traje igual ao que o vigilante Ganância usava, e depois ficaria livre para fazer o que quisesse. Matar quem quisesse, quando quisesse. A noite que Donald pegou os pecadores roubando a joalheria foi a primeira noite que testara o sêrum. Funcionou certinho. Ele se sentiu invencível enquanto rondava as ruas da cidade seguindo aquele radar de devastar o âmago até um crime. Não esperava o outro membro dos Sete Mortais ali, e teria atirado nele também, mas aí as sirenes o afastaram. O plano só daria certo se não estivesse em uma cela para escrever a história.

— Tem certeza que o feriu mortalmente? — Falcon disse.

— Sim. Com certeza.

— E outra mulher estava lá.

— Sim. — Músculos pulsaram na mandíbula de Donald. Não gostava de falar sobre Lilo com essa mulher sem emoção. Queria Lilo só para ele.

— Quero um relatório completo no meu e-mail até a manhã. Vai ter seu sêrum, Sr. Doppenger. Vai ter o tanto quiser, ainda mais se puder capturar uma amostra de sangue do homem Lázaro que mencionou estar na delegacia. Tente ser discreto.

CAPÍTULO 11

GRIFFIN LÁZARO

Griffin entrou com tudo na parte de treino no quartel general no porão da Casa Lázaro. Precisava relaxar e bater em um objeto inanimado era a opção mais segura por ao menos três motivos que podia pensar: não podia bater de volta, não importava se destruísse e não tinha sentimentos. Perfeito para a agressão que estava prestes a soltar.

Tirando o blazer ensanguentado e camisa do trabalho, dobrou a esquina para a academia e parou de supetão. A mãe estava treinando no homem de madeira. Por que o chamavam assim ele não sabia. Não parecia nada com um homem. Só um tronco com troncos menores saindo dele. Mais parecido com uma árvore. Ela bateu em cada galho várias e várias vezes em um padrão bem treinado. Soco, pancada, tapa, bloqueio, chute, joelhada. E de novo até os movimentos borrarem.

Além de treinar ao redor do mundo, Griffin e os irmãos também foram ensinados habilidades de combate mortais pela Mary. A única coisa que ela instilou foi repetição.

De novo. De novo. De novo. O som da sua voz ecoou da memória dele.

Repasaram os treinos até os cérebros derreterem e se tornar instinto para os corpos. Assim, quando um ataque pegasse suas mentes de surpresa, ou suas emoções levassem a melhor deles, poderiam confiar na memória dos músculos.

Era o que precisava agora. Derreter.

Mary notou a entrada de Griffin. Suor grudava o cabelo escuro em volta do rosto dela, e o resto estava preso na nuca em uma trança baixa. Usava roupa de ioga preta e parecia bem em forma para uma mulher da sua idade.

— Griffin — falou, parando. — O que aconteceu com seu ombro?

Ele olhou para o ferimento vermelho, cruento e inchado, já fechando.

— Levei um tiro.

— Óbvio.

Ela sabia qual era a aparência de um ferimento a bala tanto quanto ele. Até tinha os pontos que Grace colocara ali.

Mary encarou. Era como se estivesse reunindo paciência. Sempre tinha essa expressão perto dele. Sabia que era difícil se comunicar com ele comparado com os outros, mas nunca perdia a paciência.

— Como levou um tiro? — ela perguntou.

Ele se moveu na direção do homem de madeira – árvore. Árvore de madeira. Árvore cortada. Árvore derrubada. Alguma coisa. Tirou os óculos e os colocou sobre a pilha de roupas dobradas.

— Se terminou — ele disse. — Preciso bater em alguma coisa.

Mary se afastou.

— Fique à vontade.

Para evitar irritar o ombro, Griffin começou devagar, mas com Mary observando, ficou irritado rápido e forçou demais.

— Está abaixando o cotovelo esquerdo.

— É porque levei um tiro.

— Hora perfeita para treinar.

Estava sendo sarcástica? Não queria perguntar. Em vez disso, ergueu o cotovelo esquerdo, conteve a careta da pontada de dor e bateu em outro galho.

Depois de alguns minutos de silêncio, Mary falou.

— Vai me dizer o que te deixou virado no jiraya?

— Por virado no jiraya, está se referindo ao meu humor.

— Naturalmente. O que está te incomodando?

— Nada. — Soco. Joelho. Soco. Joelho.

Logo, suor escorreu pelo torso nu de Griffin e encharcou o cós da calça. Os pulmões ardiam. O ombro gritava. Mas era bom. Sentia alguma coisa. Sentia estar no controle.

— Griffin.

— Mary. — Socou um braço de madeira e estilhaçou, caindo no chão de borracha com um baque.

Maldição.

— Não é nada. Griffin, olha para mim. — Mary tentou virar o rosto dele com um toque leve na mandíbula, mas a sensação o fez recuar.

— Não! — ele ralhou. Toque indesejado ainda o deixava arisco.

Ninguém falava não para Mary, então com um toque mais forçado, mostrou a tatuagem no pulso. Costumava ser o jeito que podia dizer se os filhos estavam mentindo para ela, mas com Griffin, a dele sempre estava equilibrada.

Deixou que ela olhasse. A pressão era firme, diferente do toque leve como uma pluma que usara no rosto. Ele podia lidar com firme.

Ela rosnou com frustração.

— Fale comigo.

Griffin não precisava da simpatia, da pena, ou da ajuda dela.

Deixou-o sozinho naquele treinamento brutal de sete anos. Cada um dos irmãos passou por isso num intervalo de um ano. Odiara. Fora espancado, torturado e punido implacavelmente com noites intermináveis de treinamento físico. No final, também se tornou algo que nenhum dos irmãos era – um assassino de sangue frio. Esse controle era o único jeito que impedia que isso acontecesse outra vez. Não graças a ela.

— Griffin — Mary disse. — Está me ouvindo?

Mas ele não estava. A mente dele já estava no passado, quando acordara de uma névoa preta para encontrar cadáveres em volta de si. No cenário desconhecido coberto de partes vermelhas evisceradas. E nem mesmo se lembrava de fazer isso. Como poderia ser o parceiro de Lilo, menos ainda ficar ao lado dela com aquele tipo de monstro dentro de si?

Bem na hora, com o pensamento de Lilo, objetos de metal em volta da sala começaram a tremer. Os halteres. Os pesos. As máquinas. Era como se um terremoto de gravidade zero tivesse atingido, ou um trem de carga passasse por perto. Cada item de metal se ergueu a alguns centímetros do chão. Tremeram e balançaram.

— Griff? — Mary arquejou, olhos se movendo nervosa.

— Não tem nada pra falar. — Griffin mordeu a língua e se forçou a acalmar. Imaginou a água quente correndo sobre o corpo. Imaginou estar sozinho no chuveiro, em paz. O ar nos pulmões ficou mais lento no caminho e o pulso se equilibrou. Os objetos de metal abaixaram no chão e pararam, o tremor se tornando apenas uma memória.

Ótimo. Viu? Podia se controlar muito bem quando tirava Lilo da mente. Estava no controle, e não precisava de ajuda.

Mary arquejou, olhando pela sala para os objetos de metal em desordem, agora espalhados ao acaso.

— Está mentindo para si se acredita nisso.

Chega do homem de madeira. Cardio em seguida.

Griffin foi para a esteira do lado mais distante da academia. Antes de subir, moveu a máquina torta de volta para a posição endireitada e depois apertou o botão do programa para o treino mais exigente.

Quanto mais se esforçasse, mais fácil seria processar os eventos do dia. O novo emprego. O Ganância falso. Dever para Lilo. Lilo. Por que ele ficava voltando para ela? O cheiro o chiclete dela queimara suas narinas.

Começou a correr, mas, rapidinho, a calça de corrida estava encharcada com suor e grudada nele. Fingiu não ligar, que estava no controle, mas a textura do tecido mudara. O que era macio, agora era pegajoso e pesado. Teimoso, continuou correndo até não aguentar mais, rugiu com frustração e parou, tirando as calças até sentar no chão da academia nas cuecas boxer.

— Satisfeito agora? — A voz distante de Mary não tinha presunção, apenas paciência.

E isso o deixou mais irritado. As emoções ameaçaram assoberbá-lo, mas ele forçou a postura externa a se acalmar.

— Nem perto.

Tentou levantar, mas oscilou e voltou a sentar. Só um minuto, era tudo o que precisava e ficaria bem. Apoiou os cotovelos nos joelhos e fez uma careta com a pontada no ombro. Depois de colocar a cabeça nos antebraços, respirou devagar pela fenda e encarou o chão. Era uma técnica que Mary mostrara para ele quando era mais novo para ajudar a bloquear o estímulo externo e focar na recuperação.

— Conheceu alguém. — Foi uma afirmação, não uma pergunta.

A única resposta de Griffin foi que não precisava de ninguém.

Mary estalou a língua.

— Você, de todas as pessoas, precisa de alguém.

— Você, de todas as pessoas, não tem direito de dizer isso. — Ele se arrependeu das palavras no instante que saíram da sua boca. Fizera muito disso ultimamente.

— Por que diria isso?

— Porque nos obrigou a te deixar para treinarmos com estranhos.

— Porque ele estivera longe da proteção dela e fora torturado. Matara.

— O que sabe sobre precisar de alguém?

Que tipo de mãe mandava os filhos para longe?

Os passos silenciosos de Mary atravessaram a sala até Griffin ver os pés descalços na sua frente. Ela agachou e esperou. Respirou fundo, trêmulo. Quando Griffin ergueu o olhar, encontrou olhos brilhando com lágrimas não derramadas.

— Griffin, fiz o melhor que pude para te preparar para o que tem que encarar agora. O futuro que prevê há anos atrás está começando a chegar, e só vimos o começo. Não podia treinar sete adolescentes poderosos sozinho. Precisava de ajuda.

— Às vezes a ajuda fazia um trabalho terrível.

— Desculpa. — Ela tentou colocar a mão no braço dele, mas a impediu com uma carranca.

Sabia que estava sendo irracional, empurrando os problemas nela porque era um alvo fácil. Era injusto, mas não podia parar. A alternativa era olhar para si.

Um homem pigarreou.

Griffin desviou a carranca para a porta onde Flint estava parado, as mãos nos quadris. Flint era um homem alto, perto dos sessenta, que se mantinha em forma e magro. Usava uma camisa de flanela, botões abertos para revelar a camiseta branca manchada com graxa preta. O boné na cabeça também estava manchado e virado para trás.

Talvez não devesse usar cores claras com seu trabalho.

— Acho que está na hora de termos uma conversinha, filho. Vem no meu escritório.

Flint deu um olhar para a esposa que Griffin não conseguiu decifrar.

Mary recuou e se empertigou.

— Só tenho uma coisa para dizer a você, Griffin.

Ficou tenso.

— Pode pensar que pode ignorar encontrar sua parceira, mas não pode ignorar essa nova habilidade. Precisa treinar antes que machuque alguém. Espero vê-lo aqui no traje de combate completo em uma hora e depois pronto pra sair nas ruas ao pôr do sol. Vou encontrar alguém para cuidar do ponto para você. Talvez Evan possa se juntar a você na patrulha. Pode me chamar de louca, mas eletricidade e magnetismo andam de mãos dadas.

Ela saiu.

Griffin balançou a cabeça. Para o quê, não sabia. Talvez para si, porque gostava que Mary não era alguém para se enrolar. Gostava que ela o mantinha na linha. Para ser honesto, era um alívio.

Algumas coisas nunca mudavam.

Levantou, encontrou uma toalha para enrolar na cintura e depois seguiu Flint para fora da sala.

Para chegar na oficina, Griffin precisava passar pela sala de operações. Era um lugar cheio de telas nas paredes monitorando câmeras de segurança e filmagens jornalísticas pela cidade. No meio da sala estava uma mesa de estratégias coberta com mapas e computadores. Os armários de vidro cobrindo outra parede estavam vazios tirando os manequins nus, esperando para serem cobertos pelo novo traje de combate no qual Parker trabalhava. Griffin estava ansioso pela conclusão do protótipo.

Quando entrou na oficina, encontrou Flint já na mesa reorganizando as ferramentas em volta de uma esfera de metal aberta para expor algo que parecia uma pequena câmara de gás.

Griffin quase perguntou sobre o projeto, mas Flint falou.

— Ouí o que aconteceu na patrulha ontem à noite — Flint disse. — Deixou seu irmão porque ficar teria tirado seu equilíbrio. Ele poderia ter se machucado.

— Ele sobreviveu.

— Não é esse o ponto, e você sabe. Seus problemas de controle estão afetando sua eficácia e confiabilidade em campo. Está na hora de fazer algo a respeito. Deveria falar conosco sobre o que aconteceu durante seu treinamento.

Problemas de controle evitavam que matasse todas as pessoas que amava, e mais um pouco... mas talvez Flint tivesse um pouquinho de razão. As bugigangas roubadas no apartamento estavam saindo do

controle. O protocolo que criara para se manter em equilíbrio não era mais o melhor.

— Entreouvi o que sua mãe disse sobre as novas habilidades. Conheceu alguém.

— Não sei como isso é relevante para os meus... hábitos.

— Viu como Evan e Grace são juntos. É natural. É bom. E Evan não precisa se preocupar com interromper a patrulha quando está lutando contra o crime porque está preocupado que perderá o equilíbrio.

— Não gosto de depender de outra pessoa para retomar meu equilíbrio. É incerto.

— A vida é incerta.

— Sei disso — Griffin rosnou.

— Então, o que é? O que está te incomodando? — Flint mexeu em uma caixa mecânica sobre a mesa, abriu e depois reorganizou as ferramentas de metal dentro. — É... você, quero dizer... — Flint pigarreou. — Não está nervoso de ficar com uma mulher, está?

O que diabos aquilo queria dizer? Claro que Griffin não estava nervoso de ficar com uma mulher. Estava perto delas o tempo todo.

Ah.

— Já me envolvi sexualmente com mulheres antes, Flint. Não sou um adolescente.

— Certo. Ótimo. — Pigarreou outra vez e evitou o olhar de Griffin.

— Porque, sabe, estou aqui se precisar conversar. Sobre qualquer coisa. Coisas de garota, sabe. Quero dizer, tive sua idade um dia.

Griffin conteve um sorriso.

— Eu sei.

— Na verdade, conheci Mary perto da sua idade. Trabalhávamos no mesmo lugar, como sabe. — O olhar de Flint ficou sonhador. — Ela amava quando fazia café pra ela. Eu aparecia na sala de descanso e passávamos nossos dez minutos juntos.

— Café — Griffin ponderou.

— Sim. Simples assim. Eu me fazia presente todos os dias, como um relóginho. Demorou um pouco para cair nas graças dela, mas depois disso, soube que não tinha volta. Tem alguma coisa nessa mulher que é sua parceira que não é bem certo para você? Grace era perfeita para Evan, mas não temos nenhuma compreensão se todos terão uma parceira de idade similar e atraídas física e emocionalmente.

Uma imagem do rosto adorável de Lilo apareceu na mente de Griffin — foi a imagem que capturara dela sentada no carro, o sol criando um halo suave em volta da cabeça dela.

— Lilo está acima das expectativas físicas, é esteticamente atraente e de idade similar. Também diria que a personalidade é aceitável.

Talvez um pouco faladeira, e gosta de toques, mas pode se esperar isso de uma pessoa generosa. — Ele pensou nisso por mais um segundo. — Mastigou chiclete. Não gostei disso. Tinha cheiro forte.

— Nenhuma dessas coisas parecem ser impeditivas. Então, o que te impede?

— Já falei. Não gosto de depender de algo sobre o qual sabemos pouco. Esse negócio de parceiros é imprevisível e novo para todos nós.

Pelo menos com seu protocolo, tinha implicações precisas para cada ação que fizesse contra a resposta na tatuagem indicativa. Roubar uma peça de joia, o indicador movia para o escuro. Fazer algo altruísta, movia para o claro. Lilo salvara a vida dele, mas ele a protegera com o corpo durante a explosão. Isso era o suficiente para equalizar a dívida deles um com o outro?

Griffin olhou para a tatuagem, ainda partes iguais de preto e branco, e isso o preocupava. Fazia horas desde que estivera com Lilo. Se fosse qualquer outra pessoa que tivesse salvado sua vida, a tatuagem poderia ter pendido para o lado escuro – o lado egoísta. Ainda mais se o indicador acreditasse que ele *deixou* Lilo salvar sua vida por motivos egoístas. De acordo com seu protocolo atual para manter o equilíbrio, isso significaria que Griffin precisaria fazer algo igualmente altruísta para colocá-lo de volta no meio, mas com a tatuagem no estado atual, não tinha evidência para sugerir que estava fora de equilíbrio.

Incerto.

O protocolo inteiro que construíra ao longo dos incontáveis anos seria nulo e inútil se não pudesse mais fazer leituras precisas da tatuagem.

Sem compreender a nova situação, ele se sentia como se esperasse uma bomba explodir. De repente penderia para o lado sombrio quando menos esperasse? Ou a proximidade dela resetava seu equilíbrio interno? Como se começasse do zero? Quanto da sua vida seria controlada pela necessidade de estar perto dela? E por outro lado, quantos dos sentimentos dela seriam controlados pelos feromônios que soltava? Os dois estariam vivendo suas vidas de acordo com uma série de regras específicas que outra pessoa escrevera.

— Posso fazer uma sugestão? — Flint perguntou. — Faça o que faz de melhor. Colete evidências e tome uma decisão embasada antes de descartar essa mulher. Enquanto isso, seja legal com ela. Não quer que ela o dispense antes de ter chance de conhecer seu eu verdadeiro. Mudança é boa, Griff.

Mas não era fácil.

— Vou pensar nisso — Griffin falou. — Tenho que ir. Mary vai me esperar em breve.

— Quando estiver com ela, peça desculpas. Seu comportamento foi desnecessário.

— Concordo.

— Bom papo. — Flint deu um tapa firme no ombro de Griffin e depois soltou. — Te vejo no jantar amanhã a noite.

CAPÍTULO 12

LILO LIKEKE

Quando Lilo voltou para o Cardinal Copy, sentou à mesa, encarando o vazio, tentando decidir se confiava o suficiente em Griffin para mandar a mensagem chafurdando em sua mente. Tentou salvar seu primo. *Tenho que ajudá-lo*, ele dissera. Não, *Pegá-lo*, ou *FUJA!* O primeiro instinto dele fora salvar o criminoso. Qualquer homem que agisse de forma tão altruísta devia ser bom. Com a determinação firme, digitou no telefone.

Precisamos conversar.

Ele não respondeu. Devia ser porque não fazia ideia de quem ela era.

É Lilo, a propósito, acrescentou. Lilo Likeke.

Ainda sem resposta. Talvez estivesse surtando porque Grace passou o número para ela.

Grace me deu seu número. Espero que não tenha problema.

Griffin?

Lilo tamborilou na tela do telefone, esperando. Talvez estivesse ocupado. Talvez pudesse só ligar, mas estava no trabalho com uma centena de olhos curiosos. E mais, se não começasse a trabalhar na história logo, Fred começaria a se preocupar. Fred viria até ela e conversaria. Aí Lilo tagarelaria algo que não deveria.

Ligou o computador e imediatamente se distraiu pedindo o presente de aniversário da antiga governanta. Escolheu um colar que vira na seção de moda que Candy recomendara. Renata sempre fora gentil com Lilo quando crescia. Porque Renata era pobre, Lilo nunca se preocupou que o afeto era pago. Não precisava ser gentil com a princesinha mimada Lilo, mas era. E agora que Lilo vira a verdade por trás do dinheiro da família, sempre fazia o que podia para que Renata soubesse que estava pensando nela.

Ótimo. Pago. Entrega expressa para que chegasse hoje. Deus,

amava entrega no mesmo dia. Ajudava todas as vezes que esquecia do aniversário de alguém.

Quando terminou, Lilo conferiu o telefone. Ainda sem resposta de Griffin. Ele deixou o hospital com tanta pressa. E se estivesse sentado em casa sangrando e fosse por isso que não podia responder? Tentou mandar mensagem outra vez.

Griffin?

Oi?

Bem na hora que Lilo estava prestes a encontrar um almoxarifado de onde pudesse ligar para ele em particular, o telefone enfim soou.

Oi.

Graças a Deus! Estava ficando preocupada que estava sentado em uma poça do próprio sangue. Precisamos conversar sobre o que aconteceu hoje.

Nenhuma poça.

Deveria ligar para você?

Não! Estou no trabalho e tem pessoas demais ouvindo.

Ele não respondeu. Homem insuportável. Por que homens gostavam de usar frases simples quando mandavam mensagem? Mataria fornecer um pouquinho mais de informação? Lilo continuou mandando mensagem.

Estou escrevendo a reportagem sobre esta manhã.

Estou dizendo que aconteceu tão rápido que não consegui dar uma boa olhada no criminoso.

Tudo bem.

Não estou pronta para culpar os Sete Mortais até conseguir mais informações. Desculpa se isso te ofende, mas preciso de fatos antes de publicar uma história que poderia condená-los.

Que tipo de informação?

Lilo respirou fundo. Se tivesse uma hora de contar para ele sobre suas intenções de ajudar o pai, era agora. Poderia pedir para vir com ela como Grace sugeriu. Mas não conseguiu se levar a pedir.

O tipo que envolve compreender por que um membro dos Sete Mortais de repente recorreria a assassinato a sangue frio quando nunca fizeram isso antes. Vou sair e investigar. Coisa comum de jornalista.

A mensagem de Griffin voltou quase na hora.

Esta noite?

Assim que terminar minha matéria.

Estarei aí em quinze minutos. Espere por mim.

Lilo sentiu um friozinho na barriga. Ele estava vindo.

Estava vindo para observar o processo dela, ou era outra coisa? Sabia que ter alguém na retaguarda era o que queria, mas de repente ficou nervosa.

Levou um tiro. Deveria descansar.

Griffin?

Isso significa que estamos de acordo sobre esta manhã?

...

Oi?

Mas nenhuma outra mensagem entrou. Depois de um tempo, parou de tentar. Achava que não era o tipo de cara que mandava mensagens.

Para se distrair do fato que estava desenvolvendo uma paixão séria nesse cara, virou para o computador e começou a digitar a matéria. Foi a matéria mais difícil que escreveu porque, pela primeira vez, não estava sendo honesta e isso doía. Aquele friozinho na barriga rodopiou e revirou. De um lado, a verdade foi o motivo que ela entrou para o jornalismo, mas por outro, ser honesta tinha o potencial de machucar mais pessoas. Também poderia macular a reputação dos Sete Mortais se ela estivesse errada, e a última vez que tiveram uma história incorreta publicada sobre eles, desapareceram durante alguns anos. Não era como se tivessem pirado; era só que sabiam que cidade perdera a fé neles. Por que lutar por uma cidade quando não eram desejados? Lilo não os culpava. Mas agora que até que enfim estavam de volta, salvando a cidade da autodestruição, e ela tinha o poder de ajudar, ou atrapalhar.

Mas nunca mentiria em uma história.

Isso não era mentir, disse a si mesma com firmeza. Era omitir a verdade porque poderia ser difamatório e deturpado. Era o outro lado do jornalismo, saber que suas palavras poderiam ser lidas de forma errada ou reinterpretadas como outra coisa. No final, Lilo só deixou de fora a suposta identidade do atacante, e a conversa particular com o primo. A cidade não precisava saber que o pai fora sequestrado, e não precisavam saber que o atacante parecia com Ganância. Ainda não, ao menos. Mandou a matéria para Fred aprovar.

Não era a melhor, mas era o que tinha.

Alguns minutos depois, Fred ligou no ramal querendo falar com ela no escritório. Quando chegou lá, ficou surpresa de ver Donnie sentado na outra cadeira livre na frente da mesa de Fred.

— Entre, Lilo — Fred disse e apontou para a outra cadeira vaga. — Feche a porta atrás de si. Sente-se.

A sala cheirava a fumaça de charuto e Lilo sabia que os dois compartilharam um antes que ela entrasse. Apesar de ser o século vinte e um, ainda era o clube do bolinha de vários jeitos, e o pensamento que ela não foi convidada para a reuniãozinha deles a eriçou. Que se danem. Era ruim o suficiente que os homens na empresa recebessem mais, mas aqui estavam falando dela pelas costas.

O tom nada impressionado de Fred incomodou Lilo. Se era sobre o artigo, por que Donnie estava ali? E por que os olhos dele estavam rastreando Lilo enquanto entrava na sala e se sentava?

— Algum problema, Fred? — Lilo perguntou, enlaçando os dedos e colocando as mãos no colo.

Pela aparência dele, já tivera um dia difícil. O cabelo branco estava bagunçado. Óculos redondos estavam tortos no nariz.

— Bom, Lilo. — Os olhos de Fred foram para a tela do computador e depois para Donnie. — Enquanto aprecio que tenha voltado para o escritório depois da comoção desta manhã, acho que talvez esteja deixando alguns fatos de fora da sua história.

Os músculos de Lilo ficaram tensos.

— O quê?

— Ah, não se finja de boba, princesa — Donnie disse. — Não somos escritores de ficção aqui. Somos jornalistas.

Ela ficou embaçada. A reação instantânea foi de se encolher e virar. Toda vez que Donnie usou esse tom com ela no passado, foi uma garota-sim ambulante. Mas... depois da manhã que tivera, não estava se sentindo muito aquiescente. Salvava sozinha a vida do Griffin. Ela! O agulhão nas costas do impostor funcionara. A adrenalina podia ter acabado, mas os efeitos colaterais do esforço monumental não. Griffin estivera certo. Não deveria mais aceitar as baboseiras do Donnie.

Em vez de falar algo estúpido, deixou que o empoderamento fervilhasse por dentro e que um ódio lento exalasse dos seus olhos. Imaginou-os atirando lasers no rosto dele. *Pew pew. Pew pew.*

Quanto maior a distância do final do relacionamento, mais percebia sua toxicidade, e como foi um brinquedo, ou uma boneca para ele cutucar. Bom, não entraria no jogo dele. Não mais.

Pew pew.

— Lilo? — Fred incitou.

Certo. Virou para ele.

— Ainda não sei o que quer dizer.

Enquanto a aparência externa estava em guerra, a mente vasculhava os eventos na delegacia. Tirando Griffin, a única outra pessoa que viu o atacante de perto foi Nathaniel, e estava morto. Ela supôs que se tivessem câmeras e Donnie de algum jeito recebeu a filmagem, ele poderia ter visto. Mas a polícia não tinha hábito de entregar essa informação para um jornalista. Não até que estivesse

oficialmente pronta para ir a público.

— Compreendo que possa estar em choque com o que aconteceu, e talvez precise ficar algum tempo em casa — Fred continuou, a voz suavizando.

— Acha que inventei o que aconteceu? — Pensavam que ela era uma mulher histérica?

Donnie bufou baixinho.

— Achamos que está omitindo alguns fatos da história. Tipo, por exemplo, ah, não sei, o fato que a pessoa atacando era um dos Sete Mortais.

Como diabos ele saberia? Tensão nervosa formigou pelo corpo dela.

Donnie acrescentou:

— Testemunhas viram ele escapar do local.

— Bom, só posso reportar a verdade, e tudo o que lembro é de uma pessoa de preto usando um capuz. Poderia ser qualquer um. Pergunte para a Griffin se não acredita em mim. — Dizer as palavras foi como virar uma faca no coração dela.

Fred franziu o cenho.

— Como ele está, aliás?

— Relaxa Fred. Não vai processar. — Donnie revirou os olhos.

Lilo queria estrangulá-lo. Qual era o problema de perguntar como alguém estava, para variar? Talvez Fred só estivesse preocupado com o novo empregado.

— Está bem. Foi muito corajoso e me protegeu. — Dizer as palavras fez a ficha cair. Por um segundo, Lilo perdeu todo o sentido dos arredores e foi levada de volta ao ataque. Estivera aterrorizada, mas Griffin segurara sua mão. Pulara na frente dela e quando tivera uma arma apontada na sua cara, não fugira. Avançara. Griffin se colocara em perigo para ou impedir o criminoso ou salvar Lilo. Talvez os dois.

Os olhos dela fuzilaram o corpo abominável de Donnie. Quando foi a última vez que fizera algo altruísta?

— Tolo — Donnie murmurou. — Agora olha só. Deveria ter ficado de fora disso.

Que babaca. Lilo já sabia que não tinha um osso nobre no corpo, mas ir além e rebaixar outro homem por ser corajoso? Lilo queria dizer para ele que Griffin era duas vezes o homem que ele era, mas ficou calada. Não. Quer saber?

— Griffin tentou impedir o homem, Donnie. Se não tivesse, quem sabe o que poderia ter acontecido, ou quantas outras pessoas morreriam. Poderia ter sido eu a próxima. Eu poderia estar morta. — Sua princesinha, queria acrescentar. A que alega querer de volta.

— Em vez disso, ele quase morreu. Não parece muito inteligente

para mim.

— Não, não parece, né, Donnie?

— Certo, então — Fred disse. — Então, talvez acrescente os detalhes sobre as testemunhas na sua história, e aí terminamos, Lilo.

— Sem problema. Se puder me dar os nomes das testemunhas, ficaria feliz de checar os fatos com elas.

— Isso vai demorar demais, e você sabe — Donnie discutiu. — Outro jornal já vai ter publicado a história.

— Desculpa, não sei por que você está aqui, Donnie. — Ela chegou no limite. — Estava lá? A história era sua?

Virou de volta para Fred, que suspirou e acenou para Donnie.

— Donnie, tem a informação das testemunhas?

— Não, se recusaram a fornecer o contato.

— Você estava lá? — Lilo não podia acreditar. Ele a seguira. — Não confiou em mim para que investigasse a história, Donnie? E você, Fred. Permitiu esse desperdício descarado de recursos?

Que se dane Donnie e sua intromissão.

Para variar, Fred fez alguma coisa.

— Não, não permiti. Lilo está correta, Donald. Não deveria estar nem perto da delegacia a não ser que envolvesse a história que recebeu. Não é um freelancer. É um empregado CLT do jornal, o que significa que suas horas precisam ser justificadas. E se não tem a informação das testemunhas para Lilo confirmar, então, infelizmente, não vamos publicar. Você sabe disso. Não somos escritores de ficção aqui. Somos jornalistas.

Ha! Lilo abriu uma carranca para Donnie. *Pew pew.*

Ele levantou.

— Tudo bem. Se quer publicar notícias falsas, é sua escolha.

E aí ele foi embora.

Lilo relaxou de volta na cadeira, todo empoderamento desaparecido, as mãos tremendo do confronto. O que diabos estava enfiado na bunda do Donnie?

Fred consertou os óculos e virou para o computador.

— Obrigado, Lilo. Vou revisar a matéria e podemos subir. Agora, a respeito de trabalhar com Sr. Lázaro, deu tudo certo? Tirando o negócio do tiroteio, claro.

— Sim. Tudo bem.

— Ótimo. — Removeu os óculos outra vez e olhou para Lilo. — Você tem certeza que está bem?

Assentiu.

— Bom, apenas lembre, às vezes essas coisas voltam inesperadas mais tarde. Se precisar de uma folga, compreenderia.

— Acho que se o Sr. Lázaro pode vir trabalhar depois de levar um tiro, então posso continuar trabalhando.

— Ele está vindo? — Fred empalideceu. — Não pode. Seremos processados. Precisa tirar o tempo correto para se recuperar. Os advogados já estão fungando no nosso cangote.

— Se serve de consolo, ele insistiu que a bala passou de raspão.

— Ainda assim. Tem o fator da saúde mental. Você também deveria tirar uma folga. — Fred esfregou a ponte do nariz. — No primeiro dia de trabalho, ele leva um tiro. Nada bom.

— Estou bem, Fred. Mesmo. Tenho bolas de aço.

— São sempre os colhões, né?

Ela sorriu. Se não a vissem como igual aos homens, ela só precisava falar em uma linguagem que compreendiam, e ele estava certo. Eram sempre os colhões, e ela estava aprendendo rápido que os dela eram grandes. Tudo o que precisava fazer era lembrar disso perto do Donnie.

Lilo se moveu na cadeira, em silêncio, esperando ser dispensada. Quando Fred não ergueu a cabeça, perguntou:

— Posso ir?

Um aceno foi tudo o que recebeu.

Esperando que Griffin já estivesse no escritório, desviou para lá no caminho de volta para a mesa. Com Donnie já contradizendo os fatos da história, era imperativo que confirmasse com Griffin uma versão única dos eventos. Não havia outro motivo para acreditar que mentiria por ela, mas se não corroborasse com Lilo, então poderia ser demitida. O coração acelerou. Talvez fosse demitida mesmo assim. Talvez estivesse correndo para o trabalho porque iria direto para o escritório de Fred e contaria para ele a verdade do que aconteceu nesta manhã. Talvez ela tenha cometido um erro terrível com seu julgamento de caráter. Não seria a primeira vez.

CAPÍTULO 13

GRIFFIN LÁZARO

Depois de passar a tarde treinando com Mary, Griffin chegou na edição do Cardinal Copy, dolorido e exausto. Trabalhar com a nova habilidade precisara de uma quantidade surpreendente de energia mental, e combinado com o ferimento recente, ele se sentia letárgico. O ombro estava duro, e sabia que deveria ter repousado, mas não podia ficar parado em casa.

As mensagens de Lilo foram desconcertantes, e ele e Mary concordaram que deveria abrir mão da patrulha esta noite em troca de ajudar Lilo com a investigação do vigilante falso. Mary também conduziria a própria investigação e discutiria o incidente com o resto da família durante o jantar semanal amanhã à noite.

Era a oportunidade perfeita de reunir evidências em relação a Lilo e o efeito dela no seu equilíbrio interno.

Entrou no escritório e encontrou Lilo esperando, olhando pela janela para a cidade lá embaixo. Excelente. Poderia começar o estudo imediatamente.

Conferiu rápido a tatuagem, depois o relógio. Primeiro, mediria quanto tempo demorava para o equilíbrio estabilizar depois de tocá-la. Depois de passar a tarde longe dela, a tatuagem começara a pender para fora do equilíbrio. Deixar Mary treinar suas habilidades magnéticas fora um ato generoso da parte dele porque o fizera para satisfazê-la. Agora a tatuagem estava mais branca do que preta.

Lilo abraçava a jaqueta jeans apertada na sua frente como se estivesse tão frio aqui dentro quanto lá fora. Mas isso não era verdade. Lá fora nevava de leve. Dentro, o aquecimento interno do prédio mantinha a temperatura ambiente agradável, não importava em qual recinto entrasse. No mínimo, deveria ter tirado a jaqueta. Teria deixado mais fácil para ele encontrar um ponto da sua pele para tocar.

A língua pressionou contra os dentes e brincou com o relógio até ativar o cronômetro. Um apito alto anunciou sua chegada.

— Oi, Lilo — ele disse.

— Griffin. — Lilo deslizou da mesa e se aproximou, parando a trinta centímetros dele.

Inalou e desejou que não tivesse feito isso. A razão desapareceu e teve que fechar os olhos para controlar as emoções, mas tudo o que podia sentir era o cheiro dela e era mais entorpecente do que nunca. Nada de chiclete dessa vez – apenas mulher nua e crua.

— Estou tão feliz que te encontrei. — Parecia tensa.

— Tem algo errado? — Griffin abriu os olhos.

— Donnie esteve aqui esta manhã. Alegou que pessoas testemunharam o traje do atacante e confirmaram que era Ganância.

— Doppenger estava lá?

Algo faiscou dentro de Griffin, memórias quase se encaixando. Foi uma sensação efêmera, como se quase se lembrasse, mas permaneceu fora do alcance. Afastou a sensação. Pensamentos como esse costumavam se resolver sozinhos quando se ocupava.

— Sim — ela continuou —, mas disse para eles que só vi um homem usando um moletom de capuz preto. Desculpa se isso te deixa em uma posição péssima. Odeio mentir, e só queria que soubesse que se achar que tem que contar a verdade, então tudo bem. Bom, não está tudo bem, mas respeito sua opinião, mas se esperar só um tiquinho, podemos investigar direito. — Ela arquejou como se não tivesse respirado o tempo todo falando.

Olhos marrons esperançosos piscaram para ele.

Era claro que isso estava deixando-a ansiosa. Remexeu as mãos juntas até os dedos ficarem brancos. Desgostosa, percebeu o que fazia e as balançou aos seus lados.

Talvez fosse uma boa oportunidade para fazer contato. Pegou a mão esquerda dela e apertou com firmeza, contando mentalmente os segundos. Imaginou que cinco contariam como contato prolongado, aí poderia conferir a tatuagem.

— Também só vi um homem de casaco preto — confirmou.

— Ah, graças a Deus. — Suspirou e cobriu a mão dele com a direita.

Mas foi um toque leve. Ele recuou.

— Sinto muito. — Lilo soltou e olhou incisivamente para as mãos dele. — É sensível, né?

Naquelas poucas palavras, ele se sentiu exposto. Aberto. Como se ela tivesse cortado a mente dele e arrancado o segredo mais profundo. Parecia ainda mais uma intrusão do que se ela tivesse descoberto que era um dos Sete Mortais. Ela viu através da vulnerabilidade. Lilo não olhava para ele como se fosse uma criatura estranha, ou com pena, notou a cicatriz erguida no dorso da mão e o encarou com olhos que tudo viam, sorrindo gentilmente.

Sensível.

A boca dele secou.

— Correto.

— De novo, desculpa. — Balançou a cabeça, se repreendendo. — Posso ser muito tátil às vezes. Vou tomar cuidado para não te tocar no futuro.

Que ele nunca mais sentiria o calor da sua pele não foi um pensamento que gostou de ponderar, e não tinha nada a ver com seu estudo. O calor dela ecoou na mão, o fantasma do toque. Ele era sensível, sim, mas não imune a querer aquela conexão humana. Na verdade, sentia com mais força do que a maioria das pessoas.

— Espero que não seja verdade. — Ele engoliu. — É só, às vezes firme é melhor do que leve. Assim. — Griffin manteve o olhar firme no dela e ergueu a mão para o pescoço. Pausou, percebendo que mais cedo também a tocara sem permissão. — Posso?

Ela inclinou o queixo em consentimento.

Enquanto a mão se erguia para ela, hesitou. Todas as fibras no seu corpo queriam tocá-la. Era tão natural e, entretanto, era diferente de tudo que sentira antes. Depois do trauma tátil, escolhera a dedo as experiências sexuais para encontros breves, desconfiado do que aconteceria se expusesse suas vulnerabilidades para a pessoa errada. Mas Lilo observava com paciência. Esperava por ele. Sabia que nunca o chamaria de estranho, aberração ou qualquer outra coisa.

Os dedos dele deslizaram em volta do pescoço para segurar sua nuca enquanto o polegar roçava a mandíbula em uma única carícia que parou firme na maçã do rosto. Lutou contra o formigamento agora fuzilando seu corpo. Os músculos ficaram tensos em preparação e esperou pela onda de ansiedade atingi-lo.

Dois olhos vidrados olhavam de volta para ele, pupilas dilatando enquanto voltava a consciência para dentro.

Os lábios se abriram e ela inalou.

— Assim? — Ergueu a própria mão para deslizar em volta do pescoço dele em um toque firme.

Ficou tenso enquanto ela o tocava. Mais sensações percorreram a coluna dele. Mas ao passo que costumava sentir ansiedade, isso era diferente. Queria isso. O corpo reagiu com calor e anseio.

As pálpebras se fecharam enquanto submergia no momento. Passara tanto tempo desde que apenas ficara assim com outra pessoa. Outra mulher. Abaixou a testa até encontrar a dela e exalou, deixando o hálito levar embora o desconforto, trocando por paz.

— Sim — murmurou. — Perfeita.

Enquanto rajadas gélidas sopravam contra as janelas do escritório, ficaram parados se inclinando um no outro durante o que pareceram minutos. Minutos preenchidos com respirações controladas e calor encharcando a palma dele, derretendo devagar a tensão que, com frequência, o fazia de refém. Pressentiu movimento conforme as rajadas batiam na janela. Luz lampejou com o entardecer lá fora.

Devagar, abriu os olhos; os dela estavam fechados. As rugas entre a testa haviam desaparecido, e os lábios rosados inclinados para um lado, feliz. Ele fizera isso, dera um sorriso a ela... fizera se sentir bem assim como ela o guiara pelo toque. Aquela revelação colidiu contra os preconceitos lógicos a que se fiava tanto. Ela não deveria fazê-lo se sentir tão bem só por estar ali, mas o fazia, e não queria soltar.

Ele soltou a mão e deu um passo para trás.

— Peço desculpa Lilo. Isso não foi apropriado. — Está claro que não estava pensando direito. Estava no trabalho. Pigarreou e colocou a camisa para dentro, que de algum jeito soltara das calças quando se alongara. — Por favor, me perdoe.

Ela deu um breve sorriso.

— Acredite em mim, nada para perdoar. Foi legal. Na verdade, estou disposta a repetir a dose. Qualquer hora. Quero dizer. — Os olhos dela se arregalaram. — Não sei o que estou falando. Estou passando vergonha, né? Ah, meu Deus, isso é tão ruim quanto sua bunda. Quero dizer, sua bunda não foi ruim, foi boa. Estou falando dela ser boa. E a da sua irmã. — Bateu as mãos na boca. — Desculpa.

Um pequeno sorriso tocou os lábios dele. Gostava quando ela não podia esconder os pensamentos. Era agradável ter alguém tão aberta em um mundo governado por mentiras e ganância. Teve a vontade repentina de beijar aquela boca honesta e suas emoções o assustaram. Não era o tipo de homem que beijava uma mulher de forma espontânea. Ele planejava e preparava.

Os objetos de metal na mesa começaram a tremer e Lilo olhou para eles, confusa. *Merda*. Ele se virou e acalmou o coração acelerado. Deus, era péssimo em controlar suas vontades perto dela. Até que melhorasse, não ficaria segura perto dele.

— Deveríamos voltar ao trabalho antes do dia terminar. — Acenou para a porta fechada que levava ao resto do escritório.

— Sim. Certo. Você está certo. Preciso voltar para minha mesa. — Desviou de Griffin e foi abrir a porta.

— Espera — tagarelou.

Ela parou.

— Na sua mensagem, mencionou outra investigação.

Lilo se virou, empalidecendo.

— Sim.

— Tem uma pista?

— Talvez. Acho que falar com minha mãe é um bom começo.

— Vou com você.

Um rubor marcou as bochechas dela.

— Vai?

Ela deu um passo à frente. De novo, queria beijá-la. E isso era errado. Muito errado. Não estava no controle perto dela. Isso não

podia ser sobre ele querer ficar perto dela, tinha que ser a trabalho.

— Tudo seria parte do seu processo e algo que deveria aprender para compreender antes de passar para o próximo funcionário.

— Ah. O processo. Claro. — A postura dela mudou de relaxada para tensa. O clima na sala ficou pesado. Abriu a porta, tensa. — Obrigada pela oferta, mas isso é pessoal. Vou ficar bem sozinha.

Griffin a seguiu pela porta e fez uma careta enquanto ela andava pelo corredor. Devia ter dito algo errado, ou talvez teria ultrapassado os limites pessoais quando a tocou.

Para piorar as coisas, em toda a confusão, falhara em conferir o bioindicador para um ponto de controle e negligenciou em parar o cronômetro. Frustrado, esticou o braço para revelar o pulso e viu a tatuagem. Completamente equilibrada depois de contato pele contra pele. Foram apenas alguns minutos, mas quando se escrevia um novo protocolo, segundos poderiam fazer toda a diferença do mundo. Agora, a pergunta era se fazia algo egoísta ou generoso e anotava o efeito, ou se começava do zero. Deveria começar uma planilha.

Sentando à mesa, moveu os jornais que estivera lendo mais cedo para o lado e os empilhou, organizados.

O grito engasgado de uma mulher azedou pelo corredor. Ecoou nas orelhas dele, gelando-o até os ossos.

Lilo.

Adrenalina percorreu suas veias e correu na direção da fonte, virando a esquina tão rápido que quase trombou em um grupo de pessoas correndo na mesma direção. Quando acabou no escritório aberto, uma multidão de trabalhadores se reunira em volta de uma mesa. O olhar de Griffin foi para a parede onde ficava a sala de descanso, e aí para a comoção em um esforço de se orientar. Era a mesa de Lilo.

— Alguém chame a polícia — uma voz masculina soou sobre a multidão.

— Já liguei — alguém respondeu.

Griffin focou na sensação de ganância da sala. Reconheceu algumas assinaturas, mas, acima de todas, afunilou no Doppenger parado perto da mesa de Lilo. Todo instinto protetor no seu corpo veio à tona e partiu na direção de Lilo como se sua vida dependesse disso.

— Saia da frente — Griffin ralhou enquanto passava. — Mova-se. — Não ligava para quem empurrava, porque o mais próximo da mesa de Lilo estava aquela sensação forte e nojenta de ganância dilacerando seu âmago, e sentindo-a agora pela terceira vez, Griffin soube que era a mesma que identificara exalando do impostor esta manhã.

Doppenger era o Ganância falso.

Griffin afastou alguém com o cotovelo para encontrar Lilo sentada à mesa, soluçando com Donald imponente sobre ela, a mão possessiva

no seu ombro.

Griffin focou naquela conexão e fogo lampejou atrás das pálpebras. O resto dos pensamentos não foram coerentes porque tudo o que podia ver era o toque daquele homem nojento na sua parceira.

Energia magnética cresceu no seu sangue, na atmosfera, e a consciência de Griffin se expandiu na sala. De repente, sabia onde cada pedacinho de liga metálica estava. Os parafusos nos armários, os cliques na mesa, o gabinete duro do computador, e o aquecedor no teto. Em um piscar de olhos, o mundo dele ficou exponencialmente maior. Respirou fundo, contanto na cabeça até recuperar devagar a razão.

Lilo estava viva. Não estava machucada... estava chateada com algo naquela caixa.

Vendo-o se aproximar, Doppenger virou a cabeça em um movimento controlado e sem pressa para encontrar seu olhar. Algo tangível passou pela conexão, uma batalha de vontades, um desafio. Pensamentos ácidos colidiram por trás das íris de Donald. Havia segredos e um turbilhão e coisas cruéis espreitando ali, e tudo o que Griffin podia pensar era que o pecador estava com a mão em Lilo e que colocara as mãos nela muitas vezes no passado. A noção violou a paz que ela lhe dera antes.

A grade de metal do aquecedor no teto caiu na cabeça de Doppenger.

— Maldição — Doppenger exclamou ao se proteger, desviando a grade para o lado.

Talvez Griffin precisasse de mais treinamento afinal.

— Lilo? — Griffin interrompeu, ignorando os xingamentos de Donald.

Ela descobriu os olhos e olhou para cima com duas órbitas brilhando com desespero.

— Griffin?

— Estou aqui — falou.

As palavras soaram fáceis, tão naturais, entretanto se encaixaram entre eles como se sempre estivessem ali.

O rosto dela enrugou e se jogou para fora da cadeira, para longe de Doppenger e nos braços dele.

— É tão terrível. É dele, eu sei.

Ele olhou para a caixa e gelou. Era uma orelha cortada. De alguém que ela conhecia.

— Shh. — Ele a abraçou apertado, com pressão firme. Sempre o fazia se sentir melhor, seguro. Queria encasulá-la e protegê-la do mundo.

Sobre a cabeça dela, Griffin fuzilou Doppenger, querendo dilacerar o homem em pedaços e entregá-lo para o resto da sua família mortal.

Fingir ser um deles, assassinar a sangue frio, difamando o nome deles. Sempre fora Donald Doppenger, o Difícil, o ganancioso, escrevendo as matérias caluniosas. Tivera uma vendeta contra os Sete Mortais há anos, e agora, de algum jeito, levava para o próximo nível. Griffin só não sabia por quê.

Griffin não ficaria surpreso se a orelha cortada tivesse algo a ver com ele e tivesse orquestrado tudo. Talvez tivesse um prazer doentio em ver Lilo sofrer.

Doppenger semicerrou os olhos para Griffin com nojo.

— Parecem muito confortáveis para pessoas que acabaram de se conhecer.

— Não sei como isso é relevante — Griffin respondeu.

— Vocês se conheciam antes. Foi assim que conseguiu o emprego, né?

— Consegui o emprego por causa das minhas habilidades comprovadas, e não é da sua conta o tempo que conheço Lilo — retrucou. — Não é a hora nem o lugar para essa conversa.

O corpo de Lilo tremeu nos seus braços enquanto ofegava.

— É a orelha dele — ela soluçou, apontando trêmula para a caixa na sua mesa. — Do meu pai.

A caixa preta simples e brilhante parecia um presente. Uma fita de cetim vermelha prendera a tampa, mas agora era um fio descartado. Dentro da caixa, sobre um papel de seda branco manchado com sangue velho, estava uma orelha humana cortada. Um único animal de cristal pendurado dela.

— Querida, tem certeza? Como sabe? — uma mulher mais velha com cabelo azul perguntou.

Lilo se afastou de Griffin o suficiente para que pudesse olhar para a mulher de cabelo azul, mas se manteve aconchegada em seus braços.

— É o bonequinho. Costumava ser meu, mas joguei no meu pai quando os deixei. Bev, é dele, eu sei.

— Oy vey — Bev respondeu baixinho. — Quem mandaria isso aqui?

Apesar de dar uma pontada no ferimento em recuperação, os braços de Griffin em volta de Lilo apertaram, como se pudesse evitar que ela desabasse com a força dos seus braços.

— Tem um bilhete — Griffin disse, olhando o pequeno quadrado de papel cartão duro espreitando atrás do papel de seda.

— O que diz? — alguém perguntou.

Cada vez mais ciente dos muitos olhos observando, Griffin olhou para os colegas de trabalho boquiabertos.

— Acabou o show. Todo mundo, façam um intervalo — rosnou e fez um aceno com a mão. — Vão para casa mais cedo. Cuidamos disso.

A maioria dos trabalhadores saiu relutante, voltando devagar para as mesas ou deixando o escritório por completo. Griffin desejou que Doppenger tivesse ido junto, mas ficou perto como um cheiro ruim. Bev também estava ali, apertando o que parecia um haltere como se fosse um cobertor.

— Cadê o Fred? — Griffin perguntou.

— Já foi para casa — Bev respondeu. — Deveria ligar para que volte?

— Não. Eu cuido disso.

— Não posso. — Lilo apertou Griffin e se recusou a olhar de volta para a caixa. Ele se moveu para pegar o bilhete, mas Doppenger chegou primeiro.

— Se quiser ver seu pai vivo — Doppenger leu —, entregue o conteúdo do cofre dele até as sete da noite de quarta-feira. Nada de polícia, ou o próximo presente será uma cabeça.

Sob as instruções estava um endereço. Em algum lugar do centro industrial do Lado-Sul.

— Isso é minha culpa — Lilo chorou. — Deveria ter tentado salvá-los há muito tempo atrás, mas fui embora. Em vez disso, não quis nada a ver com eles. Se tivesse ficado e tentado fazê-los verem como as escolhas eram ruins, isso não estaria acontecendo. Sou uma covarde. Isso é tudo minha culpa.

— A ganância de outra pessoa nunca é sua culpa, Lilo. — Griffin flexionou os braços em volta de Lilo.

— Deveria levar o dinheiro para eles, Lilo. — Doppenger apontou para o bilhete. — É como essas coisas funcionam.

— Não. Deveria deixar isso para as autoridades — Griffin respondeu. Isso também significava que Liza poderia interceptar e atrasar a investigação enquanto ia para o encontro como Ganância. Teria mais sorte de resgatar o pai de Lilo sozinho. Sem a polícia, sem regras, e sem Lilo presente para ver se as coisas dessem errado.

Doppenger bufou.

— Quando a polícia faz alguma coisa a tempo?

— Tenho que levar. — Lilo se afastou de Griffin e pegou o bilhete. — Além do mais, diz nada de polícia. Sei que posso fazer isso. Posso conseguir o que precisam, depois dar para eles. É tudo o que querem. Deve ser simples.

— Lidar com criminosos nunca é simples — Griffin mencionou.

— Vou com você, Lilo. — Doppenger ergueu a tampa da caixa preta e a colocou no lugar para cobrir a visão macabra. — Não tenho medo de uma situaçãozinha de resgate.

— Voto pela polícia — Bev acrescentou.

— Não. Preciso fazer isso — Lilo insistiu. — É a melhor opção.

— Lilo. — Griffin afastou Lilo de Doppenger por alguns metros

para sussurrar: — Não é seguro.

— Tenho meu agulhão. Tenho minha câmera espiã. Vou fazer isso, posso revelá-los — respondeu, limpando os olhos. — A caneta é mais forte do que a espada. Obrigada pela preocupação, mesmo, não posso dizer o quanto significa para mim. Mas preciso fazer isso. Preciso ir até o fim.

— Então vou com você.

— Griff, já levou um tiro hoje por minha culpa. Não posso te colocar em perigo outra vez.

Ele quase riu. Encarara coisa bem pior do que um homem mole brincando com fantasias mortais. O ferimento desta manhã não iria se repetir. Estivera distraído porque negara a biologia. Não mais. Amanhã, voltaria a treinar com a nova habilidade. Envolveria Parker desta vez. O homem tinha uma boa inteligência de combate.

— Que tal começarmos com a casa dos seus pais — ele sugeriu. — Conferir como sua mãe está, só você e eu. Ninguém mais — o olhar dele foi para onde Doppenger os observava da mesa dela —, não confio nele.

Não podia revelar o que sabia sobre as atividades extracurriculares de Donald sem se expor.

— Também não quero ele lá.

Como se soubesse que falavam dele, Doppenger se aproximou tempestuoso. Colocou a mão em Griffin entre o peito e o ombro — bem onde levou o tiro.

— Chega de falar no ouvido dela.

Isso fez uma pontada de dor percorrer o corpo de Griffin.

— Donnie — Lilo gritou. — Ele levou um tiro! Tome cuidado.

— Pensei que fosse só de raspão — Doppenger desdenhou.

— Seu babaca! — Lilo gritou, mas não pegou a deixa que confirmou a suspeita de Griffin. Doppenger bateu no mesmo lugar que Griffin levou o tiro, e o único jeito de saber disso era se tivesse atirado.

O sorriso de Griffin se abriu devagar. O homem não sabia que acabara de assinar seu atestado de óbito. Mas lidaria com ele mais tarde. Por enquanto, tinha Lilo para se preocupar.

— Me toque outra vez, e vai perder um braço. — Griffin virou as costas para o homem e encarou Lilo. — Vamos na casa dos seus pais esta noite, e aí pode decidir se quer envolver a polícia.

— Não — Doppenger cortou. — Conhece ela há segundos. Eu a conheço há anos. Se tem alguém que vai com ela, sou eu.

— Só quer ir com ela porque acha que é uma história — Griffin retrucou, sem conseguir evitar.

As sobranceiras de Donald se ergueram.

— Ah, é? Bom, só vai com ela porque quer se dar bem. Ou já deu?

— Donnie! — Lilo exclamou, morrendo de vergonha.

— Pra trás, Lázaro. — Doppenger empurrou Griffin outra vez, mirando o mesmo lugar, o mesmo ferimento.

Dessa vez, Griffin bloqueou. Idiota. Não via que não era páreo para ele? Era claro que o físico de Griffin era mais robusto que o dele. Qualquer um que tivesse olhos podia ver.

Quando o próximo golpe ricocheteou do antebraço de Griffin, o homem rosnou e atacou com a mão esquerda. Griffin bloqueou sem esforço outra vez. Podia parar isso com um dedo no olho do homem, mas qualquer coisa que Griffin fizesse comprometeria sua identidade. O corpo dele era uma arma mortal, e se o passado fosse revelado, o juiz seria implacável.

— Pare antes de se machucar — Griffin disse, mas Doppenger aumentou os esforços.

— O que tem de tão importante em você, hm? — sibilou baixo com um segundo ataque. — Por que todos querem você?

Socou.

Griffin desviou.

O choque do que disse congelou Griffin. Por que todos?

O punho de Doppenger conectou com o ombro de Griffin, abrindo o ferimento. Sangue encharcou a camisa e o blazer, e aí o corpo de Doppenger colidiu com Griffin, levando-os para o chão.

— Saia de cima dele! — Lilo gritou. — Seu babaca!

— Chamei o segurança — Bev gritou.

— Esquece. — Doppenger saiu de cima de Griffin e levantou, analisando a mão, agora coberta no sangue de Griffin. — Consegui o que queria. Terminei.

Consegui o que queria?

O homem ganancioso se afastou, segurando o pulso como se fosse precioso.

Griffin precisava contactar a família. Precisavam saber disso. Pistas demais apontavam para Donald trabalhar para o Sindicato. Por que mais precisaria de uma amostra de sangue?

— Merda. Que babaca! Ah, merda, Griffin, você está bem? — Lilo ajoelhou ao lado dele. — O que eu faço... devo ligar para o hospital? Grace? Alguém?

— Não. — Ele sentou e olhou sob o colarinho da camisa para o ferimento. — Estou bem. O sangramento quase parou.

Ele não estava bem. E o sangramento estava pior. Deveria ter descansado esta tarde em vez de lutar e treinar. Podia se curar mais rápido do que o normal, mas não era invencível. A sensação da assinatura de ganância de Doppenger ficou mais fraca conforme o homem saía do prédio. *Maldição*. Griffin deveria correr atrás dele, mas arriscaria abrir ainda mais o ferimento. Descansar alguns minutos e

notificar a família seria melhor.

Lilo choramingou.

— Posso ajudar?

Ela precisava fazer alguma coisa, então ele pegou sua mão e a usou para aplicar pressão no ombro.

— Por favor, segure firme enquanto mando uma mensagem.

Ela pressionou a mão no ferimento apesar o sangue grudento.

— Certo. Pode deixar.

Tomando cuidado para não mostrar a tela para Lilo, Griffin mandou uma mensagem para Parker.

Donald Doppenger é a identidade do impostor. Trabalha no Cardinal Copy. Conexão em potencial com o Sindicato. Acabou de coletar uma amostra do meu sangue. Alguém precisa rastreá-lo imediatamente. Estou ferido, mas não é crítico.

Quando guardou o telefone, viu a mão de Lilo tremendo no seu ombro. Por um segundo, pensou que ela tivesse visto a mensagem, mas os olhos estavam fixos onde as mãos cobriam o ferimento.

— Lilo — ele disse. — Lilo, olhe para mim. — Deslizou os dedos em volta do pescoço dela e segurou, assim como fizera no escritório. — Estou aqui.

Um sorriso entre dor e alívio inclinou seus lábios.

— Está aqui — ela repetiu.

Mas o que era assustador, era que aquelas palavras e a conexão o acalmaram mais do que a ela.

CAPÍTULO 14

LILO LIKEKE

Depois de comer alguma coisa rápido, Lilo foi com Griffin para a casa dos pais no lado leste da cidade.

Lar da elite exuberante da cidade, o Eyrie era uma fortaleza de proteção com penhascos com vista para o Rio Menagerie de um lado e uma rodovia do outro. Protegido por seguranças particulares dia e noite, tinha um muro tão alto e largo que até os pássaros tinham dificuldade de atravessar. A criminalidade do lado de dentro era quase zero e os infratores eram limitados a adolescentes rebeldes a procura de um pouco de diversão noturna. Qualquer criminoso de verdade que ousasse dar as caras nunca mais era visto outra vez. Se os residentes soubessem que o motivo que dormiam como bebês à noite era porque mafiosos moravam atrás desses muros, provavelmente pensariam duas vezes em residirem ali.

Mas Lilo sabia. Ela vira o mal por trás de roupas de grife e prata polida. Vira o sangue por trás dos sorrisos falsos no próprio quintal enorme. Nada era o que parecia no Eyrie, e ela estivera bem no meio de tudo.

— Obrigada, de novo — Lilo disse enquanto o carro virava no acesso que levava ao complexo. — Não posso dizer o quanto sou grata por fazer isso.

— Lilo. — Griffin abaixou a janela do lado do motorista. — É a quinta vez que me agradeceu desde que deixamos o Cardinal Copy.

— Sim, mas, sei que só nos conhecemos esta manhã, então compreendo que é importante. E depois do dia que você teve. Levar um tiro, depois um babaca como o Donnie te bater de propósito no ferimento, acho que está sendo incrivelmente generoso. Ainda acho que deveria estar em casa descansando.

— Não é nada. Já tive ferimentos piores.

— Já?

Ele mexeu nos óculos na ponte do nariz.

— E mais, Grace disse que você é família para ela. Grace é minha família.

Uma sensação calorosa seguiu as palavras e ela as sorveu e virou

no banco para encará-lo. Tudo nele exalava masculinidade, do ângulo da mandíbula até os músculos do pescoço, do jeito que o cotovelo apoiava na janela até o jeito que os quadris dominavam o assento. Por que homens sempre pareciam tão sensuais quando dirigiam?

Ou talvez fossem apenas hormônios. Aquele pescoço estivera tão quente e convidativo quando o tocara. Queria mais e mordeu o dedo para parar de babar nele.

Griffin olhou pela janela, estudando a cabine de segurança se aproximando, e o segurança conferindo a identificação do veículo na frente deles.

— Tem autorização para entrar? — perguntou para Lilo.

Ainda estava imaginando pensamentos indecentes e insanos sobre o pescoço dele. O que havia de errado com ela? Abanou o rosto.

— Lilo?

— Sim. Desculpa. O quê?

— Tem autorização para passar do portão?

— Eu mudei, mas meus pais sempre tiveram uma política de portas abertas para mim.

— Mas você nunca usou?

— Não. Não posso perdoar o que eles fizeram. — Fingir – até mesmo com ela. Nunca pôde confiar neles.

Griffin hesitou, mas ficou voltando a atenção para Lilo. Quase sorriu com a transparência dele.

— Não tem problema você querer saber o que fizeram.

— Só se quiser compartilhar.

— Pagaram pelo meu amor. — Vendo a confusão dele, elaborou e contou tudo sobre a descoberta no aniversário de dezesseis anos. — Depois disso, não tomaram mais tanto cuidado em esconder as atividades criminosas. Um dia vi meu pai torturar um coitado no porão, tudo porque o homem devia dinheiro pra ele. — Balançou a cabeça, perdida na memória. — Quando me pegou assistindo, me comprou uma nova pulseira de diamante. Como se fosse o suficiente para desculpar suas ações. Então olha só, não só são criminosos, mas nunca demonstraram um tiquinho de carinho verdadeiro. Eu era só mais uma transação para eles. Fui fraca demais para ir à polícia na época, mas agora vou fazer essa matéria, vou revelar a atividade criminal e colocar assassinos atrás das grades. É meu jeito de compensar por nunca ter feito a coisa certa no passado.

Dois olhos intensos olharam para ela, e aí o carro na frente deles se moveu e Griffin engatou o carro, movendo-os para frente.

— Nome? — O segurança se inclinou na janela e olhou para eles.

— Lilo Likeke... quero dizer, Liota... aqui para ver os Liota na travessa Parkham.

— E você quem é? — O homem voltou a atenção para Griffin.

Lilo cobriu a coxa dele com a mão.

— Meu noivo, Griffin Lázaro.

Griffin ficou tenso, mas sorriu rápido para o segurança.

— Certo. Identidade, por favor.

Os dois entregaram a identificação.

— Vou demorar um minuto. — O homem voltou para a cabine e pegou o telefone, de certo ligando para mãe de Lilo para confirmar.

Ela olhou para onde a mão estava. Ele não reclamou, e ela garantiu que o toque permanecesse firme. Era uma bela coxa firme. Forte e quente.

— Noivo — Griffin disse, após um tempo.

— Desculpa. É o jeito mais fácil de você entrar.

Relutante, Lilo removeu a mão e colocou no próprio colo.

— Meus pais são muito desconfiados de estranhos. Noivo foi a primeira coisa que consegui pensar.

Dentro de minutos, o segurança estava de volta, entregando as identidades.

— Pode passar, Senhorita. Bem-vinda de volta ao Eyrie.

O estômago de Lilo embrulhou enquanto dirigiam e desejou que tivesse mantido a conexão com a rocha ao seu lado, mas no lugar, encarou pela janela. O bairro só ficara mais extravagante, e a casa dos pais de Lilo era a cereja do bolo. A estrutura enorme ficava no alto da colina com vista para o resto da comunidade como um rei sobre os súditos, e a neve que a cobria brilhava como diamantes sob a lua. Com três andares, a casa de estilo federal ficava atrás de uma cerca branca e gramados extensos. Arbustos de rosas nevados cercavam a propriedade e um único carvalho ficava no meio, um balanço fantasmagórico oscilando na brisa. Era uma casa suburbana transformada em uma mansão luxuosa. Lilo esticou o braço para o banco de trás de Escalade para pegar o casaco e o cachecol. A caminhada da rua era longa e fria.

Griffin parou e saiu para esperar ao lado da cerca. Ela tentou manobrar dentro do carro para colocar o casaco. Demorou, mas conseguiu, depois cercou o pescoço com o cachecol de lã, e colocou o gorro na cabeça. Alguns minutos depois, percebeu que estava enrolando.

Vai, Lilo. Você consegue.

A porta do passageiro abriu e Griffin parou ali, assoprando ar quente nas mãos.

— Está tudo bem?

Ela sorriu para ele.

— Só um pouco nervosa. Fazem alguns anos.

Ele estendeu a mão.

Estou aqui, os olhos pareciam dizer.

Uma onda de emoção pura quebrou por ela. As sombras do poste da rua definiam suas feições bonitas enquanto a esperava com paciência. Nenhuma pressão, nenhuma exigência. Nem um pouco como Donnie. Colocou a mão na dele, aceitando pelo que era.

— Obrigada.

— Sem problema. Estamos prestes a nos casar, afinal, o que é andar de mãos dadas?

Foi divertido pela própria piada e isso a fez rir.

Andaram pela cerca de madeira e pelo caminho de pedras até a antiga porta da frente. As luzes estavam acesas atrás dos vidros congelados, indicando que alguém estava mesmo em casa.

Ainda segurando a mão de Griffin, Lilo tocou a campainha. Alguns segundos depois, uma sombra escureceu o vidro da porta e ela se abriu.

— Oi, Renata — Lilo disse para a governanta, e depois segurou o fôlego. Por lógica, sabia que não seria mandada embora – deixaram que passasse pelos portões, afinal –, mas o coração não podia evitar temer que a rejeitariam.

Renata era uma mulher baixa e corpulenta, usando um vestido marrom. O cabelo castanho fora cortado rente ao couro cabeludo, e usava um batom vermelho bombeiro. Lilo não podia dizer exatamente por que pensou isso, mas nunca pareceu que Renata gostava do trabalho na casa Liota, apesar de trabalhar sem reclamar. Talvez ela tivesse visto muito, assim como Lilo, e tinha medo de partir. O que fosse o caso, os olhos de Renata se iluminaram ao pousar em Lilo e tocou o pingente que usava no pescoço.

Ah ótimo! Foi entregue a tempo.

— Senhorita Lilo. É bom te ver. — Renata passou o olhar julgador sobre Griffin, devagar, parando em pontos ao longo do corpo: os ombros largos, os braços fortes, o rosto. Ela fez beicinho e virou para Lilo com um brilho satisfeito nos olhos. — E esse homem alto é o noivo? Virá no café semana que vem?

— Meu nome é Griffin Lázaro, senhora. Prazer em conhecê-la. — Griffin esticou a mão. — Ficarei feliz de tomar café com a senhora.

Lilo sorriu para Griffin. Sabia que ele devia estar fingindo e não tinha intenção de ir tomar café com a velha governanta, mas ela meio que desejou que não estivesse. Era bom imaginar todos eles juntos.

Renata ergueu a sobrancelha para Griffin, nada impressionada.

— Vou saber se ficarei feliz depois de conhecê-lo. Vêm. Levo vocês para a madame. Está fazendo as malas para uma viagem para a casa de férias na Ilha Menagerie, e bom, vai ver. Ela fez uma grande bagunça. Adivinha quem vai ter que limpar.

A maneira seca vinha de um lugar bom. Renata foi mais uma mãe para Lilo do que seu próprio sangue, com frequência sendo a pessoa

responsável pela parte difícil da criação, como ajudar com a tarefa, ensinar a cozinhar e fazer a própria cama. Se Renata não tivesse perdido tempo para garantir que Lilo crescesse para ser uma jovem capaz, Lilo talvez ainda estaria vivendo ali, indefesa sob a tutela dos pais ricos. E não custou nada para Renata além de tempo.

Andaram pelo corredor bem largo, passando pela galeria de fotos na parede, ainda mostrando a família feliz de antes de Lilo partir. Griffin puxou a mão dela ao chegarem em uma grande foto de Lilo com os pais. Fora tirada no aniversário de dezesseis anos, na noite que tudo escurecera para Lilo, entretanto a penduraram em um lugar de orgulho. Ela não podia dizer se eram iludidos, ou malucos.

— Esse é seu pai? — As sobrelhas de Griffin abaixaram.

— Sim. Papai e mamãe e... não sei quem é a garota no merengue.

— É você, é óbvio.

Ela tentou esconder o rubor virando a cabeça. Aquele vestido era horrível, mas as roupas dos pais também eram. O pai usava uma camiseta polo azul cerúleo com um suéter bege em volta dos ombros. Por ser da Ilha, a pele já era marrom, mas de algum jeito conseguira deixá-la laranja com um bronzeado falso. Ao lado dele estava sua mãe com o trio de plásticas. Seios falsos, rosto com botox e lábios rosas carnudos. A pele oliva italiana com um tom laranja condizente ao do pai. Para ser honesta, havia mais coisas falsas na mãe do que podia contar. Lilo nem sabia quais feições herdara do lado da mãe. Não, isso não era verdade. Tinham os mesmos olhos marrons.

Griffin se moveu para outra foto. Por ironia, era de Lilo no quarto, cercada pela coleção de bonequinhos de animal de cristal. Olhando para o materialismo obscuro com o qual sofrera lavagem cerebral a deixava enjoada. E pensar que havia pessoas no mundo – na própria cidade! – pobres demais para terem certeza da próxima refeição, entretanto ali ela estava, cercada por milhares de dólares de pedra brilhante.

— Não posso acreditar que costumava ficar impressionada por esse tipo de coisa — murmurou.

— O que te impressiona agora? — ele perguntou baixinho, intensamente focado nela.

— Nada disso, com certeza. — Acenou em volta para a decoração cara cobrindo os aparadores do corredor. Algumas eram horríveis, mas o preço alto, então a mãe quisera. — Acho que sou mais o tipo de garota que ações falam mais alto do que dólares.

Ele a encarou.

Deixou-a desconfortável.

— Podemos continuar?

Puxou a mão dele, e continuaram ao longo do corredor para outra sala.

Agora foi a vez de Lilo parar. A sala fora destruída. Almofadas rasgadas foram tiradas dos sofás, todo o estofamento arrancado. Mesas de centro foram tombadas. Gavetas estavam soltas, expondo pedaços de papel e bagunça. Tudo fora revirado, e não foi a única sala. A cozinha de chef estava aos frangalhos, com talheres e panelas espalhados, e ao continuarem seguindo Renata, descobriram que o resto da casa não estava muito diferente. De certo, essa bagunça não podia ser toda da mãe fazendo as malas para viajar.

— Renata, foram roubados? — Lilo perguntou. Não fazia sentido, não com a segurança forte do complexo. A não ser que tenha sido alguém que morava dentro da comunidade.

Renata fez um som bem no fundo da garganta que sugeriu conformação.

— Vai ver.

Desceram algumas escadas nos fundos da casa, levando para a área onde Lilo sabia que ficava o escritório do pai... e onde estava o cofre.

CAPÍTULO 15

GRIFFIN LÁZARO

Griffin podia dizer que não esperara o que encontraram ao entrarem no escritório do pai de Lilo, ou cofre, ou o que fosse. Depois de seguirem Renata para dentro, ficara tão surpreso que soltou a mão de Lilo e ficou parado boquiaberto, sentindo o metal de armas no ar.

A habilidade magnética zunia, pressionando contra a pele de um jeito que o tentava a esticar e segurar para desligar. Por nunca ter estado em uma sala com tanto metal desde que desenvolvera a habilidade, os sentidos ficaram malucos.

Era uma sala de guerra com as paredes cobertas por um arsenal de armas. Metralhadoras, rifles automáticos, pistolas, revólveres, mísseis de curto alcance, granadas. Abominável. E parada no meio de tudo isso estava a mulher loira, magra e de seios fartos que Griffin reconheceu da fotografia no corredor. Usava uma jaqueta rosa choque de elastano com a logo de um poodle preto sobre o seio esquerdo. Calças pretas estavam enfiadas nas botas de couro que chegavam até as panturrilhas.

A mãe de Lilo embalava itens da artilharia em duas malas abertas como se estivesse saindo de férias na Terceira Guerra Mundial em vez de uma casa na Menagerie.

— Mãe? — A voz de Lilo oscilou ao entrar na sala recuada. O rosto contorcido de um jeito que fez Griffin se arrepender de soltar a mão dela. Precisava dele.

Tudo na sala ia contra o que Griffin sabia ser o norte na bússola moral de Lilo. Foi corajosa de continuar.

— Docinho? — A mãe de Lilo ergueu o olhar do que fazia. — Ah, meu Deus. Quando ouvi que era você, quase não pude acreditar. É verdade? Está de volta? E esse é... — Derrubou uma taça de vinho na pressa de chegar em Lilo. Ou foi para Griffin que correu?

A mulher parou na frente dele, um olhar astuto percorrendo seu corpo.

— Ora, ora, minha filha se deu bem.

— Mãe — Lilo avisou. Tentou puxá-la para trás, mas ela se recusou.

— Ora, docinho, não vai nos apresentar?

— Mãe, esse é Griffin Lázaro. Griff, essa é minha mãe. — O tom apático de Lilo entregou sua reticência.

— Prazer em conhecê-la.

— Ah, nada disso. — Deu um tapa na mão esticada de Griffin. — Por favor, me chame de Janet.

Janet da Jaca veio a mente na hora. Foi uma boa associação, mas não muito apropriada para falar em voz alta. Precisaria garantir que...

Janet segurou o rosto de Griffin e o beijou nos lábios, pressionando com determinação os seios nele.

Recuou, mas a mulher continuou segurando firme. Ele parou, sem querer ofender, mas sem nem mesmo abrir a boca, sentiu o gosto de vinho azedo. A sensação fez o coração acelerar e o estômago embrulhar.

— Mãe! Pare. Está passando vergonha. — Lilo removeu os lábios ofensivos de Janet sem cerimônia do rosto de Griffin, para a diversão de Janet.

Limpe a boca. Limpe a boca.

Mas não o fez. Resistiu pelo bem da educação, e isso o matou.

— Desculpa, Griffin — Lilo disse.

Ele não conseguiu falar. Ainda processando.

Ela suspirou, resignada.

— Mãe, por que está colocando as armas em uma mala?

— Duas malas, docinho. — Janet piscou para Griffin, depois limpou a boca sugestivamente antes de voltar para o que estava fazendo.

Se o gosto do vinho não tivesse sido o suficiente, o movimento incerto indicava que estava no caminho da ebriedade.

— E com certeza vou levar tudo o que ele deixou porque você sabe o que aquele bastardo fez. Trinta anos de casamento e ainda esconde as coisas mais preciosas de mim.

— O que quer dizer?

— O que quero dizer — Janet bufou, depois apontou um dedo esmaltado para Lilo. — Sabe o que quero dizer ou não estaria aqui, estaria? Bom, vai. Não enrole. Pegue o que quer. Ele não está aqui. E sugiro que faça o que estou fazendo e dê o fora da cidade.

Griffin esfregou o rosto. *Inacreditável.*

O coração dele doeu por Lilo. Ter uma família dessas. Crescer em uma casa cheia com tanta coisa ao custo do amor. Deu um olhar para ela — e sair disso tudo a mulher forte que era. Era inspirador.

— É o cofre do papai? — Lilo ignorou a mãe e começou a andar devagar pela sala. — O que Nathaniel me disse para abrir e entregar para os sequestradores de papai?

— Não fará nada disso. — Janet fechou as duas malas, como se

isso pudesse proteger as coisas dos olhos bisbilhoteiros de Lilo.

A sensação de ganância de Janet cresceu até consumir a mente de Griffin e ele estar pronto para fazer algo a respeito. Beirava o nível mortal.

— E não, isso não é um cofre. É uma sala, ou sua cabecinha justiceira está tão fundo na sua bunda para ver isso?

A fúria fervilhante que atravessou Griffin fez a visão embaçar. Essa mulher falava com o sangue do seu sangue como se fosse inútil. Que peça.

— Só estava perguntando — Lilo murmurou e procurou sob a mesa do pai.

— Janet — Griffin disse, tom afiado como uma faca. Estava farto da educação. — Para onde vai com todas essas armas?

— Sair da cidade, como disse. Agora, saia da frente.

— Não. — Ele se posicionou firme na frente dela. — Acho que não. Além do mais, não vai sair da cidade, vai? Vai tentar resgatar o pai de Lilo sozinha.

Os brancos dos olhos de Janet se destacaram.

— Como poderia saber disso?

— Sério, mãe? — Lilo estava em uma pequena prateleira coberta por granadas, procurando como quem não quer nada. — O que pretende fazer, trocar as malas pelo papai?

— Ah, não seja boba. Planejo usar as armas, não doar.

— Para recuperar papai.

Os olhos de Janet se fecharam enquanto as sobrancelhas se erguiam de um jeito presunçoso.

— Se é o que quer acreditar, então é problema seu.

— Não vai resgatá-lo — Griffin disse, devagar, conforme compreendia. Ela se gabou mais cedo de levar tudo, já que o pai se fora. Era óbvio que a mulher tinha um rancor profundo do homem. — Vai matá-lo.

Janet bateu as mãos na mala instável.

— Já deveria estar morto.

— Mãe? — A mão de Lilo foi para o pescoço. — Armou isso? Sequestrou papai? Tudo para que pudesse me fazer abrir o cofre?

Janet empalideceu.

— Não seja ridícula. Se quisesse planejar o assassinato do seu pai, teria feito isso com mais estilo.

— Não foi ela, Lilo — Griffin afirmou. — Mas está preparada para aproveitar a oportunidade, não é, Janet? É o seguro?

Janet o fuzilou.

— Mãe. Sabe onde fica o cofre do papai?

— Ele tem um cofre secreto? — Histeria grudara na voz de Janet e os olhos ficaram maníacos. — Onde? Onde fica? — Correu para a filha

e a chocalhou com força, repetindo as perguntas.

— Me solte! — Lilo gritou.

Griffin foi para Lilo, com a intenção de ajudar, mas ela o surpreendeu com um movimento de defesa pessoal. Pegou o pulso da mãe e o virou para as costas. Em segundos, Janet estava no chão, sem fôlego e ofegando enquanto encarava o teto.

Ele mal conteve o sorriso.

— Controle-se, mãe.

— Eu... só... não posso viver sem ele. Preciso de dinheiro. Preciso me bancar.

— Então ia matá-lo mesmo assim e pegar o dinheiro do seguro? Você é maluca. — Lilo estalou a língua com nojo. — Olhe em volta. Foi isso que seu precioso dinheiro conseguiu. Violência, tendências maníacas e uma casa vazia.

— E muitas armas — Griffin acrescentou distraído.

Janet se levantou usando a parede coberta por suportes de armas vazios.

— Não faz ideia de como é viver com um homem desses.

— Ah, acho que sei.

— Era só uma criança! Não sabia de nada.

— Então não vai ajudá-lo. Vai matá-lo?

— Talvez. Pelo menos assim talvez fique com o dinheiro do seguro e algo bom viria disso.

— Preciso te lembrar que se for pega, não vai receber nada e vai para cadeia? E não vou te defender. Não acredito que é minha família.

Griffin pigarreou alto.

— Essa conversa não está levando a nada. Deveríamos continuar nossa busca?

— Vamos dar aos sequestradores o que querem. Papai volta para casa. Não precisa sair e matá-lo na troca. Não posso acreditar que acabei de dizer isso. Calma. Dê mais um gole. Sabe onde fica o cofre, mãe?

Ela bufou.

— Nem sabia que ele tinha um. Escondeu de mim de propósito, o bastardo. Deve ter joias e diamantes e esmeraldas. Ele sabe que gosto de esmeraldas. — Janet fechou a mala, tirando peças de artilharia que não cabiam ao fazê-lo. — Boa sorte para vocês. Espero que engasgue no cofre.

Depois ela carregou a mala para cima da pequena escada e deixou a sala. A sensação sufocante de ganância recuou e Griffin pôde respirar desimpedido outra vez.

— Quer que eu vá atrás dela? — Griffin ofereceu.

— Não. Ela não vai seguir em frente. Provavelmente vai parar na cozinha, tomar mais algumas taças de vinho e depois desmaiar antes

de chegar perto do carro. Pode nem saber onde os sequestradores marcaram a troca. — Lilo bufou e colocou as mãos nos quadris, encarando o teto, balançando a cabeça e piscando as lágrimas dos olhos. — Viu o que tenho que aturar?

— Sim.

— Como somos parentes?

— Não pode escolher sua família.

O rosto de Lilo ficou determinado.

— Sim, posso. E ela não é parte dela. Deus! — gritou, frustrada. — Não quero nada além de deixar todos eles ao desastre que criaram para si próprios. Não merecem ajuda quando não fizeram nada além de se ajudarem.

— Não disse que deram uma festa pro seu aniversário de dezesseis anos?

Ela deu um olhar a ele que o fez sentir como se ele a tivesse traído, mas aí a expressão suavizou.

— Você está certo. Claro que você está certo.

— Não estou desculpando o comportamento — acrescentou e andou até ela.

Estava trêmula, as mãos esfregando o rosto, toda nervosa. E a pior parte foi que depois de estar banhado de ganância e vinho azedo, só queria afagar o pescoço dela e respirar o cheiro feminino natural.

Lilo respirou fundo algumas vezes.

— É tão tranquilo e calmo o tempo todo. Estou feliz que está aqui para me lembrar do que importa.

Tranquilo e calmo? Griffin piscou. Não eram palavras que usava para se descrever. Controlado, talvez. Mas com ela, não precisava ser.

Colocou a mão no seu ombro e esfregou o polegar no pescoço até que ela olhasse para ele, encontrando seus olhos.

— É muito corajosa para continuar moralmente incorruptível com eles por perto — falou.

— Acha que minha mãe vai mesmo lá para matá-lo? — A voz baixa dela tremeu.

Ele não queria admitir, mas Janet era tão gananciosa qual mais poderia ser sua intenção?

Lilo exalou.

— Então não temos escolha. Preciso chegar antes. Preciso encontrar esse cofre e pegar o que seja que está lá dentro antes que era... não posso acreditar que estou dizendo isso... antes que minha mãe vá matar meu pai.

Griffin soltou Lilo e analisou a sala. As armas não eram do tipo que se comprava num beco escuro em algum lugar, eram do tipo que se comprava no Mercado Negro e contrabandeava ilegalmente na cidade.

— Por que seu pai tem tantas armas?

— É homicida como minha mãe? — Jogou as mãos para o alto. — Quem sabe?

Ele andou pela parede e tocou as armas remanescentes, deixando o dedo roçar as superfícies duras e frias, deixando a habilidade sorver tudo. Descobriu a sensação de diferentes tipos de metal nos sentidos. Aço, alumínio e outras ligas que não podia nomear. Chegou no canto onde dois painéis de madeira na parede se encontravam. Uma consciência formigou na sua mente ao se aproximar. Mais metal atrás dos painéis. Placa de metal grossa.

— Aqui — falou e puxou um dos painéis. Abriu como uma porta para revelar um cofre de metal embutido na parede. — Deve ser o que seu primo falou.

Lilo veio para o lado dele.

O cofre tinha um metro de largura e um pouco menos de altura. Grande o suficiente para enfiar um corpo. Não parecia ter uma maçaneta, mas um painel de vidro do tamanho de uma mão estava preso à frente.

— Deve ser biométrico — ponderou.

Lilo ergueu a mão na superfície, depois recuou.

— Não sei se quero isso.

— O que seja que está ali pode ser usado para resgatar seu pai. — E talvez dar alguma dica para o motivo que alguém estava tão interessado em Nathaniel a ponto de matá-lo. — É o que você quer, né?

O lábio dela contraiu.

— Não quero que ele morra, sei disso. Apesar das coisas terríveis que fez, ainda é meu pai. Mandá-lo para a prisão seria um tipo melhor de justiça. Ele não merece morrer.

— Então abra o cofre.

Pressionou a palma no painel e a porta abriu com um clique. Ele a ajudou a puxar a porta pesada para o lado.

Dentro, sobre uma prateleira de veludo vermelho estava um envelope pardo. Os punhos de Lilo estavam presos ao seu lado, então Griffin pegou o envelope e espreitou dentro.

Ficou gelado.

— Griffin? — A voz de Lilo tremeu. — Você está bem?

Ele pegou as fotos e as passou rápido.

— Por que meu pai teria fotografias da sua família?

— É isso? — A voz de Janet esganiçou atrás deles. — É isso que era tão precioso que seu pai precisou esconder da esposa?

Griffin virou a tempo de ver Janet voltar tempestuosa pelas escadas e bater a porta fechada.

— Não sei. — Griffin as enfiou de volta no envelope. — Mas precisamos ir.

Lilo pausou, pensando em alguma coisa. Talvez ponderando se acreditava na mentira.

— Se são apenas algumas fotos de você e sua família, então não vai ligar se eu as levar para trocar pela vida do meu pai. A não ser, é claro, que esteja escondendo alguma coisa.

— Não. Proíbo.

— Desculpa?

— Você não vai no encontro. Não depois do que descobrimos hoje.

Lilo apertou a jaqueta contra o peito.

— E o que exatamente descobrimos hoje? Por favor, me diga.

Ele não podia.

— O que exatamente sua família faz, Griffin? Sei que Parker é um dos homens mais ricos da cidade. Está envolvido em algum negócio escuso?

— Não. Não é nada disso. Não sei por que seu pai está tirando fotos nossas, mas pretendo descobrir. Até lá, não é a hora de discutir isso. — Griffin deu um olhar intencional para a porta por onde Janet desaparecera. — Não precisa se preocupar com essas fotos. Vamos.

— Não pode me dizer o que fazer, Griffin. É o século vinte e um. Se eu quiser ir, vou. Se quiser descobrir a origem das fotos, eu vou. Foi você que disse que eu precisava me defender. Bom, essa sou eu, me defendendo.

— Vou levá-las para a polícia e poderão lidar com isso. Fim de papo. — Depois de conhecer a mãe dela e pressentir as intenções gananciosas, já decidira impedir Lilo de participar da reunião. Era perigoso demais, volátil demais, e agora que ele sabia que a família estava misturada nisso tudo, estava ainda mais certo que ela precisava ser protegida.

Lilo não vira todas as fotos de vigilância incriminando sua família. As que capturaram Evan e Parker tirando o capuz dos Sete Mortais dos rostos. Quem fosse que colocasse as mãos nessas fotos tinha o potencial de extorquir muito dinheiro da família Lázaro, ou colocá-los atrás das grades. Ou pior, chantageá-los.

A pergunta era, o que o pai da Lilo pretendia fazer com elas, ou mais precisamente, o que os sequestradores queriam com eles?

Um ping soou e Lilo tirou o telefone do bolso. Pelo jeito que o rosto desmoronou, não foram boas notícias. Esperava mais discordância dela pelo sequestro, mas ela não falou nada.

— O que é?

Ela limpou os olhos e fungou.

— Não importa. Cansei desse lugar. Cansei dos homens e assim que me der as fotos, cansarei de você.

Não podia ver que ele estava fazendo isso para o seu próprio bem? Ninguém precisava se envolver com extorsão e chantagem.

— Não vai ficar com as fotos, Lilo. Vão para a polícia. Você é uma jornalista. Não fico confortável com elas nas suas mãos.

— Não confia em mim.

— Como você disse no caminho, acabamos de nos conhecer.

— Como deveria recuperar meu pai?

— A polícia vai lidar com isso.

— Confiança é uma faca de dois gumes, Griffin. — Lilo olhou feio para ele.

— O que está fazendo? — perguntou depois que ela continuou a abrir os olhos para ele.

— Estou lançando lasers em você com os olhos. *Pew pew*. — E aí deu um olhar intenso para o envelope nas mãos dele antes de conferir o telefone, balançar a cabeça e deixar a sala. — Cansei mesmo.

CAPÍTULO 16

GRIFFIN LÁZARO

A noite seguinte, Griffin chegou no Heaven, o restaurante abaixo do prédio dele. Parker era o dono, Wyatt costumava ser o chef principal, e desde que se comprometeram outra vez a lutarem contra o crime, se reuniam uma vez por semana para discutir as operações na privacidade de uma sala de jantar reservada para os convidados vips.

Foi o último a chegar às seis e meia da noite gélida. A neve cedera pela maior parte do dia, mas a temperatura permanecera frígida, assim como seu humor. Apesar da insistência de que estava cansada dele, deixara Lilo em casa na noite anterior e estivera taciturno desde então. Ainda podia imaginá-la vividamente pisoteando a neve do lado de fora da casa dos pais até parar no gramado encharcado, tremendo apesar do casaco grande e cachecol. Teimosa, chamara um táxi e o ignorara a ponto de agonizar.

Achava que o outro lado de ser o oposto do pecado da ganância era que não era fácil para ela aceitar ajuda. Gostava mais de dar do que receber. Passara os anos desde que deixara a família dando tudo de si para o benefício de outras pessoas. Quer fosse para descobrir segredos criminais, investigar casos arquivados que ninguém queria pegar, ou dar fisicamente quando ela própria tinha tão pouco. Era claro que gastava os últimos trocados nos donuts para os colegas. As roupas e acessórios estavam velhos e gastos. Vivia em uma área acessível da cidade. Ponderou quando foi a última vez que aceitou um presente, ou recebeu ajuda sem oferecer nada em troca. Não tinha um pingote de ganância ou egoísmo no corpo. Devia ter precisado de muito para pedir para que ele fosse na casa dos pais com ela.

No caminho de volta, para o apartamento dela no centro, descobrira a mensagem perturbadora que recebera no telefone tinha a ver com a matéria recente que escreveu para o jornal. Fora publicada com o nome do Doppenger sob o título e incluía o conteúdo que lutara para tirar relativo à aparência do atacante. Griffin podia ver por que ficaria brava com Donald, mas não com ele.

Só estava tentando evitar mais violência. Só não podia imaginar como ela pensou que ficaria segura indo para uma reunião com

criminosos.

Ela o ignorara o dia todo no trabalho e Griffin tivera poucas chances de registrar as informações relativas à sua proximidade, toque e efeito no seu marcador biométrico. Passara o tempo trabalhando com os outros funcionários e repassando o algoritmo do Parker para encontrar o resto dos parceiros da família.

Dizer que estava incomodado quando enfim sentou no salão privativo era eufemismo. Na ponta da mesa, tinha uma boa visão da família, incluindo a nova adição, a parceira de Evan, Grace. Parker, Sloan, Liza, Tony e os pais, Mary e Flint, todos estavam ali. Entretanto, Wyatt ainda estava ausente, deixando Griffin ponderar por quanto tempo o período sabático autoimposto pelo irmão duraria. Wyatt podia ser esquentado às vezes, mas era pragmático e Griffin sentia falta disso. Fora a voz da razão... isso é, até no final, quando a cólera o cegara.

O perigo nas suas vidas não era apenas físico.

— Estava na hora, mano — Evan resmungou da cadeira ao lado de Griffin. — Tô morrendo de fome.

— Nada te impedia de comer.

— Mas seria rude, e isso não sou. Sou, doc? — Cutucou Grace com o cotovelo. — Só que talvez já tenha comido um rolinho primavera.

— Nunca deixe Wyatt te pegar chamando isso de rolinho primavera — Liza disse do outro lado da mesa. Teve um segundo de silêncio enquanto todos sem dúvida sentiram a mesma saudade pelo membro ausente da família. — São desconstruídos... não sei. Como disse, Parks?

Sentado do outro lado de Griffin, Parker ergueu uma sobranceira.

— Gỏi cuốn vietnamita.

— Viu? — Evan pegou um e colocou na boca, murmurando com deleite. — Rolinho primavera.

Grace se inclinou para olhar em volta de Evan.

— Como está, Griffin? E o ombro?

Ele o girou.

— Ótimo. Quase curado.

— É bom ouvir isso. Fiquei um pouco preocupada quando Lilo me disse que Donnie o reabriu.

— Lilo falou com você? — Mas não com ele?

Evan engasgou com uma risada, quase cuspidando tudo, depois apontou para Griffin com o garfo.

— Olha pra sua cara, mano. Está caidinho.

— Faz parecer uma doença venérea. — Grace franziu o nariz.

— Bom, se ele se sente como eu quando te conheci — pausou para um efeito dramático, depois apontou para Griffin outra vez com um sorriso —, não tem chance nenhuma.

— Trouxe a papelada? — Parker perguntou, ríspido.

Usando um terno sob medida, Parker parecia o CEO que era. O longo cabelo castanho avermelhado roçava o colarinho caro e estava perfeitamente arrumado, assim como a barba por fazer. *Estou esperando*, os olhos disseram.

Griffin pegou um monte de papel dobrado do bolso do blazer e entregou para Parker.

Era difícil não ver Tony na ponta da mesa, já terminado de jantar e esparramado com um toque embriagado nos olhos inchados. Depois de terminar as filmagens no set do último filme, parecia exausto. O cabelo que costumava ser curto estava bagunçado, a barba por fazer parecia estar ali há dias, e se interpretara um vagabundo no filme, Griffin teria acreditado. Às vezes, Tony gostava de se vestir simples para evitar que fãz malucos o assediassem, entretanto, ainda tinha a cara do contracheque milionário.

— Então, o que você achou? — Parker examinou as anotações de Griffin.

— Do algoritmo de parceiros?

Liza bufou.

Usando um uniforme a paisana comum de detetive, devia ter vindo direto do trabalho. Jogou a trança escura sobre o ombro e se inclinou na direção de Parker para ler as anotações de Griffin.

— Você se importa? — Parker ergueu as sobrancelhas para ela. — Existe algo chamado espaço.

— Não nessa família. — Outra bufada dela e continuou lendo. — Algoritmo de parceiros. Que nome bizarro.

— Bom, é o que é, não? — Griffin balançou o guardanapo e colocou no colo. Alisou até as bordas cobrirem as coxas.

— Quem liga pro nome? Qual o veredito? Vai funcionar? — Parker perguntou.

— Só para deixar claro, no algoritmo, não posso comentar. Não sei como escrever código, mas quanto a acurácia do banco de dados... — Pausou.

Liza se inclinou para frente, ansiosa. Sloan parou de remexer com os rolinhos primavera e colocou a ponta das marias-chiquinhas na boca, mastigando enquanto encarava Griffin.

Todo mundo em volta da mesa ficou quieto. Esperou.

Não queria desapontá-los.

Graças ao sucesso da parceria entre Evan e Grace, todos estavam ansiosos para começarem uma vida sem o fardo do pecado. Parte de Griffin se rebelou contra isso. Dera a todos uma alternativa viável – o protocolo de tempo –, mas até ele podia ver que a saúde mental de Evan melhorara dramaticamente. Precisava admitir que o protocolo usava tempo valioso na sua agenda.

Griffin fez uma careta para onde a mão do irmão estava na coxa de Grace sob a mesa. Achavam que ninguém notou, ou não ligou, mas os dois estavam constantemente se tocando. Não era uma posição que Griffin podia se imaginar, ainda mais agora que Lilo não falava com ele, mas pela primeira vez na vida, ponderou que poderia gostar. Aqueles poucos momentos que compartilhara com Lilo no escritório foram... decisivos.

— Então, nada bom. — Parker balançou a cabeça, já tomando as próprias conclusões baseado na longa pausa de Griffin.

— Bom, não é ideal — Griffin confirmou. A barriga roncou e pegou o último rolinho primavera do meio da mesa para colocar no prato. — O banco de dados que está usando não é correto. As pessoas mentem nas redes sociais o tempo todo, e mais, se considerar a Grace, vai perceber que ela não tem uma presença online. Então esse algoritmo não a teria encontrado.

— Então é uma grande perda de tempo — Liza ralhou.

— Não diga isso. — Mary esticou o braço sobre a mesa para a filha.

Liza balançou a cabeça.

— Vou ser a última, juro. Quem diabos não tem luxúria no corpo?

Griffin se moveu desconfortável.

— Não disse que era inútil, mas na minha opinião, não é algo facilmente quantificado.

— É melhor do que nada. — Parker soltou os papéis na mesa.

A maior parte da família Lázaro reclinou na cadeira, melancólica.

A garçonete veio e tirou os pedidos – já que Tony comeu antes, foi direto para sobremesa e murmurou sobre a falta de mousse gostosa desde que Wyatt partiu. Enquanto esperavam que as refeições chegassem, a conversa mudou para um tópico aceitável enquanto a porta do salão estava aberta. Sons baixos de conversa entraram da parte pública do restaurante.

— Alguém teve notícias do Wyatt? — Evan perguntou, esperançoso.

Há alguns meses atrás, Wyatt partira, deixando apenas uma carta para trás e nenhum endereço de contato. A família sentia muito a ausência, agora mais do que nunca porque passaram meses sem notícias. Estaria sozinho no mundo, bravo e cheio de culpa e ódio próprio por não ouvir aos avisos de Evan sobre Sara.

— Nada direto — Mary afirmou, balançando o guardanapo.

— E indireto? — Evan sorriu rápido para a garçonete colocando o prato na sua frente, esperou que partisse e depois continuou. — Colocamos um rastreador na moto, né? GIA pode encontrar ele?

GIA era o gerenciamento de inteligência artificial deles. Criada em conjunto por Parker, Sloan e Flint, estivera no estágio de protótipo

final quando Wyatt desapareceu.

— Sabe tão bem quanto qualquer um desta mesa que GIA pode ser desativada manualmente — Parker respondeu. — Mas, não foi. Ele está na cidade. Só não sei por que não vem para casa.

— Surgiram alguns relatos no Lado-Sul de um motoqueiro de preto interrompendo reuniões de gangues e... — Flint hesitou e olhou para a esposa.

— Está sendo Wyatt — Mary terminou por ele.

— Ser Wyatt significa que está descendo porrada neles, né? — Liza perguntou. — Não está usando o traje, está? Não precisamos de mais reportagens negativas para a família se for reconhecido.

— Não está usando o traje. Só o capacete para cobrir o rosto.

— Mas não é esse o ponto. — Flint limpou as mãos no guardanapo. — As vítimas estão aumentando. Não sei quanto tempo podemos deixá-lo sozinho antes que ceda por completo ao pecado.

O silêncio surpreso pela sala irritou tanto quanto o barulho.

O pulso de Griffin latejava nas orelhas, e ele engoliu, puxando o colarinho. Wyatt não deveria estar lá fora sozinho. Era perigoso para ele, e para todo mundo. Griffin sabia melhor do que todos eles o que acontecia quando se caía na psicose do pecado... as pessoas morriam. Todos. Não só os pecadores. Encarou o prato à sua frente, contemplando. Estava na hora de contar para a família.

— Precisamos trazê-lo de volta — falou. — Se o pecado tomar conta dele, vai apagar e matar qualquer um por perto. Mães, crianças... qualquer um.

Parker parou de comer e focou nele. O olhar que trocaram transmitiu a urgência de Griffin.

— Está falando por experiência — Parker disse. Foi uma afirmação, não uma pergunta.

— Sim.

Esperou perguntas. Talvez alguns comentários. Algo do tipo: *É esse o seu problema*. Mas Mary só cobriu a mão de Flint sobre a mesa e segurou firme.

— Sinto muito que isso tenha acontecido com você enquanto estava sozinho, Griffin — ela disse. — Mas não está mais sozinho.

— Eu sei. — Virou para Evan. — E o seus sonhos? Podemos encontrar Wyatt assim?

Evan corou e olhou para Grace.

— Não estou vendo nada além do meu relacionamento no momento. Parece que meus sonhos estão conectados com o que mais penso quando estou acordado.

Foi a vez da Grace corar ao abaixar o olhar para a mesa.

A garçonete voltou e quase terminou de servir as refeições para cada um, incluindo a sobremesa de Tony que ele aceitou com uma

piscadela de flerte.

Quando a garçonete saiu outra vez, Parker deu um olhar feio para Tony.

— Não cuspa para cima, Tony.

— Relaxa, não vou fazer nada. — Tony olhou feio de volta, erguendo as mãos em rendição falsa. Ignorando o olhar firme de Parker, deu uma colherada na mousse de chocolate.

O homem comia tanto sem engordar. Era louvável. Apesar do regime rigoroso de exercícios ter sido criado para mantê-lo firme e sarado e os pessoais nunca deixarem que perdesse um treino na academia.

— Estou falando sério — Parker acrescentou. — Não podemos nos dar ao luxo de ficar contratando novas funcionárias todas as vezes que você ficar duro por uma delas.

— Que seja. Ei, tenho algo mais apropriado para conversarmos — Tony desafiou. — Alguém mais parou para se perguntar se foi o Wyatt mesmo que escreveu aquele bilhete? Quero dizer, e se era falso?

— Era a letra dele — Mary discordou. — Reconheceria aquele garrancho em qualquer lugar.

— Mas não temos cem por cento de certeza, né? — Tony retrucou.

Silêncio pairou em uma poça crescente de incerteza.

— Acho que deveríamos encontrá-lo — Griffin ofereceu. — Se ele quiser permanecer isolado, então não tem problema, mas precisamos ficar de olho nele. Não gosto de não saber exatamente onde ele está. É um risco, para nós e ele. — Ainda mais porque tinha alguém lá fora com uma câmera, procurando capturar evidências das verdadeiras identidades deles.

— Concordo — Evan acrescentou.

Um coro de concordância percorreu a mesa.

— Então tá. — Parker levantou e fechou a porta do salão depois que a garçonete saíra pela última vez. — Está resolvido. Encontramos Wyatt. Sloan, pode fazer um pouco de mágica amanhã e começar o processo?

— Ahn? — Sloan olhou para cima da refeição intocada.

— Preste atenção, Sloan — Parker ralhou. — Essa fossa sua tem que acabar.

Tirou o cabelo da boca tempo suficiente para abrir uma carranca e dizer:

— Vai se foder, Parker.

— Pega leve com ela. — Tony jogou o guardanapo no Parker. — Deve ter perdido todos os v-bucks no Fortnite ou algo assim. Não se preocupe, mana — piscou para Sloan —, tô contigo.

— Você também é um babaca. — Sloan jogou o garfo no Tony. — Não sabe do que está falando.

— Chega. — Mary bateu a mão na mesa. — Estão agindo como um bando de adolescentes.

— O que é um v-buck? — Grace sussurrou para Evan.

Ele deu de ombros.

— Deve ter algo a ver com um dos jogos.

Brincavam, mas Sloan estava correndo sério risco de cair mais fundo sob a influência do pecado, preguiça. Só porque era baseado em negligência, não significava que não era perigoso. Ela engordou no passado, mas agora ele percebeu que mal tocou na comida e dormia muito. Ela raramente deixava o vídeo game, e Griffin não podia se lembrar da última vez que a vira no traje de combate, nas ruas. A massa corporal estava caindo rápido, e não de um jeito saudável.

Griffin deu uma garfada na carne e mastigou, tentando lembrar.

Dois anos atrás.

Fora há dois anos atrás, depois da explosão. Deu um olhar preocupado para ela. Foi na época que estivera toda animada de conhecer um dos amigos virtuais de jogo na vida real. Não sabia exatamente o que aconteceu, mas sabia que o homem não apareceu. Não fora a mesma desde então. Talvez o protocolo de equilíbrio do Griffin daria certo para ela. Fez uma nota mental para visitá-la e ensiná-la quando tivesse a chance.

— Temos coisas mais importantes para discutir esta noite. Griffin — Mary o olhou nos olhos —, nos conte sobre as fotos que encontrou ontem.

Abaixou o garfo, supondo que seria melhor que ele começasse do começo.

— Ontem, descobrimos uma conexão entre os ladrões assassinados na joalheria e o pai sequestrado de Lilo. Estou inclinado a acreditar que ele é um chefe da máfia no controle do bairro Lado-Sul e partes do condomínio fechado Eyrie.

— Essa é sua amiga, doc? — Evan disse surpreso.

— Ah, não se preocupe — acalmou o parceiro —, ela se excomungou dos pais há anos atrás. É muito legal.

— Claro. — Evan não pareceu convencido.

— Como estava dizendo, o pai foi sequestrado e um bilhete de resgate enviado. Ontem, Lilo recebeu uma orelha ensanguentada entregue na redação do Cardinal Copy instruindo que levasse o conteúdo do cofre particular do pai até uma localidade pré-determinada amanhã à noite. Fui com Lilo...

Tony ergueu a mão.

— Desculpa, quem diabos é Lilo mesmo?

Griffin olhou para ele um longo tempo, imaginando todas as coisas que faria para que sentisse dor. O garfo que Sloan jogara levitou até pairar na frente do olho de Tony, os dentes para frente.

Tony ergueu as mãos em rendição.

— Que garfada é essa?

Griffin soltou o metal que tilintou no prato.

— Jesus. Só estava perguntando — Tony gracejou. — Acho que é o motivo que você está todo metalizado agora.

Grace o salvou de responder.

— É uma amiga minha que também trabalha no Cardinal Copy.

— É óbvio que é mais do que amiga. O que perdi? — Tony procurou todos os olhares na mesa.

Griffin não queria falar sobre Lilo.

Parker limpou a garganta.

— Desde quando?

Mary e Flint haviam guardado segredo da habilidade, permitindo que aceitasse a mudança, mas não havia como negar agora.

— Desde segunda.

— Vamos conhecer essa mulher?

— Não. Como estava dizendo, antes de ser rudemente interrompido. Quando fui na casa dos pais dela e investiguei os conteúdos do cofre, não descobrimos nada além de fotos de câmeras de vigilância de nós.

— Todos nós? — Evan perguntou.

— A maior parte. Em trajes de combate, semivestidos. Quem quer que seja que tirou as fotos estava nos seguindo há um tempo, e é óbvio que planejava nos chantagear, ou entregar.

— Não faz sentido. Por que o pai de Lilo teria as fotos e não usaria? — Liza perguntou.

— Não sei — Griffin respondeu. — Mas pretendo descobrir amanhã a noite quando interceptar os sequestradores antes da troca.

— Vai como Ganância?

— Naturalmente.

— Leve alguém com você. — Parker olhou pela mesa. — Voluntários?

Ninguém respondeu, tirando Evan que acenou o braço tatuado no ar como uma criança.

— Alguém além do Evan? — Parker fuzilou o resto dos irmãos. — Liza?

— Quando disse, amanhã à noite? Tenho um encontro.

— Quando não tem? — Tony provocou.

Ela deu de ombros.

— Ainda não te alcancei, chuchu, além do mais, não posso evitar que sou linda. Não fique com inveja.

— Ele tem — Evan confirmou.

Griffin supôs que Evan saberia, pressentia inveja, afinal.

Tony usou a colher para apontar para Liza.

— Tá mais pra tipo você não pode evitar se...

— Calado — Liza ameaçou. — Você é o galinha aqui, não eu.

— Continue se falando isso, Lize. — Tony ergueu uma sobrançelha indignada.

— Vou te machucar. — Liza fingiu um soco, segurando no último segundo de forma que a mão pairou a um centímetro do rosto de Tony.

As pálpebras de Tony se abaixaram a meio mastro, imperturbável.

— Tony. Liza. — Parker cortou a carne. — Chega de picuinha. Nossas comidas estão esfriando. Tony, por que não ajuda Griff? Não me diga que vai filmar até tarde. Disse que já terminara.

As sobrançelhas de Tony se juntaram.

— E a Sloan? Quando foi a última vez que ela saiu?

Foi nessa hora que Parker apertou a ponte do nariz e soltou um suspiro exuberante.

— Não importa. Vou sozinho — Griffin disse. — Agora o segundo assunto na lista: o impostor. A maior parte de vocês sabe que ele me atacou ontem na redação e garantiu tirar uma amostra do meu sangue. Conseguiram alguma informação dele depois que mandei os detalhes?

Foi Flint que respondeu.

— Donald Doppenger trabalha no Cardinal Copy há quinze anos. Nesse tempo foi nomeado ao Pulitzer duas vezes, mas não foi premiado. O irmão é um senador. O pai é um juiz aposentado da Suprema Corte, e a mãe morreu há alguns anos atrás, mas era uma cirurgiã renomada que inventou uma nova membrana em spray que pode ser usada internamente.

— Sim, lembro do nome — Grace acrescentou. — Ruth Doppenger.

— Como pode ver, Donald veio de uma família bem-sucedida. Também namorou Lilo Likeke por alguns anos, mas o relacionamento acabou. Foi toda informação que conseguimos, nada para explicar por que estava fazendo de tudo para conseguir uma amostra do seu sangue, Griff. Tem certeza que é o homem certo?

Ouvir o nome de Lilo e Donald na mesma frase embrulhou seu estômago, mas ela era a conexão mais próxima dele. O pensamento passara por sua mente de questionar Lilo sobre os motivos de Doppenger, mas não pode se obrigar a envolvê-la mais.

— Tenho cem por cento de certeza. A assinatura de ganância de Doppenger combina com a do impostor. Não estava na redação hoje para que eu pudesse investigar mais.

— Espera um pouco. — Tony ergueu a mão. — Agora, não jogue garfos voadores em mim, mas quem diz que essa mulher não está mais envolvida com ele? Tudo parece um pouco conectado demais para mim.

Griffin apunhalou a carne com a faca.

— Ela terminou com ele meses atrás.

— É o que ela diz. Só estou bancando o advogado do diabo. A família dela é mafiosa. Não precisa olhar assim pra mim.

— Não — Grace acrescentou com um olhar empático para Griffin.

— Não tem chance nenhuma que ela está com Donnie.

— Como você pode ter certeza, Doc? — Evan perguntou baixinho.

— Não deveria dizer isso porque é uma quebra de confiança, mas quero que saibam que ela é uma das melhores pessoas que conheço. Não tem chance nenhuma que ela está de conluio com ele porque... era um relacionamento abusivo.

Abusivo?

Nenhum som, nenhum pensamento, nada se moveu na mente de Griffin exceto aquela palavra, várias e várias vezes, e com cada repetição, os músculos ficavam cada vez mais tensos. Não podia tirar da cabeça.

Abusivo.

O que Doppenger fizera com ela? Como? Quando? Onde?

Não tocara nela com uma vara de pescar.

Não foi até Parker dizer:

— Relaxa, Griff —, que Griffin percebeu que deixara o controle escapar e utensílios de metal pairavam a alguns centímetros da superfície da mesa. Garfos, facas e colheres rodopiavam ao nível do rosto, girando cada vez mais rápido com o stress elevado de Griffin.

— Isso é irado! — Evan sorriu. — Mal posso esperar até treinarmos, mano. Até que enfim no mesmo nível com alguém. Apesar que você sabe que metal conduz eletricidade, talvez possamos nos unir e...

— Evan. — Grace colocou a mão gentilmente no braço dele. — Não é hora.

— Certo. Desculpa.

Em pânico, Griffin olhou para Mary. Ela não estava preocupada. Ele não deveria se preocupar.

Foque na respiração.

Griffin controlou a habilidade, devagar e tranquilo. Os itens se abaixaram suavemente.

— É melhor do que isso — Mary apontou. — Continue treinando esses músculos sobrenaturais.

Ele queria limpar o suor na testa, mas resistiu. O esforço de manter as emoções sob controle quando pensava na Lilo era grande, mas não impossível.

Saber que Doppenger abusou dela, não a queria em lugar nenhum perto dele e não queria perguntar dele para ela. Qualquer coisa que Griffin pudesse fazer para evitar sua dor, faria.

— Doppenger precisará ser interrogado. Eu deveria fazer isso — afirmou.

— Não. — Parker reorganizou o talher. — Está perto demais disso. Eu interrogo. Sloan virá junto.

— O quê? — Sloan reclamou. — Mas...

— Mas o quê? Tem coisas mais importantes para fazer?

— O traje não me serve.

— Essa desculpa está cansando. Faça um novo traje, ou use outra coisa, ou vá para a academia. Temos um novo protótipo de traje chegando e quando isso acontecer, não vai ter desculpa, então se acostume. Por enquanto, tudo o que precisa é da sua máscara para esconder o rosto e um capuz ou boné.

Ela gemeu.

— Tá bom.

Uma expressão de vitória passou pelo rosto de Parker.

— Ótimo. Acho que está claro para todos que se for outra ação do Sindicato, e vamos ser honestos, amostras de sangue são o MO deles, então estamos em grandes apuros. Estamos sendo perseguidos, fotografados e estão armando para nós. Precisamos assumir a ofensiva enquanto ainda temos a chance. Perdemos muita vantagem ao longo dos anos que vacilamos. Nossas identidades estão em risco, e se formos expostos, então perder nossa liberdade pode não ser o pior que teremos que encarar.

— Odeio dizer — Mary acrescentou, funesta —, mas poderia ser a Irmandade Hildegard.

Flint fez uma careta para a esposa e abaixou a voz, mas todos ouviram ele falar:

— Elas te deixaram em paz todo esse tempo. Por que agora?

— Porque roubamos as crianças delas.

— Roubamos do Sindicato. A Irmandade era só outro grupo tentando roubá-las.

— Exatamente.

— Não — Parker acrescentou. — Não acho que sejam elas. Mas vamos continuar espertos. É no radar do Sindicato que estamos agora, e nenhum de nós está seguro.

Griffin olhou para o prato, pensando nas ramificações das palavras do irmão.

Foi Evan que terminou o pensamento.

— O Sindicato tentou me sequestrar uma vez, agora a atenção está em Griffin assim que desbloqueou o DNA. Não pode ser coincidência. Precisa proteger Lilo a todo custo. Se descobrirem a conexão entre vocês, ela não estará segura.

Estava certo. O coração de Griffin palpitou, e apesar de Lilo estar brava com ele por proibi-la de ir à reunião, estava convencido que fez

a coisa certa. Ela precisava ficar em segurança.

— Não terminaram conosco — Evan continuou. — E pelo que parece, estão alistando mais pessoas para fazerem o trabalho sujo.

Só estou atrás dos gananciosos.

A memória colidiu com Griffin. Quando vestido como o impostor, Doppenger mencionou que estava caçando pecadores de ganância. Na hora, Griffin ficara muito furioso porque ganância era seu pecado, e nem ferrando que alguém pensaria que poderia caçá-lo melhor do que ele. Mas deixara passar o fato que ninguém mais deveria ter a capacidade de pressentir ganância.

— Doppenger podia pressentir ganância, como eu — ele disse.

— Isso não é possível — Parker respondeu.

Mary acrescentou:

— Nada na informação que conseguimos disse algo sobre ser feito em um laboratório, como todos vocês. Na verdade, levou uma vida muito entediante e mundana até nós aparecermos na cidade de darmos algo para ele escrever.

— Então como ele tem a habilidade de pressentir ganância?

— Talvez tenha sido um equívoco.

— Talvez ele esteja trabalhando com o Sindicato.

— Eles devem ter dado algo para ele, alterado-o de algum jeito.

Todos falaram ao mesmo tempo até Parker levantar, imponente sobre todos eles. O brilho feral no olho foi o suficiente para silenciar todos.

— Isso é inaceitável. Somos espécimes de elite, soldados projetados, ainda assim, de algum jeito, essa organização tem toda essa informação sobre nós e não temos nada deles. Quero todos trabalhando nisso. Suas vidas dependem disso.

CAPÍTULO 17

LILO LIKEKE

Depois de visitar a casa dos pais, Lilo passou alguns dias na dela, trabalhando em silêncio e processando os sentimentos. Não fora fácil já que Griffin sempre parecia estar por perto. Vagou atrás da mesa dela, pairou na periferia e tentou puxar conversa. Uma vez, dera uma caneca de café quente, que rejeitou com educação. Mesmo assim, os esforços implacáveis por atenção a avisaram que ele estava ali.

Olhou para o quadro de inspiração de heróis e lembrou por que o colocou ali para começar – para se lembrar que havia homens bons no mundo. Que havia esperança.

Proíbo.

Fim de papo.

Aquelas foram as palavras rígidas de Griffin.

Sentada à mesa e encarando a tela, se sentiu tão estúpida. Ela se permitira ser levada por ele; fora cega por confiar nele completamente. Do momento que colidiram na sala de descanso, ficara perdidinha pela confiança dele, mandíbula forte, lábios beijáveis... *Deus!* Enfiou a mão no olho e fez uma careta. Ainda não podia parar de pensar em como estava atraída por ele. Estivera mesmo tão desesperada por carinho que não vira a personalidade teimosa e rígida pelo que era? Controlador, possessivo e o oposto do que queria em um parceiro. Donnie lhe dera uma boa dose disso e quase a partiu. Ainda bagunçava sua cabeça. O pensamento de ter um contato íntimo com outro homem a dava palpitações, e não por um bom motivo.

Nunca ficará satisfeita sem mim.

E se Donnie estivesse certo? E se não conseguisse se satisfazer porque ele não estava presente, dizendo a ela o que fazer ou como se sentir? Sempre fora dominante no quarto, e por um tempo, deu certo. Nunca precisava se preocupar em tomar a decisão errada ou decepcioná-lo.

Chega de pensar em homens decepcionantes.

Virou para o computador e abriu o arquivo que começara sobre a família Lázaro. Apesar do que Donnie ou Griffin pensavam, sabia que podia tomar as próprias decisões. Não estaria no Cardinal Copy se não

fosse uma investigadora decente, então estava na hora de fazer o que sabia fazer de melhor. Hora de descobrir por que Griffin evitara dar as fotos a ela. Ele as cobiçara. Fora um pouquinho protetor demais.

Alarmes estavam soando na cabeça dela desde então, e acenderam uma curiosidade insaciável que fez Lilo vasculhar a internet por informação sobre a família Lázaro. No bloco de notas ao lado do computador, escreveu os nomes deles, incluindo Mary e Flint – os pais de Griffin. Durante horas ficou perdida em matéria atrás de matéria. Encontrou bastante online sobre Parker, Tony, Wyatt e até mesmo Evan, mas quase nada sobre Liza ou Sloan. Griffin era quase invisível. Nenhuma outra família foi mencionada. Nenhum primo, ou contas em redes sociais. Toda a história deles começou há poucos anos atrás. Era como se o rastro digital deles antes de dez anos atrás fosse um fantasma.

Os instintos de jornalista estavam zumbindo.

Havia algo na família. Talvez algo importante.

Lilo tamborilou no bloco com o lápis e desenhou ao lado de cada nome. Para uma família tão grande, eram afortunadamente livres de problemas com a lei. Era quase limpo demais.

Ela se sobressaltou quando o despertador do celular soou e olhou para o relógio. Quatro e meia. O encontro com os sequestradores estava agendado para às seis, e a localização era bem no meio do bairro do Lado-Sul onde o crime era desenfreado e até a polícia temia entrar. Precisaria passar pela favela ao lado do rio para chegar lá, mas tinha o aguilhão confiável preso na coxa sob a saia. O outro coldre da coxa continha uma pequena pistola. Também tinha o fiel telefone espião na bolsa para ajudar a capturar evidências.

A maioria das pessoas estaria em casa por causa do frio.

Estaria segura.

Podia fazer isso.

Não seria a primeira vez que se aventurava no Lado-Sul sozinha à noite. Um dia, ela seguira uma pista para descobrir a fonte de EZ-m, uma nova droga feita de cristais. Foi cheirada por muitos jovens impressionáveis que não tiveram uma brisa, mas ganharam passagem grátis para o pronto-socorro. O pai da Lilo mandara as coordenadas dos traficantes suspeitos, mas não podia aceitar as palavras dele. Confirmou pessoalmente a informação antes de entregar para o Donnie para uma exclusiva. Entrara fundo no bairro, sozinha, vigiara uma casa durante doze horas e tirou fotos incriminatórias, tudo sem ser descoberta. Se conseguiu fazer isso, conseguiria encontrar os sequestradores do pai e negociar.

E conseguiria escrever a história sozinha. Dessa vez, iria garantir que fosse publicada com o nome dela, não importava quais pauzinhos Donnie tentasse mexer.

Havia muitas coisas no sequestro que não faziam sentido. O comportamento errático da mãe era uma. Lilo tivera a impressão que a mãe sabia algo a respeito. Janet possuía um coração ganancioso, mas nunca antes havia falado em matar o próprio marido. Ver quem a mãe era de verdade fez Lilo acreditar que o pai a protegera da maior parte do comportamento psicopata, e se fizera isso, então do que mais a protegera?

Um lampejo da festa de dezesesseis anos, do pai passando a maior parte da noite com a mãe dentro da casa veio à tona. Havia mais envolvido? O pai estivera mantendo a mãe maluca longe dos convidados para o bem de Lilo?

Não.

Vira as atitudes corruptas do pai com os próprios olhos. Ninguém o obrigara a pagar todas aquelas pessoas para mentir para ela. Ninguém o obrigara a vender armas de destruição em massa do escritório. Era tão ruim quanto a mãe.

Ainda assim, algo não parecia certo.

Um pensamento sorrateiro e terrível desabrochou nos limites da sua mente. E se ele se transformou no que era por causa das exigências irracionais da mãe? Lilo sabia tão bem quanto qualquer vítima de um relacionamento abusivo que às vezes o abuso não era óbvio. Às vezes, surrava em silêncio até um dia chegar numa situação da qual não se podia escapar.

Lilo esfregou os olhos até arderem. O cérebro doía. Estava cansada de mentiras e desculpas. Estava cansada de ser gerenciada por homens. Primeiro o pai, depois Donnie, agora Griffin.

Os olhos vagaram para o quadro de inspiração de heróis com anseio.

— Hora de ir pra casa — Bev disse do seu lado da divisória.

— Isso. — Candy deu um soco no ar e pulou da cadeira, saindo sem outra palavra.

— Cinco horas — Lilo sussurrou, coração acelerado.

Era hora.

Colocou o casaco, enrolou o cachecol no pescoço e puxou o gorro de lã sobre a cabeça e orelhas. Depois de mandar tchauzinho para Bev, pegou a bolsa e foi para a saída. Enquanto esperava pelo elevador, tensão nervosa subiu por sua coluna, então quando alguém chamou o nome dela, pulou.

— Lilo. — A voz dele atravessou o coração até o cerne dolorido.

Virou. Griffin estava parado atrás dela, as mãos nos bolsos, olhos azuis atentos e focados. Mal falou com ele nos últimos dias, mas observara de soslaio todas as vezes que entrava na sala, ficando vermelha como um pimentão com consciência. Ela sentira o calor dele ao longe e pelas paredes como se ele ficasse parado ao lado da sua

mesa o dia inteiro. Fora tortura cortar todas as tentativas de conversa, mas ela tinha orgulho e dignidade. Agora estava ali, todo ombros largos e viril no suéter preto apertado, completamente ignorante do seu efeito nela.

Usou um dedo para ajustar os óculos na ponte do nariz.

— Precisa de uma carona para casa?

Ela piscou e virou de volta para o elevador, agora abrindo as portas.

— Não. Obrigada.

Ele a seguiu para dentro.

— Vai para casa, né?

Ah, entendeu o motivo, e fogo queimou na visão dela.

— Não é da sua conta para onde vou.

Um homem alto usando um chapéu Fedora entrou no elevador. Griffin rosnou e o empurrou para fora.

— Pegue o próximo.

— Griffin! — exclamou depois pediu desculpa em silêncio para o homem de chapéu.

Griffin apertou o botão do térreo e depois virou para ela, os olhos ardentes.

— Não tenho tempo para jogos, Lilo.

E lá vem o verdadeiro Griffin, pensou amarga, odiando que estivera certa.

As portas se fecharam, prendendo-os juntos, mas nem ferrando que aceitaria artimanhas tão mandonas. Ergueu o queixo e encarou as portas.

— Só me diga que vai para casa e vou te deixar sozinha.

— Vou para casa.

Em algum momento.

Ele exalou.

— Ótimo.

As portas se abriram e ela saiu sabendo muito bem que o olhar intenso dele estava colado nas costas dela, observando o caminho todo que precisava fazer para atravessar a portaria e sair pela porta de vidro giratória na noite. Virara à direita de propósito, deixando ele pensar que iria pegar um taxi. Quando virou a esquina, mudou o destino e foi para o metrô.

Até trombar com Griffin no elevador, estivera nervosa, mas vê-lo tentar ditar suas ações outra vez deu a ela a motivação de se ater aos princípios e continuar no caminho.

Meia hora mais tarde, saiu da estação Lado-Sul do metrô.

Quando entrou fundo no bairro, a coragem começou a falhar.

Era uma área mais velha da cidade e o desespero dos residentes pingava dos tijolos manchados e em ruínas. Paredes com janelas

quebradas assomavam de todos os lados e, enquanto se apressava pelas ruas escuras, olhares carregados a atingiam – a maior parte de homens ponderando quanto tempo a mulher solitária permaneceria intocada. Tremeu e apertou mais o casaco. Não estavam pensando nisso. Era a própria paranoia tentando fazê-la recuar.

Uma sensação de pavor a cobriu em ondas sufocantes ao se aproximar do destino. Quando chegou perto de uma fila de sem-teto encolhida na alcova de uma velha igreja, o choro de um bebê cortou o ar, levando a atenção para uma mulher curvada usando apenas um suéter largo e um vestido. As botas eram velhas com buracos nos dedos. Abraçado sob o braço estava um montinho.

Lilo parou. Estava frio lá fora, e as pessoas viviam na esqualidez. Aquele bebê não sobreviveria à noite.

Com seu problema atual esquecido, Lilo foi até a mulher. Tinha cabelo marrom comprido e embaraçado que grudava nos ombros com o orvalho da noite. A mãe viu Lilo e abraçou o bebê mais apertado.

— O que você quer? — um homem grisalho disse à direita.

— Só quero te dar uma coisa — Lilo disse para a mulher.

Olhos desconfiados observaram enquanto tirava o casaco e esticava o braço.

— Precisa disso mais do que eu.

— Não tenho dinheiro, senhora — a mulher disse.

— Não quero dinheiro. Tenho outro casaco em casa. Pegue, por favor. — Deus, por favor, aceite. Lilo não poderia viver com a morte de um bebê na consciência.

A mulher esticou o braço, mas o homem pegou.

— Não! — Lilo rosnou e usou bolsa para bater nele. — Não é pra você. Não ouse tirar isso da mulher e do bebê.

O homem sibilou para Lilo.

— Eu que mando por aqui.

— Acho que não, colega. — Lilo esticou a mão para baixo da saia comprida e pegou a pistola. Apontou para o homem. — Preciso repetir?

Ele entregou devagar o casaco para a mulher.

Com um olhar dividido para Lilo, ela colocou o casaco quentinho.

— Também fique com isso. — Lilo soltou o cachecol do pescoço. — Para o bebê.

Só quando estava enrolado em volta do bebê a Lilo ativou a trava de segurança da arma, virou e entregou pela coronha para a mulher.

— Para proteção — falou. — Para que consiga ficar com as roupas quentes.

— Ah, obrigada, senhora. — A mulher colocou a pistola no bolso, deu um olhar feio para o homem antes de recuar para seu canto da soleira da igreja abandonada.

Uma brisa fria roçou no rosto de Lilo e ela apertou com força a jaqueta jeans. Ficaria bem. Algumas horas no frio não era o mesmo que passar a noite ao relento. Não nevava há dias, e a noite era uma das mais quentes do mês. Frio o suficiente para doer se precisasse dormir ao relento a noite toda, mas não o suficiente para fazer mal durante algumas horas. Ficaria bem.

Com um aceno mútuo, Lilo deixou a mulher, garantindo que os passos permanecessem equilibrados e confiantes mesmo que o coração batesse acelerado. Quando chegou na localização da reunião, estava com tanto frio que os dedos dos pés e mãos estavam dormentes. Graças a Deus pelo gorro segurando qualquer calor corporal que a saia e a jaqueta jeans não conseguiam.

Voltou o foco para os arredores.

Vamos nessa.

O armazém era uma velha fábrica de embutidos. Caixas de madeira empilhadas do lado de fora foram desmontadas, provavelmente para fazer móveis improvisados ou ser usada como material de construção. As portas do lugar estavam bloqueadas, todas menos uma.

Tremendo com o frio, puxou a porta de correr de metal pesada para o lado, fazendo uma careta quando rangeu nas roldanas enferrujadas e destroços nos trilhos. Estava escuro do lado de dentro, mas o ar estava fresco e a brisa assoprou seu rosto. Olhando para cima, localizou a fonte do vento e o motivo de ninguém se abrigar aqui dentro. Tirando algumas vigas de metal, o telhado estava ausente, deixando o armazém completamente exposto aos elementos.

Tirou o telefone da bolsa e conferiu o horário. *Meia hora mais cedo.*

— Oi — chamou na escuridão, só por garantia. Quando a voz terminou de ecoar pelas paredes, ela se forçou para localizar movimento, mas só o silêncio a recebeu.

Em vez de esperar no frio, ligou a função de lanterna do telefone e apontou a luz em volta do perímetro do armazém. Era bom se familiarizar com os arredores para evitar ser pega de surpresa. Também precisava encontrar um lugar para o segundo telefone espião.

Colunas de pilares de pedra se erguiam para um telhado que não estava lá. Escadas de metal subiam para uma plataforma que não levava a lugar nenhum. Grafite cobria as paredes e tijolos quebrados e caixas espalhadas pelo chão. Porcas e parafusos estalavam sob os pés. Uma fogueira abandonada estava sozinha em um canto com caixotes quebrados em volta. Talvez no clima mais quente as pessoas usassem o lugar como refúgio. Partiu o coração dela ver tanta pobreza na cidade, enquanto outros engasgavam no luxo. Outros como a mãe e o pai.

Não vai demorar agora.

Posicionou rápido o telefone-espião em um caixote ao lado da parede e colocou um *timer* na câmera. Não era um equipamento chique ou algo assim, só um smartphone normal com um app que baixara que prometia tirar fotos contínuas em intervalos aleatórios. Se tudo corresse bem, então até o final da reunião, teria evidências incriminatórias para publicar no jornal de amanhã. Depois de garantir que o telefone parecia imperceptível ao colocar algumas latas espalhadas de feijão por perto, continuou a se mover pelo recinto escuro, usando o telefone-lanterna para iluminar o caminho.

Procurou por armas improvisadas para substituir a pistola e recitou mentalmente movimentos do krav maga para manter a mente afiada. Se fosse atacada com uma faca, imaginou bloquear e depois usar o braço da faca contra eles. Se fosse uma chave de roda, precisaria assumir controle da arma. Proteger o rosto com a mão, se mover para frente em vez de para trás, desviar e...

Um som repentino fez os pelos dos braços se erguerem. Balançou a luz na direção da fonte em algum lugar atrás dela.

— Quem está aí? — A voz ecoou.

Sombras emergiram da escuridão. Um, dois, três homens. E um quarto homem foi empurrado na área por outra silhueta alta. Como entraram? Estivera de olho na entrada. Os olhos se moveram em busca de outra entrada, mas não encontrou nada. Deve ter deixado algo escapar.

Endireitando a coluna, seguiu a aproximação.

— Sou Lilo Likeke — falou, a voz alta e orgulhosa.

— Não, docinho — veio o som rouco do pai. — Não deveria ter vindo.

Empurrado no feixe de luz, o pai parecia abatido e sujo. Sangue seco escorria de um ferimento onde a orelha esquerda costumava ficar e pela camisa polo fina. Um dia de um tom pastel, agora estava quase marrom. Apesar da sua condição, o pai mantinha uma postura de respeito que ela sabia vir de anos de mandar nas pessoas. Um dia, ficara impressionada com sua força e importância. Ela se sentira segura com ele.

Talvez fosse o motivo que tinha uma queda por homens confiantes. Deus, era um caso perdido.

— Estou aqui — ela disse. As mesmas palavras foram uma demonstração de solidariedade quando Griffin as pronunciou, mas aqui no armazém frio, soaram vazias.

Lilo olhou em volta, esperando como tola ver a polícia, até mesmo ansiando por ver Griffin. Mas ela o rejeitara e mentira para ele. Pensava que ela estava em casa.

Os outros homens se moveram em formação, cercando-a.

Aproximando-se da luz, notou as aparências. Usavam jaquetas de

couro limpas – algumas compridas e marrons, outras curtas e pretas. Nenhum deles parecia feral o que a levou a crer que eram parte de um sindicato organizado do crime. De aparência caucasiana, notou, tentando memorizar fatos para o artigo. Fingiu mover o telefone na direção deles para que pudesse ver melhor, mas tirou fotos furtivas dos rostos rapidamente no caso do telefone-espião falhar.

— Trouxe os conteúdos do cofre? — um homem troncudo com um rosto redondo perguntou. Tinha um sotaque irlandês, pele pálida e cabelo escuro na altura da orelha. Os olhos eram redondos e afastados.

Lilo deu tapinhas na bolsa.

— Primeiro, me diga que quer.

Uma gargalhada irrompeu do homem.

— Garotinha, não acho que está em posição de fazer perguntas.

— Lilo, dê meia volta e fuja — o pai ralhou.

O brutamontes segurando ele o socou do lado da cabeça, fazendo-o cambalear e Lilo gritar.

Vê-lo assim, ela sabia que não podia ir embora, não importava o que ele tivesse feito.

Lágrimas arderam os olhos dela e determinação enrijeceu a coluna.

— Sou uma jornalista do Cardinal Copy — ela disse. — Tirei fotos de vocês e subi no nosso armazenamento em nuvem. Se não o soltarem ou se eu não sair viva, serão publicadas automaticamente.

Nenhum pio de nenhum deles.

E aí o líder riu de um jeito esgançado. Indicou com a Glock para os homens avançarem.

— Ah, amorzinho. Acha mesmo que ligamos se nossos rostos forem divulgados? Temos amigos em posições de poder. Fizemos coisas muito piores do que isso.

Lilo congelou. Seria difícil extrair o agulhão sem ser notada, mas precisava tentar. Começou a puxar o lado da saia, juntando as dobras, mas antes de chegar muito longe, a pressão fria de uma arma a cutucou na têmpora.

— Agora — o líder disse, e sorriu enquanto o camarada de piercing ameaçava Lilo. — É a última vez que vou perguntar. Trouxe os conteúdos do cofre?

Antes que pudesse gritar, antes que pudesse respirar, um tiro soou e o homem na frente dela desabou em uma poça crescente de sangue.

O telefone caiu dos dedos dormentes em câmera lenta.

O feixe da lanterna cortou o ar, iluminando visões aleatórias que queimaram em suas retinas: uma pomba sentada na beirada do telhado aberto, o desespero nos olhos do pai ao encontrar o olhar dela, a aproximação ameaçadora de um corpo usando couro, capuz e lenço azul, apontando a arma recém usada para a cabeça dela.

CAPÍTULO 18

GRIFFIN LÁZARO

Quando Griffin se vestiu no traje de combate naquela noite, se manteve leve. Sentindo-se mais confiante com a nova habilidade, removera todas as facas e adagas, estrelas ninjas, dardos, espetos e garras de ferro. Elas o pesavam. Ficou com o bastão bo retrátil de metal, e prendeu um gancho com uma corda forte e fina no cinto. Por fim, enrolara cada punho com fita de boxeador, deixando os dedos livres e móveis.

Ao sair da sala de armas no porão do quartel general da Casa Lázaro, tentou não prestar atenção em como o couro estalava. Torceu para que o novo protótipo fosse livre de estalos.

Parker, Sloan e Evan estavam examinando um monitor de computador enorme sob um equipamento que parecia uma mesa de vidro. Era um sistema computacional conectado a GIA. No momento, analisavam um mapa. Estavam todos usando os trajes de combate, exceto Sloan. Ela usava moletom preto e um casaco com capuz, cabelo escuro colocado sob o colarinho.

Duas paredes da sala estavam cobertas por telas do chão ao teto e mostravam filmagens diferentes de câmeras de segurança pela cidade. Havia computadores e mesas na terceira parede. Flint estava sentado na frente de um, entretido por algo na tela. Mary estava em pé atrás dele com a mão no ombro.

— Localizou Doppenger? — Griffin perguntou ao flexionar os punhos, testando a adesão da fita.

Parker olhou para cima.

— Negativo. Não estava no apartamento ou no trabalho.

O cabelo fora preso na nuca, o lenço do rosto reunido em volta do pescoço junto com o capuz abaixado. Penduradas do cinto, estavam duas garras de metal, prontas para serem colocadas e cortar os oponentes. Griffin se aproximou e parou ao lado dele, se sentindo ligeiramente pequeno. Parker não só era o mais alto deles, mas também o mais robusto e musculoso. Griffin e Wyatt eram os próximos em massa muscular, depois Evan. Sloan tinha modestos um e setenta. Esperava que Parker pegasse leve considerando que era a

primeira vez dela em campo há anos.

— Doppenger não estava no Cardinal Copy ontem nem hoje — ele acrescentou.

— Colocamos alertas e armadilhas virtuais pela cidade. Se o rosto dele aparecer em algum lugar, vamos saber e estaremos prontos.

— Vou para o encontro com os sequestradores agora.

— Vou com você. — Evan se afastou. — Podemos ir com o Mustang.

— Concordamos que faria isso sozinho.

— Não — Parker acrescentou —, você concordou que faria isso sozinho.

— Cara — Sloan suspirou. — Deixa ele ir. Aí não vai estar nos irritando quando formos encontrar Doppenger.

Evan a empurrou brincalhão.

— Sei que está chateada porque te tiramos do jogo, então vou fingir ignorar isso.

Ela deu um sorriso tenso.

— Vai, Sloanie. Se anime. — Evan deu tapinhas nas costas dela.

— Evan vai com você porque precisa de reforços — Parker continuou. — Está na mira do Sindicato agora, então chega dessa merda de lobo solitário.

— Tudo bem. — Griffin rangeu os dentes e virou para Evan. — Espero que tenha colocado a roupa térmica.

Evan piscou.

— Roupa térmica e duas cuecas para isolamento extra. Esses ovos vão ficar quentinhos essa noite.

Sloan fez um barulho de vômito enquanto enfiava o dedo na garganta.

Evan sorriu e seguiu Parker até o brilho azul da tela-mesa.

— É uma representação do local para onde vão — Parker disse, fazendo um movimento na mesa computadorizada. Imagens de satélite de um armazém surgiram. — Parece abandonado.

— Não deve dar nenhum problema então. — Evan ergueu o capuz. — Vamos.

— Vamos sair em busca do impostor. Avise no ponto se precisarem de alguma coisa. — Parker acenou outra vez, desligando a tela-mesa.

Parece que acabaram.

Parker e Sloan acabaram pegando o Mustang, o que caía muito bem com Griffin. As motos eram melhores de manobrar. As chances eram que até alguém reconhecer o traje de combate, estariam longe. Os capacetes a prova de bala esconderiam as identidades, então estavam seguros o bastante.

* * *

Quinze minutos depois, Evan e Griffin desligaram o motor das

motos e deslizaram em um beco a uma quadra do armazém. Removeram os capacetes e ergueram os lenços sobre o nariz. O capuz subiu. Modificadores de voz foram ativados, e depois de uma checagem final de armas, Griffin ligou o cronômetro do relógio.

Meio escondidos sob a sombra do capuz, os olhos de Evan eram sem dúvida condescendentes.

— Ainda cronometrando essa merda?

— Funciona. — Mais ou menos.

— Mas não precisa mais ser tão rígido. Pode relaxar um pouco.

Griffin pegou o bastão e flexionou o comprimento até expandir no bastão bo.

— Vou relaxar quando estiver morto.

Espreitaram por um beco sujo coberto de neve e deslizaram por uma rua lateral, tentando não pisar em nenhuma poça. Quando chegaram perto do armazém em questão e perceberam que havia gente demais em volta, escalaram no prédio vizinho de dois andares e foram para o telhado. Agachando baixo, eles se aproximaram da beirada do prédio e espiaram lá embaixo, tomando cuidado para não derrubarem a coroa de neve.

— Quantos contou? — Evan perguntou, a voz baixa e rouca.

Nervosismo saturou o ar.

Ampliou o sentido da ganância e rastreou as assinaturas emanando dos indivíduos. No beco que os separava do armazém, pressentiu cinco pairando em volta de um carro estacionado. Metal cobriu a língua dele conforme a habilidade roçava nas armas escondidas. Três carregavam grandes rifles, outro uma arma pequena que presumiu ser parecida com uma uzi pelo formato e tamanho, e o quarto e quinto carregavam algo parecido com pistolas. Relatou a informação para o irmão e recebeu um xingamento murmurado, depois:

— É muito bang-bang.

— Tem mais lá dentro. — Griffin se moveu, desconfortável. Se só uma dessas balas fosse desviada, poderia significar problemas.

— Como é com esse tanto de metal, mano?

— Está se referindo a minha nova habilidade?

— Sim.

— Não sei. Não testei muito. Quando puxei a pistola do impostor, foi a única coisa que foquei.

— E projéteis em alta velocidade?

— Mary atirou estrelas ninja em mim durante o treinamento. Fui capaz de impedi-las antes que chegassem em mim. Duas de cada vez. Seis no total.

— Tá bom pra mim. Não deve acontecer, mas no pior caso, se atirarem, é sua responsabilidade, tá?

O estômago de Griffin embrulhou.

Ganância.

Se aproximando rápido.

Mais ao longe no beco, perto da saída da rua sentiu outro grupo de pessoas se aproximando em silêncio com a sensação de pecado pulsando gentilmente do âmago. Quatro no total. Talvez não relacionadas ao grupo no beco, talvez até um grupo de sem-teto a espreita. Dentro do armazém, fora de vista, tinham mais cinco.

— Conteí catorze — murmurou.

— Sério? Conteí quinze. Deve estar ficando mole, mano.

Griffin contou outra vez.

— Não. Com certeza, catorze.

— Caralho. — Evan ficou em silêncio enquanto o indicador se movia metodicamente ao recontar. — Quinze. Seis no armazém. Cinco no beco. Quatro se aproximando.

Por que teriam uma discrepância? Evan pressentia inveja, ele ganância. A maioria das pessoas sempre sentia alguma. Por que uma pessoa não teria ganância?

O chão se moveu e Griffin teve que se afastar da beirada.

— Não é possível — suspirou. — Disse que ficaria em casa.

— Ahh, cara. Sua mina tem colhões.

Griffin não conseguiu responder, a mente estava presa na mulher dentro do armazém cercada por todo aquele pecado. Sua garota, seu equilíbrio, sua... ela não era nada dele... *ainda*.

— Quais são as chances — Evan sussurrou.

O estômago de Griffin embrulhou, pensando o pior antes da sua razão alcançar.

— Trouxe aquelas bombas de fumaça do Flint? — ele perguntou.

Evan tirou duas bolas de metal do bolso cargo.

— Ótimo. — Griffin pegou uma e rolou a bola gelada na palma. A sensação do metal conectou com ele em um nível molecular. O item redondo zumbiu na palma e pôde sentir a construção do objeto. Dois centímetros e meio de diâmetro, marcada do lado de fora, oca no meio. Pensando bem. — Me dê as duas.

Poderia usá-las. Poderia controlá-las.

— Desarmamos os homens do lado de fora antes, depois entramos no armazém pelo telhado, soltamos as bombas, depois pegamos o resto. Vou pegar Lilo. Você pega o pai. Está bom pra você?

— Moleza. — Evan pressionou o dedo na orelha. — Controle para Major Tom. — Hesitou, depois atualizou Flint sobre a situação, pedindo reforços.

Dois segundos depois, uma pontada de dor atravessou o âmago de Griffin, e ele se curvou com um grunhido, a mão espalmada no teto por apoio.

— Qual é o problema? — Evan pausou.

— É outra assinatura. Mortal. É Doppenger.

Um tiro soou dentro do armazém e o coração de Griffin subiu na garganta.

— Tiros — Evan disse no ponto. — Doppenger está aqui.

Intenção letal quebrou em Griffin, e jogou as bolas de metal sobre a beirada para pairarem com seu poder. Correu e pulou antes que Evan pudesse falar.

De repente, naquele momento suspenso, soube com toda a certeza que uma vida sem Lilo não era algo que desejava.

Que sua parceira estava lá embaixo, cercada por ganância mortal, e não tinha ideia do que encarava.

Dois níveis de ar passaram antes das botas de Griffin baterem no pavimento. Ele se encolheu e rolou automaticamente para diminuir o impacto. Em um movimento fluido, ficou em pé, conferiu o controle sobre as bolas de metal e as atirou nas cabeças de dois homens virando as armas para ele.

Não tiveram chance.

As bombas de fumaça orbitaram as cabeças, acertaram têmporas e depois foram para o próximo. As bolinhas prateadas rodopiaram, derrubando os homens um por um como um tornado brutal. Tudo aconteceu em questão de segundos e aí ele estava espreitando no armazém, sinalizando para que Evan seguisse.

No instante que entrou, o coração palpitou.

Lilo estava no meio do espaço aberto com um cadáver aos seus pés. À direita, Doppenger apontava uma arma para a cabeça dela – outra vez vestido de Ganância. À esquerda, um grupo de homens sacou as armas.

Ela ficaria presa no fogo cruzado.

Antes que a mente registrasse o movimento, foi para frente com um grunhido poderoso. As pernas avançaram, os braços se moveram. Precisava chegar em Lilo.

Ainda a alguns metros de distância, o primeiro tiro soou. E o segundo. E o terceiro. E aí uma percussão rápida os cercou, quase levando os sentidos ao extremo e o desligando.

Mas afastou o pânico com força. Jogou a habilidade para cercá-los com uma rede magnética. Ainda correndo, ele deslizou até parar na frente de Lilo, a cobriu e virou as costas para a maioria das balas, só por via das dúvidas. O som continuou a açoitar a atmosfera em uma explosão final de fogos de artifício, mas a habilidade dele permaneceu forte conforme os projéteis iam na sua direção. Suor irrompeu nas têmporas, mas se manteve firme, pegando cada bala na rede. O rugido rápido implorava para que voltasse no tempo para quando estava no exército, para quando foi torturado. Para o bem de Lilo, permaneceu presente. Não poderia se dar ao luxo de voltar ao passado. Não agora.

Além do ombro dela, os olhos do impostor se arregalaram sobre o lenço do rosto com a compreensão do que Griffin estava fazendo. Em câmera lenta, Griffin o viu mudar o ângulo da horda atrás de Griffin para apontar para a nuca trêmula de Lilo.

Doppenger atirou até o pente clicar vazio. Dentro de segundos, a horda também terminou de atirar. Uma parede de balas voadoras os separava de todos os lados. Soltou Lilo e toda ganância no lugar voltou, permitindo que realocasse sobrenaturalmente a posição dos oponentes. Quatro com a horda, alguns se aproximando de fora, e ainda um na sua frente, a sensação mais suja de todas, Doppenger.

— *Lendário* — a voz de Evan soou no ponto. — *Minha vez.*

Uma sombra preta lampejou no canto da visão de Griffin conforme Evan entrava correndo. Deslizou de joelhos por uma poça onde dois criminosos estavam, segurou a perna de cada homem, e soltou um lampejo azul de poder. A eletricidade fritou o sistema nervoso deles, e caíram. Evan estava de pé antes de baterem no chão, se movendo para os outros dois.

Era a deixa de Griffin. Desviou de Lilo, correu na direção do impostor, firmou o bastão bo no chão e voou com os pés no peito do homem, empurrando-o em uma pilha de caixotes.

Ele se aproximou do corpo se contorcendo e analisou o homem, sentindo a raiva crescer. O bastão bo caiu no chão ao pegar Doppenger pela nuca e o socar no rosto. E de novo. E de novo. A cabeça de Doppenger caiu para trás todas as vezes. Socou até uma sensação de molhado atravessar a máscara e cobrir o punho de Griffin. Em algum lugar afastado da mente, sabia que deveria parar. Sabia que Doppenger era apenas um homem ganancioso se fantasiando de super-herói, que não tinha culpa do vício, mas ameaçara Lilo. Tentara matá-la.

Griffin queria que ele pagasse, e sua fúria vermelha e descontrolada queria continuar batendo.

Mas movimento cutucou na periferia. Mais pecado. Mais ganância. Empurrou o corpo mole de Doppenger de volta nos caixotes e virou para analisar o armazém.

Mais pessoas estavam entrando. Algumas pareciam sem-teto, outros eram os soldados caídos do beco.

— O que é isso, terra de ninguém? — A voz de Evan soou no ponto.

Um gemido atrás dele.

Doppenger tentou levantar, então Griffin deu um chute lateral.

Fique aí.

Mas continuou a se levantar, se contorcer, lutar de volta. Sobrenaturalmente. Por um único segundo de dúvida, Griffin considerou que o homem atrás da máscara não era Doppenger, mas a

assinatura de ganância era idêntica.

O grito de Lilo chamou a atenção dele.

Cutucou o aguilhão em um dos sem-teto se aproximando, e em um movimento habilidoso que não sabia que ela dominava, atacou o joelho de um homem e foi direto no pescoço, dando um soco firme.

Griffin hesitou, impressionado. O impostor se aproveitou da distração, segurou o bastão e moveu contra a cabeça de Griffin. Dor explodiu na têmpora e ele vacilou.

Pânico cresceu no corpo conforme os sons no recinto aumentaram, e as sensações táteis que abafara vieram à tona. Tudo era demais. Precisava proteger Lilo. Precisava sair dali.

Com tantas variáveis, só tinha uma opção. Soltar as bombas de fumaça.

CAPÍTULO 19

LILO LIKEKE

Lilo não podia acreditar. O sem-teto que tentara roubar o casaco da mulher e do bebê viera atrás dela! E trouxera amigos.

De toda audácia e ousadia gananciosa, atacá-la depois que já fora atacada, e enquanto uma batalha ainda acontecia. Anos de treinamento de autodefesa semanal entraram em ação e o corpo dela se moveu por instinto. Virou para os homens se aproximando e desceu o sarrafo com o agulhão. Um caiu, convulsionando e mijando nas calças. O segundo veio atrás dela com o joelho na barriga, mas treinara esse cenário várias vezes. Bloqueou com um movimento de limpar vidro, avançou e atacou os pontos fracos – soco no pescoço, chute no volume, dedos nos olhos e aí... e aí...

Olhou em volta. De onde a fumaça estava saindo?

Nuvem branca a cercou, criando um filme que bloqueou sua visão. Ela parou. Com a visão comprometida, os sons ficaram mais altos, ecoando a sua volta. Homens grunhindo, batendo, lutando e ecoando pelas paredes. Um homem gritou. Ah, Deus. Isso soou mais perto do que pensou.

O coração de Lilo acelerou e o nervosismo faiscou, querendo respirar mais rápido, mas ela engasgou. Cobriu a boca com a manga. Os produtos químicos fizeram seus olhos lacrimejarem.

Alguém a puxou. Cambaleou para o lado, tropeçou e caiu em braços poderosos cobertos por couro. Terror tomou conta enquanto olhava no rosto de um dos Sete Mortais.

Máscara azul.

Vira dois deles brigando. Dois Ganâncias. Um bom, um mau. Qual era esse?

Santinha misericordiosa.

Sem tempo para notar os olhos azuis firmes, foi jogada sobre um ombro e se moveram, pulando pela fumaça em uma velocidade preocupantemente rápida.

— Me solte! — Ela bateu nas costas dele enquanto irrompiam do armazém para o beco.

Ele continuou correndo.

Mas não havia jeito que seria levada sem briga. Ainda tinha o agulhão e enfiou na perna dele, mirando atrás do joelho. Um som de zumbido explodiu. Ele cambaleou, soltou um rosnado engasgado que arrepiou os pelos, mas não soltou.

Continuou correndo.

Ela gritou e bateu conforme seguiam pulando. Relutou e se contorceu. Tentou atacar a coxa outra vez, mas o agulhão saiu da sua mão e deslizou no chão. Foi como se alguém tivesse puxado com uma corda. Não! Poderia chorar. Ficou cada vez menor conforme a distância crescia entre eles.

Era a última arma.

A última defesa.

Não, não era toda a verdade, ainda tinha os punhos. Ela se revirou para usá-los nele, mirando na cabeça.

— Pare — rosnou, mas a voz estava errada, toda distorcida e computadorizada.

— Vou parar quando me soltar. — Os socos roçaram das costas duras, bumbum e coxas. Do que diabos esse cara era feito, granito? Era mais provável que ela quebrasse a mão do que ele.

Mas não desistiria.

Tentou beliscar. De certo, precisava ter alguma pele mole em algum lugar.

Nada feito.

Outro rosnado gutural, um grunhido e aí passaram por uma porta em uma sala escura e úmida.

Não! Não, não, não.

Não ficaria presa em uma sala com esse homem. Matou o primo dela, atirou no Griffin, era um assassino. Sabia disso com toda a certeza por que o verdadeiro Ganância não a sequestraria, né? De certo, estaria lá lutando. Os verdadeiros Sete Mortais eram bons. Ela apostaria a exclusiva nisso.

O cérebro caiu no estômago quando ele a virou do ombro e a pressionou contra a parede. Ah, Deus. A sala rodou. Quase vomitou.

— Pare de relutar.

— Nunca — arquejou e golpeou, mas foi como um daqueles jogos infantis quando te giram várias vezes e depois você tem que tentar andar em uma linha reta. Não podia fazer nada. O homem na sua frente girou.

— Relaxa. — A mão a equilibrou.

Não!

— Não me toque! — falou arrastado.

O sequestrador observou paciente enquanto a tontura cedia, e ela ficou ciente de uma luz zunindo e oscilando atrás dele, uma lâmpada pendurada em um fio.

Quando voltou a atenção para o homem, olhos frios e duros olhavam de volta. Assassino! Segurou os punhos voadores e a prendeu contra a parede com o corpo.

Tão quente.

Ela odiou que o corpo se deleitou no calor porque estava com frio. Empurrou contra ele.

— Não sou ele — a voz grossa soou ao se aproximar dela, o nariz tocando no seu — apenas uma fina camada de tecido separando a pele.

— Sou o Ganância verdadeiro.

O homem idiota parou com as pernas abertas. Ela deu uma joelhada.

— Não acredito em você.

Ele recebeu o golpe e soltou entredentes:

— Juro que sou eu.

— Está sem o bastão bo.

— Havia mais coisas importantes para carregar.

— Ah, claro, até parece. — Estava soando extraordinariamente não-maluco e não gostou. Raiva demais e agressão cresceram dentro dela com a reação de luta ou fuga. Lute, maldição, ela queria lutar.

Nunca mais ficaria amarrada como Donnie a deixara.

Empurrou contra ele, mas era como estar presa entre duas paredes implacáveis. Um grito frustrado dilacerou dos pulmões conforme impotência a cobria. Era forte demais. Poderoso demais. Como se pressentindo a mudança de emoções, ele a soltou e recuou.

A luz continuou a piscar e devem ter batido nela porque oscilava atrás dele com um rangido. Sem interromper o contato visual, pegou o cabo, parando a lâmpada. Quando soltou, ergueu as mãos em rendição.

— Não vou te machucar, juro, mas preciso que remova a arma que está presa na sua coxa antes que use contra mim.

Ela não tinha arma. Dera para a mulher, e o homem sem-teto estúpido devia ter roubado da pobre mulher, e como diabos ele sabia que ela tivera uma arma presa na coxa?

Apontou para ele.

— Fique para trás.

— Posso sentir o metal. É pequeno, mas está ali. — Franziu a testa, inclinando a cabeça. — Tem... formato de u. Um grampo?

Sentir o metal? Que diacho?

— Não acha que usaria a arma se tivesse? — Mordeu o lábio e, sabendo que era inútil, atacou os olhos dele, mas perdera o ímpeto. Ele pegou seus pulsos, girou e a empurrou de cara contra a parede com o corpo, braços presos para trás nas mãos. A parede fria na bochecha quebrou sua compostura.

— Por favor — soluçou. — Por favor, não.

Exaurira as glândulas adrenais até não sobrar nada. Se ele fosse mesmo o Ganância falso, era o fim da linha para ela. Mas se estivesse dizendo a verdade...

A parede dura atrás de si amoleceu.

— Então... não é uma arma?

— Não. Juro. Quero dizer, como disse, não tem arma. Entreguei para essa mulher na rua, para se proteger porque dei meu casaco e aí tinha um bebê, e, ah, meu Deus, pode conferir se quiser. Só olhe, pelo amor de Deus.

No instante que as palavras tagarelas terminaram, congelou. Acabou de dizer isso?

Pode conferir se quiser.

Idiota. Idiota completa.

— Ele usou uma arma. Abomino armas e nunca as usei. *Você* pode me conferir.

Queria que ela o revistasse? Era um prospecto quase tão assustador.

— Viu como parei aquelas balas, correto? — As mãos que a seguravam relaxaram, permitindo que os braços tivessem folga, mas a manteve olhando a parede.

Quem não viu aquilo?

Quando a saraivada de balas cobriu a sala, pensara que era o fim, com certeza, mas aí o Ganância chegara. Ele a pegou nos braços firmes e a segurou apertado enquanto o mundo estilhaçava em volta deles. O Ganância verdadeiro podia manipular metal. O Inveja verdadeiro podia usar eletricidade. Esses eram os fatos.

Foque nos fatos, Lilo. Ela assentiu.

— Certo, então se eu fosse o impostor, poderia fazer isso?

A fivela de metal no coldre da coxa se moveu, coçando a pele, fazendo a coluna arrepiar com o toque íntimo. Arquejou. A cada segundo, a apreensão derretia.

— Não sei mais como provar. — Ele a virou para encará-lo. — Sério, pode me revistar por uma arma se vai ajudar a te convencer.

Esticou os braços, se deixando vulnerável a um ataque. Não que ela ainda tivesse algo com o que atacar.

— Confira.

Se ela o revistasse e não encontrasse armas, importaria?

Ela se sentiria segura?

As perguntas giraram na sua mente enquanto o observava. Era uma cabeça mais alto que ela, ombros largos e grande. Força pura.

Mesmo com um homem tão mole quanto Donnie, sabia seus limites quando ele decidia forçá-la no quarto. Nunca cumpria as ameaças, mas gostava de lembrá-la que era mais forte. Tiveram vezes que a amarrara ou a segurara e se deleitara quando ela relutou, dizendo que

a animação deixava o sexo melhor.

Tiveram vezes que ela se sentira aterrorizada e impotente.

Não tinha dúvida que sob o couro daquele Ganância havia um corpo feito para guerra. Havia muitas amarras e bolsos no traje. Lugares para esconder armas. Mas quanto mais olhava para ele, mais a razão afastava os medos. Esse homem na frente dela não era o que atirou em Nathaniel, nem o que matou no armazém. Era um herói que se colocava em perigo, sem receber, sem agradecimento e sob ataque constante da mídia.

E ali estava protegendo-a, mantendo-a segura. Ainda assim, ela se sentiria melhor se não estivesse se escondendo por trás de um lenço e capuz. Se quisesse a confiança dela então precisava retribuir.

— Mostre seu rosto — exigiu.

— Você é uma jornalista. Não posso fazer isso.

— Sabe quem eu sou?

Depois de um segundo de análise severa, ele disse:

— Li seus artigos.

— Ah. — Um rubor marcou suas bochechas e de repente, se lembrou de uma coisa. Deixara o telefone espião lá, e... — Ah merda. Meu pai!

Ganância abaixou a cabeça e tocou o dedo na orelha.

— Atualização do refém. — Os olhos focaram nela enquanto ouvia a resposta. — Afirmativo. Estou com... a mulher. Vou levá-la para casa em segurança. — Abaixou a mão e encarou.

Bom, isso confirmou. O impostor trabalhava sozinho. Esse homem tinha amigos. Assim que a ficha caiu, animação subiu por sua coluna e viu lampejos vergonhosos do quadro de inspiração com os coraçõezinhos. Graças a Deus que ele nunca vira.

— Meu pai está bem? — ela perguntou.

— Está vivo.

— Onde ele está?

— Meus colegas estão no controle da situação. O impostor está sob custódia, e seu pai será entregue para a polícia.

Alívio fechou seus olhos e caiu contra a parede. Ao menos não estava prestes a ser assassinado. Deveria se sentir aliviada, mas não estava. Algo incomodava os limites da sua mente e não podia identificar. Os instintos jornalísticos estavam dizendo para continuar a pressionar, continuar investigando o pai, as fotos e aqueles homens lá fora. O Ganância impostor aparecera pela segunda vez relacionado com sua família. Ela poderia ter morrido.

Todas as balas voando nela.

O peso da compreensão surgiu e fez suas pernas tremerem.

Ganância a segurou pelos cotovelos, equilibrando-a.

Deveria abrir os olhos. *Abra os olhos, Lilo.* Mas não conseguia. Ele

estava ali. O calor dele a cobriu como um cobertor reconfortante.

— Salvou minha vida — suspirou.

Devia tudo a ele.

Quando não obteve resposta, ergueu as pálpebras para o impacto completo da atenção dele. Aqueles olhos traíram os pensamentos – duas bolas azuis escuras ardiam com intensidade – para ela.

Franziu o cenho e devagar, as mãos deslizaram sobre os braços até os ombros dela como se não pudesse evitar.

Ficou tensa.

Certo, isso com certeza não foi platônico.

Foi uma carícia, percebeu com um sobressalto. No momento que a ficha caiu, a percepção mudou. Foi quase um clique no cérebro. Não sentia mais como se ele fosse um estranho, mas alguém em quem confiava. Esse homem salvou a vida dela. Assoberbada com admiração, olhou para ele. Podia parar uma chuva de balas no ar e a colocou acima de tudo naquele recinto.

Ele a queria.

Centímetro a centímetro, ergueu as mãos até estarem espalmadas contra a frente dele. O toque simples através do couro grosso fez as pupilas dele escurecerem. Fez um som como se estivesse contendo um gemido.

Eles se encararam, esperando o outro parar.

Ninguém falou, mas os olhos disseram o bastante.

Deslizou as mãos para cima dos ombros largos.

Segurou o rosto dela, dedos ásperos de lutador roçando na mandíbula.

Agora é sua chance, os olhos dele desafiaram. *Me diga para soltar.*

No lugar, ela tagarelou:

— Me beije.

As pálpebras dele abaixaram com um olhar sedutor e quase pôde sentir o calor do seu hálito ao exalar.

Sim, era um homem de sangue quente ali embaixo, e também queria beijá-la. Devagar, puxou o lenço do rosto, mas num segundo, capturou seus pulsos e os segurou acima da cabeça contra a parede.

Choque acendeu excitação.

— Não — rosnou, tenso. — Não pode ver meu rosto.

Decepção a inundou, e sabia que era irracional. Era um estranho. Um bendito herói. Provavelmente conseguiria qualquer mulher que quisesse... mas estava aqui, olhando para ela com os olhos cheios de sexo. Olhos agora se enchendo com a mesma frustração que sentia.

Ele queria a mesma coisa. Mas se continha.

— Me toque — sussurrou, implorou. — Me beije.

Transferiu os pulsos presos para uma mão e depois, dolorosamente, abaixou o gorro até cobrir os olhos dela e a escuridão a engolir. Por

um segundo, pânico abalou seus sentidos e a levou de volta para Donnie. O coração galopou, o corpo ficou tenso.

Cobrira seus olhos, mas deixara a boca livre para respirar... e talvez livre para outra coisa.

— Me diga para parar se não quiser isso — murmurou quente ao pé do ouvido. A voz era grave, rouca e não disfarçada. Removera o modificador de voz, confiando nela.

Lambeu os lábios com ansiedade com o que isso poderia ser, e queria? Ela queria isso? Sim. Com certeza. Pequenos lampejos embaçados de luz vinham das frestas tricotadas do gorro. Ele era o homem das fantasias dela, sem compromisso. O quadro de inspiração feito real. Nada de mandar nela ou tentar controlá-la. Não estava mentindo, foi honesto sobre a identidade precisar ser mantida em segredo. Sob o couro estava um homem forte e letal que a colocou na frente de qualquer outro esta noite. Agora estava pedindo permissão.

— Eu quero isso — confessou.

Ela esperou.

Nada aconteceu.

E aí lábios quentes pousaram no pescoço, beijando e lambendo com ardor. Ah, *Deus*. As pernas enfraqueceram conforme desejo percorreu seu corpo, mas ele a segurou. Forte. Firme. No escuro, seus sentidos aguçaram. Ele cheirava a sexo – almiscarado e masculino. Focou no toque da boca macia e molhada. No pescoço, na orelha, na mandíbula. Era voraz no apetite por ela e a excitou.

Estava derretida. Encantada.

Se afogando em um outro mundo de calor, membros duros, lábios molhados...

Um gemido escapou dela e se contorceu, mamilos sensíveis endurecendo contra o corpo dele. Queria esticar o braço para ele – tocá-lo sob o couro – para sentir aquele poder ondulando sob os dedos, para se deleitar na pele sedosa... mas ele não a soltava.

Um lampejo de dúvida surgiu outra vez, mas ela afastou.

Não era Donnie. Era um herói.

Queria isso, né?

Aqueles lábios tocaram nos dela e a língua salgada penetrou, entorpecendo-a com o gosto. Toda razão desapareceu enquanto se beijavam como se o mundo estivesse em chamas.

CAPÍTULO 20

GRIFFIN LÁZARO

No momento que Griffin provou a boca doce de Lilo, ficou completamente perdido, entorpecido. Ela estava segura em seus braços. Mais do que segura. Viva, respondendo, gemendo e o beijando de volta. Deus, ela não tinha gosto de chiclete hoje. Tinha gosto de alguma delícia requintada feita só para ele.

Tudo formigou. Tudo era quase demais. Quase doloroso.

O que ele estava pensando para negar isso?

— Seu gosto é como se fosse feita para mim — murmurou na sua boca.

Ela suspirou e puxou os pulsos, mas ele não podia soltá-la.

Era mais do que suas sensibilidades. Com ela, sabia que poderia superar isso, mas não poderia revelar o segredo. Evan e Grace faziam dar certo com honestidade, mas Grace não era uma jornalista. Griffin não conhecia Lilo bem o suficiente para confiar que não compartilharia a informação com o mundo. O quadro de inspiração na mesa dela tinha pontos de interrogação sobre algumas das fotos. Pontos de interrogação e corações e beijos.

Em algum lugar, bem no fundo, também sabia que ela não fazia ideia que era ele, entretanto, estava se entregando a um estranho... ele se sentiu traído, e não fazia sentido.

Mas ele a queria.

Choramingou com frustração.

— Me deixe tocá-lo.

Ele a beijou outra vez, e roçou um dedo sobre a bochecha, sobre a mandíbula e a linha de uma veia no pescoço. Quando estremeceu, soube que encontrou uma zona erógena, então abaixou para explorar com a língua, lambendo e saboreando, ainda sem acreditar em como fora tolo de mantê-la afastada.

Quando terminou com aquela área, procurou outra, se deleitando nos gemidinhos de desejo dela. Tinha sabor de mulher. Pura e simples e o atingia na virilha todas as vezes que lambia, deixando-o mais duro com desejo. A língua foi mais para baixo, sob o colarinho, se aproximando na direção dos volumes macios dos seios.

Precisava de mais acesso.

Como se estivesse lendo sua mente, ela arquejou e por um segundo a mente dele esvaziou. A blusa de tricô grudava no corpo dela como um abraço erótico. Cederia se ele quisesse, ou se moveria para abrir caminho para os dedos, e aí os prenderia juntos – mão no seio, dedos no mamilo rosado. A ereção pulsou dolorosamente, querendo mais, então estocou, e a sensação o percorreu como uma onda.

Gemeu e talvez ele também, mas a mente estava confusa. Precisava processar. Recuou e soltou.

— Por que parou? — perguntou, ofegante, impaciente.

— Porque estou olhando para você.

— Gosta do que vê?

Viu uma mulher esculpida a perfeição.

Um rosnado baixo e ardente foi tudo o que conseguiu responder e depois:

— Como não gostaria? Tem o corpo de uma deusa.

Devia ter dito a coisa certa, porque ela avançou.

— Não — a voz rouca sussurrou enquanto a segurava outra vez firme contra a parede. — Sem tocar.

Um gemido frustrado escapou dela.

— Me deixe fazer isso por você. — Ele a beijou. — Me deixe te satisfazer.

Puxou a blusa no colarinho para revelar um sutiã de renda escuro. Afastou-o, soltando-a da prisão da renda.

— Mas eu quero — ela começou. — Ah, meu deus. O que você...

Soltou apenas um seio, pálido e empinado e depois colocou o peso na boca. Rodopiou o mamilo e chupou.

Ela arquejou, enganchou uma perna na cintura dele e empurrou os quadris para frente, se esfregando. A colisão resultante das partes mais íntimas o deixou fraco com euforia. Ele gemeu em volta da pele. Ela relutou outra vez, choramingando, implorando.

— Por favor... me deixe tocá-lo.

— Não.

Continuou chupando, provando, experimentando.

Mas aí o corpo dela ficou tenso sob ele, não mais complacente. A perna abaixou e fez um som dolorido.

— Pare — falou, a voz tensa, relutando. — Desculpa. Por favor, pare.

Mas ele podia fazer isso por ela. Salvava a vida dele. Ele salvara a dela. Agora poderia antecipar o protocolo de equilíbrio e...

Ela choramingou e soltou um soluço.

Quebrou algo dentro de si.

Ele se afastou, horrorizado consigo. Estava mesmo angustiada e a estava ignorando. O que estava pensando?

— Desculpa — sussurrou e ergueu a blusa para cobrir a nudez.

Ela se enrolou com a jaqueta jeans.

— Não, é minha culpa. Desculpa... não posso. — Ela tremeu, com medo de verdade. Como chegaram aqui? — É ficar presa.

Você a conhece, mas ela não te conhece.

— Meu último relacionamento — ela engoliu —, ele me amarrou e... quero dizer. Pensei que quisesse, e queria agradá-lo, mas não foi bem... Deus, você não precisa saber disso.

O horror dele adquiriu um novo tom.

Doppenger se *forçara* nela? E ela pensou que era porque queria. E Griffin quase fez a mesma coisa.

Porra. Merda. Deu um soco na própria cabeça. O que havia de errado com ele?

Houve sinais. Ela pedira, várias vezes. *Me deixe tocá-lo.*

Grace contara a ele. Ela estivera em um relacionamento abusivo.

Mas ignorara porque queria ganhar uma da biologia. Queria estar no controle, mas não estava, né?

Todo esse tempo, pensou que tivesse controlado os hábitos com um punho de ferro. Pensou que era melhor que os irmãos. Pensou que perder o controle era como aconteceu quando matou aqueles homens no passado, mas a verdade era que estivera fora de controle há muito tempo.

E ela ainda estava ali com o gorro sobre os olhos, esperando permissão.

Caralho!

Ele não era bom para ela.

Antes que pudesse mudar de ideia, saiu da sala e foi para o beco, correndo o mais rápido que as pernas pesadas podiam carregá-lo, abrindo a maior distância que podia.

Não foi até ligar a moto que percebeu que a deixara lá, ainda esperando permissão. Não conseguia respirar. Errou, e não sabia como consertar.

Lampejos na frente dos olhos.

Outra vez que perdera o controle, impotente. Isso era... como aquilo?

Quando acordou da escuridão para encontrar sangue nas mãos. Quando acordou para descobrir que assassinara tantas pessoas? Ele, de algum jeito...

O som irracional de água pingando o lembrou de sangue. As sirenes soando ao longe o lembraram das pessoas gritando. Um helicóptero no céu...

Não podia enxergar direito. Não conseguia respirar.

Tudo o que podia pensar em fazer era devolver o agulhão e deixar na porta para que quando saísse, ela o visse. Se oferecesse para levá-la

para casa, só pioraria as coisas. Ele se colocara na mesma posição que Doppenger. Então, foi embora.

* * *

Pouco tempo depois, Griffin entrou tempestuoso no apartamento, irrompendo pela porta e tirando o traje, ofegando por ar. Durante o caminho de casa, sufocara com a própria atitude. Ele a deixara sozinha porque era um covarde. Deixou-a naquele bairro, com frio e sozinha e o que era pior, a ereção não cedia. O corpo não ouviu a mensagem que o cérebro enviou...

Porque era um monstro.

Com a sala rodando em volta dele, e a caminho do banheiro, tropeçou sobre badulaques no chão e caiu com força de joelhos. Rolou e tirou as botas, puxando as calças freneticamente para soltar as pernas. Elas o sufocavam. Quando ficou em pé, só na roupa térmica, correu para o chuveiro. Sem esperar esquentar, entrou sob o jato, ainda de roupa e ensopado, enquanto ouvia a voz cruel dentro da cabeça o chamando de covarde.

Monstro. Aberração. Perdedor.

Aqueles foram os tipos de palavras proferidas a ele durante o treinamento pelo sargento, o pelotão e outros recrutas. Precisara de tudo o que tinha para superar o ano infernal. Os anos seguintes em outros países, com outros estranhos, não foram muito melhores. Ele era um pouquinho diferente, sabia disso. Nunca tentou esconder, mas ao mesmo tempo, ele nunca aceitou abertamente. Todas as vezes que se sentia chegando nesse nível de pânico, o único lugar de privacidade que poderia encontrar enquanto treinava era no chuveiro, e ainda assim, às vezes era um banheiro compartilhado.

A água pesou a roupa térmica, e a tirou, negligenciando a sensação dolorosa entre as pernas. Quando o tecido esfregou sobre a ereção, a sensação foi boa. Mordeu o lábio e apertou os olhos fechados, mas isso foi uma má ideia. Tudo o que pôde ver foi o pescoço longo e delicado de Lilo enquanto arqueava nele, o seio na mão e o mamilo rijo e molhado implorando para que ele chupasse outra vez. Segurou a ereção e acariciou com força, tentando satisfazer o desejo para que desaparecesse. Mas tudo o que podia ver era o corpo desejoso se contorcendo sob o toque dele, azedar. Apertou dolorosamente. As imagens não desapareciam. Tivera uma única linha molhada escorrendo por sua bochecha.

Ou ele imaginara.

Rugiu com angústia e socou os azulejos, várias vezes apesar da dor lancinante no punho e o sangue vermelho espirrado na parede. Poder explodiu dele e procurou todos os objetos de metal no banheiro e além. Canos de cobre estremeceram e rangeram nas paredes. A torneira tremeu. Bateu na parede até a dor chegar ao limite e se tornar

sua amiga. Até não assustá-lo, mas abraçá-lo. Até espremer tudo para fora – o poder que não podia manter preso, o desejo doloroso que não podia alcançar e a ideia que o controle era um conto de fadas.

Estivera com tanto medo de perder o controle com os punhos que nunca parou para pensar que o desequilíbrio afetava algo pior – o coração. E no fim, nem foi o pecado. Foi tudo ele. Aceitou isso, porque enquanto olhava para o pulso, a tatuagem de Yin-Yang encarava de volta, em harmonia perfeita. Não tinha o direito de estar assim. Não depois de deixá-la vulnerável daquele jeito.

Mas sua biologia não era seletiva. Era como uma toxina – se expõe, envenena. Era a mesma coisa, só que o oposto. Exposição a Lilo o mantinha equilibrado por um período de tempo depois do contato com ela. Era sua droga. Seu remédio. E a tratara como lixo.

Uma hora, o calor molhado percorrendo as costas infundiu nos músculos dele e aliviou a tensão. Parou de socar e se apoiou, testa no azulejo, palmas na parede.

Contou. Um, dois, três... e continuou, focando no ritmo na sua cabeça, na lógica, e na razão. Ficaria tudo bem. Ele estava vivo e ela estava viva, machucada, mas viva. Tomara. Estava tudo bem.

Precisava estar bem.

Ele iria consertar tudo.

Ligaria para alguém ver como ela estava.

Vinte e seis, vinte e sete... e assim por diante, até que enfim exausto, desligou a torneira e, pingando, cambaleou para o quarto, se enrolou apertado em um lençol e caiu na cama.

O quarto era simples, e diferente da sala de estar principal, não tinha badulaques – do jeito que começou há anos atrás quando chegara em casa do treinamento. Um refúgio com nada além de uma cama, alguns livros, e uma tela plana quase nunca usada na parede mais distante. Ligou a televisão e procurou algo que consertaria as coisas, algo que tiraria levaria sua mente e a ansiedade debilitante para longe.

Era o que pessoas normais faziam, e queria desesperadamente se sentir normal.

Encontrou a segunda melhor coisa disponível, o filme que Lilo amava... *Casablanca*.

Lembrou de quando ela disse que gostava do filme. O que foi mesmo? Algo sobre conexões em tempos de guerra, e... ele conjurou a memória do seu rosto, o cheiro do chiclete no carro... *Se podemos manter conexões duradouras quando o mundo está acabando.*

CAPÍTULO 21

LILO LIKEKE

Quando Lilo chegou no número três na travessa Partridge pouco depois das dez da noite, não sabia o que esperar, mas não ligou. Precisava de uma amiga. Grace estava trabalhando o plantão noturno no hospital e Misha Minski era a única que conhecia que poderia estar em casa.

Lilo chorara o caminho inteiro no metrô, xingando a integridade de homens num segundo e a própria estupidez no seguinte. Não foi surpresa que ninguém ousou se aproximar dela, soara como uma maluca.

Tudo por causa dele.

Ficou naquela escadaria escura com a lâ literalmente sobre os olhos até os dedos adormecerem antes de perceber que Ganância partira. Em um momento, a porta se abriu, lembrava de ouvir isso. Mas nunca lhe ocorreu que ele a abandonara, assim como o ex costumava fazer. Donnie nunca bateu nela, e Ganância também não. Mas quando ela dissera não, que ela estivera farta, os dois fugiram. Como se ela não tivesse nenhum valor se não abrisse as pernas.

Donnie costumava ficar nervoso e sarcástico, depois voltava, todo doce e enjoativo da próxima vez que queria alguma coisa, sempre o fazia. Demorou um longo tempo para compreender que isso era outra forma de abuso.

Antes de bater na porta de Misha, Lilo abriu a grande bolsa e pegou a garrafa de vodca recém comprada, tomando cuidado para não bater no telefone espião. Voltara por ele depois que foi deixada na escadaria e estava ansiosa para subir as imagens no dia seguinte. A polícia estivera no armazém, mas conseguira pegar o telefone antes que alguém percebesse. Não conseguiu, entretanto, sair antes de ser notada e precisou dar um depoimento. No final, não foi tudo ruim. Um dos policiais uniformizados a levou para o metrô, e ela saiu em segurança da cidade.

E ali ela estava. No subúrbio. Lilo bateu na porta da casa agradável. Tinha uma cerca branca, paredes azuis e detalhes brancos. O jardim era cheio de brotos de rosas e girassóis que acidentalmente

desabrocharam encarando a casa. O sol devia brilhar do outro lado. Um cachorrinho ganiu, e a luz acendeu lá dentro. A porta se abriu e um homem da mesma idade do pai saiu empunhando um taco de beisebol.

— Quem é você? O que você quer? — O sotaque polaco era denso e irregular.

— Sou eu, Vooyek. — Era como se dizia tio em polonês, e conhecia o homem há anos, então fora pedida que usasse todas as vezes que fosse convidada para a casa Minksi. Soletrava Wujek, mas ainda não podia pronunciar corretamente, e ele nunca se importou. Ofereceu a garrafa de vodca que comprou no caminho e hesitou. — Desculpa pela hora, mas Misha está em casa? Sei que não está no apartamento da cidade esta semana.

Protegeu os olhos dos postes claros.

— Lilo, é você? O que está fazendo aqui tão tarde?

— Eu... — Ela engasgou.

Olhou para a garrafa na mão dela, fez uma careta e abaixou o taco. Vooyek era um homem pequeno com o rosto redondo. Perdera a esposa quando o filho mais novo, Alek, nasceu. A tristeza nos seus olhos nunca sumiu.

— Venha. — Ele a pegou pelo ombro. — *Nieszczęścia chodzą parami*. Miséria adora companhia esta noite. Ela está lá dentro com os outros.

— O que aconteceu? — Lilo limpou o nariz e entrou na casa quentinha, descongelando na hora.

— O restaurante foi atacado outra vez.

— De novo! Ela não se machucou?

— Nye, mas o orgulho. Conhece minha filha, tentou conversar com eles e jogaram de volta em seu rosto. Da próxima vez, vai ser mais do que minha loja que quebram se não pagarmos o dinheiro pros bandidos.

Lilo viera procurar um ombro para chorar, e uma amiga para ajudar a afogar as mágoas, mas no lugar, encontrara uma família em apuros.

— Lilo? — A cabeça loira cacheada da Misha apareceu pela cozinha, junto com outros membros da família. A tia Ciocia, a irmã de vinte anos Roksana, e os dois avós estavam acordados.

— Oi, Misha. Espero que não tenha acordado mais ninguém. — Ela olhou em volta para conferir.

Misha bufou, vindo encontrá-la na área de estar e dando um abraço apertado.

— Só Alek está dormindo, e é surdo. Não pode ouvir nada.

Lilo gostou do abraço e tentou não chorar.

Misha se afastou e a olhou com suspeita.

— A que devo o prazer da visita tão tarde?

— Hm. — Ela mordeu o lábio.

— Quero dizer, costume ser eu batendo na sua porta altas horas para te arrastar para balada.

Misha era a amada ovelha negra da família. O lema de vida era: *Se é gostoso, faça*. Mesmo que o gostoso fosse às três da manhã, e mesmo que isso significasse acordar o bairro inteiro no processo, mas apesar da atitude “nem aí”, era leal demais e protetora das amigas.

Lilo olhou sobre o ombro de Misha para onde a família fingia não ouvir da mesa da cozinha. Todos estavam sentados em volta de uma mesa redonda de pinho, jogando cartas. Canastra, se a memória de Lilo estivesse certa. Vooyek abrira a vodca e estava servindo em copinhos de dose para todos.

— Vem e senta no sofá. — Misha sentou na monstruosidade floral de dois lugares e deu tapinhas no lugar ao seu lado.

O resto da sala era decorada no estilo antigo dos anos setenta. Cumbucas de madeira e vasos estavam sobre a cornija, e tapeçarias de macramê penduradas nas paredes. O papel de parede creme e marrom atrás do macramê descascava um pouco, mas ainda parecia bem retrô chique. Um fogo crepitava na lareira com uma cornija de madeira brilhante que apoiava porta-retratos da família, e mais um grande da mãe falecida da Misha no meio, ao lado de uma Madonna dourada – a religiosa, não a estrela do pop. Tudo cheirava um pouco mofado, mas caloroso e caseiro. Na verdade, tão caloroso e seguro que quando Lilo estava presa naquele beco frio e desolado do Lado-Sul, não pôde pensar em um lugar melhor para ir – mesmo que fosse do outro lado da ponte e no continente.

Lilo sentou, se sentindo um pouco tola que vira até aqui.

— Eu... hm.

Misha viu as lágrimas nos olhos de Lilo.

— *Siostra*, o que seja, pode me dizer.

Ouvir Misha chamá-la de irmã foi o a última gota. Uma dor grande como um abismo cresceu no peito enquanto anisava pela grande família que nunca teria. Não com o pai e a mãe, não com nenhum homem. Todos eram causas perdidas.

Pelo menos ela tinha amigas.

Vooyek entrou naquele momento com três doses de vodca em uma bandeja.

— Aqui. Acho que todos precisamos de coragem líquida hoje à noite, sim?

Junto com Vooyek e Misha, Lilo virou a dose.

— *Na Zdrowie*. — Vooyek brindou o copinho de cristal contra o dela e depois engoliu.

Misha moveu as sobrancelhas para Lilo e fez o mesmo. O ardor do

líquido foi direto para o coração de Lilo e se espalhou dali. Estava certo. Era coragem líquida.

Lilo passou os vinte minutos seguintes desabafando com a amiga. Contou sobre o pai, Donnie e o término, conhecer Griffin, os Sete Mortais, o incidente no beco com Ganância... tudo! Misha a informou sobre o abuso interminável que o negócio da família estava sofrendo nas mãos de uma gangue. Fora difícil para Misha. Tinha um estúdio de ioga e um apartamento na cidade, e não era o tipo de garota que se acuava, mas precisar cancelar as aulas para ajudar no restaurante da família dera um baque nas finanças. Estava considerando suplementar ao trabalhar em um bar Russo durante à noite.

Algumas doses, algumas lágrimas e algumas risadas depois, Lilo acabou na mesa da cozinha, dando as cartas em um jogo de canastra – porque era gostoso.

O que não foi gostoso foi a ressaca na manhã seguinte, e quando a sempre alegre Misha a acordou ao amanhecer para arrastá-la na varanda para fazer as saudações ao sol na ioga, Lilo quase jogou o travesseiro na cara dela. Mas ao menos estava com família, e saíra de lá pensando que não estava sozinha.

* * *

Quando Lilo chegou no trabalho na manhã seguinte, ficou surpresa de encontrar Griffin com o quadril apoiado na divisória que separava sua mesa da de Bev. Parou no corredor antes de entrar na área principal do escritório para que pudesse observar de longe. Ele falava com Candy e Bev, que por sua vez, piscavam sedutoras para ele.

Candy estava se apoiando nele?

Estava esfregando seu ombro?

Lilo sorriu para Candy quando Griffin recuou desconfortável do toque e sentiu uma satisfação estúpida de que conhecia Griffin melhor do que Candy. Ridículo. Por que se importava? Acordara rejuvenescida e revigorada – não estava sozinha. Mas no fundo do coração, sabia que a companhia que recebeu de uma amiga não era o mesmo que um parceiro romântico.

Candy se inclinou um pouco mais. A garota não se tocava?

Lilo deixou o esconderijo e se aproximou.

— Bom dia — falou e soltou a bolsa na mesa.

Por um segundo rápido, teve a impressão que a caixa com a orelha do pai estava ali e congelou, olhos grudados no espaço agora vazio.

Não tinha problema. O pai estava na cadeia. Vivo.

A mãe estava... quem diabos sabia?

E, estivera morrendo de vontade de olhar as fotos do telefone-espião para ver se algo usável fora capturado. Pouca chance disso com todos em volta.

— Lilo. — A voz suave de Griffin estava quase ao pé do ouvido

quando colocou uma caneca de café fumegante sobre a mesa, bem na sua linha de visão. Fios de vapor branco subiam do líquido. — Isso é para você.

Virou para ele, fazendo uma careta.

— Trouxe café para mim. Por quê?

— Eu... hm... — Olhou para Candy e Bev que retornaram para as mesas e mexeram nas coisas, se organizando antes de começarem a trabalhar. Se ele queria privacidade, não teria. Aqui era o Cardinal Copy. Tudo era notícia aqui, ainda mais a fofoca.

— Foi uma desculpa para te ver — ele admitiu.

O movimento de papéis das colegas de trabalho parou.

Ah, isso estava ficando desconfortável. Lilo tirou o casaco e sentou.

— E por que precisaria de uma desculpa para me ver?

Ligou o computador, falhando deploravelmente em manter os olhos presos na tela e não nele. Ainda estava incomodada com o jeito que mandara nela, e depois do que aconteceu com Ganância, percebera que precisava de tempo longe de homens para se recuperar. A última semana virara sua vida de cabeça para baixo. Era uma vida que construía com cuidado do jeito que gostava. Ela se afastara dos pais tóxicos, e começara a construir uma carreira para si. De algum jeito, passara de ser a “Lilo no comando” para a “Lilo me dê ordens”. Donnie bagunçara com seu cérebro. Nessa última semana, os pais a perturbaram, e agora Griffin também estava em todo lugar. Tudo era demais. Precisava de menos complicações na vida, não mais.

— Queria garantir que estava segura — ele disse.

Era uma coisa estranha de se dizer se pensava que ela fora para casa ontem à noite em vez da reunião com os sequestradores. Olhou para ele e desejou que não o tivesse feito.

O olhar nos olhos dele poderia cortá-la. Era esperança. Talvez humildade. Talvez outra coisa. Tudo o que sabia era que teve a impressão que ele estava mesmo preocupado com ela.

— Estou bem, obrigada.

— Ouvi sobre o incidente com seu pai no Lado-Sul.

— Ah?

— Liza me contou. A unidade dela estava entre os primeiros na cena. Disse que viu você lá dando depoimento e pediu para um policial levá-la até o metrô. Só queria garantir que você tivesse chegado bem em casa, e que — esfregou o pescoço —, ah... não tivesse se ferido no confronto e que sinto muito. Pelo seu pai, quero dizer.

Deu uma olhada desconfiada para ele.

— Não está bravo que menti para você sobre ir?

— Não posso mudar o passado, e compreendo por que queria ir. Foi errado da minha parte fazer exigências de você. — Ele respirou

fundo. — Só estou feliz que tenha chegado bem em casa.

— Obrigada.

Ele deu de ombros.

— Não fiz muito no final.

Sem saber como responder a isso, deu a ele um pequeno sorriso e virou para a tela. Quando ela percebeu que ele não se movera, virou para ele.

— Precisava de mais alguma coisa?

Ele recuou. Remexeu ao seu lado, e para disfarçar, alisou a gravata. Não parecia confortável.

— Griffin?

— Gostaria de ir no Hell comigo este final de semana?

— Desculpa?

— Isso não saiu direito. Quero dizer a balada Hell. Na inauguração. Não o verdadeiro inferno.

Ah. Piscou para ele enquanto tentava entender. Estava convidando ela para um encontro? Como se sentia a respeito disso? Ela não sabia.

Por um lado, literalmente, acabara de fazer uma promessa de ficar longe de homens.

Por outro, talvez estivesse exagerando no que dizia respeito a ele. Trouxe café para ela, pediu desculpas pelo comportamento mandão e parecia verdadeiramente preocupado com ela.

Mas isso era desculpa? Isso significava que não faria de novo?

— Já vou — acabou dizendo.

— Vai?

— Sim, Grace me convidou, junto com outra amiga.

— Ah. Certo. Acho que te verei lá.

Ela virou os olhos de volta para a tela e os manteve ali enquanto ele partia. Quando ele se foi, deu um gole do café que deixara. Foi feito do jeitinho que ela gostava. Dois açúcares e leite cremoso.

O cabelo azul de Bev apareceu sobre a divisória.

— Querida, o que diabos foi isso?

Lilo deu outro gole e evitou os olhos da amiga.

— Não sei do que você está falando.

— Agora quem é a boboca? — Bev veio para o seu lado do cubículo e apoiou o bumbum coberto pela leggings na mesa de Lilo. — Tem alguma coisa que você não está me contando. Desembucha.

— Hm.

— O deus nerd mega gostoso acabou de te chamar pra sair e você recusou. Me chame de louca, mas não era exatamente isso que queria há alguns dias atrás?

Lilo suspirou no café, agora preso entre as mãos.

— Eu sei, mas depois de passar um tempo com ele, não gostei do jeito que mandou em mim.

Bev era uma das poucas pessoas, tirando Grace e Misha, que sabiam a extensão do relacionamento tóxico com Donnie. Então, quando Lilo mencionou o mandão do Griffin, ela soube exatamente como a incomodou.

— O que ele fez? — Bev perguntou.

— Ele me proibiu de ir para a troca com os sequestradores.

Bev arqueou uma sobrancelha para Lilo.

— E?

— Fui mesmo assim.

— Então, está me dizendo que ficou chateada porque o homem pediu que você *não* se metesse em perigo quando na mesma manhã ele viu sua vida ser ameaçada. E levou um tiro, não esqueça.

Lilo arrastou o lábio entre os dentes.

— Bom, colocando assim...

— É possível que esteja exagerando um pouco?

Franziu o cenho para a amiga que ecoara os pensamentos anteriores dela. Bev nunca fora tão dura antes.

— Deveria estar ao meu lado.

— Estou, querida, estou. É só que não quero ver você desperdiçar um relacionamento potencialmente bom por causa de uma causa perdida como Donnie. Não quero que você pense que todos os homens são assim.

— Griffin mandou que eu não fosse. — Lilo sabia como se sentia, e não gostou.

— Por um bom motivo. Também tentei mandar que você não fosse, e isso foi porque te amo e não quero que se machuque. E se os Sete Mortais não tivessem aparecido, teria se machucado, certo? Estaria no necrotério. — Bev se afastou da mesa de Lilo. — Tudo o que estou dizendo é que ele não é o Donnie. Já vi o suficiente dele para saber disso. Talvez devesse dar outra chance para ele e conhecê-lo um pouco melhor.

* * *

Algumas horas mais tarde, Lilo estava sentada no escritório do Fred, analisando o rascunho da matéria que ela acabara de escrever. Por surpresa, descobrira as melhores fotos no telefone-espião. Não só pegara uma imagem dramática dos dois Ganâncias lutando, mas tirara algumas fotos noturnas borradas dos membros dos Sete Mortais depois que ela saíra – depois que o verdadeiro Ganância a removera da cena. Todos os membros estavam nos trajes de luta contra o crime, exceto uma mulher. Usava um moletom preto de capuz genérico e calças de moletom, mas ainda tinha uma máscara sobre a boca e nariz. Não se podia dizer quem era e Lilo mal lembrava de vê-los no meio do caos. O único motivo que Lilo sabia que era uma mulher era por causa do corpo curvilíneo.

Também tinha uma foto do pai de Lilo sendo levado pela polícia.

Griffin não mentira quando mencionou que Liza estava envolvida. Foi ela que o prendeu, o que podia ser uma coisa boa. Ela podia concordar em falar com Lilo a respeito e dar uma declaração oficial. Se Lilo não estivesse com tanta pressa de ir embora depois de voltar naquela noite, poderia ter erguido as calças e vasculhado a cena com a polícia. Poderia até ter tido a chance de ver Liza lá.

Algo que Griffin dissera fiseou em sua mente. Disse que Liza pedira para o policial levá-la até o metrô. Era legal pensar que a irmã de Griffin estava cuidando de Lilo.

— São ótimas fotos, Lilo. — Fred segurava as fotos impressas no rosto, semicerrando os olhos para ver melhor. — Sabe que preciso dizer oficialmente que não encorajamos esse tipo de comportamento arriscado para conseguir uma exclusiva, mas extraoficial... muito bem. — Ele assobiou entre os dentes para algumas fotos mais violentas. — Estou surpreso que escapou ilesa.

Mordeu o lábio. O único motivo disso foi Ganância. Ele a tirara dali. Estaria morta se ele não tivesse aparecido.

— Sou muito sortuda — concordou.

— E essa foto. São mesmo dois deles lutando entre si?

— Tenho motivos para crer que um deles é um impostor. Leu minha matéria, né?

Olhou para ela sobre os óculos como se ela fosse estúpida.

— Desculpa. Claro que leu.

— Não podemos colocar opiniões na história, sabe disso.

Ponderou as palavras. Estava certo. Um pouco do que escreveu era conclusão precipitada. Precisaria voltar e revisar as palavras. Mas queria mostrar os heróis pelo melhor ângulo possível.

— Tem alguma evidência concreta que um deles era o impostor?

— E o fato que o falso usou uma arma, e os Sete Mortais não costumam usá-las?

— Mas usaram no passado.

Os ombros dela se curvaram. Isso era verdade. Uma cena há alguns meses atrás mostrou uma situação de refém na rodovia. Não havia vazado muita informação da perturbação, mas sabia que os Sete Mortais estavam envolvidos.

— E o fato que um deles tentou me salvar e o outro tentou me matar?

Ele inclinou a cabeça, considerando.

— É tudo conjectura e relato de uma testemunha, mas aprovaria isso. Apenas se atenha aos fatos.

— Só sei que tem alguém fingindo ser um dos Sete Mortais. Apenas sei. — Virou para Fred. — Como escrevo uma matéria dessas?

— É uma boa jornalista, Lilo, e tem bons instintos. Se achar que

tem uma história ali, então continue seguindo. Acho que seu relato de testemunha ocular será uma história bem forte. Se precisar, consiga mais fatos. Continue investigando. Entreviste qualquer um presente lá para ver se confirmam sua história. Dois relatos de testemunhas oculares dizendo a mesma coisa são melhor do que um. Junte tudo para que defenda sua alegação. É assim que se faz.

Aceitou o papel do rascunho de volta.

— Obrigada, Fred.

— Agora, quer que seu nome fique fora disso?

— Não. Acho que estou bem com ele na matéria.

— Ótimo. Porque escrever com um toque pessoal seria ótimo.

Inclua sua história com seu pai e seu negócio... mas se atenha aos fatos públicos. — Ele relaxou na cadeira e encarou o artigo. — Seria legal para as pessoas verem que não é necessário escolher a vida na qual nasceu. Você é um exemplo para a cidade, Lilo. Espero que saiba disso.

Ela corou furiosamente.

— Obrigada, Fred.

— É um prazer. — A expressão dele voltou para o modo de chefe.

— Por favor, revise o artigo e remova qualquer coisa considerada opinião e devolva para mim a tempo da edição da tarde.

Ela levantou para sair.

— Lilo?

— Sim?

Coçou a barba branca no queixo e olhou para ela com olhos doloridos.

— Como disse, tem ótimos instintos, e um nariz para farejar uma história, mas não deixe que esse emprego seja tudo. O que fez ontem à noite, foi além de arriscado. Também merece uma vida.

CAPÍTULO 22

GRIFFIN LÁZARO

Na noite da grande inauguração do Hell, Griffin se vestiu com a camisa sob medida de algodão popelina azul da Prússia que servia certinho, mangas dobradas três quartos. Calças pretas, sem cinto. Sem gravata, mas ficou com os óculos de armação preta e o relógio Garmin. Ansiedade embrulhava seu estômago. Haveria muitas pessoas lá, muito barulho e é claro, Lilo.

Depois que ela recusou o convite, ele passou metade do dia no escritório tentando aceitar. Quando a conheceu pela primeira vez, não quis nada a ver com ela. Agora ela não queria nada a ver com ele. Odiou isso.

Assistira *Casablanca* mais duas vezes e tentou entender o que ela amava no filme, mas todas as vezes, não encontrou nada. Estava além da sua compreensão. Só parecia um filme preto e branco sobre a guerra, uma mulher que traiu o marido e um homem que gostava de beber muito.

Talvez estivesse pensando demais. Talvez ela só gostasse da aparência do ator.

Quando Griffin desceu no elevador do Prédio Lázaro, ativou o cronômetro no relógio. Tecnicamente, estava a caminho do Hell porque o irmão requisitou a presença da família inteira, não para benefício próprio de Griffin. Mas até aí, Lilo estaria lá.

No final, desligou o cronômetro.

As portas se abriram na portaria do térreo com Heaven de um lado e Hell do outro. Porque era a entrada particular dos apartamentos Lázaro, construíram cada lado do corredor com espelhos duplos. Podiam ver dentro dos estabelecimentos, mas os clientes não podiam ver a portaria. Não que ajudasse muito quando se tratava do Hell. O interior era escuro com luzes vermelhas. Havia algumas pessoas ali, mas não pode identificar rostos, apenas assinaturas de pecado gananciosas.

Griffin saiu da portaria do prédio para a rua.

Paparazzi bloqueavam o caminho até o Hell. Precisaria contornar os fotógrafos para onde um tapete vermelho levava da calçada até os

portões do Hell. Na porta, um segurança grandalhão estava de guarda. Griffin ainda não o conhecera, mas estava vigilante e não relaxava. Ao longo de um lado do prédio estavam bloqueadores de passagem que separavam os paparazzi do tapete vermelho, e do outro lado do prédio, uma fila de um quilômetro e meio continha os potenciais clientes entusiasmados, usando roupas de grife e joias brilhantes. Não entrariam. Era fato notório que o evento era só para convidados. Considerando que ainda era oficialmente inverno por mais algumas semanas, não sabia por que se deram ao trabalho, mas os desejos irracionais do homem comum com frequência não eram compreendidos por ele. Se quisessem tremer no frio com a oportunidade impossível de entrar, quem era ele para reclamar?

Contornou a fila de paparazzi até a rua, depois voltou pelo tapete vermelho na direção do portão onde uma mulher que reconheceu esperava com uma prancheta, pronta para marcar a presença dos convidados.

A ruiva alta e peituda era a relações públicas das Indústrias Lázaro, Amelia, a Amorosa. Amorosa porque também era uma mulher que namorou brevemente e era um pouco animada demais no quarto. Arranhou as unhas nas costas dele, para ser exato. Nem precisava dizer, não gostou das sensações.

No momento que o viu, ela sorriu.

Centenas de câmeras e perguntas foram miradas nele. Flashes estouraram, palavras foram gritadas.

Quem é você?

É importante?

O que está vestindo?

Griffin colocou as mãos nos bolsos. Por fora, estava com as feições implacáveis, mas por dentro, sorriu. Gostava que era um dos membros mais anônimos da família Lázaro. Ignorou todos eles e foi até Amelia.

— Griffin, babe, você veio. — Ela se inclinou para beijá-lo na bochecha, depois esfregou o polegar para limpar a mancha de batom. O resíduo pareceu grosso na pele. *Irritante.*

Lilo raramente usava maquiagem.

— Desculpa — falou com uma piscada. — Não pude evitar. Faz tanto tempo desde que coloquei os lábios nesse rosto lindo. Precisei.

— Não tem problema. — Griffin usou a mão para terminar de esfregar a bochecha.

— O resto da sua família está lá dentro. Menos Sloan. Está atrasada.

— Não estou surpreso.

Amalia o secou.

— Uau, Griff. Está bonito.

Ele a observou de volta. Usava um vestido vermelho apertado que

acentuava as curvas, e mostrava uma longa perna pela fenda frontal.

— Também está.

— Pare. — Acenou para ele e piscou.

Griffin aprendera que quando as mulheres diziam uma coisa, com frequência queriam dizer outra. E essa parecia uma ocasião dessas, então fez outro elogio.

— Seus lábios são bem vermelhos.

Ela riu.

— Ah, Griff. Ainda não vai bem com as cantadas, né?

Não? Pensou que foi muito bem.

Os paparazzi faziam perguntas incansáveis sobre sua identidade e, sendo a relações públicas que era, Amelia deu um sorriso melindroso.

— Vem. Precisa posar para uma foto, Parker insistiu. — Ela acenou para o lado onde um banner com a logo das Indústrias Lázaro estava. — Apenas incline a cabeça para o lado e ninguém verá a mancha de batom. Mostre esse corpo gostoso e dê um sorriso para as câmeras que nunca esquecerão.

Ao ficar parado ali, desconfortável com o rosto inclinado para a esquerda, não pode evitar desejar a presença tranquilizadora de Lilo. Queria que ela estivesse ali com ele, segurando sua mão, mantendo-o são e firme. Não queria estar sozinho. Não queria acabar como o personagem principal de *Casablanca*, amargo e solitário e vendo outro homem partindo para salvar o mundo com a mulher que ele amava.

Para a sorte dele, Lilo não conhecera outro homem... ainda. Não haveria outro homem a tomando. Não era tarde demais.

Griffin contou até dez na cabeça, depois até noventa e nove em múltiplos de três. Quando calculou que tempo o suficiente passara para ser considerado apropriado, se despediu de Amelia e entrou na balada. A música alta já estava vibrando as paredes e conferiu os bolsos em busca dos protetores auriculares que colocara ali mais cedo. Se o som se tornasse demais, eram a segunda opção. E se falhassem, escapularia pelos fundos, ou pela porta secreta no escritório do segundo andar.

Quando passou pela chapelaria, parou em uma varanda que se abria para a balada. Era mesmo magnífico lá dentro. Parker decorara muito bem o interior.

Hell era um anfiteatro com uma pista de dança circular afundada no meio do recinto. O chão brilhava vermelho. Cada degrau baixo subindo da pista de dança tinha alguns metros de profundidade e continha cabines, plataformas de dança, ou um bar. Uma gaiola estava pendurada do teto com um DJ dentro. Brilhando vermelha, laranja e amarela, luzes de lustre de estalactites penduravam do teto como se estivessem em uma caverna pingando com chamuscas.

Griffin conferiu o relógio. Oficialmente o convite disse para chegar

daqui a trinta minutos, mas preferiu aparecer mais cedo. O resto da família pensou igual, porque já estavam no bar no nível mais baixo, tirando Sloan, é claro. Provavelmente chegaria em algum ponto mais tarde da noite, se viesse.

Evan sentava em uma banquetta com Grace apoiada no joelho. Usava um vestido preto e apertado que era óbvio que Evan apreciava porque não podia tirar as mãos dela. Mary e Flint estavam parados no final do bar, parecendo um pouco desconfortáveis, mas absortos conversando entre si. Griffin não achava que ficariam muito antes de retornarem para o porão ou para o apartamento. Liza estava usando o jeans de marca de sempre, blusa e saltos, e ao lado dela estava Parker, usando um terno azul marinho com uma camiseta que se esticava precariamente sobre o corpo musculoso. Deixara uma barba curta e aparada para o evento e o cabelo fora amarrado de um daqueles jeitos modernos – meio em um coque, meio solto.

O último da família, Tony, estava esparramado apoiado com as costas no bar, braços esticados de cada lado, encarando a pista de dança vermelha sem interesse, sem dúvida esperando a festa começar. Os dois garotos festeiros Lázaro, Tony e Parker, estariam na pista de dança mais tarde, sem jaquetas e suando com as moças, e aí Liza provavelmente interferiria em algum ponto e afastaria as moças – porque ela gostava de fazer cena.

Dançar era a última coisa que Griffin queria fazer.

— Griffin — Grace desceu da cadeira masculina e se aproximou. — Está na estica hoje. Amo essa cor em você.

Ela o segurou pelos ombros e o beijou na bochecha, a mesma bochecha que Amelia beijara mais cedo, de certo acrescentando outra camada de mancha de batom. Sorriu de volta para ela, o tempo todo sentindo a pegajosidade do que deixara, ponderando quando seria aceitável para ele encontrar um guardanapo e limpar. Amalia não pareceu se importar que fez isso na hora. Ergueu o dedo delicadamente para limpar.

— Obrigada, Grace. Você está linda. — Na verdade, estava deslumbrante. Fora da roupa casual, ou uniforme de médica, ele ficou deslumbrado. O vestido preto frente única combinava com a silhueta menor e acentuava os ombros macios e pescoço gracioso.

Evan apareceu atrás dela e colocou a mão em volta das costas para apoiar no bumbum, depois rosnou para Griffin.

— Tire as patas da minha garota.

— Mal a toquei.

— Evan! — Grace bateu de leve no braço dele. — Não é jeito de falar com seu irmão.

— Pressenti sua inveja — Evan insistiu. — Não finja.

— Não é o que você acha — explicou.

Evan arqueou uma sobrancelha.

— Ah, é?

Mas não precisou explicar. Grace se inclinou para Evan e sussurrou algo no ouvido. A expressão de pena resultante nos olhos do irmão não passou despercebida.

— Desculpa, mano. Esse negócio de conexão de parceria me deixa igual um homem das cavernas. — Evan deu um tapa no ombro de Griffin. — Vou pegar uma bebida para compensar. Quer o de sempre?

Griffin assentiu e quando Evan partiu, virou para Grace.

— O que disse para ele?

— Que sente falta de Lilo, e nos ver juntos te lembrou disso.

Era verdade. Devia ser completamente transparente. Desviou o olhar, e colocou as mãos nos bolsos, se atrapalhando para os protetores auriculares se perguntando se alguém perceberia se os colocassem mais cedo.

— Não está indo bem, é? — ela perguntou.

— Não. — Não elaborou. Não queria. Ainda mais não para o casal que fazia parecer tão fácil. Griffin tinha os poderes agora, mas não se sentia poderoso.

— Sabe que pode falar comigo a respeito, Griff. Estive no lugar da Lilo, literal e figurativamente. — Ela soltou uma risada. — Mas o que quis dizer foi que posso dar alguma luz. Ela já sabe do seu segredo?

O segredo... o que enchia o apartamento com cacarecos caros, ou o que todos se vestiam de couro e lutavam contra o pior da cidade durante à noite, ou o que ele morria de medo de perder o controle e matar todos que amava? Qualquer um deles serviria, e a resposta era não. Lilo não sabia nada sobre o verdadeiro Griffin. Era quase um estranho para ela.

— Como se sentiu quando descobriu a verdade sobre Evan? — perguntou, engolindo.

— Demorei um pouco para me ajustar, mas Evan respondeu minhas perguntas com honestidade e aprendi a confiar nele. — Ela deu um sorriso gentil. — Então, ela ainda não sabe de nada?

Balançou a cabeça.

— E como você se sente sobre ela?

Nesse momento, Evan voltou com duas taças de champanhe e entregou uma para Griffin e uma para Grace. Ouviu o final da pergunta de Grace e bufou.

— Doc, é uma pergunta boba. Claro que está apaixonado por ela. Não pode resistir.

— Meus sentimentos não são o problema — Griffin confirmou.

Evan estava certo. Tentara dizer para Griffin meses atrás qual era a sensação de ter o elo de parceria ativado, mas Griffin estivera despreparado para o tanto de espaço que Lilo ocupava no seu

coração. Se tivesse aceitado do começo, não estaria nessa confusão.

— Bom, Griff, o único conselho que tenho para dar é: dê tempo a ela, e seja honesto. Não é como se ela fosse só uma mulher que você conheceu na rua, é alguém que sua biologia reconheceu como sua parceira perfeita.

— Podemos falar de outra coisa? — Estava ficando pessoal demais.

Parker se aproximou nesse momento e bateu nas costas dele, sorrindo de orelha a orelha.

— Griff.

— Parker.

— Fico feliz que veio.

— Disse que não tinha escolha.

O irmão deu um sorriso presunçoso.

— Eu sei.

Parker usava a expressão favorita esta noite. Era a expressão: *De nada, garotas*. Essa era a persona playboy que criara para a imagem pública. O mundo o via como o bilionário bonito e irresponsável que gostava de esbanjar em negócios arriscados e estabelecimentos glamorosos como Heaven e Hell. Um homem que amava o cabelo, se orgulhava da aparência e sabia que era o homem mais inteligente no recinto, mas fingia que não era.

— Pegou o duplo sentido na decoração, irmãozinho? — Os olhos de Parker brilharam enquanto observava o recinto.

— É o inferno. Óbvio.

— Nah, vai. Pensei que se alguém fosse compreender a disposição, seria você.

— Não estou no clima hoje, Parker.

— Claro que não descobriu, então vou contar. São os nove níveis do inferno. — Parker apontou para o abismo. — Primeiro nível, Limbo. Próximo degrau é Luxúria. Viu as alcovas escondidas ali para a privacidade dos nossos convidados. Pode me agradecer mais tarde. O terceiro nível é onde fica o bar. — Olhou para Griffin com expectativa.

— Gula? — ofereceu.

— Muito bom. E o quarto nível. — Analisou o grupo. — Sério, fui o único que leu *A Divina Comédia*? — Não esperou resposta, mas continuou: — Quarto é Ganância. Aquele nível tem alguns jogos de pôquer rolando. Quinto é Cólera. Não iria em nenhuma das alcovas escuras ali a não ser que queira ser punido.

— Aah. Conte mais. — Tony se materializou de algum lugar e olhou para os degraus. — Quinto, você disse?

— Sabia que gostaria disso — Evan riu.

O movimento de ombros de aceitação de Tony deixou Parker feliz.

— Então, Tony, talvez também goste de conferir o sétimo: Violência. Mas é onde muitos dos seguranças estão vigiando a balada,

então talvez... quer saber? Fique longe desse nível. Não quero problemas essa noite.

— Qual é o sexto? — Liza perguntou, também chegando.

— Esse é entediante. Heresia. Deixei esse nível só um degrau vago porque tínhamos espaço limitado.

— Conto só sete níveis — Griffin disse.

— É porque o oitavo e o nono estão por trás do teto espelhado. Fraude e Traição.

Tony deu um gole do copo.

— Ama seus espelhos, né, Parks?

— Com certeza. Por que não? Podemos ver para fora, mas não podem ver para dentro. Tem segurança lá em cima de olho nas coisas, então se comportem. — Parker esfregou as mãos, parecendo muito contente. — Dizendo isso, estão todos aqui para se divertirem, e é por isso que proibi a imprensa. Relaxem. Bebem um pouco, Griff, encontre sua garota. Adoraria conhecê-la em algum momento, e talvez até verei vocês na pista de dança.

Ele recuou. A família inteira presumira que porque ativara a conexão, que estar em um relacionamento com ela era a progressão natural.

Mas e se não fosse?

Griffin bebericou o espumante, molhou os lábios e abaixou a taça. Não era de beber, mas o champanhe era bom para fazer os outros acreditarem que bebia.

— Ah, e mais uma coisa — Parker disse, se aproximando. — Rápido antes de mais pessoas chegarem. Deveria saber que libertamos o impostor.

— O quê? — Uma pontada de pânico passou por Griffin. — Por quê?

— Antes que fique nervoso, teve um motivo.

As mãos de Griffin contraíram em volta da taça enquanto se forçava a controlar a cólera. Se Wyatt estivesse aqui, estaria fuzilando Griffin. *Soltaram Doppenger*. Por quê?

O nível de som no lugar cresceu conforme mais convidados entravam. Parker olhou para alguns que conhecia, sorriu e ergueu o dedo para indicar que estaria com eles em um segundo. Quando voltou para Griffin, a expressão ficara sombria. Aquele homem era quase tão bom ator quanto Tony.

— Questionamos ele — Parker disse, a voz baixa —, e não entregou muito, então o soltamos para que voltasse para o Sindicato.

— Ele é isca — Evan elaborou.

Grace sorriu e pediu licença.

— Enquanto estão falando de trabalho, vou recepcionar as meninas.

Evan a beijou antes de soltá-la e Griffin não pode evitar a pontada de inveja que o percorreu outra vez. O olhar de Griffin seguiu Grace para onde Lilo chegara no bar, a poucos metros de distância. Mal notou a loira pernalta com ela porque Lilo estava incrível. Usava um vestido azul que cobria seus quadris até os tornozelos. O decote era em V e ia dos ombros até um pouco abaixo dos seios, dando a ele bastante pele para apreciar. A pele o lembrou do sabor. A boca salivou.

Ela virou e os olhares se encontraram através da distância.

Seguraram a conexão por um longo minuto ardente, depois Lilo sorriu e voltou para as amigas.

Foi um bom sinal?

— Doppenger sabe quem o manteve cativo? — Griffin perguntou, sem tirar os olhos de Lilo.

— Não foi meu primeiro interrogatório, Griff. Claro que nunca descobriu nossas verdadeiras identidades. Até onde sabe, os Sete Mortais o pegaram, e é tudo o que sabe. — Parker indicou para o resto da família subir para uma cabine em um dos níveis mais altos que sombreavam o abismo da pista de dança. — Vou explicar quando estivermos todos sentados no quarto nível.

Griffin não teve escolha a não ser seguir. Atravessou o recinto, descendo os degraus até o abismo-dançante, depois subiu do outro lado até chegar no quarto andar e entrar em uma cabine marcada com um VIP na mesa. Do ponto de vantagem, podia ver onde Lilo ria no bar com as amigas.

Griffin puxou o colarinho do pescoço. Como duraria a noite com ela tão sedutora? Apague isso, como iria lidar com outros homens olhando para ela a noite toda, porque já estava...

— Convide ela pra sair logo. — Liza deslizou na cabine ao seu lado. — Sua luxúria está me matando.

Abriu a boca para discordar, mas sabia que era impossível mentir sobre isso. Não adiantava negar agora.

— Já convidei — falou enquanto Tony, Mary, Flint e Evan chegavam na mesa e sentavam do outro lado.

— Ela disse não? — As sobranceiras de Liza se ergueram. — Cara, isso é bruto.

— Não sei como seguir daqui.

— Bom, que porra tem feito? Porque quando vejo ela olhar para você, a luxúria dela me deixa toda quente.

— Sério?

— Sim. Olha. É assim: garotas precisam ser convidadas algumas vezes. Podemos ter conversas inteiras sozinhas nas nossas cabeças sobre o motivo de sair ou não com um cara. Seu papel é continuar presente. Continue conquistando-a. Mas mantenha o respeito, sabe?

— Pensei que já estivesse fazendo isso. Tenho feito café para ela todas as manhãs no trabalho. Levei café da manhã para ela ontem. Pedi desculpas por ser mandão.

Liza suspirou.

— Precisa fazer mais. E por sinal, se desculpar por ser um babaca não é considerado conquista.

— Então, o que é?

— Ah, meu Deus, é tão sem noção. Mas eu te amo. — Ela bagunçou o cabelo dele para a irritação eterna, depois acrescentou: — Elogie. Compre flores. Chame para dançar, ou pague uma bebida. Cuide dela. Trate ela como se não existisse ninguém mais importante para você. Ela vem primeiro, e por isso quero dizer: não vire o homem das cavernas e a proteja como se fosse preciosa. Quero dizer: pergunte o que ela quer, e escute.

Griffin esfregou o queixo.

— Não sei dançar.

— Às vezes precisa fazer algo que não te deixa confortável porque ela gosta. Chama-se estar em um relacionamento.

— Podemos focar aqui? — Parker tamborilou o dedo na mesa.

Certo. Estavam ali para discutir o que aconteceu com Doppenger.

— Como sabe — Parker começou —, questionamos o impostor, não entregou nada exceto que foi dado um sêrum em troca de acabar com pecadores da ganância. Esse sêrum o permitiu pressentir o pecado como todos fazemos, e mais, imita temporariamente nossa força e cura aumentadas. Decidimos que a melhor forma de ação seria soltá-lo, mas não antes de implantarmos um rastreador. Não saiu do apartamento o dia inteiro, mas com o que sabemos, esperamos que vá correndo para o Sindicato em busca de mais suco especial. Mostrou sintomas clássicos de um viciado passando por abstinência.

Liza deu um olhar seco para Griffin.

— Talvez não tenha se movido porque ainda está se recuperando da surra que deu nele.

— Foi tão ruim assim? — ele perguntou.

— Acho que quebrou o nariz, mas colocamos no lugar antes de o mandarmos embora.

— O cara merecia que *não* colocássemos — Tony disse. — Pensando que podia se passar por nós.

— Não é por isso que fazemos isso — Mary o lembrou. — Não estamos no ramo de tortura e vingança.

Parker ignorou os dois.

— Sloan está de olho no rastreador enquanto conversamos.

— Então ela não vem? — Liza perguntou.

— Pensei que pelo menos está ajudando com alguma coisa, então deixei ela se safar dessa. — Parker levantou e abriu o sorriso

hollywoodiano. Revirou os ombros como se estivesse se preparando para alguma coisa. — Está com os protetores, Griff?

Griffin bateu nos bolsos.

— Sim, por quê?

— Porque o bicho vai pegar aqui. — Parker sinalizou para o DJ na gaiola aumentar a música. Uma nova batida eletrônica começou a soar. Um baixo vibrava as paredes, o chão e a mesa, fazendo os dentes de Griffin formigarem.

— Agora — Parker gritou sobre a música, parecendo travesso. — Esta noite será difícil para alguns de vocês com tanto pecado no ar, então tirem a noite de folga e divirtam-se. É uma ordem.

Com isso, ele se afastou da cabine com uma graciosidade que não condizia com seu tamanho, entrou na pista de dança e se encaixou entre duas mulheres que conhecia.

Uma hora mais tarde, Griffin ainda não se movera. Evitara colocar os protetores auriculares para que pudesse ouvir a conversa na mesa. Mas aí Flint e Mary pediram licença, e Liza e Tony se juntaram a Parker na pista de dança. Voltaram uma ou duas vezes para se hidratarem. Evan ficou sentado com ele por um tempo, mas ver sua garota no abismo com as outras mulheres bonitas, e um círculo crescente de homens babões o deixou ansioso para sair dali.

— Tem certeza que não quer vir? — Evan perguntou.

Griffin balançou a cabeça.

— Ainda não.

— Azar o seu. — Evan desceu os degraus pulando, entrou no meio da multidão, deixando Griffin sozinho.

Fácil para Parker dizer — *tire a noite de folga* —, mas ganância sempre estava presente, irritando a periferia de Griffin. Tony e Liza levavam a pior. Todos os clientes da balada queriam uma bebida, consumir. Tony já começara a embotar a dor com álcool e só Deus sabia o que mais. Liza, por outro lado, parecia ser afetada pela luxúria de um jeito diferente. Há muito suspeitava que ela pressentia o pecado diferente do resto deles. Sentiam um enjoo no âmagô quando perto de pecado, Liza... ele a viu se esfregando sugestivamente contra um homem alto e bonito. Parecia bem.

A música pulsava, e se sentiu desconfortável sentado sozinho. Talvez se colocasse os protetores, não seria tão ruim. Depois de mais dez minutos se animando, decidiu ir ao banheiro. Quando terminasse, iria até Lilo e a convidaria para dançar — assim como Liza sugerira. Não sabia bem como iria dançar, mas imaginava que havia muitas pessoas em volta, então poderia seguir o ritmo.

O banheiro era do tipo moderno e unissex com cubículos nas bordas e espelhos e pias no meio. Naturalmente, parecia que as mulheres foram para um lado e os homens para o outro. Um

segurança vigiava a porta, garantindo que todos se comportassem. Griffin fez o que precisava rápido, desviou de algumas mulheres bêbadas pegajosas e foi direto para o meio da pista de dança onde vira as garotas da última vez.

Quando chegou lá, encontrou apenas Grace e a amiga loira. Nada de Lilo.

Gritou no ouvido da Grace:

— Cadê a Lilo?

Sorrindo e de rosto vermelho, Grace respondeu:

— Talvez tenha ido ao banheiro.

Uma dúvida sombria e traiçoeira sussurrou na mente de Griffin.

Acabara de sair do banheiro. Vira as garotas, e nenhuma delas parecia Lilo. Talvez ela estivesse em um dos cubículos. Voltou para falar com o segurança.

— Viu uma mulher usando um longo vestido azul entrar aqui?

— Cara, centenas de mulheres entram aqui.

— Cabelo marrom curto. Pele morena. Tem massa corporal de uns vinte e um.

O segurança balançou a cabeça.

— Ainda não posso ajudar. Dê uma olhada se quiser.

Griffin foi para o banheiro comunal.

— Lilo? — ele perguntou e bateu em cada porta fechada de cubículo. A voz ecoou das paredes azulejadas. — Está aí?

— Posso ser Lilo se quiser — uma mulher respondeu. Uma mulher no espelho riu e piscou sugestivamente para ele.

Isso não estava ajudando.

Talvez ela estivesse bebendo alguma coisa, ou talvez tivesse passado por ela no caminho do banheiro. Talvez estivesse em outro nível...

Durante os próximos cinco minutos, Griffin procurou a balada lotada e não a encontrou. Não foi até ir para trás do bar que ele sentiu um lampejo de ganância incomodar seu âmagô. Era mais forte que a multidão da balada. Se destacava. Ele se empertigou e focou, girando, tentando ter uma sensação melhor da direção. Incomodou e irritou até a sensação virar uma câibra. A sensação cresceu conforme se aproximava da saída dos fundos. Quando saiu no beco frio, o pecado dilacerando o âmagô era uma besta insaciável.

A voz trêmula de Lilo o parou de supetão.

— Já falei, não estou com as fotos.

CAPÍTULO 23

LILO LIKEKE

Lilo apertou os olhos bem fechados, tentando bloquear o desastre se desenrolando na sua frente. Há minutos atrás, estava se divertindo pra caramba, relaxando e dançando com as melhores amigas do mundo todo. Só fora no bar para tomar água rapidinho e de repente foi abordada por um homem. Pressionara dolorosamente uma arma na sua lombar e a guiou para fora, depois dos funcionários do bar e pela saída dos fundos que levava para um beco deserto.

Era um dos homens do armazém, os que sequestraram seu pai. Reconheceu a jaqueta de couro marrom. Não era o mesmo rosto, mas o sotaque irlandês facilitava a presunção que pertencia à mesma gangue. Quando o homem pediu as fotos que estavam no cofre do pai, as suspeitas foram confirmadas.

Ele a empurrou na parede fria do beco escondida entre duas lixeiras vermelhas transbordando com lixo. Três homens a fuzilaram do outro lado e o som da batida abafada da balada a lembrou que ninguém ouviria seu grito.

— A gente tá ganhando uma grana pra pegar aquele envelope, garotinha — o homem com a arma na sua cabeça disse. Tinha uma fila de brincos de argola nas orelhas, uma argola no septo do nariz e uma na língua. Quando falava, brilhava, refletindo a luz fluorescente oscilando em algum lugar acima deles.

Os amigos observavam entediados, relaxados contra a parede oposta. Um tinha um charuto na boca, baforando. Outro usava uma boina, e o terceiro mastigava um palito de dente. Todos tinham cabelo de ferrugem e usavam a mesma jaqueta de couro marrom sem forma dos sequestradores.

— Olha pra mim, garotinha — o Piercing ambulante falou.

Lilo encontrou olhos que refletiam violência e dor.

— Não vou repetir. Onde está o pacote?

— Já falei, não estou com as fotos. — Queria que a voz fosse controlada, mas traiu o medo e tremeu.

— Estou com elas.

Griffin.

Ela nunca ficara mais feliz de ouvir a voz dele conforme se aproximava da direção da balada. As mãos estavam nos bolsos, mas parecia tenso, rígido e furioso.

Um aceno do homem de piercing tirou três homens da parede. O com a boina abriu um canivete na mão. Os amigos foram direto para as armas dentro das jaquetas.

Griffin nunca tirou os olhos do homem de piercing.

— Tire as mãos dela.

— Não acho que está em posição de me dizer o que fazer — ele respondeu, sem ligar.

— Têm quatro de nós. Só um de você. — O garoto de boina riu, mostrando o metal nos dentes.

Griffin analisou a situação com calma, considerando os homens e as armas, o beco em volta, e aí os olhos pousaram em Lilo.

— Você está bem?

— Sim. — Mas o coração dela pulsou contra as costelas.

— Então, a não ser que esteja com as fotos — o homem de piercing disse. — Isso é entre nós, e a garota. Dê o fora antes que se machuque, almofadinha.

— Acho que não. Sabe, eu sei das coisas.

O som de armas se movendo, mirando, entrando em posição foi o som mais assustador que Lilo ouviu na vida.

— Griffin, vai embora — ela implorou. Não podia acreditar que estava arrastando-o nos problemas dela outra vez.

— Não vou a lugar algum — respondeu com calma, olhando nos olhos dela, depois virou para o homem com a boina. — Como dizia, sei de algumas coisas. Como, por exemplo, que as coroas de metal na sua boca são baratas. Parecem de prata, mas por dentro, é aço inoxidável com ferro.

— Ele é maluco — o garoto de boina brincou com os amigos. — O que importa do que é feito, babaca?

— E você. — Griffin inclinou a cabeça para o lado ao analisar o homem de piercing. — Também vale para suas joias. Cópias baratas em vez do aço cirúrgico que deveria ser.

— Puta que o pariu. Se livre dele. — O homem de piercing perdeu a paciência, acenou com a arma para Griffin, e depois virou as costas, dispensando-o.

Má ideia.

Tudo aconteceu tão rápido depois disso. Lilo mal compreendeu o que aconteceu. O homem com as coroas de metal de repente foi na direção da parede como se uma mão o tivesse segurado pelos dentes e esmagado de cara nos tijolos vermelhos. Caiu, o rosto ensanguentado, gemendo e choramingando.

Os amigos perderam as armas – voaram pelo beco como se

tivessem asas –, do mesmo jeito que o agulhão dela voara quando Ganância a carregara na outra noite.

Algo dentro dela ficou inquieto. Olhou em volta procurando Ganância, mas não havia mais ninguém no beco a não ser eles. Tirando um Griffin de olhos selvagens correndo na direção dos dois homens, o braço estendido mirando cada pescoço. Quando os dedos se fecharam nos pescoços grossos, Griffin usou o impulso para empurrar os homens contra a parede até atingirem os tijolos e quicarem.

Caraca, era forte.

Eles lutaram com movimentos sujos de rua. Um chute na virilha do Griffin, um soco no rim, mas não importava o que faziam, os homens não eram o suficiente para escaparem da sua fúria. Bloqueava e golpeava com os punhos, socando em movimentos rápidos demais para decifrar. De repente, Griffin recuou, olhando carrancudo para eles. Os dedos se abriram. Segurou ar invisível. Ao fechar os punhos, a plataforma da saída de incêndio acima das cabeças rangeu e tremeu, e aí Griffin recuou outra vez. A plataforma soltou dos suportes e caiu.

Não. Não caiu. Deslizou como se estivesse sendo controlada...

Lilo arquejou.

Ele estava controlando.

Griffin estava movendo o metal... assim como... assim como...

A visão dela ficou turva.

Griffin era Ganância. O verdadeiro.

Sempre fora ele.

A plataforma girou e prendeu os dois homens na parede, prendendo-os com o metal.

Griffin encarou o atacante de piercing da Lilo, os olhos selvagens por trás dos óculos.

Sequer precisava de óculos?

Uma veia pulsou na testa dele, as narinas dilataram e um rosnado baixo saiu do fundo da garganta, fazendo Lilo morrer de medo.

— Solte. Ela — disse entredentes.

O homem cutucou o queixo de Lilo com a arma, mas quando o metal frio tocou na sua pele, a arma voou pelo beco para deslizar sobre o chão, espirrando nas poças de neve velha.

— Que porra é essa? — O cara ainda não entendeu. Ainda não fizera a mesma conexão que Lilo.

O homem com a camiseta social azul e óculos de armação preta era perigoso e mortal. Era uma besta majestosa em carne e osso. Era um guerreiro mítico que não possuía escrúpulos ou ética. Era o bastardo que deixara Lilo sozinha na escadaria escura...

Ela segurou o fôlego, querendo fechar os olhos, mas com medo demais de desviar o olhar.

Os piercings no rosto do homem começaram a tremer.

— Se não se afastar dela, vou puxá-los do seu rosto, um por um.

Conforme Griffin avançava, fez um movimento de pegar acima da cabeça. Mais metal soltou das saídas de incêndio enferrujadas – escadas, canos, calhas... Pedacos longos de metal rangeram e arquearam no beco, como se estivessem sendo atraídos por uma força magnética.

Como ele estava fazendo isso?

O líder irlandês da gangue hesitou. Olhou para os amigos presos e gemendo, depois de volta para a fúria de Griffin.

Os piercings do atacante se ergueram – presumidamente segurados pelo poder invisível de Griffin – pairando longe do corpo e o homem se moveu rápido com eles para evitar que fossem arrancados da pele. Ele se afastou de Lilo até ser empurrado contra a parede oposta com os amigos.

— Que porra é você? — O homem de piercing gritou, fazendo uma careta com a dor dos piercings sendo puxados para além do limite. — O que você quer?

— Quero saber por que você quer tanto as fotos. — As mãos de Griffin eram garras no ar. O metal acima dele rangeu ameaçadoramente por efeito. — Quero saber para quem você trabalha.

O homem de piercing ergueu as mãos em rendição.

— Tudo bem. Eu não ligo. Não estamos sendo pagos o suficiente para isso. Não sei por que eles querem as fotos, mas posso dizer que era uma mulher de cabelo branco e é tudo o que sei.

Os olhos de Griffin semicerraram. Ficou em silêncio por tanto tempo, Lilo quase disse alguma coisa, mas aí ele soltou a mão metafísica no metal acima de si e puxou a saída de incêndio da parede onde segurava dois homens.

— Saíam daqui antes que eu mude de ideia.

O homem de piercing ajudou o amigo de boina a levantar, e juntos, os três fugiram apressados, passos espirrando alto nas poças, ecoando contra as paredes.

Quando Griffin virou para Lilo, toda a ameaça derreteu e foi substituída por pura angústia.

— Por favor. — Ele ergueu as mãos. — Me deixe explicar.

— Você! — Ela se abraçou. — Me humilhou.

Lágrimas arderam seus olhos. Não sabia o que pensar. Salvava a vida dela. Era Griffin. Era Ganância. Era alguém de quem não sabia nada, era óbvio.

— Posso explicar.

— Pode explicar? — ela sibilou. — Como? Que explicação possível pode te desculpar de me deixar naquela escadaria daquele jeito?

Angústia contorceu suas feições e esticou o braço para ela, mas

recuou e fechou a mão em um punho.

— Desculpa por ter te deixado. Foi o pior momento da minha vida. Eu me odeio por fazer você se sentir assim, e quero te contar tudo. Vai deixar?

Frustrada, o olhar de Lilo percorreu o beco.

O que diabos deveria fazer?

Era seguro ficar perto dele? O homem podia dobrar o metal só com a vontade. Podia estremecer o mundo com esse poder incrível. Olhou para a porta de saída dos fundos da balada, ouviu a batida da música e soube que Grace estava lá dentro dançando... com Evan. Se Griffin era Ganância, então Evan também seria um deles. E o resto da família. Parker, o bilionário... Tony, a bendita estrela de cinema!

— Ah, meu Deus, estou enjoada. — Deu tapinhas na testa suada.

— Não vou te machucar, Lilo, mas não posso mais manter isso em segredo. Você é muito especial para mim. Vamos entrar e vou explicar tudo. Vou contar tudo sobre mim e minha família. Tudo. Por favor.

Merda. Puta merda! Ela mordeu o lábio.

Ele era um deles.

Era óbvio.

Tinha moral, ela sabia disso. Não era um assassino como o Ganância falso.

Se disse que não a machucaria... isso era o suficiente?

Os Sete Mortais.

Precisava ir. Era a matéria da vida. Era a exclusiva dela – a que nunca pensou que encontraria. Controlando o coração palpitante e o estômago embrulhado, Lilo concordou.

— Vou te dar dez minutos.

Griffin exalou.

— Ótimo.

Ela voltou para a saída da balada. Precisava de ma bebida forte para passar por isso.

— Por aqui — ele disse atrás dela.

Quando se virou, abriu uma porta de ferro fundido que ela não vira antes. Um olhar para dentro mostrou degraus descendo para um lugar escuro. Lembrava muito a escadaria onde a deixara na outra noite. Um olhar de volta para ele o mostrou esperançoso e sincero.

Precisava decidir bem agora se confiava nele.

— É um caminho direto para — mordeu o lábio, pausando —, nosso quartel general. É seguro.

As palavras ecoaram na mente dela.

Seguro.

Put merda, iria fazer isso? Ele era um deles e iria mostrar tudo para ela. Todo instinto jornalístico dentro dela queria revelar a verdade, mas cada instinto humano temia descobrir a verdade. Mas

até aí, ela poderia mesmo usar o que descobrisse para escrever uma exclusiva que revelava os heróis mortais?

Não só magoaria Grace, mas a verdade machucaria os heróis, e a cidade ficaria sem eles outra vez. Como se para frisar o ponto, ouviu uma sirene de polícia soar ao longe.

Tudo o que sabia era que ela era uma mulher forte, uma jornalista orgulhosa, e não iria deixá-lo ganhar demonstrando medo. Conseguir a informação, depois decidir o que fazer com isso mais tarde. Sem hesitar, passou pela porta, e pela toca do coelho mortal.

CAPÍTULO 24

GRIFFIN LÁZARO

Ele não falou enquanto levava Lilo para o quartel general no porão. Sentindo sua chegada, as luzes halógenas do teto acenderam ao passar, iluminando o corredor. GIA estaria observando das câmeras, catalogando a nova intrusa, guardando informação para uso posterior. Foi assim que foi programada, para assumir a dianteira dos sete. Para observar, gravar e deixar para que eles decidissem.

O acúmulo magnético no corpo dele ainda zunia, e não podia abafar. Cada dia desde que desenvolvera poderes, sentira nas veias, nos órgãos, e na mente, transformando-o em nível molecular. Não treinara o suficiente com ele, como a família sugeriu. Podia controlar o poder bem o suficiente durante a batalha, mas depois... ainda percorria seu organismo como uma droga. O deixava nervoso, ligado e precisando de escape – como se o magnetismo estivesse preso no sangue e quisesse sair. Mas não tinha tempo para isso agora. Lilo andou ao lado dele.

Parou em uma interseção de corredores onde quatro portas levavam para salas diferentes.

— Aqui é a academia. — Apontou para a sala à direita. — Ali é a oficina de tecnologia. Sala médica fica ali e...

Todas as lâmpadas e computadores lampejaram, um efeito colateral da biologia magnética exacerbada. Ele hesitou e olhou para ela com olhos culpados.

— Desculpa, sou eu.

— Griffin — Lilo disse com calma. — Apesar de gostar do passeio guiado, disse que daria dez minutos, e falei sério.

Era uma deusa brava de vestido azul, e ansiava por consertar tudo, mas como poderia explicar essa paixão ardendo dentro dele, essa angústia para estar perto dela e o medo que estragara tudo, assim como todo o resto. Como contar para ela que era tudo para ele? Que ela era a única coisa que o impedia de ficar maluco, só estando por perto?

— Tudo bem — suspirou. Grace disse para ser honesto, e era tudo o que podia fazer. Depois disso, dependeria da Lilo. — Preciso te

mostrar meu quarto.

Ela arqueou a sobancelha.

— É algum tipo de cantada?

— Cantada?

— Flerte.

— Não! Juro que não... Lilo. — Os punhos se abriram e fecharam ao seu lado. — Juro, só preciso mostrar uma coisa. Vai ajudar a explicar.

Mas ele não queria mais?

Sim. Queria tudo o que ela tinha para oferecer, e isso o fazia o homem mais ganancioso de todos, porque não se arrependia.

A batalha interna deve ter refletido nos seus olhos, porque os dela suavizaram.

— Certo. Me leve lá.

E com as palavras, ele se sentiu como o lobo que comeu a chapeuzinho vermelho.

Alguns minutos depois, andaram pelo corredor que levava ao apartamento dele. Por mais que tentasse, não podia dissipar a ansiedade subindo pela coluna. Ela o chamaria de aberração, esquisito? Daria uma olhada para a bagunça que refletia o estado da sua mente e sairia correndo... ou...

— Griffin — murmurou. — Você está bem?

Olhos arregalados, encontrou seu olhar.

— Não.

— Está tudo bem. O que seja que esteja aí dentro, posso superar... a não ser que seja um cadáver. É, olha. Não curto isso, já vou dizendo. Quer saber? Nem acho que gostaria de ver um lugar que costumava ter cadáveres. Sabe, do tipo que assassinos em série usam. Não é um assassino em série em segredo, é? Ah, meu Deus, nem me contaria se fosse! — Mordeu o lábio para impedir o fluxo de palavras.

— Não é um corpo. Não sou um assassino em série.

— Tá bom. — Ela relaxou. — Certo, acho que estou bem então.

Ele fez uma careta, hesitando.

— Griff — disse. — Sabe o pior de mim, né?

Devia estar se referindo ao histórico familiar.

— Sim.

— E? — ela incitou.

— E o quê?

— Me odeia por isso?

— Não. — Enfiou as mãos nos bolsos. — Nem de longe. Você é perfeita. Confio completamente em você, só demorei um tempo para morder a língua o suficiente para perceber isso. A única pessoa que merece ódio sou eu, por te deixar naquela escadaria.

— Sim, foi uma coisa horrível, e estou ansiosa pela explicação.

— Preciso começar do começo.

Mostrou a tatuagem do pulso e contou tudo para ela. Como a mãe biológica pôde isolar a sequência genômica da ganância e programar o corpo dele para pressentir níveis mortais em outras pessoas. Como pressentir o pecado o afetava mentalmente. Como tentara controlar os desejos gananciosos com o protocolo de equilíbrio, e como era o único dos irmãos a manter o pecado controlado e, enfim, o papel dela nisso tudo. O efeito calmante na sua psique, a confusão que trouxe, o poder que desencadeara nele... Quando terminou, ela ficou ali parada com olhos tão arregalados e vidrados que pensou que talvez a tivesse quebrado.

— Lilo? — perguntou, temeroso, porque pela primeira vez, era ele tagarelando sem controle das ações.

— Eu só... é muito para assimilar.

— Tem mais.

Ela piscou.

— Mais?

Aqui vai.

— Treinamos durante sete anos ao redor do mundo na arte da guerra — falou, abrindo a porta do apartamento. — Começou quando eu tinha quinze anos. Foi brutal, humilhante e exaustivo. Me levou aos limites da capacidade humana e mais um pouco. Queria que eu quebrasse, e... quase terminei os sete anos sem quebrar. Quase mostrei pra eles, mas falhei. Fracassei o suficiente que tive sorte de sair de lá vivo. — Queria elaborar, explicar por que falhou... o segredo mais vergonhoso, mas... *ainda não*. — Depois que cheguei em casa do treinamento, criei um protocolo para manter meu equilíbrio sob controle para que meu fracasso não acontecesse outra vez. Funcionou perfeitamente, pelo menos, pensei que funcionasse. Então quando te conheci, fui rude porque levou meu processo lógico no caos. Tive medo de fracassar outra vez. Precisei machucar você naquela escadaria para perceber que já estava falhando, já estava quebrado.

— Griff — falou, emoção ardendo em seus olhos. Parecia pena e Griffin odiou. Ela se aproximou. — Você não me *machucou*, não de verdade. Quero dizer, me magoou, mas antes disso foi o oposto completo. Salvou minha vida e... o que quer dizer que levei seu processo ao caos?

— Estar no mesmo recinto que você, e respirar o mesmo ar, me afeta. Tocá-la... leva meu âmagô ao caos.

— Hm. De um jeito bom?

— Precisei de um tempo para ver, mas sim. De um bom jeito.

Ainda confusa, esfregou as têmporas, os olhos redondos demais pro gosto de Griffin. Empurrou a porta do apartamento para abrir, usando

o peso para empurrar os itens acumulados caídos para fora da trajetória da porta.

Quando ela o seguiu para dentro, e a luz acendeu, ficou imóvel, encarando a coleção de cacarecos. Pilhas e pilhas de torres precárias e itens caídos enchiam a sala de estar. Além, a cozinha estava limpa e vazia, e por uma porta ao longe podia ver o quarto organizado. Pelo menos, tivera a consciência de manter essas áreas limpas.

— Não entendo. O que estou vendo, Griffin?

Ele engoliu.

— Antes de te conhecer, meu equilíbrio interno mudava para o claro se saísse e lutasse contra o crime. Era um ato altruísta, sabe, mas a parte ruim era que corroía minha sanidade. Aprendi há muitos anos que uma pessoa desequilibrada com minhas habilidades de combate poderia ser mortal.

— Mortal — falou a palavra como se estivesse testando o sabor.

— Sim. — Certo. Lá vai. É agora ou nunca. Ou ela vai sair correndo, ou... Griffin respirou fundo. *Hora de confessar meus segredos.*

— Um dia, quando estava em uma missão com o SAS, falhei em ser humano. — Dizendo isso em voz alta, as memórias voltaram com tudo. Estava de volta no acampamento na areia no Afeganistão, deitado na colina beirando o acampamento inimigo, vigiando a área com o camarada, James. James provocara Griffin durante o ano inteiro que passou com a unidade. O soldado tinha Griffin na mira desde que passaram pelo processo de seleção. James fazia comentários sarcásticos sobre as tendências sensitivas de Griffin. Era um babaca, mas James não merecia morrer.

Até hoje, Griffin acreditava que só passara pelo processo por causa do treinamento em meditação graças ao mestre *Shifu* no Kung Fu. Por fora, parecera como se estivesse calmo e controlado, mas por dentro estivera fervendo.

Passara porque não tivera escolha, mas não fora fácil. Cada um dos insultos de James se acumulou até aquele dia na colina. Griffin estava conferindo tudo, garantindo que todos os equipamentos estavam corretos. Conferindo o rifle de atirador, conferindo o vento, conferindo o uniforme, o equipamento reserva.

Esquisitão, conferiu isso cinco vezes.

Porque estava preocupado que não seria o suficiente.

O companheiro de equipe o provocara a noite inteira. Griffin estava nervoso. Não pertencia ali. Estava preocupado que o único rifle não seria o suficiente. Estava fora de equilíbrio. Ele sabia. Tudo o que podia pensar enquanto ficava sentado naquela colina, observando o inimigo, era que o homem ao seu lado tinha uma arma melhor. Uma mais nova que era mais confiável, e mais provável que desse um tiro certeiro. A vontade gananciosa de pegar a arma beirara obsessão.

Então quando o amigo abriu a boca para provocar pela quinta vez seguida, Griffin esticou o braço e quebrou seu pescoço. Simples assim. Depois, trocara de rifles com calma.

O movimento repentino avisara o inimigo, e antes que percebesse, estavam em cima dele. Griffin não podia lembrar o que aconteceu depois disso. Apagara completamente. Quando acordou, estava coberto em sangue e entranhas e cercado por cadáveres – do inimigo e amigáveis.

Pare. Pare.

Ainda podia ouvir o time gritando nos ouvidos. Mas não foi aí que o terror acabou. O próprio time o questionara... interrogara. Torturara. Ainda tinha as cicatrizes para comprovar. Queriam saber se Griffin trabalhava para o inimigo. *Matou seus colegas?* No final, ninguém pôde explicar o que aconteceu. Não havia prova. Nada além do sangue nas mãos de Griffin. Atribuíram o apagão a algum tipo de estresse pós-traumático, mas ele sabia a verdade. Estava desequilibrado.

Griffin puxou o colarinho enquanto contava a história para ela, observando-a ficar mais desconfiada a cada palavra.

— Quando voltei, jurei que nunca perderia o controle outra vez... que manteria meu pecado equilibrado, não importava o que acontecesse. Criei um protocolo para garantir que todas as vezes que fizesse um ato de generosidade, cometeria um ato de ganância de mesmo peso. Como pode ver, roubei para cumprir a parte gananciosa do protocolo. Deu certo por um tempo, mas aí... bom, esse é o resultado. — Acenou para a bagunça. — Não falei para ninguém disso. Nem mesmo minha família.

— Está carregando esse fardo sozinho há anos?

— É um fardo que ninguém mais deveria compartilhar.

Ela o encarou por um momento, depois ergueu as sobrancelhas e olhou para a cozinha.

— Tem álcool ali?

Foi uma mudança tão repentina que ele sobressaltou.

— Hm. Talvez algo bem velho que Tony deixou. Um pouco de vodca, acho. Não bebo.

— Ótimo. — Passou por ele e começou a abrir os armários metodicamente até encontrar os copos. — Uma ajudinha aqui, Griff? Cadê a vodca?

— Terceiro armário na parte de baixo.

Ela serviu duas grandes doses e entregou uma para ele.

— Beba.

Ele inclinou o copo para olhar dentro e fez uma careta. O cheiro queimou as narinas.

— Dei uma bebida pra você. Beba — ela mandou, as mãos nos

quadris. — Vai ajudar a acalmar os nervos.

Então, ele virou e deixou queimar a garganta, se forçando a controlar o espasmo. Quando terminou, descobriu que ela fizera o mesmo, só que onde os músculos dele estavam travando com tensão, os dela estavam derretendo e relaxando.

— Certo. Eu me sinto melhor agora. — Balançou as mãos ao seu lado. — Pera. Mais um.

Encheu os copos outra vez e olhou para ele até que bebesse, e ela bebeu o dela.

— Ainda estou confusa, e meu cérebro está a mil por hora. — Ela se inclinou contra a ilha da cozinha. Passou o olhar pela sala de estar. — Mas daqui, não vejo itens roubados. Tudo o que vejo são quantas pessoas ajudou.

Ele foi se inclinar ao lado dela.

— Mas peguei coisas que não me pertencem.

— Para equilibrar o fato que estava salvando vidas.

Encararam a geladeira metálica moderna. Podia sentir os átomos de ferro se esticando para ele, mas os ignorou, no lugar, virando a atenção para ela ao seu lado.

— Desculpa — falou.

Ela se moveu para encarar seu perfil. Os olhos estavam a centímetros de distância.

O calor corporal misturou com o dele e foi tão caloroso quanto a vodka. O cheiro feminino subiu no corpo dele e o fisionômo. Tinha um toque de sabonete, mas era só. Foi o suficiente para desencadear a reação do próprio corpo dele, enviando uma onda de endorfinas pelo organismo. Ele se sentia relaxado e excitado ao mesmo tempo.

Querendo ficar perto dela, mas sem querer machucá-la outra vez, segurou a bancada de pedra.

— Quando te deixei na escadaria, temi que já tivesse perdido o equilíbrio de algum jeito. Foi... um ponto baixo da minha vida. Senti tanta vergonha das minhas ações. Depois de ter tanto sucesso de deixar o passado pra trás, você merece alguém melhor do que eu.

— Acha isso mesmo?

— Minha vida será sempre banhada no crime. Estar perto de mim sempre te colocará em perigo.

— Mas é isso que você quer? Que eu não fique com você?

— Lilo. — As pálpebras farfalharam com a força das emoções. — Quero você. Por completo. De qualquer forma que puder.

Ela olhou para os pés por um tempo, pensando.

— Entendo — sussurrou. — Não me leve a mal, estou chateada que me deixou, mas entendo. Não teve intenção de me machucar, e... te perdoo. Só não repita — acrescentou, fazendo beicinho brincalhona, mas aí com um sorriso autodepreciativo, abaixou a cabeça e balançou.

— Sou uma idiota. Essa fui eu tentando aliviar o clima. Só me diga para calar a boca.

Respirou trêmulo.

— Obrigado.

— Por calar a boca?

Ele riu.

— Por me perdoar. E nunca vou repetir. Prometo.

Com a risada, ela congelou e o encarou até o silêncio latejar entre eles.

— Lilo? — testou, incerto.

— É lindo quando ri — murmurou, e tirou os óculos do seu rosto.

— Não precisa disso, precisa?

Negou com a cabeça.

— Ainda tenho tantas perguntas. Tipo, Griffin é seu nome mesmo? E todos na sua família têm poderes? E como conseguiu a habilidade de mover metal e de onde veio? Foi tipo uma invasão alienígena, ou são todos do futuro ou algo maluco do tipo, e também, acima de tudo — ficou séria, os olhos intensos enquanto a mão movia rápido para a nuca dele num toque firme —, o que acontece agora... entre nós?

Lambeu os lábios e a viu fazer o mesmo. Queria tanto beijá-la, mas estava com medo...

— Só uma resposta serve para todas as perguntas.

Ela arquejou e recuou.

— Assistiu *Casablanca* — exclamou.

— Três vezes.

— Três vezes!

— Correto.

— Por minha causa? — A mão de Lilo foi para o pescoço.

— Sim. Quero saber tudo sobre você. Quero te entender.

— Por quê?

Pensou no filme — no personagem principal e como quisera desesperadamente que a mulher o amasse acima de tudo, mesmo que não merecesse.

— Porque quero que me ame.

Lilo se moveu para parar na frente dele. Os olhos estavam lânguidos e pesados enquanto empurrava as pernas dele para afastá-las para abrir caminho para o corpo curvilíneo, e depois se inclinou nele até as testas se encontrarem. Seios macios amassaram contra o peito dele, fazendo o pulso acelerar.

— Amo que está sendo honesto comigo agora — sussurrou contra seus lábios —, e também preciso confessar algo. Também quero você por completo.

Mas ela não o beijou. Virou o rosto para pressionar as bochechas.

Griffin ficou tenso contra a sensação, mas segurou o fôlego, fechou

os olhos e focou na conexão, na respiração. *Para dentro. Para fora. Para dentro.* Toda a percepção dele explodiu. Gemeu contra a euforia crescendo no seu organismo. Os folículos no couro cabeludo arrepiaram, a língua formigou e de tudo o que ela poderia ter feito para se conectar com ele, isso era o mais excitante. Só com a mão no pescoço dele, bochecha contra a sua, e o corpo macio inclinado em silêncio contra sua frente... ela o desfez.

CAPÍTULO 25

LILO LIKEKE

O ressoar baixo saindo de Griffin parecia dolorido e explodindo com desejo. Quando Lilo sentiu a pressão dura do seu desejo contra a barriga, pressionou de volta nele. Deus, ele cheirava bem. Como tudo o que era masculino misturado. Melhor do que chiclete de mirtilo ou o cheiro de cookies assados. Poderia se esfregar nele se deixasse. Poderia respirar fundo e a afetaria como uísque quente. Poderia lambê-lo para ver se o sabor seria igual. Pelo pescoço, sobre a mandíbula definida com barba por fazer, nos lábios esperançosos.

Talvez tivesse expressado as fantasias, porque a tensão travou os músculos dele.

Foi aí que percebeu que ele segurava a bancada como se a vida dependesse disso e a ruga entre as sobrancelhas era um vale profundo. Uma camada de suor surgiu sobre o lábio superior.

Ela se afastou e os cílios longos dele se ergueram para revelar olhos tão dilatados e escuros e cheios de anseio que o coração dela palpitou.

— Quero você — falou rouco, a voz baixa e inebriante.

— Mas...

— É um processo para mim. Sentimentos exacerbados e sensações me deixam imprevisível, e não quero que fique desconfortável, ou colocá-la em uma posição como da última vez — engoliu —, mas não quero que isso pare.

— Me deixar desconfortável... Quer dizer como quando não me deixou tocá-lo ou vê-lo.

— E isso te assustou.

— Está certo; tive medo. Mas é porque não te conhecia o suficiente. Não podia te ver, e não estava no controle. Me lembrou de alguém que me tratou mal. Não gosto que me digam o que fazer. Não mais.

— Me conhece o suficiente agora?

— Expôs sua alma para mim. — Foi a coisa mais óbvia que pôde dizer. Ela traçou o dedo sobre sua mão cicatrizada e braço. Partia seu coração pensar nele sendo torturado... pelos próprios companheiros.

Claro que ela o conhecia. — Te conheço melhor do que qualquer um na sua vida... e fico honrada por isso.

Ele mordeu o lábio e a bancada rangeu sob a mão.

— E se você estiver no controle?

Ela sorriu. Ele estava mesmo determinado.

— É um grande sacrifício para você fazer.

— Poderia assumir o controle — ele insistiu. — Confio em você. Também quero que confie em mim.

Uma pontada de desejo ardente desceu entre as pernas conforme visões dele sob ela, nu e submisso, lampejaram ante seus olhos. Isso a animou, excitou, e assustou.

Nunca ficará satisfeita sem mim.

A voz de Donnie era tão alta e clara como nunca, mas ela não podia deixar que a comandasse para sempre, não quando esse herói forte e lindo acabara de colocar o coração vulnerável em risco.

— Como vou saber do que você gosta? — murmurou. — Também não quero te machucar.

— Gosto de você — falou rouco.

Merda. Ela estava apaixonada. Ficando perdidamente apaixonada como uma idiota completa. Os olhos abaixaram para onde a ereção forçava as calças, e a boca ficou seca e o coração palpitou. Olhou para onde ele segurava a bancada, dedos machucados brancos com a força. Era um guerreiro, apesar da sensibilidade. Apesar disso, e apesar das vontades sombrias, ainda saía e salvava vidas mesmo que custasse um pouquinho da sua alma cada vez. Mesmo que soubesse o que as consequências mortais de ignorar o equilíbrio poderiam fazer, trabalhava com isso.

Ela também poderia.

Com esse pensamentinho poderoso, um sorriso lento se abriu. Os desejos carnavais deviam ter exalado pela linguagem corporal porque um sorriso ousado curvou os lábios dele. A reação lhe deu confiança para tirar os dedos dele da bancada e sussurrar:

— Vamos para o quarto.

Vira a porta aberta quando entraram no apartamento e o puxou atrás de si ao andar para lá. Quando chegaram, ela parou e soltou a mão dele. Parou atrás dela, sem tocar, mas perto o suficiente que ela podia sentir o calor da sua aura acariciando a coluna.

O quarto tinha decoração esparsa e era iluminado de leve pela luz vindo da cozinha. A cama tamanho king empurrada contra a parede distante estava coberta por um edredom branco, muitos travesseiros e lençóis de algodão azul marinhos. Duas mesas de cabeceira tinham livros empilhados estrategicamente ao lado de luminárias. O chão era de madeira e liso, as paredes brancas e modestas, e uma janela com varanda com cortinas leves oscilantes revelava o parque do Quadrante

iluminado para a noite. Pôde ouvir uma sirene, trânsito e até a batida leve da balada, andares abaixo.

Assim não daria. Atravessou o quarto e fechou a janela, bloqueando todo o som. Quando virou, ele não se movera da porta.

Uau. Era magnífico. Alto, sarado, tenso.

E estava falando sério sobre a promessa de deixar que ela controlasse. Isso a deixou ousada.

— Sente na cama — ordenou.

Saiu curto e hesitou, mas ele fez o que mandou. Foi até a cama, sentou na beirada e a encarou, punhos nas coxas. Parou entre os joelhos e olhou para ele. O anseio a deixou cativada.

Por onde começar?

Era um bufê entalhado de perfeição, e queria ele inteiro de uma vez, mas precisava ir devagar. Saborear.

— Tire a camisa — sussurrou.

Sem interromper contato visual, soltou os botões, um por um, até a camisa estar aberta, dando um vislumbre pecaminoso do peito esculpido. Exatamente como imaginara. Duro. Macio. Tenso com abdômen perfeito e um punhado de pelos escuros que levavam para além do cós. Foi tirar a camisa.

— Pare — falou, a voz rouca.

Ele parou.

— Quero fazer isso.

Devagar, ele abaixou as mãos.

Lilo deslizou um lado da camisa do ombro, tomando cuidado para manter a pressão sobre a pele firme. Mas aquele simples toque deixou os olhos dele sombrios, querendo mais, e a fez suar com impaciência. Os mamilos endureceram. O sexo esquentou. *Devagar, Lilo. Devagar.* Deslizou a camisa do outro ombro e caiu no colchão, prendendo os pulsos.

Ela poderia amarrá-lo. Forçá-lo a manter as mãos fora dela, forçá-lo a manter a promessa de deixar que ela liderasse. Mas no minuto que considerou o pensamento, soube que não era como queria que o relacionamento deles começasse, e era o que isso era — um novo relacionamento. Era mais do que uma simples noitada, ou um encontro de corpos. Era uma conexão que ia mais fundo do que qualquer uma que conheceria.

Ele confiava nela.

Soltou as mãos dele das mangas e jogou a camisa para o outro lado do quarto. Bateu na parede e deslizou para o chão. Quando olhou de volta para Griffin, sorriu.

— Gosto disso. E você?

— Sim — suspirou, os olhos a sorvendo.

Ela recuou para se dar uma visão melhor. A luz azul da janela

misturou com a luz quente da cozinha e dançou sobre as feições firmes, criando sombras profundas arrancadas de pedra. Seguraram o olhar um do outro e com cada segundo que passava, ela podia ver o peito dele subir e descer rápido. A própria respiração ofegou enquanto o corpo se enchia de desejo.

— Agora tire o resto. — apontou para as calças.

Talvez devesse ter dito para ele se demorar, porque tirou os sapatos e calças em segundos, e depois sentou ali de cueca boxer, esperando por ela.

— Tudo. — O sorriso dela ficou sórdido enquanto fuzilava a boxer. — Devagar dessa vez.

Com pálpebras pesadas, e uma exalação trêmula de impaciência, fez o que mandou, colocando os polegares no cócs, puxando baixo, soltando a ereção impressionante, e sentando de volta, braços ao lado, esperando. Era uma pose que fazia os músculos da barriga de pedra contraírem deliciosamente. Maldição, porque era ela que perderia controle num minuto, não o contrário.

— Merda, Griffin — murmurou e ergueu as mãos para os seios doloridos. Ele observou com olhos ardentes, seguindo os movimentos enquanto provocava os mamilos pelo vestido. Estava tão pronta para ele. Já estava molhada. Ansiando para se perder no toque dele.

Devagar.

Inalou e deslizou o toque dos seios para a nuca e abriu o fecho. O vestido soltou e caiu, deslizando sobre a pele nua, arrancando arrepios de prazer por todo corpo. Foi deixada em um sutiã tomara que caia e calcinha combinando e pela expressão dele como uma criança numa loja de brinquedos, amou cada centímetro.

— Lilo — implorou.

— Vou te tocar primeiro — disse, olhando entre as pernas. — E aí vou te cavalgar.

— E você? Quando vai me deixar tocá-la?

— Mais tarde. Primeiro, quero te dar esse momento, fazer com que seja prazeroso para você. Me diga como gosta. Me diga como quer.

— Também precisa ser sobre você. Por favor, deixe que seja sobre você. — Não podia parar de encarar os seios e ela sabia pelo calor nos olhos dele, e o jeito que a língua tocou os lábios, que ele queria prová-la ali.

Ela também queria. Deus, como queria. Os planos estavam se desfazendo rápido com o desejo de que ele a tocasse. O olhar nos olhos dele. Primal. Faminto. Puro desejo. Ela se aproximou. Ele abriu os joelhos para dar espaço a ela. Cada terminação nervosa no corpo dele latejava com percepção. Estava tão pronta para ele.

— Tire meu sutiã — exigiu sem fôlego. — Depois minha calcinha. Aí quero que me chupe.

Abriu o sutiã dela, soltando os seios pesados, e pairou os lábios perto deles, hesitando, esperando permissão. O hálito leve atingiu a pele sensível e a fez gritar com prazer.

— Sim — ela suspirou. — Comece aí.

A boca pousou em volta do mamilo e ela gemeu com êxtase enquanto rodopiava e chupava e lambia e sorvia. Mal notou que a calcinha fora removida porque a mente era pura névoa de desejo. As mãos ásperas deslizaram pelas costas para pousar atrás das costelas e a puxou mais perto com um rosnado de repressão. Aquele som foi o suficiente para que os dedos dela afundassem no seu cabelo. A boca dele se abriu e a encarou, olhos atordoados, boquiaberto.

— Desculpa — ela ofegou e relaxou a mão. — Foi muito forte?

— Não tem problema — ele murmurou. — Estou bem.

— Sente na cama — ordenou, mas se lembrou de continuar devagar. As cicatrizes eram um lembrete da experiência ruim que ele tivera com toque. Queria dar experiências melhores a ele. Divinas. — Recue até encostar na cabeceira.

Ela o observou com olhos ardentes e ele recuou e sentou paciente. Apesar do exterior calmo, o âmago devia estar um turbilhão. Podia ver pelo jeito que a pele repuxava sobre cada músculo malhado, como se usasse toda sua vontade para se controlar. O coração dela se derreteu. Estava sendo tão bom com ela.

De quatro, engatinhou até ele, se deleitando no jeito que ele se contorceu enquanto se aproximava cada vez da ereção orgulhosa contra o abdômen.

— Quero na minha boca — ela disse.

— Quero você na minha boca — contrapôs.

— Podemos ter os dois?

— Ao mesmo tempo? — Ele pareceu estar em conflito. — Não sei.

As sensações poderiam ser demais para ele.

— Que tal deixarmos isso pra próxima vez?

Ela circundou a ereção com os dedos e apertou de leve, depois abaixou os lábios para tocar a cabeça. Ficou ali enquanto ele se ajustava a percepção do toque. Quando os tiques diminuíram, abriu a boca e o chupou, gemendo com o sabor. Ele inclinou os quadris penetrando na boca. Arrancou outro gemido do fundo da sua garganta e ela aumentou o ritmo.

— É demais — ele sibilou.

Ela o soltou, preocupada, e os olhos dele estavam fechados com força, tão vulnerável no momento.

— Griffin?

Ela não queria machucá-lo.

— Preservativo — ele disse entredentes. — Mesa de cabeceira.

Na gaveta da mesa de cabeceira de metal, encontrou o que

precisava e abriu a embalagem metálica.

Colocou o preservativo.

— Você sente tudo com muita intensidade, né?

— É uma maldição e uma bênção. — Solto uma risada dolorosa.

— Sexo da primeira vez é o mais difícil. A próxima é mais fácil. Melhor.

— A próxima? — Ela deu um sorriso malicioso. Gostava que ele estava pensando o mesmo. — Já está imaginando mais?

— Com certeza. — Olhos quentes como lava a prenderam e derreteram tudo por dentro.

Montou nele e posicionou a ereção sob a boceta, depois desceu devagar, mantendo o olhar focado nele, satisfeita quando os olhos reviraram para cima de prazer. Abaixou a cabeça contra a cabeceira da cama, o pomo de Adão se movendo naquele pescoço magnífico. Quando a preencheu, ela pausou, deixando que os dois processassem a nova onda de prazer. Arrepios e faíscas percorreram o resto do corpo, até os mamilos, os olhos, o coração.

Lilo colocou um dedo no queixo dele e voltou o olhar para si.

— Você está bem?

A resposta dele foi avançar, lambe o lábio inferior dela e depois segurá-lo firme entre os dentes.

— Mova-se — rosnou contra os lábios.

Ela começou um movimento preguiçoso, no comando enquanto continuavam com os lábios unidos. O cheiro a deixou inebriada e impaciente, e logo o ritmo aumentou com urgência. Os beijos ficaram selvagens e desesperados e no meio disso tudo, as mãos estavam nos corpos um do outro, tocando, aprendendo, testando. Mas não era rápido o bastante. Ela precisava de mais.

— Me ajuda — implorou, ofegando, as coxas ardendo.

As mãos fortes pousaram nos quadris dela onde a firmou enquanto estocava por baixo. A visão dos músculos se contraindo, incansáveis, a deixou tonta de desejo.

— Mais rápido, Griffin — gemeu. — Mais forte.

Aumentou o ritmo até suor cobrir os dois corpos com uma camada brilhante. Ela pegou a cabeceira da cama e segurou, e ele voltou a atenção da boca para o seio, chupando com força. Cada vez que estocava por baixo, a pressão aumentava, levando-a na direção da insanidade, e quando sentiu seus músculos contraindo e terminações nervosas ferveilhando, solto um grito silencioso e se despedaçou em volta dele.

Mesmo depois dela gozar, ele estocou com mais força e mais rápido, insaciável. Quando estava lânguida e fraca demais para ajudá-lo a terminar, ele mudou as posições, de forma que ela ficou em baixo e ele em cima. E aí ela provou a perda de controle do jeito mais

delicioso até ele grunhir o orgasmo e desmoronar, se despedaçando em volta dela – caindo pesado, rosto pressionado contra o pescoço. Ficou tão imóvel por um tempo que ela teria pensado que morrera, exceto que o coração dele latejava contra ela.

— Griff? — sussurrou e colocou a mão na sua cabeça.

Ele gemeu, preguiçoso.

— Você está bem?

— Isso foi... — Saiu de cima dela para deitar de costas com as mãos atrás da cabeça. — Intenso — terminou, olhou para o teto, atordado.

— Bom intenso?

— O melhor. — Virou para ela com um rubor marcando as bochechas e uma luz no olhar. — Isso é fato.

O sorriso dele a atingiu por completo, dentro, fora, nos centros de prazer do cérebro, curvando dedos... e ela apoiou no cotovelo para observá-lo e sorvê-lo.

— Mencionou uma segunda vez. Então, quando pode ser?

Ele riu.

— Acho que preciso de um minuto.

— Então... só um minuto? — brincou.

— Dois — rebateu com luxúria nos olhos. — Talvez três.

Ele não estava errado. Fizeram amor a noite inteira, até ela ficar exausta e pegar no sono ao som do coração dele batendo sob a orelha, e a mão dele em volta das costas nuas, já sonhando com a próxima vez e sempre e para sempre.

* * *

Lilo acordou com o sol dourado brilhando de leve no rosto e a visão de Griffin sentado em uma cadeira na varanda, bebendo café e lendo o jornal. Já de banho tomado e vestido para o dia em uma camisa de algodão branco sob medida e calça cáqui, ponderou há quanto tempo estava acordado.

E pensar que um dia atrás estava mais solitária do que nunca e agora, um herói que arrancara o próprio coração vulnerável e lhe dera antes de qualquer outro da sua vida.

Ele disse que ela era seu oposto generoso, mas dera a ela o maior presente que jamais recebera. A confiança, a esperança, o amor.

Quero que me ame, dissera.

Bom, colega, ela tinha novidades... ela amava.

Um olhar pela porta aberta do quarto mostrava a bagunça na sala de estar e o âmagô dela contraiu. Era tão oposto ao jeito que ele cuidava de si, e do quarto. Devia ter sido um inferno para ele.

Aqui era o Griffin: os limites definidos, as superfícies lisas e limpas, a decoração sem frescura. Lá fora era como dar uma olhadinha nos cantos escuros da sua mente, o lado que ninguém além dela conhecia.

Era o futuro dele se ela não o ajudasse, mas iria. Com tudo o que tinha, iria. Como se um peso pousasse no seu peito, a angústia que ele teria sentido ao roubar quase a sufocou. Ele não queria. Odiava, mas não havia outro jeito de se manter equilibrado o suficiente para salvar as pessoas nessa cidade. Como devia ter se sentido solitário. E ela era a única pessoa no mundo que poderia salvá-lo.

Mas ela nasceu para isso.

Se ele não pudesse abrir mão desses itens, então ela faria isso por ele. Limparia cada peça mesmo que demorasse o dia inteiro e encontraria um lar para elas. Havia abrigos ao sul do apartamento dela no centro, e pessoas no seu prédio que precisavam de ajuda. Aquela mulher e o bebê no Lado-Sul não seria a única mulher necessitada na rua.

Supunha que poderia devolver os itens para polícia, de forma anônima, mas – olhou de volta para Griffin dando um gole na caneca azul, a brisa leve tentando bagunçar o cabelo modelado, mas falhando – algo bom precisava sair de tudo isso. Não precisaria roubar com ela, dissera tanto. Ela o dava paz, e ele fazia o mesmo por ela.

Estava tão cheia de amor por ele naquele momento que o peito doeu.

Como se conectado ao próprio coração dela, olhou na sua direção e os olhares se encontraram. Pausou, a caneca pairando no meio do ar, e ela sorriu tímida. Desdobrou o corpo comprido, trocou o café por outra caneca e se aproximou, descalço.

— Oi. — A voz era deliciosamente rouca de manhã.

— Acordou cedo.

— Gosto de treinar e meditar antes das oito.

Estremeceu, como se para lembrar da caneca na mão, e aí entregou para ela.

— Isso é para você. Não sabia quanto tempo dormiria, então se estiver frio posso aquecer.

Deu um gole do café quente e cremoso e gemeu com prazer. Temperatura perfeita, assim como gostava.

— Poderia me acostumar com isso, sabe.

— Espero que sim.

As palavras levaram um rubor às bochechas dela, e depois de abaixar a caneca, descobriu que as feições dele tinham uma marca combinando. Ela olhou para baixo. Estava nua, apenas com um lençol em volta dos quadris.

— Desculpa — ela se desculpou, pensando em como Donnie costumava obrigar que se cobrisse, até mesmo na própria casa. *Não é apropriado que uma dama se exhiba*, dissera. Mas fizera isso quando ele não estava. Não podia evitar. — Sempre fui um pouco livre pela casa. Te incomoda?

— Não — respondeu, um pouco rápido demais. — Está bem.

Os lábios dela se curvaram em um sorriso. Deu tapinhas no local ao lado.

— Excelente. Agora, vem sentar ao meu lado.

Ele colocou um joelho na cama, mas no meio do caminho, o olhar pegou a imagem na sala de estar e fez uma careta.

— Ah, não — ela disse, e o puxou de leve. — Não precisa mais se preocupar com isso.

Quando ele pousou ao lado, ela o empurrou contra a cabeceira para sentar. Moveu o lençol para longe dela e montou nele, assim como fizera na noite passada.

Naturalmente, as mãos dele se moveram para segurar a bunda.

— Lilo, eu...

Colocou o dedo no seu lábio.

— Shh. Vou te ajudar a se livrar de tudo isso, tá bom?

O toque simples acendeu algo dentro dele e assim como na noite passada, soube que estava reagindo forte e rápido a ela. A pele corou, os olhos escureceram e apertou as mãos no bumbum. Ficava constrangido com as necessidades da sensibilidade, mas ela amava levar as coisas com calma, amava construir a experiência deles, um toque de cada vez. Até mesmo um olhar na hora certa poderia deixá-lo estremecendo de prazer. Era como ela o afetava, e isso deixou seu coração acelerado e o corpo pesado com desejo.

— Me beije, Griffin — disse. — Me beije e saiba que vai ficar tudo bem.

Tocou os lábios nos dela com timidez e gemeu, movendo os quadris sob ela.

— Lilo, olha o que faz comigo — murmurou. — Olha como me faz perder o controle.

As palavras foram uma dose de dopamina no cérebro. Abriu o zíper e pegou a ereção, depois transou com ele completamente vestido e ela completamente nua e talvez fosse aquela camada a mais de proteção em volta dele, ou talvez fosse o fato que sabia que era sua, mas dessa vez, a paixão dele a levou a níveis entorpecentes.

Quando terminaram, satisfeitos, e se recuperavam ao lado um do outro, ela traçou o plano para ajudá-lo a abrir mão dos cacarecos na casa. Não respondeu no começo, só a puxou para o seu lado. Ela enganchou a perna sobre ele e colocou a cabeça e a mão no seu peito, brincando com os botões da camisa.

— Então é isso que vamos fazer hoje, tá? — falou. — Caixa por caixa, e ninguém da sua família vai saber se não quiser. Posso guardar segredo. — Ficou em silêncio e ela não sabia se era porque foi mandona. Reclinou para ver seu rosto. — Ou podemos ficar na cama o dia todo. O que quiser, meu monstrinho mítico.

Ele deu um olhar confuso.

— Monstrinho mítico?

— Porque um grifo é esse animal mágico do folclore que protege tesouro e posses valiosas.

— Como você — ele disse com olhos baixos.

Isso a deixou toda quentinha, mas aí ele ficou em silêncio.

— O que é? — perguntou, voltando a cabeça para o peito. Gostava de ouvir o coração dele pulsar.

— Tem outra coisa que preciso contar.

Isso a fez sentar, puxando o lençol para o peito. Uma pontada de pânico a atravessou.

— Mais segredos?

— Não tem a ver comigo. Sabe tudo o que precisa saber de mim. É sobre outra pessoa que você conhece.

— Tá bom. — Para onde isso levaria? — Quem?

Ele hesitou.

— Seu pai.

— Não preciso mais falar dele. Está vivo, é tudo o que preciso saber.

— Seus sentimentos mudariam se soubesse que o pecado mortal que pressenti não vinha dele, mas da sua mãe?

— O que quer dizer?

— Quando interceptamos os sequestradores, percebi que a ganância dele era bem pequena em comparação aos outros criminosos que conheci. Para um chefe da máfia, não fez sentido. A única explicação plausível é que sua mãe o influenciou para se tornar o homem que é hoje. Acho que talvez ele tenha sido coagido.

Ela pensou a respeito, e apesar do coração ansiar entender, a cabeça apontava os fatos.

— Ainda fez muitas coisas ruins. Matou pessoas. Roubou delas. Colocou armas nas mãos de adolescentes. Deveria ir para a cadeia. Não tem como voltar atrás depois de matar alguém.

Griffin desviou, e ela logo percebeu o erro.

— Não, Griffin. Nunca pense que está no mesmo nível que ele. Por favor, baby, acredite em mim.

— Não sei. Às vezes me pergunto qual é o sentido de tudo isso. Estamos fazendo diferença ou alongando a dor...

— Soa como Humphrey Bogart em *Casablanca*.

— Talvez ele estivesse certo.

— Griffin. Acredito em você — ela disse, olhos lacrimejando, e recebeu um pequeno sorriso.

— Seu pai se entregou — falou. — Já está na cadeia.

— Mesmo?

— Confessou muitos crimes. Quer pagar os pecados.

O coração de Lilo se partiu um pouco, porque agora estava pensando coisas do tipo: uma pessoa pode mudar? Pode merecer perdão? E quanto tempo pode-se guardar uma mágoa?

— Posso ir com você para vê-lo, se quiser alguma conclusão. — A mão de Griffin pousou na dela.

— Suponho que seria uma boa oportunidade perguntar para ele sobre as fotos. Agora entendo por que são tão valiosas, e por que não queria mostrar para mim.

— Deveria ter confiado em você desde o começo.

— Bom, lá se foi minha exclusiva. — Deu um tapa na testa, só agora percebendo que nunca poderia escrever uma exclusiva sobre Griffin e a família. Não agora. Nem nunca.

— Exclusiva?

— É, eu... Deus, isso é vergonhoso. — Corou. — Quero escrever sobre os Sete Mortais há anos. Queria ser a jornalista que revelava sua identidade, ou ao menos descobrisse seu propósito. Qualquer coisa, pra ser honesta. Seria minha grande chance. Não posso fazer isso agora. Fui completamente ignorante de pensar que escrever uma história dessas não seria prejudicial. Vejo quanta dor e sofrimento todos passam para ajudar quem não merece.

Ele pegou as mãos dela.

— Ainda pode ajudar.

— Como?

— Controle a narrativa. Não deixe que Doppenger escreva mentiras.

Ela mordeu o lábio. *Enfrentar Donnie?* Sim. Maldito seja. Estava farta daquele babaca ganancioso controlador. Fred amara sua história. Podia fazer isso.

— Vou lutar por você, Griffin — afirmou. — Prometo. Pessoas como Donnie não vão mais escrever besteira sobre sua família. Não enquanto eu estiver no Copy.

Levou a mão dela para os lábios e beijou os dedos.

— Ele não vai ter chance.

Um pequeno sorriso surgiu no rosto dela, e aí a barriga roncou.

— Hm. Tem farinha e coisas de assar aqui?

Um tique preocupado apareceu ao lado do olho dele.

— Na verdade, não responda isso, parece que ergue confeitadeiras por diversão.

Ele piscou.

— Só uso pesos normais.

Isso a fez rir e ela deu um tapa brincalhão.

— Alguma outra comida?

— Nada que sirva de café da manhã.

— Sem problema. — Ela pulou da cama, toda energizada e pronta

para o dia. — Me deixe tomar banho, e depois vou te levar pra tomar café.

Só precisava escolher um lugar barato.

Ao atravessar o quarto, sentiu o olhar quente dele nas costas enquanto abria a porta do banheiro, depois, assim que entrou, ele gritou:

— Espera!

Mas ela vira o dano aos azulejos no chuveiro. A parede sob a torneira e a ducha fora estilhaçada e afundada como se alguém tivesse marretado.

— O que aconteceu?

Ele se aproximou dela, as mãos nos bolsos.

— Estava com raiva.

Pela primeira vez desde estar com ele, ficou um pouquinho preocupada que ele tinha um temperamento com o qual precisaria tomar cuidado, e um fio de dúvida a lembrou que Donnie também era um anjo quando começaram a namorar.

— Foi depois que te deixei na escadaria — murmurou. — Estava bravo comigo mesmo.

Bravo comigo mesmo. Não com ela. O oposto de como Donnie era. Não tinha nada com que se preocupar. Ele precisava dela.

CAPÍTULO 26

GRIFFIN LÁZARO

Um dia depois, Griffin estava em uma cabine no Heaven, observando Lilo do outro lado do salão enquanto conversava com a garçonete sobre um pedido especial que queria fazer. Ele mencionara que não era fã de alho, e decidiu que era tarefa dela garantir que o pedido dele fosse feito sem. Gostava de fazer coisas por ele, e ele gostava de retribuir.

Também gostava de fazer coisas por ela.

A memória de como passaram as duas noites anteriores o fizeram esquentar, puxando o colarinho, e movendo as pernas. Tentou pensar em outra coisa, mas era como se quanto mais tentasse se distrair, mais imaginava ela nua sob ele. Sobre ele. Nos seus braços. No chuveiro. No recém-descoberto sofá da sala de estar...

Passaram o dia anterior na casa dele, removendo sorrateiramente os itens roubados da sala de estar. Mantivera a promessa e garantiu manter o segredo. A limpeza em massa não fora muito difícil no final, já que a maioria da família estava se recuperando da inauguração do Hell.

Lilo o ajudara a organizar o apartamento. Ela abordou a bagunça como se fosse um projeto de reforma. Ajudou a separar cada objeto em pilhas de categorias diferentes. Joias, cacarecos, roupas... Nenhuma vez fez careta ou o repreendeu. Na verdade, falou entusiasmada sobre quanto ajudaria os menos afortunados do que eles. Juntos, entregaram os itens para abrigos e centros de caridade pela cidade. Ela ganhou vida com o projeto e ainda tinha o mesmo brilho nas bochechas hoje. Ficou grato de poder ver os móveis na sala de estar outra vez. Muito grato.

O olhar voltou para onde ela conversava com a garçonete. Tentou pagar pela refeição, mas ele disse para os funcionários que qualquer coisa que pedissem iria para a conta dele. Ela ficara tão acostumada a ser generosa no último relacionamento, deixava-o nervoso. Por outro lado, ficou feliz de mostrar para ela como era estar com alguém que se importava de verdade.

Não iria faltar nada a ela enquanto ele estivesse por perto, e

esperava que seria por muito tempo.

— Essa cadeira está ocupada? — Tony deslizou na cabine no lado oposto de Griffin, tirando o disfarce hollywoodiano de óculos de sol e boné.

Parecia desgrenhado, mas energizado. O homem se mexia e zumbia como se tivesse formigas nas calças. Os dedos tamborilavam no couro. O cabelo estava penteado para trás como se tivesse passado os dedos por ele um milhão de vezes, e as pupilas dilatadas enquanto desviavam pelo salão, sem dúvida procurando paparazzi perdidos que pudessem pegá-lo tão fora de controle.

Griffin ficou tenso.

— Na verdade...

Tony o ignorou com uma fungada e apoiou o braço sobre a cabine, encarando em volta do restaurante.

— E aí, cara?

— Quando foi a última vez que dormiu, Tony? — Griffin franziu o cenho para ele.

— O quê? — O olhar de Tony voltou para Griffin.

— Pra um ator, é bem terrível de esconder o fato que está ligado.

— Tá bom — Tony gracejou. — Não durmo desde quinta. E antes que venha todo Griffin certinho pra cima de mim, dá um tempo. A filmagem acabou e tem alguns meses antes da próxima, estou relaxando.

— Parece que está tensionando pra mim.

— Sim, falando nisso. — Olhou sério para Griffin. — Preciso extravasar essa energia. Vamos treinar?

— Quer brigar comigo na sua condição? — Griffin perguntou incrédulo. Era óbvio que o homem ainda estava chapado.

Tony deu de ombros e reclamou de um jeito mimado.

— Estou esperando há horas para alguém acordar. Quero ver o que essa sua nova habilidade faz. Vamos. Vai ser divertido.

— O que vai ser divertido? — Lilo disse ao voltar para a cabine, ao lado de Griffin dessa vez. — Oi, Tony. Bom te ver outra vez.

Tony deu um sorriso ardiloso para Lilo.

— Na verdade estou surpreso de ver você dois com toda essa gula que estou sentindo.

— O quê? — Lilo corou. — Não como tanto assim. Tá, talvez tenha comido alguns muffins esses dias. E aquele donut ontem à noite depois do jantar. E... gosto de quitutes assados, tá?

Tony riu até os olhos lacrimejarem e deixou Griffin irritado.

— As pessoas sempre acham que gula tem relação com comida — Tony acrescentou —, mas têm outras coisas que não podemos evitar nos esbaldar. — O novo olhar estava cheio de insinuação.

— Chega, Tony. — Griffin virou para Lilo. — Vai ter que desculpar

meu irmão, está vencido há uns dias.

— Uns dias?

— Ainda está festejando desde sexta.

— Sim, ma-no. — Tony comemorou depois encarou Lilo com um olhar que com certeza arrancava muitas calcinhas. — Peço desculpas pela minha falta de educação, Lilo. É bom te ver de novo.

Ela deu um pequeno sorriso, mas se aproximou de Griffin.

— Sua amiga era divertida, aliás. — Piscou para Lilo e ela empalideceu.

— Quer dizer Misha?

Assentiu.

— Sabe se divertir. Pode convidá-la qualquer hora.

— Você dois... hm... sabe.

Tony arqueou uma sobrancelha.

— Não beijo e saio contando.

Griffin acenou para o irmão.

— Ele beija e conta sim, o que significa que se não está dizendo nada agora, então nada aconteceu.

— Estraga prazeres. — Tony jogou um guardanapo nele.

Lilo relaxou ao seu lado de um jeito que sugeria que não estava feliz com a ideia do irmão e a amiga ficando. Ele também não ficaria feliz. Pelo menos, não até Tony criar jeito.

Talvez uma boa sessão de treino fosse boa para ele – o colocaria no lugar e o lembraria dos perigos de se esbaldar naquele passatempo para alguém como eles.

— Preciso mesmo trabalhar na minha nova habilidade — Griffin murmurou, cedendo.

Tony bateu palmas.

— Excelente. Vamos agora.

— Não está com fome? — Lilo perguntou.

— Nope.

— Bom, eu estou — Griffin disse.

Tony ficou contrariado na hora.

— Vai me fazer esperar?

— Tinha planos antes de você chegar. Não vou mudá-los só porque você estalou os dedos.

— Ugh. Tudo bem. — Tony saiu da cabine. — Se prepare para uma batalha épica, irmão. Vou ver quem mais posso convencer.

— É uma boa ideia — Griffin disse. — Preciso informar Parker da baixa segurança da balada. — Deu um olhar para Lilo. — Se eu não estivesse vigilante, Lilo poderia não estar aqui.

Um lampejo de carranca dançou nas feições de Tony, mas abafou na hora. Talvez não quisesse que nada sério arruinasse sua brisa.

— Certo — Tony disse, esfregando as mãos. — Vou reunir as

tropas.

Colocou os óculos de sol e boné, e depois saiu quase pulando da cabine. Ao passar por eles a caminho da saída, deu um sorriso e bateu em seus ombros com um pouco de energia demais.

— Até.

Griffin virou para Lilo.

— Estou preocupado com ele.

— Sim, não estou surpresa. — Abaixou a voz de um jeito conspiratório. — Parker sabe sobre... a dieta especial dele?

— Provável. Tony acha que pode esconder, mas não pode. Conhecemos ele muito bem.

CAPÍTULO 27

LILO LIKEKE

Lilo seguiu Griffin pelo corredor do porão que levava a sala de treino. Griffin disse que ela não precisava vir, mas estava animada para assistir – ver a família talentosa dele em ação de camarote. Atiçava todo instinto jornalístico que ela tinha. Também a deixava muito nervosa.

Vestido em moletom e uma camiseta de algodão simples, Griffin não parecia menos imponente. Os últimos dias relaxantes fizeram muito para aliviar a carranca quase permanente, e colocou um pouco de cor nas bochechas dele, mas quando entrou na sala, ficou silenciosamente sério.

— Tem certeza que não tem problema eu estar aqui? — perguntou, limpando as mãos suadas na saia. — Quero dizer, sei que confia em mim para não dar com a língua dos dentes, mas acabei de conhecer sua família e...

Pressionou os lábios nos dela. O toque foi pequeno e carinhoso, mas tão alto quanto um grito. Ele estava ali por ela, e a defenderia. Era simples assim.

Jogou a toalha de rosto sobre o ombro e depois pegou a mão dela.

A sala era uma academia simples. Um tatame acolchoado no meio, várias máquinas eletrônicas e pesos nas bordas. Espelhos de um lado e algumas cadeiras do outro. Duas pessoas já estavam no tatame, treinando com luvas de boxe e aparadores de soco.

Tony e Evan. Tony estava sem camisa e usando jeans. Denim escuro de grife baixo nos quadris, dando a Lilo uma visão ininterrupta do torso perfeito de estrela de cinema. Bronzeado e já brilhando com suor. Evan usava moletom e também estava sem camisa, mas ao passo que Tony era imaculado, Evan era cheio de linhas escuras e tatuagens serpenteantes, exceto pelo desenho sobre o coração que claramente dizia *Grace*. Lilo sorriu.

— Lilo! — Falando no diabo.

— Grace! — O sorriso de Lilo aumentou. — Dia de folga?

Grace ergueu o kit médico e fez uma careta.

— Bom, pensei que fosse, até esses bobalhões decidirem fazerem

um torneio improvisado.

— Torneio? — Griffin coçou a cabeça. — Desde quando?

— Desde que sua irmã vai dar uma surra em todos vocês preguiçosos. — Liza entrou, seguida pelos pais de Griffin, um homem alto usando uma camisa xadrez e uma mulher baixa usando roupa de ioga.

Todos pararam e encararam Lilo. A pele dela queimou.

O olhar de Liza fez pingue pongue entre Lilo e Griffin. Por fim, deu um soco no braço dele.

— É bom ver que relaxou, parsa.

A carranca dele aumentou.

— Por que precisa me bater o tempo todo?

— Por que não? — Ela arregalou os olhos, desafiando.

Quando Griffin bufou e foi proteger os dedos com bandagem, o olhar surpreso de Liza foi para Lilo.

— Uau. Ele... é, uau. Nem uma resposta. Está bem relaxado.

— Não nos conhecemos oficialmente sexta à noite. — A mãe de Griffin se aproximou e estendeu a mão. — Sou a Mary, mãe do Griffin.

— Ah... — Lilo apertou sua mão. — É bom te conhecer. Sou a Lilo.

Os olhos astutos da mulher deram uma olhada de cima embaixo em Lilo, depois sorriu de repente e foi como olhar nos olhos de uma leoa. Lilo sentiu que ela poderia ser tão mortal quanto os filhos. Mary indicou para o homem alto ao seu lado.

— Esse é o Flint, meu marido e pai desses *niños estúpidos*.

— Ei. — A mão bateu no peito como se ele tivesse levado um tiro no coração. — Por que sou o pai quando são estúpidos?

Dando de ombros, ela sorriu e foi para o tatame.

— Porque sou a mãe quando não são.

— Bem-vinda a família. — Flint deu um sorriso rápido e foi se juntar a esposa.

— Hm. Bem-vinda a família? — Lilo falou esganiçada para Grace.

— Espero que não tenha outras ideias, porque está dentro agora. Não tem como escapar.

— Ou o quê? Vão me caçar se eu tentar ir embora.

— Nope. Você só está dentro. Onde pertence. — Aquele sorriso compreensivo se abriu no rosto dela até balançar a bolsa médica e ir para as cadeiras, dizendo sobre o ombro: — Não poderia estar mais feliz.

— Eu também. — Griffin se aproximou por trás de Lilo e colocou as mãos com bandagens sobre seus ombros. Afagou o pescoço e respirou fundo, depois ficou tenso atrás dela. Pelo jeito que respirou fundo, ela soube que estava assimilando o estímulo do cheiro e toque. Deixou pacientemente que a segurasse, presa no abraço até ele superar os sentimentos viscerais. Isso a deixava de pernas bambas e coração

quentinho, saber que estava ajudando-o com a resposta sensitiva. Ela o conhecia melhor do que qualquer um, e esse era um jeito que podia protegê-lo, deixar que usasse seu corpo para se ajustar a tudo ao redor. Virou e passou os braços em volta da cintura, olhando para ele com carinho.

— Você está falando sério? — perguntou baixinho. — Que está feliz?

— Ei — Tony gritou do tatame. — Se os dois pombinhos tiverem terminado, podemos começar.

Griffin sorriu, e iluminou o rosto dele. Por algum motivo, parecia bem presunçoso.

Uma tosse grave soou na porta. Parker estava parado ali, usando a camisa social preta e calça de terno.

— Cheguei — falou. — Agora pode começar.

— Certo, vamos acabar com essa aula. — Griffin foi para o tatame. — Quem vai levar uma lição primeiro?

Lilo foi para as cadeiras onde Grace e Flint estavam sentados. Para a surpresa de Lilo, Mary se juntou aos filhos no tatame. Parker assumiu a cadeira vazia de Mary e entregou uma prancheta para Grace.

— Se importa de fazer anotações? — Parker apontou para a prancheta.

Flint pegou de Grace com uma expressão depreciativa.

— Ela não é sua funcionária, Parker.

— O quê? — pareceu ofendido. — Ela tem treinamento médico.

— Exato, deveria ficar a postos.

— Não é nada de mais — Grace ofereceu.

— Não, não tem problema, Grace. Parker pode fazer isso sozinho.

— Flint entregou a prancheta de volta para Parker.

— Sou eu no comando disso — falou. — Apesar do que estão chamando isso, está servindo um propósito: testar os limites de Griff.

— Eu faço. — Lilo ergueu a mão. — Só me diga o que fazer.

Parker a escrutinou.

— Lilo, certo?

Assentiu.

— Não tive chance de me apresentar de acordo na sexta.

— Hm, não — ela respondeu com uma risada nervosa — o homem era intimidante —, ao pegar a prancheta. — Estava ocupado sendo o dono, e eu estava ocupada sendo arrastada para o beco e atacada.

Era para ser uma piada, mas a expressão de Parker foi de entediada para assassina. A palavra seguinte quase não saiu por entre os dentes:

— O quê?

— Hm. Griffin não contou?

— Griff! — berrou, depois levantou para se juntar aos irmãos no tatame. As carrancas e mandíbulas cerradas eram marcadas pelos olhares carregados que mandaram para Lilo.

Ela mordeu o lábio.

— Por que estão tão bravos comigo? Fui a vítima.

— Não com você. Estão bravos porque foi atacada na balada dele — Flint disse com uma careta furiosa. — Honestamente, não se pode mais contratar boa segurança hoje em dia.

— Eu não sabia. — Grace deu tapinhas na perna de Lilo. — Você está bem?

— Sim. Quero dizer, foi assustador, mas Griffin estava lá. — Lembrar fez sua mente rodopiar. — Na verdade, ele deu uma surra naqueles quatro homens. Tenho certeza que não acontecerá outra vez.

— Não vai mesmo — Parker disse. — Vou contratar segurança que confio. — Ele pausou, observando a família treinar no tatame com atenção. — Disse quatro contra um?

— Sim, ele arrancou as calhas com o poder e os prendeu contra a parede. Foi incrível de ver. Até a saída de incêndio soltou.

A mandíbula de Parker se moveu de um lado para o outro como se estivesse mastigando os pensamentos.

— Essa sala não vai servir, então. — Bateu palmas. — Todo mundo para fora.

Liza protestou.

— Mas estávamos só começando!

— Para o beco — elaborou. — Essa sala é pequena demais para o poder de Griffin.

Os olhos de Tony se iluminaram.

— Armas?

— Não levaria nada de metal, a não ser que queria levar uma coça — Mary observou.

— Tenho todas as armas que preciso bem aqui. — Os punhos de Evan estalaram e faiscaram com luz azul.

Grace bufou.

— Exibido.

Lilo não conseguiu esconder o sorriso no rosto.

— Se Misha estivesse aqui, estaria apostando.

— Ótima ideia! — Liza apontou para Lilo.

— Não a encoraje — Parker disse sobre o ombro antes de levar todos para fora.

CAPÍTULO 28

GRIFFIN LÁZARO

Griffin parou na frente dos três irmãos no mesmo beco onde quase perdeu Lilo. Só serviu para incitá-lo, não dar a eles nenhuma chance contra o novo poder. Era logo antes do meio-dia, e a maioria da neve derreteria, o que significava que a onda de frio acabou – olhou para o céu azul – possivelmente de vez. A primavera estava a caminho.

— Vamos — Tony gritou, pululando, punhos erguidos à frente. — Não temos o dia todo.

Griffin olhou para a saída do beco, só por precaução. Mary e Flint estavam parados, bloqueando a entrada de qualquer transeunte. Ainda assim – era plena luz do dia, e não era o tipo de coisa que queria fazer em um beco público, nem mesmo um cujo único acesso estava bloqueado, e todas as janelas estavam tampadas com tábuas no prédio oposto. Pensando bem, deixou o poder preencher o corpo até zunir dos pés a cabeça e conectou com o metal como se fosse um membro fantasma. Usou o membro para empurrar uma grande lixeira vermelha, arrastando do lugar perto da parede. Lixo caiu da caçamba, e papéis voaram no ar, rodopiando. Mary a viu se aproximar com um olho desconfiado até parar a centímetros dela.

Bem melhor. Boa sorte enxergando sobre isso.

Griffin voltou para onde Parker, Lilo e Grace observavam da porta aberta do quartel general. Parker esfregou o queixo, perdido em pensamento enquanto olhava a destruição de metal espalhada pelo beco, evidência da última vez que Griffin estivera ali.

— Vai ganhar fácil, baby — Lilo sorriu.

Esfregou o bastão bo no chão sujo. Só queria acabar logo com isso.

— Certo, novo plano. — Parker se aproximou, olhando para a saída de incêndio derrubada atrás de Griffin. Pegou um pequeno aparelho manual na forma de um retângulo. — Está claro que já tem algum controle sobre a habilidade. Isso é um magnetômetro. Vai medir a intensidade da sua força magnética. Alguém jogue algo de metal no Griffin.

Tony pareceu decepcionado.

— Pensei que iríamos treinar.

— Acha que pode ganhar dele? — Parker provocou.

— Dã.

Os lábios de Parker afinaram.

— Tudo bem. Mas quando isso for pelos ares, lembre que pediu. — Virou para Griffin. — Dê uma lição rápida nele, depois vamos passar a medir sua potência.

— Ouvi isso! — Tony gritou.

Dê uma lição rápida. Certo. Griffin voltou o foco para o irmão pulando, dando socos no ar. Ele foi para o meio do beco até estarem a poucos metros de distância.

Tony olhou feio para ele, e uma intenção calma e letal espreitou em seus olhos. O homem parou de pular e circundou Griffin com calma. Qualquer guerreiro bem treinado veria que Tony não era tão errático e imprudente quanto levava os espectadores a acreditar. Era perigoso e mortal.

Mas não era páreo para Griffin.

Seja rápido.

Certo.

Griffin procurou uma fonte de metal em Tony. Quando o poder conectou, quase se sentiu mal pelo irmão. Se tivesse ficado esperto, poderia ter se lembrado de remover o cinto. Mas a realidade era que o cinto estava preso na cintura, um peso resistente pelo passador do jeans.

Vendo Griffin imóvel, Tony atacou – e sobressaltou para trás como se estivesse sendo puxado por um fio.

Não era um fio. Era Griffin o puxando na direção oposta pela força do poder.

O rosto de Tony ficou confuso. Desviou o olhar, fez uma careta e depois se recuperou. Raiva nadou sobre as feições e se preparou, botas contra o chão, músculos resistindo contra a força invisível do magnetismo. Como um homem ficando firme contra um vento forte, Tony firmou as botas e se inclinou para frente. Parou de se mover e apenas relutou contra o poder. Impressionante.

Ainda não era o suficiente. Griffin sentiu os suportes de metal enfiados nas solas das botas do Tony, e acrescentou o poder ali, deslocando rápido os pés de Tony até que se ergueram sob ele e voou para trás. Quando caiu de costas com um baque, atordoado e olhando para o céu, Griffin falou:

— Mais alguém?

Liza franziu o cenho e olhou para os sapatos, erguendo-os para espreitar sob as solas.

— Seu pivete.

Deu de ombros.

— Ótimo. — Parker voltou para onde Griffin estava. — Vamos

aceitar que Griffin é melhor do que vocês.

— Não me deu chance! — Evan choramingou.

— Nem pra mim. — Liza fez beicinho.

Parker suspirou.

— Vai ter sua chance.

Apontou o magnetômetro para Griffin.

— Vai com tudo.

Griffin flexionou os punhos.

— Só me encher de poder?

— Sim.

Certo. Foi o que Griffin fez. Focou para dentro, fechou os olhos e se concentrou em acumular a energia que o corpo produzia. O tempo todo, Parker narrou para quem observava o que sabia sobre campos magnéticos.

Griffin continuou até Parker assobiar com admiração.

— Um Tesla.

Abriu os olhos.

— Isso é bom?

— Para comparação, um ímã de ferro-velho que ergue um carro tem perto de dois Tesla. Tente erguer alguma coisa.

Griffin ergueu as mãos, aumentou o poder e levitou a segunda lixeira na direção da parte escura do beco. A estrutura vermelha grande e surrada se ergueu alguns centímetros do chão, rangendo e gemendo com protesto.

— Merda. Dois Tesla. Como se sente?

— Bem. — Tremeu e suor formou. O âmagô começou a sentir câibra, mas não era nada que não podia lidar. Manteve a lixeira levitando.

— Não minta, Griff.

— Dói um pouco — confessou. — Mas posso suportar.

Um pequeno arquejo da fila do gargarejo. Foi Lilo. No instante que fez a conexão, o controle sobre o poder oscilou.

— Interessante — Parker observou. — Distração te enfraquece. Precisa esticar as mãos para erguer?

— Me ajuda a focar, mas acho que não.

Como se fosse a deixa para que acabassem com ele, Parker deu uma olhada para os irmãos e atacaram. Um por um, se jogaram em Griffin, e ele defendeu de todos os jeitos possíveis. Liza deu uma voadora. Pulou para evitar a perna dela. Tony socou e Griffin usou o bastão bo para bloquear. Quando Evan se juntou, Griffin não teve escolha a não ser desviar um pouco de poder da lixeira voadora para o bastão e usar para bater contra Evan enquanto as mãos bloqueavam os outros dois. Como um borrão de ferro e couro, os quatro batalharam em uma troca rápida de punhos e botas.

Griffin os manteve afastados, até Evan passar sua defesa e fechar a mão no pulso de Griffin. Eletricidade percorreu seu corpo, convulsionando, dando câibra, formigando os dentes. Os ossos vibraram e a lixeira subiu metros do chão. Griffin gritou com agonia enquanto as moléculas se separavam, mas Evan não soltava. A eletricidade fez algo com ele – como se tivesse sido colocado na tomada –, ficou mais intenso. Ficou mais forte.

— Três Tesla! — Parker vociferou. — Não solte, Evan.

Mas tão rápido quanto o poder veio, desabou. Sem conseguir falar com o tormento, Griffin ficou de joelho, um baque horroroso soou, e a voz distante de Lilo gritou para que parassem, Evan soltou.

Pontos brancos nadaram na frente dos seus olhos. Tudo doía. O corpo sentia como se tivesse sido frito em uma tempestade de raios. Griffin não percebeu que caíra até rostos pairarem sobre ele, bloqueando o céu azul da sua visão.

— Griffin? — Grace abanou a mão na frente do rosto dele. Pressão no pescoço informou a ele que conferia o pulso. — Meu deus, o coração dele está acelerado... 200 batimentos por segundo.

— Griff? — Lilo estava ali.

Ainda não podia falar. Mal podia engolir.

— Está bem, mano? — Era Evan.

Tentou assentir. Deve ter conseguido porque um suspiro coletivo de alívio o cercou.

— O pulso está caindo.

Ele gemeu.

— Isso doeu.

Mary e Flint se aproximaram correndo.

— O que aconteceu, Parker? — Mary perguntou.

— Meu palpite é que Evan soltou demais. O corpo de Griffin não conseguiu suportar.

— É perigoso demais.

— Estou bem. — Tentou sentar, mas só conseguiu se apoiar nos cotovelos. Lilo sentou atrás dele e apoiou sua cabeça nas coxas.

Parker esfregou o queixo com a barba por fazer, uma carranca no rosto.

— Acho que é melhor evitarmos alimentar você com o poder de Evan no futuro. Pode estar bem dessa vez, mas da próxima, poderia matá-lo.

CAPÍTULO 29

DONALD DOPPENGER

No pequeno apartamento, Donald fora abordado por Falcon e um homem cinquentão bonito, usando um terno. Pelo jeito que mandava em Falcon, ficou aparente que o homem alto era seu superior.

— Conte para ele o que aconteceu com você mais cedo — Falcon ordenou Donald enquanto o cercava, levando-o na direção do Chesterfield arruinado.

— Fui levado e torturado pelos Sete Mortais — respondeu, sentando. — Aqueles cuzões me deixaram em uma sala trancada e jogaram água no meu rosto várias vezes até eu responder as perguntas.

— Entretanto, aqui está. Quais foram as perguntas? — A voz do chefe era grave, grossa e suave enquanto pairava sobre Donald. Era o tipo de voz que nunca desperdiçava ou media palavras. Era o homem que as pessoas escutavam. Lembrava Donald do babaca do irmão Senador. Já odiava ele. Que se foda.

— Perguntaram como pude pressentir o pecado da ganância. Perguntaram onde consegui minha força temporária, e perguntaram algo sobre um sindicato.

A última palavra deixou o homem imóvel até Donald pensar que talvez fosse feito de papelão e nada mais.

— Então, até que enfim estão se atualizando. — A voz era fria e dissonante. Deixou Donald e foi para a janela com vista para a cidade.

Falcon seguiu.

— Não sei por que não matou todos eles. Sabemos onde estão, sabemos quem são. Se livre deles e acabe logo com isso.

O homem respirou forte pelo nariz.

— Lembra quando nós os perdemos, há tantos anos atrás.

— Como poderia esquecer?

— Tínhamos tantas esperanças para todos eles. — Ele suspirou. — Durante alguns anos, pensei mesmo que os tivéssemos, mas quando começaram a aparecer nessa cidade, brincando de heróis de histórias em quadrinhos, soube que nem tudo estava perdido.

— Não precisamos deles.

O homem inclinou um pouco a cabeça na direção de Donald. Quando falou com Falcon, uma camada de desgosto exalou da língua.

— Ele não é nada como eles. Uma cópia malfeita, nada mais.

— O que quer que eu faça com ele?

Falavam sobre Donald como se não estivesse ali, como se fosse lixo para ser jogado fora.

— Mantenha o projeto ativo. Enquanto esperamos os originais caírem, continuamos com as contingências.

— Concordo.

— Pecado nunca dorme.

— Atacamos aos poucos até as fendas virarem uma cratera.

— Sim, minha querida. Sim. — Os olhos azuis intensos focaram em Donald. — Fizeram perguntas. Quais foram as respostas?

Donald piscou.

— Não falei nada.

— Então, eles só te soltaram.

— Sim.

O chefe soltou um suspiro, murmurando baixinho:

— E você nos trouxe direto para este prédio, como animais para o abate.

— Bom...

— Chega. — Falcon estava na cara dele antes que Donald pudesse terminar, ameaçando com sua proximidade.

O chefe olhou para Falcon.

— Sua opinião?

— Rastrearão ele, esperando que venha até nós. Não acho que estarão de tocaia no prédio. Estamos seguros.

— Ótimo. — O chefe relaxou e uniu as mãos atrás das costas. Virou para Donald. — O que vai fazer sobre isso?

— Sobre o quê?

— Bom, eles te humilharam. Tiraram tudo de você. É o novo Ganância, ou é um covarde?

— Já erradiquei mais de dez pecadores gananciosos.

— Dez. Só isso?

— Quero mais sérum.

— Tome demais e arrisca falência de órgãos.

— Vou ficar bem.

O chefe acenou para Falcon, ela deixou a sala para voltar com uma bolsa de couro. Ela abriu e mostrou quatro seringas cheias de líquido brilhante.

— Sabe a dose. Um de cada vez.

Mas os olhos de Donald eram tão gananciosos quanto a mente. Quanto mais usasse, mais forte ficaria, e que se foda quem tentasse

impedi-lo dessa vez.

— Erradique mais pecadores, e vai conseguir mais sêrum. — Falcon fechou a bolsa e o zíper.

Donald assentiu atordado enquanto aceitava o pacote dela.

O chefe se aproximou até parar na frente de Donald.

— Sabe que o verdadeiro Ganância é Griffin Lázaro, né?

Cada osso furioso no corpo de Donald cresceu. *Maldito Lázaro*. Deveria saber. Bom, Donald sabia exatamente como lidar com ele. Sabia como lidar com todos eles.

— Então, o que vai fazer? — o chefe perguntou. — Pense grande, Donald.

O olhar de Donald cobriu a cidade do outro lado da janela. Havia milhares de pecadores gananciosos lá fora. Quanto mais removesse, mais sêrum conseguiria, mais poderoso se tornaria. Chega de vulnerabilidade ou humilhação dos Sete Mortais, ele viraria o jogo, e conforme seus benfeitores foram sair do apartamento, pensou, também não os veria de novo.

— Não importa o que escolha. — O chefe pausou no portal. — Só não mate Griffin Lázaro. Queremos ele vivo.

E isso foi o que o deixou mais furioso. Que se fodam. Que se fodam todos.

CAPÍTULO 30

GRIFFIN LÁZARO

Griffin foi para o trabalho na segunda com Lilo no carro e parou no estacionamento subterrâneo da redação do Cardinal Copy.

Ela deixou que abrisse sua porta. Fez o calor sutil expandir no peito. Ofereceu a mão e ela aceitou, assim como fizera no final de semana inteiro e a rotina dessa ação se enraizara fundo. Limpava os pontos de ganância e o acalmava até o âmago. Como os homens com frequência diziam, ele se sentia como se estivesse andando nas nuvens e quase se esquecera da pressão ardente que a ganância deixava para trás.

Isso foi até entrarem no escritório e ela soltar a mão.

O pecado ondulou como um mar preguiçoso, escorrendo de volta nos poros.

Quando ela o beijou, puxou-a mais perto e inalou o cheiro natural suave para afogar as ondas.

— Não usa mais perfume. Ou mastiga chiclete de mirtilo — observou, com um ressoar de apreço.

Ela sorriu.

— Percebeu, hm? Parei quando fiquei sabendo que te incomodava.

— Eu nunca te disse isso.

— Grace contou, há um tempo.

Ele a encarou por tempo, sem saber o que dizer.

— Ninguém nunca se importou o suficiente comigo para mudar o perfume. Minha família costuma gostar de me pressionar e testar. Nosso jeito sempre foi de manter um ao outro forte. É tudo o que sabemos.

— Bom, isso é entre vocês. Para nós, podemos ter nosso jeito de resolver as coisas.

— Obrigado — sussurrou e capturou a boca dela em um beijo ardente. O formigamento nos dentes perfurou seu cérebro, mas precisou fazê-lo. Era atraído por ela como um imã. Um último beijo antes dela voltar para a mesa porque não a veria o resto do dia, e o pensamento da sua ausência já o incomodava. Queria que a sensação dela durasse.

Ao longo do final de semana, quanto mais tempo passava com ela, mais o efeito calmante durava. E quando passavam tempo separados, ele ansiaria o toque como jamais fizera. Só foi no mercado por uma hora, mas quando voltara, ele fora incapaz de evitar despi-la no instante que chegou em casa. Por um minuto, considerou fechar a porta do escritório e pegar ela na mesa. Considerou tirar o dia de folga para ir para casa com ela, apesar do fato que nunca matara um compromisso na vida.

Ela gemeu e esfregou as mãos sobre os braços dele.

— Gosto que me deixa ser carinhosa em público.

Foi uma coisa estranha a se dizer, e estava prestes a mencionar, mas ela continuou falando.

— Esquece. Não é nada. Então — afirmou animada. — Te vejo no almoço. Aqui às doze? Fiz aquele pão de abobrinha, lembra?

— Parece delicioso.

Ela se pavoneou sob a aprovação com um leve rubor.

— Ah, e quer donuts quando os trouxer?

— Não, mas... — tirou uma nota de cinquenta da carteira. — Você sempre paga. É por minha conta.

— Não ligo.

Ele arqueou uma sobrancelha.

— Me deixe pagar.

— Tudo bem — cedeu e pegou o dinheiro. — Mas vou trazer alguns pra você.

— Vou te manter atualizada se precisar deixar o escritório.

Ela foi sair, mas ele quase se esquecera.

— Espera — falou, parando-a. — Vou trazer seu café na hora do intervalo matinal. Mesmo horário?

— Dez? Se eu puder esperar até lá. Não, espera, nove e meia. Não, dez. Preciso diminuir.

Foi para a mesa, abaixou a mochila pesada e depois deu uma olhada para ela ao sentar na cadeira.

— Combinado, às dez.

Depois que ela partiu, demorou um segundo para se aclimatizar ao trabalho outra vez. Lamentava admitir que não pensara uma vez no lugar o final de semana inteiro, ou no Doppenger, que era o alvo principal agora. Esse era o último segredo de Lilo, e não fazia ideia de como puxar o assunto. Estivera intimamente envolvida com esse homem, e com tanta animosidade entre ela e a família, ele não queria acrescentar mais dor.

Depois de treinar no domingo, Parker delineou a situação atual com o impostor. Doppenger ficara no prédio a maior parte do final de semana, provavelmente se recuperando do que Griffin fizera com ele no armazém, mas estavam todos a postos, logo a mochila cheia com o

traje de combate e equipamento que Griffin trouxera.

Fora decidido que todos os sete levariam os trajes para onde quer que fossem. Crime acontecia durante o dia, assim como à noite, e com o Sindicato na cidade, precisavam ficar vigilantes.

Até lá, retornaria aos deveres do dia a dia no Copy.

Passou as próximas horas repassando as informações que coletara na semana anterior e descobrindo quais dos funcionários ainda precisaria avaliar antes das nove e meia com Fred, o editor. Ansioso por acabar logo com a reunião para que pudesse falar com Lilo, Griffin foi no escritório de Fred mais cedo com as anotações.

Dobrando a esquina do corredor, pressentiu duas assinaturas de ganância dentro do escritório de Fred e parou bem a tempo de entrar sem ser convidado. A porta estava aberta. Dentro havia dois homens discutindo na mesa de Fred. Um homem era óbvio que era Fred, mas o outro... o coração de Griffin parou ao vê-lo. A imagem imediata desse estranho fez o sangue ferver nos ouvidos de Griffin. Talvez fosse por causa do final de semana idílico, ou talvez fosse a confissão recente trazendo à tona antigas memórias, mas o homem parecia exatamente como o companheiro caído – o que ele matara.

James.

Impossível.

O mesmo cabelo vermelho, o mesmo perfil quadrado, e os mesmos ombros largos. Vendo sua chegada, o estranho virou a cabeça, e Griffin segurou o fôlego.

Não era ele.

Exalou.

Claro que não era ele. James estava morto.

— Griffin — Fred disse, surpreso. Conferiu o relógio. — Não te esperava por mais dez minutos.

— Desculpa — Griffin respondeu, e olhou no rosto do estranho, uma última vez por garantia. — Volto mais tarde.

Coração acelerado, recuou no corredor e fora de vista dos homens no escritório. Parou com as costas contra a parede e processou o que aconteceu.

Conferiu a tatuagem no pulso. Ainda equilibrada. Então, por que sua química interna estava fora de controle? Fechou os olhos e inalou profundamente, exalando devagar pelos dentes.

Por quê?

Continuou a repetir a pergunta na mente.

Por que agora?

James estava morto. Griffin estava pagando o preço. Estava no controle.

Mas o pânico era real.

Não... não estava vivo. Não era James.

A garganta embargou quando percebeu o quanto dele dependia de Lilo agora. Já se esquecera do protocolo de equilíbrio, deixando tudo ao destino e a proximidade da sua alma gêmea. Esquecer o passado poderia ter consequências devastadoras. Um deslize de um comentário fora de hora poderia significar a diferença entre vida e morte para qualquer um ao seu redor.

Um novo nível de ansiedade o tomou. Isso também poderia significar Lilo? Poderia ser ela em quem descontaria irracionalmente?

Não. Ela não corria risco. A própria natureza dela o proibia de chegar nesse nível de insanidade... ele esperava.

Precisava ver Lilo com uma urgência que fazia seus olhos lacrimejarem, então foi direto para mesa dela. Não estava lá.

Não tem problema. Deve estar na padaria.

Forçando as inseguranças de lado, foi para a sala de descanso e fez os cafés, o tempo todo contando na cabeça. Quando se acalmara o suficiente, voltou para a mesa dela.

Ainda vazia.

Não.

Um arrepio percorreu sua coluna com a força de uma avalanche. Por que não estaria ali? Colocou as duas canecas fumegantes na mesa e analisou o recinto. Todos pareciam estar nas suas mesas. A bolsa dela estava pendurada na cadeira. *Não está na padaria então.* Não iria sem a bolsa. O computador estava na tela de descanso, o que significava que saíra há tempo o suficiente para travar o login.

Bev ergueu a cabeça para observá-lo, curiosa.

— Bom dia, Bev — disse. — Sabe para onde Lilo foi?

A mulher olhou para as canecas e de volta para ele.

— Ora, não é um fofo.

— Lilo?

— Foi encontrar o Donnie. Não deve demorar. — Ela sentou e voltou para a tela como se as palavras não tivessem aberto um buraco no coração de Griffin.

Tudo dentro dele rugiu.

O poder aumentou e surgiu, crescendo e o preenchendo até o limite, até quase explodir. Metal no recinto tremeu, telas de computador apagaram. Olhou em volta como louco, apenas no caso de Bev estar errada e Lilo estar em algum lugar por perto, mas as paredes se fecharam. Mais computadores apagaram. As luzes acima das cabeças piscaram.

Foco, Griffin. Não perca o controle. Ainda não.

— Há quanto tempo ela saiu? — perguntou com a garganta seca.

— Uma meia hora. — Bev se virou. — Está tudo bem?

— Ela disse onde iria encontrá-lo?

— Não. O que aconteceu?

Ele não respondeu. Saiu, de volta para o escritório onde pegou a mochila e depois correu para o escritório do Doppenger para uma olhada. Vazio.

Griffin foi para o térreo e parou na sala de segurança. Dois homens de uniforme branco estavam sentados em cadeiras, assistindo preguiçosos a parede de monitores à frente. Espalhados sobre as mesas estavam pacotes meio-vazios de comida e latas de refrigerante com impressões digitais sebosas.

Bateu na porta.

— Preciso que procurem uma filmagem específica do Cardinal Copy.

Os homens viraram para ele, fazendo uma careta. O mais novo tinha um bigode. O crachá dizia *P. Evernty*. Evernty, o Eterno Bigode. O segundo homem tinha pele oliva, um índice de massa corporal de uns vinte e oito e mordiscava um donut. Griffin não podia ler o nome no crachá porque uma mancha de cobertura de chocolate cobria. Esse ergueu uma sobrelanceira para a interrupção de Griffin.

— Hm. Amigo — o homem acima do peso falou. — Não sei com qual escritório está acostumado, mas não deixamos qualquer um entrar aqui...

— Não temos tempo — Griffin interrompeu. — Uma mulher desapareceu. — E se estivessem fazendo o trabalho deles, poderiam ter visto alguma coisa.

Os dois olharam para ele com expressões vagas.

Raiva surgiu em suas veias, e os monitores lampejaram na parede. A interrupção foi o suficiente para tirar os homens do torpor. Evernty acenou para ele, mas quanto mais Griffin se aproximava dos monitores, mais lampejavam e apagavam. Precisou recuar.

— Qual andar? — Evernty perguntou, batendo no monitor até parar de piscar.

— Quarto andar — respondeu. — Procure na área do escritório dos jornalistas. Volte uma meia hora. A mesa é a segunda à direita ao lado da sala de descanso. Lilo Likeke. Alta com cabelo marrom.

— Senhorita Likeke desapareceu? — o homem acima do peso disse, parecendo desolado. — Acabou de passar aqui há uma hora, deu donuts pra gente.

— Então, Doppenger a pegou entre esse período e meia hora atrás.

— Quer dizer Donnie? — o homem acima do peso perguntou, o rosto empalidecendo. — Não faria nada para machucá-la.

— Tem certeza disso? Conhece bem o homem?

— Bom, não, mas... é Donnie.

— Achei — Evernty disse, apontando para a gravação da Lilo na mesa. — Aqui está voltando da padaria.

— Avance até ela receber uma ligação e sair.

A gravação era preta e branca e um pouco pixelada, mas com cada minuto, cada segundo, assistindo, uma sensação crescente de pavor pegou seu coração. E quando atendeu o telefone e os lábios franziram, Griffin soube que era isso. Dentro de segundos, ela levantou e disse algo para a vizinha de mesa, depois partiu. Conferiu o horário no vídeo e o relógio. Trinta e nove minutos atrás.

Tique-taque.

— Ela deixou a bolsa o que deve significar que não devia achar que precisaria ir longe para encontrá-lo. Tem câmeras na rua? — Griffin acrescentou com urgência.

O jovem passou para outro monitor, digitou alguns comandos no teclado e puxou a frente do prédio. Ali estava Lilo encontrando Doppenger na frente, e ali ele estava parecendo abatido e de olhos selvagens ao segurar o braço dela e forçá-la pela rua com algo pressionado contra as costas. Bem provável que era uma arma.

Tique-taque.

Griffin bateu a mão na mesa de segurança, estremecendo a base. Maldito seja por manter a identidade verdadeira de Doppenger em segredo. Se ela soubesse o tamanho das suas tendências psicopáticas, nunca teria concordado em encontrá-lo.

O telefone tocou. Parker.

— Está atrasado — Griffin rosnou pelo aparelho.

Alguns segundos de silêncio e aí Parker falou:

— Bom, estou ligando agora.

— Agora é tarde demais. Está com a Lilo. Prometeu que isso não aconteceria. — Griffin saiu tempestuoso do escritório dos seguros, ignorando Evernty perguntando se deveriam avisar a polícia. — Disse que estavam de olho nele.

Griffin continuou andando até chegar no elevador e parar. Até o terraço ou até o porão?

— Merda — Parker disse. — Estava ligando para avisar para se trajar porque o pegamos indo para uma localização no sul do Quadrante.

— A filmagem nas câmeras de segurança o mostrou indo para o norte. Tem certeza que o viu indo para o sul? Confirme.

O telefone chiou e estalou.

— Parker? — ele chamou. Sem resposta. Conferiu o telefone e apagara. O maldito poder impediu que o usasse. Morto. O telefone estava morto. Soltou um rosnado poderoso de frustração e depois jogou o telefone contra as portas de metal do elevador. Como ia encontrá-la agora?

Pense, Griffin, pense.

Relaxe. Foque.

Lembre do treinamento.

Tique-taque.

Pânico embargou a garganta. O tempo estava se esgotando. Estatisticamente, quanto mais tempo passava do sequestro de uma vítima, mais difícil era localizá-la. Pior. Setenta e quatro por cento de vítimas de sequestro corriam risco de serem assassinadas se não fossem localizadas nas primeiras horas. Se algo acontecesse com ela...

Afastou os pensamentos com força e desligou todo o barulho e sensação e focou na respiração. Para dentro. Para fora. Para dentro. Para fora.

Terraço. Iria para o terraço.

Estar mascarado daria a liberdade de lutar desimpedido, e com os ganchos industriais e bastão bo, andar pelos terraços poderia ser mais rápido do que correr pelo trânsito. Apertou o botão para cima e foi para o andar mais alto, depois subiu pelas escadas até o terraço, dois degraus de cada vez. Quando saiu do prédio, descobriu que estava em um telhado plano com dutos de ventilação, antenas grandes e ninguém mais a não ser um bando de pombos que dispersou. Estava sozinho.

Rápido, colocou o traje de combate e soltou o bastão de metal para estender até o comprimento total. Guardou a mochila atrás da ventilação, agachou na beirada do terraço e se concentrou na cidade. Nunca sentiria Lilo, mas Doppenger – era outra história. A ganância dele era astronômica, e se Griffin focasse o suficiente, com força suficiente, ele o encontraria.

E o faria pagar.

Os sons da cidade ecoaram nos ouvidos.

Trânsito. Buzinas. Vento.

Um homem gritou com raiva em algum lugar.

Pombos arrulharam.

Tudo isso, afastou e abafou até as únicas coisas que sentia eram a brisa leve formigando a pele, o sol aquecendo o rosto e a eterna ganância pertencente a uma cidade de milhões.

Tique-taque.

CAPÍTULO 31

LILO LIKEKE

O cano duro de uma arma de metal afundou nas costas trêmulas de Lilo enquanto era guiada pela rua movimentada, para longe do Cardinal Copy, e para longe de Griffin. Não trouxera o casaco. Só pensou que sairia na rua um segundo. Nunca acreditou que Donnie faria isso.

Não tinha problema. O que fosse que estivesse acontecendo, acabaria em um minuto. Ela sabia. Ainda assim...

— Por que está fazendo isso, Donnie? — Lilo sibilou, quase tropeçando em uma pedra de calçada deslocada no caminho.

— Cala a boca e continua andando, princesa. — Colocou o calcanhar da mão nas costas dela e empurrou. — A não ser que queria acabar com tudo agora.

Ela mordeu o lábio para evitar dizer algo que se arrependeria. Continuaram pela rua. Tentou encontrar uma saída, mas o cérebro não estava funcionando. Estava preso no objeto duro cutucando suas costas, e o triste medo que é claro que isso estava acontecendo – ela acabara de encontrar felicidade com alguém com quem podia ver um futuro – claro que estava sendo arrancado dela.

É isso que acontece quando quer coisas para si.

Nunca deveria ter concordado em encontrar Donnie do lado de fora do prédio. Culpa dela por confiar tanto. Ele a atraía para fora dizendo que tinha algo que precisava devolver, mas não quisera fazer isso no escritório. Era tão a cara do Donnie fazer isso que nunca duvidou, e estava ansiosa para deixar essa parte da vida para trás. No instante que saiu do prédio, ele tirou a arma do bolso – só o suficiente para que visse que estava ali –, depois segurou o braço dela e pressionou o cano na coluna.

Ela tinha uma placa na testa que dizia, *Fácil de sequestrar?* Era a terceira vez essa semana! Primeiro Griffin vestido de Ganância, depois a gangue de irlandeses, agora Donnie. Deus, ela se sentia uma tola. Todo aquele treinamento no Krav Maga e nada a preparou para ter uma arma enfiada na têmpora ou costas.

Desespero a invadiu.

Estavam andando há pelo menos vinte e cinco minutos, e ela não estava usando sapatos de caminhada. Não desde que pôde pegar carona com Griffin. Ah, Deus. O que estaria passando pela mente dele agora? Teria aparecido com o café. Era confiável desse tanto. Lágrimas arderam seus olhos e a garganta embargou enquanto o imaginava parado na mesa vazia, ponderando quanto tempo esperar antes de soar o alarme.

— Para onde está me levando? — tentou outra vez.

Ele não respondeu, deixando Lilo marinar um pouquinho mais. Não deixara escapar os hematomas no rosto cansado. Não estivera no escritório na segunda metade da semana passada. Algo estava acontecendo com ele. As discussões e a briga com Griffin não eram o único sinal. Era o desespero nos olhos todas as vezes que perdia uma matéria.

— Maldição, Donnie. Você está me assustando. Não sei o que diabos está esperando conseguir, mas logo as pessoas saberão que desapareci.

Ela foi virada com força para ver o rosto dele contorcido em algo feio.

— Tipo quem? — perguntou, os olhos fervendo. — Aquele pau no cu do Lázaro?

— Ei! Não estamos mais namorando há meses. Não tem direito de...

Dor irrompeu na maçã do rosto dela com o tapa de dorso de mão que recebeu.

Os olhos lacrimejaram, as orelhas apitaram e por um segundo, não pôde enxergar. Quando recuperou os sentidos, notou que nenhum transeunte se deu ao trabalho de intervir. Não sabia se alguém sequer perdera tempo de virar a cabeça.

Certo. Se quisesse sair dessa, teria que se ajudar. Ter uma arma enfiada na têmpora era difícil de escapulir, mas fora treinada em outras maneiras de pegar uma arma. Só precisava esperar.

— Acha que ele vai sentir sua falta? — Donald sibilou. — Não vai ligar se você desaparecer, Lilo.

— Vai sim. — Ela sabia que iria.

— Não, não vai. Porque você vale o esforço. É só a filha de um criminoso fracassado que nem consegue se ater a uma matéria sem que alguém a escreva corretamente por ela.

As palavras dolorosas acabaram com ela.

— Continue. — Cutucou ela com a arma e empurrou.

Fez uma careta com a pontada e cambaleou para frente.

Espere a vez. Espere a oportunidade. Enrole.

— O que você quer, Donnie? — ela perguntou. — Talvez possa te ajudar a conseguir.

Donnie não mordeu a isca. Com um só foco, empurrou-a em frente até chegarem em um cruzamento onde um monotrilho passava acima, e a saída do metrô chamava. Talvez se gritasse, criasse uma distração, poderia escapar lá embaixo. Mas aí, talvez o banco na esquina ajudaria. De certo, haveria seguranças lá dentro.

Donnie a parou.

— Pare aqui. Não faça nada estúpido.

Ficou em silêncio por um tempo enquanto analisava o movimento da rua. Havia pessoas apressadas, como esperaria de uma segunda na cidade. Tantas pessoas, e tinha uma expressão no rosto que ela não gostou. Ele scrutinou os transeuntes e continuou a dar uma olhada no monotrilho e depois para o banco. Estava aprontando alguma.

Com os dois imóveis, teve tempo de analisá-lo. Usava um casaco trench preto comprido com só Deus sabia o que escondido por baixo, e tinha uma aura errática. A mochila preta pendurada sobre o ombro continha algo volumoso. Não se barbeara há dias, e nem sabia se tomara banho. O homem estava prestes a surtar – ou já havia surtado.

— Sabe o que eu quero? — disse, analisando a rua com olhos de águia.

Lilo deu de ombros, olhando para a arma.

— Desisto. O que você quer? Que eu faça alguma coisa, é óbvio.

— Tive muito tempo para pensar nesse final de semana enquanto me recuperava do que o seu cuzão fez comigo.

Ela mal conteve a surpresa no rosto. O que Griffin fizera com ele? Estivera com ela a maior parte do tempo. Exceto... exceto a noite que a deixou depois da ocasião do sequestro. Ainda não fazia sentido.

— Não sei o que quer dizer, Donnie.

— Ah, vamos, Lilo. E se diz uma jornalista investigativa — ele bufou. — Não é tão cega assim, é?

— Soletre para mim.

— Seu novo homem é um deles.

Apertou os lábios. Maldito seja se pensava que entregaria alguma coisa. Em vez disso, aguardou, sempre vigilante, esperando que entrasse em uma posição onde ela poderia afanar sua arma.

— Tudo bem. — Donnie virou para ela, acenando a arma no ar. — Não admita, mas estava lá. Você viu o que eles fizeram comigo.

— O que eles fizeram com você?

— Jesus, Lilo. Sou o novo Ganância. O novo herói que essa cidade precisa. O tipo de herói que pode dar conta do recado. Estava fazendo isso muito melhor do que eles, até ele aparecer e foder tudo.

O coração dela palpitou. Foi Donnie que atirou naquelas pessoas a sangue frio? Atirou em Nathaniel na frente dela... atirou em Griffin.

Donnie chamava assassinado de dar conta do recado.

— Por quê? — Arquejou.

Mas ele não respondeu, não diretamente. Uma fúria vermelha cobriu sua expressão, e confessou tudo:

— Queriam Lázaro, não eu. Sempre fui a segunda opção para eles, assim como fui para meus pais. Não importa o quanto tentasse ser a opção melhor, nunca fui o bastante. Ora, que se fodam. Que se fodam todos. Não dou a mínima para o que querem. É sobre o que eu quero.

Deslizou a mão na nuca de Lilo. A fúria nos olhos suavizou enquanto focava nela, como se tivesse mesmo um ponto fraco. Deixou-a enojada, e tentou não demonstrar. Esse homem na frente dela não era nada como o que namorara há meses atrás. Tudo bem, talvez um pouquinho. Foi Lilo que mudara. Lilo que conseguira um pouco de respeito próprio.

— Sabe, Lilo. Sempre fiz isso do jeito errado — falou, olhos passando sobre o rosto dela. — Nunca pensei nisso até ele chegar no cavalo branco para analisar nossa produtividade. — Engasgou com uma risada. — Irônico, né? Foi ele que me fez perceber que esse tempo todo eles estavam recebendo toda a atenção, não eu. Todo o esforço que fazíamos atrás de uma história, só para que nossos nomes fossem impressos numa linhazinha. Palavrinhas pequenas comparadas com a grande manchete, não acha?

Lilo não gostava do rumo que isso estava tomando.

— É isso o que eu quero, Lilo. A manchete. E se não posso ter a fama, então terei a infâmia e a fortuna.

Donnie colidiu os lábios nos dela, e tentou se afastar, tentou relutar, mas maldição, era muito mais forte do que ela.

Ele se afastou, os olhos mostrando branco demais.

— Só vou tomar o que quero de agora em diante. Incluindo você. Então continue. Para o banco.

Lilo tropeçou para frente, uma sensação real de pânico arranhando seus pulmões porque Donnie começou a murmurar como um maluco. Perdera a chance de pegar a arma, e voltara para o lugar, enfiada nas suas costas.

— Vou mostrar o pecado pra eles — murmurou.

— Pra quem, Donnie? Mostrar pra quem?

— Queriam ele. Queriam que eu os arruinasse, mas quero que vejam meu rosto. Cansei de me esconder atrás de uma máscara. Pare aqui.

Ela não teve escolha, ele a parou de supetão.

— Sabe o que nunca entendi? Você teve tudo ao crescer, Lilo. Seus pais te deram tudo o que queria.

— Era dinheiro sangrento. Você sabe disso.

— Quem dá a mínima de onde o dinheiro vem se é rico. Dinheiro compra poder, e logo, vou ser muito poderoso. Faria bem de se lembrar disso. — Ele se inclinou perto da orelha. — Seja uma boa

garotinha mafiosa e faça o que mando. Assim como sempre fez.

Ela hesitou. Por um lado, estava certo. Sempre soube disso sobre ela. Da época que vivera sob o teto dos pais, fazendo o que mandavam, até a época que estava com ele. Ela amava com tudo e caiu com tudo sob o feitiço deles. Seria o mesmo com Griffin? Haveria algo imprevisto no futuro que a arrastaria para baixo? Dar tudo de si aos que amava era sua fraqueza, e ela sabia, que bem no fundo, tudo originava de uma sensação de falta de valor. Não foi o suficiente para os pais. Precisaram mentir e trapacear e roubar para encherem as vidas com coisas. E quando ela chamou a atenção deles, ameaçou partir... deixaram. Nunca foi o suficiente. Toda sua luta esvaiu devagar.

— Sim — cantarolou. — Você vê, né? Não tem coragem de se defender sozinha. Só vale o tanto que a pessoa que manda o que deve fazer, quais decisões tomar, então estou dizendo agora. Vê aquele carro forte?

O olhar de Lilo passou para outro lado da rua, para o bando, e para onde um carro forte estava parado. Dois seguranças uniformizados estavam parados de vigia enquanto um funcionário do banco carregava sacolas – pareciam de dinheiro – para o fundo aberto do carro.

— Vamos roubá-lo.

— Pare, Donnie.

Ele riu.

— Não. Planejei isso. Planejei tudo.

Tirou algo do bolso. Não era uma arma, mas uma seringa. O que diabos? Enfiou a agulha no pescoço dele e apertou, empurrando o conteúdo nas veias. Dentro de segundos, se contorceu e os tendões no pescoço ficaram salientes. Olhos vermelhos se arregalaram, e sibilou, rosnou, parecendo tão selvagem quanto um animal preso em pele humana. Respirou fundo e depois exalou devagar, olhos farfalhando enquanto o que fosse que estava na seringa atingia seu sistema nervoso. Moveu os punhos.

— Aí sim, porra.

Ela deveria correr. Fugir agora enquanto estava ocupado, mas aquela vozinha dentro dela continuava sussurrando... talvez ele estivesse certo.

Tarde demais. Pegou a arma, e ela quase perdeu o controle da bexiga, mas ele não virou para ela. Mirou nos seguranças uniformizados e atirou. Uma bala precisa em cada coração. O estalo alto ecoou, pulou dos prédios e ricocheteou. As pessoas gritaram e fugiram. Lilo viu o lampejo de uma mãe e uma criança quase serem pisoteadas na pressa da fuga. Quando virou para Donnie, ficara maluco. Não era um homem espreitando atrás daqueles olhos, era um

monstro.

Achou difícil o suficiente lutar contra ele quando era um homem. Agora isso?

Donnie jogou a mochila na direção do suporte do monotrilho e depois pegou a mão dela e correu pela rua na direção do carro forte. O trânsito buzinou e freios foram acionados de repente, pneus cantando na rua. Mas um caminho se abriu. Nada estava entre eles e o carro, a não ser alguns metros de rua. Donnie quase arrancou o braço dela ao puxá-la junto. Antes de chegarem no carro, algo comprido e estreito bateu no chão na frente deles, interrompendo o caminho. Um bastão comprido oscilante fora implantado no meio do asfalto.

— Solte-a — veio uma voz computadorizada que Lilo conhecia bem.

Ela e Donnie rodopiaram. Griffin estava empoleirado no monotrilho, vestido de Ganância e pronto para briga. Euforia animou-a enquanto via o lenço facial azul e olhos duros mirados com foco predatório no captor.

O olhar dele foi para Lilo.

— Vai ficar tudo bem.

As palavras chegaram no coração dela e baniram todas as dúvidas. Ele estava aqui. Por ela. Por que faria isso se pensava que ela não tinha valor? Deus, queria dar um tapa na própria cabeça. Não era essa pessoa tímida e temerosa que costumava ser. Talvez amar com tudo tivesse sido sua fraqueza, mas agora, era sua força.

Que se dane o Donnie. Ela não desistiria sem lutar.

Corra! Os instintos gritaram para ela.

Mas os dedos dele eram como uma alga de ferro em volta do pulso, e quanto mais repuxava e resistia, ele a puxava em frente com mais força, correndo. Quando resistiu outra vez, ele não atirou nela, atirou em Griffin.

— Entre no carro, Lilo.

Griffin ergueu a mão e a bala parou no meio do ar, como se estivesse presa em uma gelatina invisível. Depois, pulou do trilho para pousar abaixo, punho no chão para se firmar. Mas Lilo não podia mais ver, estava sendo enfiada no lado do passageiro do carro forte, e empurrada pelo banco para o lado do motorista.

— Dê partida! — Donnie gritou, ainda atirando pela janela aberta — mantendo Griffin ocupado.

— Não! — Ela tentou abrir a porta para escapar do outro lado, mas Donnie segurou o cabelo e a puxou de volta. Dor lancinou seu escalpo quando ele a puxou pelo cabelo.

— Faça. — Puxou a cabeça para trás pelo cabelo e enfiou a arma na têmpora. — Agora.

Ela tremeu com medo, mas não ia mais deixar que a controlasse.

— Não!

— Puta que pariu, Lilo. Tenho que fazer tudo pra você? — Virou a chave. Ela enfiou o cotovelo na cara dele, empurrando a cabeça para trás.

Quando voltou, sangue escorria do nariz, mas antes que pudesse dizer uma palavra, Griffin estava ali – parado na frente do carro, olhando para Donald com olhos ameaçadores.

— Pensei que tivesse aprendido sua lição, Doppenger. Não é páreo para mim.

— Está certo, aprendi minha lição — Donnie disse. Apontou a arma pela janela. — Só não é a que você pensa.

Moveu a mira para a mochila deixada perto do monotrilho. A mochila devia conter uma bomba. O trem chegaria em breve. Passava a cada nove minutos. Havia inocentes a bordo.

— Bomba! — ela gritou.

Griffin deve ter puxado a arma com o poder, porque de repente pareceu como se Donnie lutasse contra o ar por controle da pistola. Mas, em vez de se preocupar, Donnie virou para Lilo com um sorriso. Tirou algo do outro bolso. Um detonador remoto.

— Essa é a parte da infâmia. — O polegar de Donnie pressionou o botão vermelho.

CAPÍTULO 32

GRIFFIN LÁZARO

Griffin estivera parado a poucos metros de distância da estrutura do monotrilho quando a bomba detonou, explodindo nele. Por instinto, as mãos se ergueram para se proteger, e rolou, deixando que o couro levasse todo o impacto da explosão. A colisão cinética o jogou para trás e deslizou pelo asfalto. Por um segundo, ficou de rosto para baixo, sentindo o calor enquanto as orelhas zuniam.

Braços bons.

Pernas podem se mover.

Não estava em chamas. Não estava morto.

O poder magnético deve ter levado a pior da explosão. A pele estava queimada em pedaços através do couro, mas estava bem.

Vivo. E muito irritado.

Rolou o corpo flexível para ficar em pé rápido e encarou o carro forte. Doppenger estava com a arma apontada para uma Lilo assustada, e quando viu Griffin ileso, ficou furioso. Griffin esticou o poder para segurar o carro, com a intenção de trazê-lo mais perto, mas um rangido alto atraiu a atenção sobre seu ombro. A estrutura de metal segurando o monotrilho começou a ceder. O trilho quebrou em dois e a coluna de aço caiu com força, trazendo o trilho junto. Griffin soltou o carro forte e moveu o poder para segurar a estrutura monolítica, mas foi tarde demais. Com um baque ensurdecedor, o trilho caiu, jogando uma nuvem de poeira e destroços em todos os lugares.

Foi aí que Griffin ouviu o barulho peculiar de um rangido de metal contra metal conforme o trem nove se aproximava cada vez mais.

Tocou no ponto para abrir o canal de comunicação.

— Onde você está? — gritou. — O trilho desabou.

— Estamos quase chegando — veio a voz de Parker pelo ponto. — Segura aí.

Griffin abriu as pernas, empurrou a força e se preparou para o impacto do trem. Tinha que salvar as pessoas lá dentro.

Tinha que salvar Lilo.

Mas o trem.

Rugiu com frustração, sabendo que não tinha escolha, apesar do desejo do coração. Proteger um trem cheio de inocentes era a prioridade. Mataria Doppenger se machucasse Lilo. Mataria ele. A escuridão do seu passado não era páreo para as profundezas do coração. O rangido ficou mais alto. Só esperava que tivesse força o suficiente para segurar o trem pesado enquanto se aproximava do fim da linha. Nunca parara nada tão poderoso antes.

— O trem quase chegou — disse entredentes. — Não sei se serei o suficiente para evitar que descarrilhe. Alguém precisa falar com o maquinista. Podemos precisar de ajuda da emergência.

Quanto mais perto o objeto pesado chegava, menos fé ele tinha. Quase lá. Se prepare. Ele se firmou, coração acelerado a cada segundo que o rangido dos trilhos aumentava.

Impacto!

Cambaleou enquanto o poder segurava a força do trem acelerando na sua direção. Metal gritou, trilhos rangeram e, durante tudo isso, ouviu o som distinto de pneus girando conforme o carro forte partia atrás dele, levando Lilo.

O desafio cresceu e tudo o que pôde pensar era que não podia deixar que escapassem, não podia deixar que Doppenger a tirasse dele. Ele precisava dela. Precisava protegê-la.

Proteger os dois.

A força magnética dentro dele pulsou e, como flexionar um músculo metafísico, lutou para gerar mais força. Firme, firme. Logo estava cheio até a tampa de poder. Tirou uma mão do trem, agora quase oscilando na beirada do trilho quebrado, e segurou o carro forte, parando-o de supetão. Os pneus do carro forte giraram, queimando borracha.

Griffin tremeu, mas sorriu, e aí... dor lancinou por ele e rugiu com agonia enquanto a exigência severa nos seus recursos tensionou. Parecia que os músculos estavam rasgando, como se os olhos estivessem sangrando e ouviu a voz de Parker ao longe:

— *Ganância*. Está se dilacerando. É demais. Solte o carro. Pare, *Ganância*, pare!

Mas não podia parar. Se parasse, então Lilo partiria, ou o trem cairia.

— Solte o carro, *Ganância*. Solte.

— NÃO! — rugiu, prestes a quebrar. — Não vou soltá-la.

Preciso dela.

A garganta embargou. Não. Não. Não podia, mas – o trem. As pessoas gritaram conforme sua presa soltava e o trem inclinou pela borda quebrada, vindo na direção dele. Soltou o carro e transferiu o poder para o trem, empurrando de volta o nariz. Devagar, foi para trás, rangendo e estalando e gritando para ele, mas não era nada

comparado ao som do seu coração se partindo conforme o carro começava a rodar.

LILO LIKEKE

— Dirija, Lilo. Dirija! — Donnie enfiou a arma na têmpora dela.

— Estou tentando, estou tentando. — Enfiou o pé no acelerador, mas fez o carro afogar na pressa.

Donnie rosnou.

— Desculpa! — choramingou. — Quase nunca dirijo. Esqueci.

— Sei o que está fazendo, Lilo. Está enrolando. Não vai funcionar.

Colocou a mão sobre a dela e mudou a marcha. Rangeu, mas aí ela sentiu encaixar no lugar. *Merda.*

— Não sei por que está fazendo isso — ela disse, tentando outra tática. — Disse que queria infâmia, mas ninguém pode ver seu rosto nesse carro. Ninguém sabe que tudo isso é culpa sua.

— Cala a boca!

Pro inferno que iria calar. Ficar quieta nunca foi do feitio dela.

— Disse que planejou isso muito bem, só que não planejou. Não contou com o fato que não vai ganhar uma menção, que dirá uma manchete. Não se depender de mim.

Rosnou e enfiou a perna do lado dela do carro, esmagando seu pé e apertando o acelerador. Quando o carro sobressaltou para frente, Lilo viu as portas de trás do carro balançando no retrovisor. O estômago embrulhou quando percebeu outro dos erros. Esquecera de fechar as portas. Mais cedo, dissera que dinheiro era poder... e no mínimo, Donnie era um homem ganancioso — ela sabia o que precisava fazer.

— A não ser que queria o cérebro espalhando na janela, vai dirigir, Lilo — Donnie ralhou.

— Tudo bem, mas precisa colocar o cinto — respondeu, colocando o dela.

— Que se foda, vai!

Não diga que não avisei.

Ela pisou no acelerador e partiu, indo na direção da parede do açougue do outro lado da rua. Se pudesse bater nela, os sacos de dinheiro voariam de trás e esparramariam na rua. Poderia ser o suficiente para distrair Donnie. Pisou com mais força no acelerador, sobressaltando-os para frente.

— O que você...

Mas ela não chegou na parede. O carro bateu no meio-fio e voou.

Por um segundo, parecia que estavam voando. O estômago dela embrulhou e o carro virou, itens aleatórios na cabine flutuaram e aí caíram, com força, o vidro estilhaçando. Airbags brancos comprimiram e um cheiro de pó encheu o ar. Perdeu o fôlego. A cabeça bateu na janela ao lado. A queimadura do cinto no ombro a impediu de ir muito longe, mas o corpo de Donnie ricocheteou pela cabine enquanto rodopiavam. Num segundo a prensou contra a janela do motorista, no seguinte pulou para bater do lado do passageiro.

O carro parou de se mover e todas as células no corpo doeram. Estava do lado certo. Um fio quente e contínuo corria pela bochecha. O cheiro químico de pneus queimados filtrou pelas janelas quebradas, ou talvez fosse outra coisa. Algo relacionado ao acidente. Ah, Deus. No instante que registrou o fio de sangue no rosto, dor explodiu na têmpora e choramingou de dor. Tudo em volta dela embaçou. Com mãos trêmulas, testou a cabeça e encontrou um galo sensível e molhado, mas teve medo demais para continuar explorando o ferimento.

Estou bem. Estou viva.

Arquejando por ar, olhou para Donnie.

Estava inclinado sobre o painel, gemendo.

Maldição, estava recuperando consciência.

Rápido. Escape. Agora.

Antes que seja tarde demais.

Ordens de sobrevivência estalaram no cérebro, incitando-a a agir. Vai. Vai. Saia dali. Aquelas mãos trêmulas se moveram para a trava do cinto. Precisou de três tentativas, e várias respirações fundas antes de se soltar, mas aí Donnie estava sentado. Os olhos estavam vidrados e ajustando o foco. Sangue escorria pelo rosto em fios escuros.

— Sua vaca — falou rouco, incrédulo, sangue espirrando da boca.
— Confiei em você. Queria você comigo. Sua vaca!

Lilo esticou o braço para a maçaneta da porta do carro e abriu, mas ele a empurrou de volta para o banco com o antebraço no seu pescoço, a esganando.

— Você não vai a lugar algum.

— Vai se foder, Donnie. — Focou na arma, caída no vão entre o banco e o painel central. Se pudesse alcançá-la. Ela...

Um lampejo de algo se movendo no retrovisor. Era o dinheiro do carro forte. Sacos haviam caído da parte de trás quando giraram. Dinheiro foi para todo lugar, voando, rodopiando e flutuando no ar como um tornado caro. E como um relóginho, os cidadãos gananciosos de Cardinal City saíram de todos os lugares para capitalizarem no acidente.

— Estão roubando seu dinheiro, Donnie — falou rouca através do braço dele. — Dinheiro é poder, né? Se não pegar, será fraco. Será seu

fim.

Foi tudo o que precisou dizer e os olhos dele se arregalaram, as pupilas eram pontinhos de fúria, e aí uivou.

— NÃO!

Ele a soltou e se atrapalhou com os bolsos da jaqueta para puxar uma bolsa de couro que abriu. Três seringas cheias com uma substância similar a que já havia injetado em si. De olhos arregalados e errático, deu uma olhada para fora, onde Griffin ajudava a conter o trem, para as silhuetas escuras que se aproximavam – o reforço mortal de Griffin – e depois de volta para as pessoas roubando seu dinheiro.

— Eu preciso de mais. Tenho que usar tudo — murmurou para si e começou a se injetar com pressa.

Tudo o que ela pôde pensar foi em pegar a arma. Era proteção. Pegue. Pegue. Esticou a mão no vão, mas a arma estava presa com força, presa nos fios sob o assento. Os dedos não conseguiam firmar. A arma ficava escorregando, caindo mais fundo no assento.

O rosnado que saiu dele enquanto respirava através da dor não foi completamente humano, e quando pressionou a terceira e última seringa no pescoço, Lilo observou, petrificada, enquanto uma transformação anomalística o tomava. Aquele monstro espreitando atrás dos olhos dele se tornou real.

As veias na cabeça, pescoço e mãos dilataram. Os músculos dos ombros expandiram, esticando o casaco, rangendo e gemendo até as costuras se partirem. Grunhiu e bufou como um touro para uma bandeira vermelha, e quando enfim a encarou, ela não viu nada humano sobrando. Os olhos estavam vagos.

— Minha — grunhiu e esticou a mão para ela, mas precisava se acostumar com a nova silhueta maior e bateu a cabeça no retrovisor. Balançou a cabeça, atordoad.

Ela abandonou os esforços para pegar a arma, abriu a porta do carro e cambaleou na rua.

Um rugido bestial poderoso reverberou na cabine do carro, estremecendo as fundações.

Adrenalina queimou o corpo de Lilo. Ela se arrastou o mais rápido que pôde do carro forte, ignorando o asfalto arranhando os joelhos e mãos. Quando olhou sobre o ombro, Doppenger arrancou o teto do carro de dentro e irrompeu para pousar com habilidade. Viu os ladrões roubando o dinheiro, e viu Lilo no chão escapando. Rugiu e trovejou pelo ar.

CAPÍTULO 33

GRIFFIN LÁZARO

Griffin se esforçou, o poder no máximo. A quantidade que gastara segurando o carro ao mesmo tempo que o trem cobrara muito dele. Agora demorou demais empurrando o trem de volta no trilho. Parker estava dentro do trem, ajudando passageiros a se moverem para o fundo da cabine caso o poder de Griffin ruísse e perdesse o controle. Depois de evacuar, desconectariam a frente do trem do resto e deixariam cair. Aí Griffin poderia ajudar Lilo. Deus, precisava dela. Todas as dores nos seus ossos clamavam pelo toque calmante. *Só mais alguns minutos. Apenas mais alguns.* Até todos saírem do trem. *Segure. Segure.*

Vestido de Inveja, Evan se aproximou correndo, chegando na cena.

— Que porra é essa?

Cansado com letargia, Griffin virou e desejou que não o tivesse feito. A cena atrás dele era caos. As feições contorcidas e deformadas de um homem grande demais para as roupas – monstruoso demais para ser humano – afastava transeuntes enquanto tentavam coletar as sacolas de dinheiro caídas. Era Doppenger transformado em monstro. Tinha a mesma aura horrenda de ganância, mas agora tinha um rosto para combinar com o pecado. Aquilo era a escuridão interna feita real.

Poderia ter sido Griffin um dia?

Aquele era o futuro sem Lilo?

Corpos saíram voando pelo ar como se fossem bolas de futebol, e aí o monstro virou – viu Lilo se arrastando para longe –, e rugiu ofendido.

A garganta de Griffin embargou. Deu um passo na direção dela, mas o trem veio com ele. Passageiros gritaram.

— Segure firme, Griffin. — Uma voz pelo ponto.

Lilo.

O monstro tentou pegar o tornozelo dela, rosnando e grunhindo. Errou, mas aí passou a mão de novo, dessa vez pegando e arrastando-a na direção dele. Ela gritou.

— Lilo! — Griffin gritou e o poder falhou. Virou para Evan. — Ajude-a!

— Merda. Porra! — Evan xingou. — Não posso eletrocutá-lo enquanto está segurando ela. Vai passar nela.

Evan tirou *shuriken* do cinto e arremessou na cabeça do monstro, mas as estrelas de metal ricochetearam como se fossem de plástico.

Milhares de gritos acima voltaram sua atenção de volta para o trem precário. Griffin estava cansado. Tão cansado. Se não soltasse logo, ele se partiria. E as pessoas estavam em perigo. Mas tinha que salvar Lilo. Morreria antes que deixasse isso acontecer.

— Me dê poder — ordenou para Evan.

— Ele é tipo a porra de um macaco. King Kong. Jesus.

— EVAN. Foque aqui. Preciso de um fôlego. Assim como falamos no treino. Me dê um fôlego.

Evan virou para Griffin, vendo pela primeira vez a força perigosa.

— Mas Parker disse que é arriscado. Poderia morrer.

— Eu não ligo! — gritou, um olho em Lilo relutando contra o monstro. — Não temos tempo. Faça.

Evan fez uma careta, mas agiu na mesma hora. Colocou as mãos em Griffin e eletricidade surgiu no seu organismo. Griffin convulsionou com agonia conforme o poder ameaçava dilacerar seus átomos, mas com cada milissegundo de carga, o magnetismo aumentava e ele criou a força para empurrar o trem de volta nos trilhos até ficar seguro. No instante que isso aconteceu, Griffin se contorceu para fora do alcance de Evan porque a manipulação subatômica era excruciante. A visão turvou. Sentiu gosto de metal. Arquejando, caiu de joelhos, não só sentindo câibra da energia recente, mas da ganância mortal atingindo-o da versão bestial de Doppenger, agora segurando Lilo nas grandes garras de mãos.

Lilo.

Precisava continuar. Precisava levantar. Precisava ir com tudo.

Tremendo, Griffin ergueu um joelho e se levantou, esticando o braço para o bastão bo de metal ainda preso no asfalto. Tremeu e oscilou até se deslocar e voar pelo ar até sua mão à espera. Cerrando os dentes contra a dor, correu na direção dela, as pernas se movendo com força. A dois metros de distância, pulou e moveu o bastão na direção da cabeça da besta. Quando a força do metal atingiu o monstro, vibrações percorreram os braços de Griffin e voou para trás com a transferência de energia.

Quando pousou, virou e voltou para uma posição de ataque, bastão ao lado para se equilibrar.

Doppenger soltara Lilo e estava agachado, balançando a cabeça para focar.

Não deveria suportar esse tipo de golpe. Teria aberto o crânio de qualquer pessoa normal. Pela primeira vez desde que chegou, a confiança na batalha de Griffin se desintegrou. Não era um inimigo

normal. Nada como encararam antes. Era maior do que eles, mais forte, mas não era mais esperto.

— Lilo. — Griffin correu para ela e a levantou, guiando-a rápido para longe. — Você está bem?

Sangue escorria de um ferimento na têmpora, e o cabelo marrom estava coberto por poeira branca, mas estava de cabeça erguida. Mal teve chance de assentir antes de um rosnado ensurdecedor encher a rua, tremendo o chão:

— *Minha!*

O som irritante congelou Griffin por um bom tempo antes dos instintos entrarem em ação. Virou para ver o monstro Doppenger se aproximar com morte nos olhos.

— Me dá!

Pequenino em comparação, Evan pulou nas costas de Doppenger e o segurou pelo pescoço. O que diabos aconteceu para deixar Doppenger assim? O que o Sindicato lhe dera?

Evan soltou o poder. Luz branca e azul faiscou nas pontas dos dedos, fervilhando no gigante cujos olhos reviraram nas órbitas.

— O que aconteceu com Doppenger? — Griffin perguntou, a mão no ombro de Lilo, ainda guiando-a na direção da segurança e proteção de um prédio.

— Ele se injetou com alguma coisa — falou, ofegante. — O triplo da dose que deveria tomar. Não, espera. Quatro vezes a dose.

— O que você sabe o que era? — Parker se aproximou atrás deles, vestido como orgulho – traje de combate completo, máscara roxa sobre a boca, capuz escuro sombreando os olhos.

Lilo balançou a cabeça, depois fez uma careta, a mão indo para a bochecha machucada e ensanguentada.

— Só que não dura muito, é por isso que usou mais doses.

— Deve ser o que deu a ele o poder de Ganância — Griffin disse. — E o transformou em outra coisa.

Sirenes ecoaram ao longe.

— Merda — Parker disse. — A polícia vai chegar em breve. Precisamos acabar com isso.

Os passageiros deveriam estar a salvo. Tudo o que sobrou foi conter Doppenger para as autoridades lidarem com ele. Ou talvez fosse melhor levá-lo de volta para o QG para investigarem.

No instante que o pensamento se formou na cabeça de Griffin, Doppenger se recuperou e resistiu a carga elétrica sendo injetada nele. Os olhos pararam de revirar, focaram em Griffin com a mão em Lilo e se soltou da contenção como um touro furioso. Jogou Evan para longe do corpo e atacou.

— Se afaste, Lilo. — Griffin a empurrou para longe. — Vá para um lugar seguro.

Griffin não sabia se foi orgulho ou estupidez, mas Parker atacou Doppenger primeiro.

— Prenda ele como você fez com aqueles caras no beco — Lilo disse para Griffin. — Aí tudo o que precisa fazer é esperar até o efeito do sêrum passar.

— Boa ideia — respondeu e procurou na área por algo adequado. Ainda estava procurando quando viu que Lilo não se movera.

— Vai!

Deu dois passos, mas hesitou e voltou.

— Não vou longe. Preciso ficar por perto para que possa reportar a verdade.

Deve ter visto o medo nos olhos dele. E se ele apagasse? E se matasse todos, incluindo ela? Estava perigosamente perto do fim das reservas, e não queria saber o que faria se fosse levado além do limite, mas poderia precisar de um monstro para vencer outro monstro.

— Precisa ficar o mais longe possível de mim — disse entredentes.

— Não posso permitir que se machuque. Parker e Evan não o segurarão por muito tempo.

— Griff. — Ela chamou o blefe. — Não se contenha. Você consegue.

Balançou a cabeça, negando.

Mancou até ele, segurou sua nuca e o forçou a olhar para ela. Pegou os dedos expostos, deixando o toque se infiltrar nele.

— Sei que está se contendo. Está com medo que eu me machuque. Está com medo de perder o controle. Mas precisa fazer isso, Griffin. Eu confio em você. Precisa dar tudo o que tem. Ele poderia machucar todos aqui, não só eu. — Tocou a testa contra a dele, uma proclamação silenciosa de solidariedade, e dois segundos depois, partiu, recuou para um grupo de espectadores sob o toldo do açougue, pedindo uma câmera.

Dê tudo o que tem.

As palavras ecoaram no ouvido dele e soube que estava certa. Não era o mesmo homem do passado. Treinara, se ensinara a controlar o pecado, e agora, graças a ela, estava equilibrado. Ela acabara de lhe dar uma força a mais com seu toque. Era hora.

Griffin virou para os irmãos e analisou. Parker acabara de ser atingindo e cambaleou. Evan pegou as katanas, agora usando a opção mortal. Girou-as ao seu lado enquanto estudava o monstro, circundando.

Impulsionando com as coxas ardendo, Griffin correu para frente. Quando se aproximou alguns metros, usou o bastão para pular com os dois pés no peito de Doppenger – chutando bem no meio. O chão tremeu quando a besta caiu com tudo, deslizando para trás até bater no meio-fio do outro lado da rua.

— Inveja, prenda-o — Griffin ordenou. — Vou ajudar.

— Com prazer. — Evan perfurou os ombros de Doppenger com as espadas, apunhalando com toda força até o metal passar por pele macia, carne e talvez osso. Griffin usou o poder para continuar o impulso das katanas e as enfiou no asfalto, cravando fundo. Quando Evan soltou, as lâminas estavam afundadas quase até os punhos.

O choramio de dor de Doppenger estremeceu o céu, e relutou no chão, as costas arqueando ineficazes. A boca espumou. Griffin rangeu os dentes enquanto segurava com o poder.

— Orgulho e Inveja, reforcem as katanas. Vou encontrar outra coisa para prendê-lo.

Pela primeira vez, Parker aceitou a ordem e se juntou ao irmão segurando a mão no punho de cada katana, mantendo a besta presa como um espécime científico montado. Griffin soltou o bastão bo, e com o poder, arrancou um cano de calha de um prédio lateral. Água espirrou, pingando conforme o metal levitava mais perto. Griffin o bateu sobre as pernas grossas de Doppenger, grampeando-o no asfalto, prendendo os tornozelos no lugar.

— Pegue mais dois para os pulsos — Parker acrescentou.

Depois de fazer o mesmo para as mãos de Doppenger, todos recuaram, tirando com cuidado as mãos do corpo da besta.

Ignorando as espadas nos ombros, Doppenger relutou e rosnou, batendo os dentes, cuspidando espuma.

— Ela é minha! — continuava a repetir.

— Não é sua. — As palavras de Griffin solidificaram algo que estivera contemplando. Queria que Lilo fosse dele. Comprometida, para sempre.

Deu uma olhada na direção dela e a encontrou filmando tudo. Tensão deixou os ombros. Ela estava segura. A polícia estava a caminho. Acabou.

Mil vozes na sua cabeça gritaram para que ficasse parado, mas precisava estar com ela. Deu alguns passos. Lilo abaixou a câmera, seus olhos se encontraram, talvez pensando a mesma coisa. Ela se afastou do grupo e foi para a rua, hesitante. Era como se o poder magnético a puxasse direto para ele. Ela deu outro passo.

Uma mão firme pousou no ombro de Griffin.

— Agora não. As pessoas estão olhando. — A voz rude computadorizada de Parker ressoou. — Não podem ser associados assim. Já deu muita atenção a ela. Mais a colocaria em perigo.

Maldito seja. Estava certo. Evan já subira pelo cano danificado da calha e foi para o terraço como a sombra de um pensamento. A caminho de casa.

A polícia chegou, saindo dos veículos mais ao longe na rua bloqueada pelo trânsito. Luzes vermelhas e azuis lampejaram,

refletindo dos prédios da cidade.

— Sabe que estou certo — Parker acrescentou como se estivesse lendo seus pensamentos. — Vamos antes que...

Ganância explodiu.

Um peso colossai caiu entre os ombros de Griffin, empurrando-o de cara no chão. A testa bateu na superfície irregular e tudo sobressaltou com dor. Líquido quente e molhado escorreu pelo rosto. Mal ouviu o *Minha* bestial antes do peso ser erguido das suas costas.

Em uma câmara lenta horripilante, Griffin compreendeu — Doppenger se soltara das contenções, atropelara ele e o usou como impulso para chegar em Lilo. A besta pulou com velocidade letal, mas não foi rápido o suficiente. A mão de Griffin esticou e pegou um tornozelo carnudo conforme voava sobre sua cabeça, puxando os dois de volta para o chão. Besta e homem lutaram e de levantaram, mas com o rosto embaçado de Lilo ao longe, a determinação de Griffin ficou feroz.

Confio em você.

Dê tudo o que tem.

Hora de acabar com isso.

Uma sensação calma de paz tomou conta dele. Esticou a mão, chamando o bastão bo pelo ar. A superfície fria de metal bateu na sua mão e moveu o bastão em volta do corpo de Doppenger, usando para estrangulá-lo. Puxou com força contra a laringe, bloqueando a passagem de ar do monstro, usando o poder para aumentar a força e puxar a barra de metal mais perto.

Sufoque.

O monstro machucado relutou e Griffin não sabia se o sêrum perdeu o efeito ou se era a necessidade irracional de proteger sua parceira, mas Doppenger sufocou dentro de minutos, ficando mole devagar nos braços de Griffin até o corpo enorme desmoronar no chão, inconsciente. Inalando ar nos pulmões em chamas, Griffin se recusou a tirar os olhos ou punhos da besta, agora encolhendo devagar para se tornar o homem outra vez.

O sêrum. Passou o efeito. Estava vulnerável outra vez.

Parker bateu no ombro dele.

— Terminou. Precisamos ir.

Mas Griffin manteve a pressão.

— Ganância — Parker avisou.

Sufoque.

— Ganância!

Griffin soltou.

Atrás deles estavam policiais, as pistolas empunhadas com cautela, sem saber em quem apontar. Não pôde ver Liza entre eles. *Merda.* Saíram da frigideira só para pularem no fogo?

Alguém gritou:

— Eles nos salvaram.

A polícia abaixou as armas devagar.

— Tenho uma gravação — Lilo disse para o policial mais próximo, se aproximando dele. — Vou mostrar tudo.

Enquanto os distraía com o telefone, deu um olhar significativo cheio de urgência para Griffin. *Dê o fora daqui enquanto pode*, pareceu dizer. *Eu te protejo*.

E naquele momento, Griffin soube que protegeria. Sempre.

Tirando vantagem da confusão, virou e seguiu Parker rápido e habilidoso para escaparem.

CAPÍTULO 34

WYATT LÁZARO

Montado na Ducati parada, Wyatt Lázaro observou o resultado do desastre do monotrilho se desdobrar. O ponto de vantagem do alto da colina da rua que levava ao City Bank deu a ele visão completa da zona LTDA. Policiais estavam espalhados pelo lugar como um enxame de abelhas embriagadas. É óbvio que ninguém sabia o que diabos estava acontecendo porque espectadores contaminaram a cena, assim como os policiais bobocas. Tudo o que precisavam agora era que – *porra*. Ali estavam. A imprensa espreitando na área restrita com as câmeras.

Os punhos apertaram o guidão da moto, até o metal ranger e os dedos ficarem brancos.

Deveria ter sido ele lá embaixo ajudando a família a acabar com aquela besta, mas em vez disso ficara preso ali, paralisado e observando das laterais como uma criança com medo da própria sombra. Mas Wyatt não estava com medo. Estava com raiva. Puto. Furioso.

Deliciosamente consumido por cólera.

Estivera há meses, desde... mordeu a língua, sem conseguir pronunciar o nome dela, mesmo nos pensamentos. Um amargor metálico explodiu na sua boca quando arrancou sangue, demonstrando seu estado emocional. Não podia se lembrar da última vez que não estivera cheio de cólera, mas não dava a mínima. Inferno, dava a ele algo em que focar.

Quanto mais tempo observou a cena, mais a raiva fervilhou. Estava bravo com Sara por traí-lo. Bravo com o irmão, Evan, por não falar alto o suficiente. Bravo com o resto deles por morderem a isca, também. Bravo com o mundo por fazê-lo o que era hoje porque foi o fracasso da humanidade que incitou o Sindicato a criar os Sete Mortais para começar. Não pediu por essa merda.

Mas acima de tudo, estava bravo consigo mesmo; deveria ter previsto isso.

Um anseio feroz apertou seu peito. Tudo o que sempre quis foi uma vida normal, uma família normal, e uma mulher que desafiava

seu blefe com as pretensões falsas. Mas no lugar, conseguiu a confusão colossal que era a porra do Wyatt Lázaro.

Roncou o motor e deu uma última olhada para a bagunça destruída, tentando recolher os cacos de algo que ainda precisava entender por completo. Parte dele queria voltar para a família, voltar para a briga, e odiava isso pra caralho. Se não estava brigando para manter a paz, então estava trabalhando contra ela, mas estava tão doente de fúria que não podia enxergar direito. Depois de tudo, parte dele ainda queria estar de volta com a família que não foi forte o suficiente para salvá-lo da humilhação, mas a outra parte... a maior e mais alta dizia que não precisavam dele. Estavam se saindo muito bem sozinhos.

Dois deles agora encontraram as almas gêmeas predestinadas.

Wyatt teria que ser cego para não ver o jeito que Griffin lutara para salvar sua garota, ou o jeito que ela correria para ele como se fosse seu mundo... e sabia que nunca teria isso. Soltou uma risada amarga com a ironia. Ao longo dos últimos anos, acusara Evan de inveja mortal, mas agora era Wyatt sentindo o ardor eterno daquele pecado.

Ainda assim, mesmo que milagrosamente encontrasse sua alma gêmea, nunca seria capaz de se comprometer. Nunca encontraria a verdadeira paz. Como se para lembrá-lo do fato, a cicatriz no pescoço repuxou e espasmou até esfregar o dedo na desfiguração grossa e nodosa. Aliviou a tensão. Passaram meses desde que perdera o uso da voz e tudo o que conseguira falar era um sussurro rouco. Esqueça o Heaven, nunca trabalharia em outro restaurante de prestígio outra vez. Diga adeus para as pontas da porra da estrela Michelin Star tão difícil de conseguir. Não poderia gritar ordens nem para se salvar. Como se alguém fosse ouvir o grasnado acima do burburinho da cozinha. *Caralho*. Estava acabado. Chutou o asfalto, balançando a moto.

Deve ter tido o que mereceu por ter fé em uma mulher que não só girou a faca no seu coração, mas a deslizou sobre o pescoço.

Quando a dor desconfortável no pescoço aliviou, tirou o chip de rastreio da lataria da Ducati e segurou o aparelho pequenino que parecia um inseto. Sempre soubera que estava ali. Era difícil não ver o brilho verde no escuro, mas não estivera bem pronto para se afastar de vez da família... até agora – agora a família apaixonada estava se multiplicando na sua ausência. Soltou o inseto rastreador e triturou sob a bota. Aquela vida acabou para ele. Nunca poderia confiar em outra mulher de novo, e o pensamento de estar cercado pela felicidade deles o deixava enjoado.

Abaixou o visor, acelerou o motor da Ducati até sua capacidade monstruosa, fazendo uma velhinha morrer de susto ao passar com as

compras, e depois partiu na direção oposta, sem olhar para trás.
Estava na hora de deixar Cardinal City para sempre.

CAPÍTULO 35

GRIFFIN LÁZARO

Junto com os dois irmãos, Griffin entrou no quartel general do porão da Casa Lázaro, ainda usando o traje de combate completo. Foi direto para a sala de operações onde Flint e Sloan estavam sentados atrás dos computadores na mesa de reunião, e Mary zanzava ao lado deles, virando uma adaga na mão.

Griffin puxou o capuz da cabeça e tirou a máscara. Parker e Evan fizeram o mesmo, tirando a segunda pele devagar. Flint estava com um fone e ouvia atento a alguma coisa. O olhar de Sloan estava preso na tela.

Enquanto Evan pegava o telefone, sem dúvida para entrar em contato com Grace, Parker se moveu para parar atrás de Flint e Sloan para dar uma olhada melhor.

— Ouviram alguma coisa? — Griffin perguntou.

Flint ergueu um dedo de um jeito que significava que responderia em breve. Sloan, por outro lado, o ignorou por completo. E quando Parker revirou os olhos com desdém e foi embora, Griffin deu uma biscoitada no computador. A fúria que surgiu e borbulhou sob sua pele foi tão grande que os computadores piscaram, apagando.

— Ah, manolo! Pra que isso? — Sloan abriu uma carranca para ele.

— Estava jogando — retrucou. Inacreditável.

— É porque não tem mais nada pra fazer. Nossa. Relaxa.

— Nada mais para fazer. Ela queria dizer...

— Sim. Ela está bem. Liza está com ela e vai trazê-la pra cá em breve.

Exalou com alívio puro.

Mary deu um pequeno sorriso e ofereceu a faca.

— Descobri que manter as mãos ocupadas ajuda.

Ela sempre o defendeu, mesmo quando pensava que não. Fora tão errado descontar nela.

— Obrigado, mama. — Ele a puxou para um abraço apertado, suportando as ondas de sensação porque sabia que ela sentia saudade.

— Fez bem, Griff — ela murmurou, depois se afastou. — Salvou umas quarenta pessoas naquele trem. E isso foi só no vagão correndo

risco de cair. Se não estivesse lá, e o trem inteiro descarrilhasse, a contagem de mortos poderia ser nas centenas.

A gravidade da situação fez a sala parecer menor. Precisava ver Lilo. Era uma sensação dolorosa que ia além da letargia dos músculos. Não se acomodaria até que ela parasse na frente dele, sã e salvo nos seus braços. E no segundo que a segurasse, não a soltaria.

Mary pressionou a faca na sua mão.

— Ajuda, manter as mãos ocupadas.

Virou a lâmina na mão. Poderia estar certa.

Deu tapinhas carinhosos no braço dele e analisou o sangue seco no rosto.

— Está muito ferido?

Assentiu, depois negou com a cabeça. Estava dolorido, mas nada que não pudesse suportar.

— Estou bem.

Ela foi parar ao lado do marido, apertando os ombros dele com amor. Ver o amor deles só o fez ansiar por Lilo outra vez, e o poder cresceu, apagando todas as telas na sala.

— Sim, precisamos manter você longe da tecnologia — Flint disse e acenou na direção oposta. — Shoo. Está interrompendo a transmissão e estou ouvindo os rádios para garantir que nada mais aconteceu.

Parker segurou o ombro dele e o puxou para trás.

— Essa habilidade sua vai afetar o novo traje. Maldição, vou ter que isolar para manter a tecnologia funcional. Na verdade, vou ter que isolar todos. Vem. Distraia a mente enquanto espera.

Pela primeira vez, Griffin viu uma silhueta escura dentro da vitrine de vidro de um armário no canto da sala. Era um manequim usando a nova versão do traje de combate – cinza, não preto, e feito de um tecido lustroso que parecia ao mesmo tempo fosco e brilhante, dependendo do ângulo de visão. O capuz era de uma forma familiar. Uma proteção facial cobria o nariz e a boca. Era aerodinâmico e sem costuras.

Isso deixou Griffin muito feliz. As costuras no traje às vezes irritavam e incomodavam. Mas... se não havia costuras...

— Como coloca? — ele perguntou.

— Vou entrar em detalhes quando todos estiverem aqui — Parker respondeu. — Onde está Tony, a propósito? — perguntou para Mary.

O olhar dela escureceu com desaprovação.

— Dormindo para se recuperar de uma ressaca.

— É depois do almoço — Parker desdenhou. — Esperava discutir nosso progresso com o Sindicato.

— Mais pra uma falta de progresso, quer dizer? — Sloan murmurou, sem tirar os olhos do jogo.

Parker pisou firme até Sloan e bateu a tampa do notebook fechada, quase prendendo os dedos dela no teclado.

— Exatamente!

— Seu babaca. Estava no meio de uma luta.

— Deveria estar focada *nessa* luta. A que pode perder a vida de verdade.

Sloan franziu o nariz e se curvou na cadeira. Mas não disse nada porque sabia que Parker estava certo.

— O Sindicato é perigoso, e estão aprontando alguma coisa — Griffin disse, tentando desviar a atenção cheia de ódio dos dois. — Descobrimos que podem crescer clones e dar a eles habilidades aumentadas. Agora podem, com uma injeção, alterar o DNA de alguém e dar habilidades aumentadas na hora.

— Também sabemos que os clones, ou réplicas como são chamados, expiram depois de alguns meses acordados. — Parker foi para a mesa central que também funcionava como uma tela de computador, limpou a superfície e escreveu com um marcador: *expectativa de vida de 2 meses*. — E o sêrum foi instantâneo, mas os efeitos temporários. O que mais sabemos? — Olhou para eles.

— Querem amostras do nosso sangue — Griffin afirmou e Parker escreveu.

— Por quê? — Mary perguntou. — Não podem usar seu sangue para cloná-los?

— Não. Não do jeito que pegaram as amostras.

— Mas se conseguirem mais sangue, fresco, da veia?

Parker deu de ombros.

— É possível. Cientistas no Japão foram bem-sucedidos em clonar camundongos a partir de uma gota de sangue.

— Jesus — Flint xingou do seu lugar e encontrou o olhar preocupado de Mary.

— Mas não acho que é isso que estão fazendo. — Parker bateu a caneta na bancada. — Acho que não têm informação suficiente ainda.

— Por que diz isso? — Evan foi se juntar a Evan e Parker na bancada.

— Porque queriam o sangue de Griffin. Parece que a amostra de Evan não foi o suficiente. Poderiam ir atrás de Evan, mas pararam. Foram atrás de Griffin no instante que descobriram que tinha poderes. É como se estivessem coletando informações novas onde podem.

— Foram incapazes de replicar o experimento inicial. Sua mãe biológica fez algo no seu DNA — Mary disse. — Talvez o Sindicato precise de todos vocês para completar o quebra-cabeças.

Um fio sinistro juntou todas as evidências, deixando uma pergunta não respondida pairando no ar. *O que o Sindicato faria se completasse o quebra-cabeça?*

Parker respondeu:

— Se conseguirem todas as informações que precisam, poderiam criar um exército imediato de soldados com poderes.

Toda essa conversa não estava ajudando o nervosismo de Griffin. Lilo estava atrasada. Já era quase noite. Decidiu tentar a opção de girar a faca e voltou a zanzar pela sala. Em vez de pegar a faca, focou o poder no objeto de metal para erguer e abaixar, depois girar e aprimorou a parte de precisão fina da habilidade para mirar a faca.

Quando uma silhueta irrompeu na sala, soltou a faca, quase apunhalando o dedão através da bota.

Mas era Grace, ainda usando os pijamas cirúrgicos verdes. Abaixou a bolsa médica e procurou maluca pela sala até o olhar encontrar o homem que precisava. Evan estava enfiando os dedos no teclado reaberto de Sloan, a contragosto dela. Evan olhou para cima para pegar Grace correndo em sua direção, mas teve tempo de se preparar para que pulasse em seus braços. Segurou as pernas dela na cintura e a abraçou apertado. O beijo apaixonado que deram foi o suficiente para fazer todos na sala corarem.

Atrás de um sorriso, Parker pigarreou alto.

— Vão pro quarto — Sloan resmungou, tentando se afastar porque Evan ainda estava ao seu lado.

— Obrigado. Vamos mesmo. — Evan sorriu, e carregou Grace na direção da saída, mas ela se soltou dos seus braços.

— Espera — falou. — Você está machucado?

— Nah, Doc, estou bem.

— É porque Griff fez o trabalho pesado — Parker afirmou, as sobrancelhas erguidas.

Mesmo assim, conferiu Evan com as mãos, procurando com habilidade o corpo dele por sinais de ferimentos. Virou para Griffin e os olhos dela se arregalaram.

— Meu Deus, Griff. Seu rosto!

Os dedos de Griffin foram para a testa dolorida, de onde saíram grudentos e manchados de vermelho. Não tinha problema.

— Vem cá, deixa eu te examinar.

Balançou a cabeça.

— Não está mais sangrando. Estou bem.

— Ah, maldição. São um bando de bobões, parados como quem não quer nada, parecendo que sobreviveram ao apocalipse. Apenas me deixe examiná-lo. — Grace pisou firme para coletar a bolsa médica e veio até ele. — Ali, na banqueta.

— Vai e senta. Não seja um bobão, Griff — Evan brincou, dando um olhar sério a ele.

— Tudo bem. — Isso o manteria ocupado até que Lilo chegasse. Griffin se moveu para encontrar Grace na mesa central e se apoiou em

uma banqueta. Supunha que a testa estava um pouco dolorida. Talvez fora de quando Doppenger o empurrara na rua.

Grace semicerrou os olhos e cutucou e mexeu em volta da cabeça dele.

— Acho que fraturou — murmurou, depois disse sobre o ombro: — Querido, pode fazer um favor e molhar isso?

Entregou um pouco de gaze para Evan.

— Me chame de querido outra vez e faço tudo que quiser. — Ele lhe deu um olhar sedutor.

Ela bufou e voltou o foco para Griffin, conferindo os batimentos e apontando uma luz nos olhos dele, testando para uma concussão. Alguns segundos depois, Evan voltou com a gaze. Grace usou o tecido úmido para limpar o rosto de Griffin.

— Enquanto estiver fazendo isso — Parker disse, parando atrás de Sloan. — Pode ser uma boa ideia para falar sobre o rastreador de alguém estar desabilitado.

— Wyatt? — Mary perguntou, o tom endurecendo.

Parker passou a mão na cabeça.

— Ele sumiu.

Um ressoar frustrado saiu da garganta de Evan.

— Não gosto disso. Nem um pouco.

— Nenhum de nós gosta, Evan. — Parker deu um olhar irônico. — Mas não vamos tomar nenhuma decisão sem a família inteira aqui.

Griffin fez uma careta com a limpeza de Grace na sua testa.

— Desculpa — ela falou. — Só testando. O inchaço quase sumiu. Com sua cura, deve ficar bem rapidinho.

— Foi o que disse — respondeu. Saiu bem curto.

Evan empurrou Griffin no ombro.

— Ela só está cuidando de você, mano.

— Desculpa, Grace.

— E isso? — continuou, impassível, enquanto cutucava os buracos no traje de combate. — A pele parece arranhada, mas fechada e se curando. São muito sortudos que tem essa habilidade de cura rápida. Ainda assim... talvez uma rodada de antibióticos possa ajudar contra uma possível infecção.

— Não temos infecções.

— Ah. É mesmo. — Ela se empertigou e colocou as coisas de volta na bolsa. — Então, está bem. Apenas coma e descanse. Agora, e você Parker?

Ele arqueou uma sobrancelha em desafio para ela.

Grace franziu os lábios.

— Como queira. Não vou examiná-lo. — Conferiu o relógio. — Deveria voltar para o hospital. Só vim ver se estavam todos bem.

— Não pode ficar? — Evan choramingou e esticou a mão.

Ela deu um sorriso carinhoso.

— Voltarei em algumas horas. É só uma apendicectomia hoje.

Ele a puxou para outro beijo.

— Jantar?

— Pode apostar! Ah — Grace disse. — Quase esqueci. — Voltou para o kit médico e tirou um pedaço de papel dobrado, entregando para Evan. — Devia mostrar isso para todo mundo.

— Merda, sim. Obrigado, Doc. Esqueci. — Evan mostrou um desenho de Wyatt trabalhando em um restaurante desconhecido. Esticou e girou pela sala para que todos pudessem dar uma olhada. — Alguém reconhece alguma das outras pessoas?

— Eu.

O coração de Griffin palpitou com o som da voz de Lilo, e rodopiou.

Estava parada na porta. Cabelo bagunçado solto em volta do rosto cansado. Pequenos pontos marcavam sua têmpora, mas quando os olhos pousaram em Griffin, abriu um sorriso. A respiração dele falhou.

— Do que você está falando? O que é isso? — Liza desviou de Lilo e entrou na sala, comandando a atenção ao olhar para o papel de Evan. Fez uma expressão nada impressionada e depois ergueu uma seringa. — Aposto que a minha é melhor. Seringa vazia do biruta. Podemos testar o conteúdo.

— Doppenger acordou? — Parker perguntou.

— Odeio ser a mensageira de boas notícias, mas o babaca morreu. Queimou as entranhas com essa merda. — Liza jogou a seringa vazia para Parker que a pegou sem esforço do ar.

Griffin não dava a mínima para a interação deles. Queria Lilo, e seu poder cresceu com as emoções descontroladas, impaciente. Mais telas apagaram enquanto atravessava a sala.

— Lá fora — Parker ordenou a Griffin, apontando para a porta. — Não volte até estar sob controle. Não quero que arruíne meu equipamento.

Tudo bem por ele. Griffin foi na direção de Lilo com foco único. Nem mesmo notou Evan parando entre eles até quase trombarem.

— Sabe quem é? — Evan mostrou o desenho para Lilo.

Griffin parou de supetão. A mente balbuciou com o homem parado entre ele e a parceira. O que diabos? Precisou de um segundo para processar a intrusão repentina bloqueando a reunião deles, mas aí os músculos contraíram sob a pele, tensionando e saltando, pronto para soltar. Com o máximo de controle que conseguiu, colocou a mão com cuidado no ombro de Evan.

— Saia. Da. Minha. Frente — disse entredentes.

Evan olhou para Griffin e deve ter visto a morte em seus olhos

porque recuou.

— Desculpa. — Fez uma careta desconfortável, ainda recuando. — Entendo, mano. Vou perguntar mais tarde. Foi mal.

A boca de Griffin contraiu com frustração, pegou Lilo e continuou andando com um só pensamento em mente. Precisava ser um com ela.

Lilo deu uma risadinha e passou as mãos pelo pescoço de Griffin.

— Também senti saudades — murmurou, depois gritou para Evan: — É o restaurante da família da Misha Minski.

E aí percorreram o corredor até o elevador. Griffin apertou o botão para chegar no apartamento.

— Podem conversar mais tarde. Agora, temos coisas mais importantes para fazer.

CAPÍTULO 36

LILO LIKEKE

Sem nenhuma ideia de para onde estava sendo carregada, Lilo beijou Griffin, apaixonada. Estava suja, ele estava imundo, os dois estavam doloridos e surrados, mas não ligava. Quisera tocá-lo há horas, para garantir que estava bem e ali estava – carregando-a nos braços fortes. Braços que salvaram tantas vidas hoje.

— Lilo — murmurou contra seus lábios. — Vou te levar pro meu quarto.

Ela se aproximou para outro beijo, mas ele desviou o rosto. Foi aí que viu que estavam na frente do elevador que ia para os apartamentos, mas Griffin não conseguia fazer o botão funcionar. Mudou para a mão livre e apertou de novo. Sem sorte. Piscou e lampejou.

— Maldito poder — ralhou.

— Qual é o problema? — Ela já estava abrindo o zíper da jaqueta dele, tentando entrar. Ela queria tocá-lo, sentir seu coração bater constante contra sua mão. Para garantir que ele estava bem, que estava ali.

— Quando estou perto de você assim — falou, apertando a bunda dela, incisivo. — Não posso me concentrar. O magnetismo dentro de mim fica maluco e interrompe sinais elétricos.

Um sorriso repuxou seus lábios. Ela o deixou assim. Ela. Deslizou a mão dentro da jaqueta, e sob o colarinho da camiseta. O contato pele a pele o fez fechar os olhos com um gemido rouco.

— Continue me tocando e posso te soltar.

— Você não vai fazer isso. — Ela se inclinou para beijar o pescoço dele, que soltou um som gutural.

— Foda-se — ralhou. — Vou pelas escadas.

Ela riu, amando a urgência. Achava que nunca o ouvira dizer a palavra com f. Mas...

— Não está exausto? Deveria me soltar.

— Acho que estou me recuperando.

Lilo soltou um gritinho quando ele empurrou a porta da escada e subiu dois degraus de cada vez. Nem tentou discutir e se segurou.

Antes que percebesse, subiram quatro andares – talvez cinco – de escadas, irromperam pela porta do apartamento, pela sala de estar, quarto, e pararam na cama. Ele estava ofegante, mas não desacelerou nem um segundo.

Ela caiu de costas, pulando no colchão e lençol, piscando ao recuperar os sentidos. O grande herói pairava sobre ela com uma expressão de concentração pura e anseio no rosto que não podia respirar com a intensidade.

— Desculpa. — Colocou as mãos nos quadris enquanto recuperava o fôlego. — Deveria ter te contado sobre Doppenger mais cedo. Se tivesse, ele nunca teria tido a chance de te sequestrar.

— Você sabia? — Por um segundo, o desejo dela desapareceu. O mundo desabou. Ela se apoiou nos cotovelos, franzindo o cenho para ele. — Por que não me contou?

— Sabia o que ele significou para você um dia, e não queria te magoar. Queria te manter separada disso, e segura.

— Quando você descobriu?

Ele parou, ainda ofegando.

— Suspeitei quando ele me socou no escritório, arrancando sangue. Estava trabalhando para o Sindicato. As mesmas pessoas que fizeram experimentos em nós quando éramos crianças.

O coração dela se partiu um pouco. Quando crianças. Aqueles babacas, os mesmos que deram aquele sêrum doentio para Donnie. Raiva ferveu por ela e segurou os lençóis. Aqueles babacas estavam se safando com os experimentos há décadas. Não deveria ser permitido. Determinação endureceu no seu âmago enquanto um novo objetivo surgia.

— São minha nova exclusiva, Griffin. Vou descobrir quem são e revelá-los ao mundo.

Silêncio.

Olhou para o rosto surpreso dele.

— Não está brava comigo?

Ela pensou no assunto.

— Não. Quero dizer, queria que confiasse em mim o suficiente para me contar antes, mas... entendo. Era uma situação extrema. Não iria querer você em lugar nenhum perto deles se a situação fosse reversa.

De repente, um Griffin bravo estava bem na sua cara.

— Nunca esconda algo assim de mim. Não quero você em perigo.

— Combinado, mas... — Colocou duas mãos no peito dele e o empurrou. — Não minta mais. Pode confiar em mim.

— Combinado. — Desejo lampejou nos olhos dele e tirou a jaqueta rápido. — Chega de conversa. Preciso de você agora. Estou tão duro, é como aço. Desculpa, mas não posso esperar por um banho.

O cérebro entrou em curto-circuito quando ele tirou a camiseta e os olhos dela abaixaram com deleite para o volume tensionando as calças que não cediam. Mas aí... um banho? Olhou para o próprio corpo. Deus, estava coberta de poeira, sujeira e arranhões. Ele também. Sujariam os lençóis. Mas quando virou para o corpo sem camisa, cheio de tendões e músculos, ela percebeu que não estava esperando esse tipo de permissão, mas outra coisa. As últimas vezes que estiveram juntos, ela insistira em ficar no controle. Estivera com medo de se magoar outra vez.

De jeito nenhum que esse homem a machucaria.

Lutara contra um monstro por ela.

Morreria por ela.

Ela reclinou na cama e puxou a saia para cima, revelando as pernas até o tecido se acumular nas coxas, o tempo todo segurando seu olhar ardente.

— Está tudo bem. Também preciso de você.

O controle dele se rompeu. Abriu as calças de couro para soltar a ereção.

Sim. Aço. Duro como pedra. Tantas outras metáforas estúpidas borbulharam em sua mente enquanto o observava fazer um movimento com o punho, tentando aliviar a dor. Desejo desabrochou no corpo dela, fazendo seus mamilos ficarem duros o suficiente que o olhar ansioso dele foi direto para onde forçavam pelo tecido da blusa.

— Erga a blusa — exigiu. — Me deixe vê-la.

Tirou a blusa, o sutiã também, e ficou sentada ali com o olhar pesado dele a sorvendo. O desejo descarado a fez se contorcer sob a atenção. Quando os próprios dedos cansaram de esperar, apertou os seios sensíveis. Ele fez um barulho desesperado, deu dois passos para a mesa de cabeceira, encontrou um preservativo, abriu o pacote e colocou. Segurando os tornozelos de Lilo, ele a arrastou na sua direção e a abriu. Empurrou a calcinha para o lado e passou o dedo na umidade.

Ela se contorceu com o toque íntimo, contraindo deliciosamente enquanto ele a provocava e testava.

— Está pronta para mim — disse rouco, uma expressão dolorida passando pelo rosto.

— Sim. — Arqueou-se contra ele, o corpo ansiando por se juntar com ele. Urgência deixou a voz dela tensa. — Agora, Griffin. Não me faça esperar. Também preciso de você. — Nenhuma palavra mais verdadeira jamais fora dita. Precisava dele mais do que ar. Precisava sentir os braços fortes em volta dela, segurando-a, fazendo-a se sentir bem. Fazendo amor. Precisava saber que ele também se sentia assim.

Mas apenas a encarou, olhos percorrendo seu corpo.

— Chega de esperar — implorou, os olhos lacrimejando – toda a

adrenalina no dia enfim recuando, percorrendo seu organismo. *Não me faça implorar.*

Tocou com carinho um dedo na sua bochecha trêmula, bem abaixo dos pontos na têmpora. Escuridão cobriu a expressão dele enquanto observava o ferimento, mas quando ela estremeceu, voltou o olhar para o dela e suavizou. Devagar, ele abaixou até o corpo grande consumir o dela enquanto se apoiava ao lado da sua cabeça. Ele estava tão perto. Lábios pairando sobre lábios. Hálito esquentando entre eles. Tão real e presente.

Que se foda o Donnie. Que se foda ele e as palavras sórdidas, dizendo que Griffin não ligava para ela, que não valia o tempo dele. Apertou os olhos que ardiam fechados e respirou trêmula.

— Shh — Griffin cantarolou perto da orelha, acariciando sua bochecha. — Está tudo bem. Estou aqui. — E aí estocou, até o fim.

Ela gritou quando ele a preencheu por completo, olhos revirando enquanto calor delicioso subia por sua coluna. Afundou o rosto no pescoço dela e gemeu contra sua pele, se ajustando a sensação de estar dentro dela, sussurrando palavras carinhosas na pele – como precisava dela. Como a queria. Como não podia viver sem ela. Tudo que o coração sentia por ele – o tempo todo se mantendo firme, ereção implacável dentro dela.

Logo, as respirações entrecortadas substituíram as palavras e moveu os quadris, devagar no começo, e depois rápido e forte. Com cada estocada, ia até o fim, atingindo o ponto mais sensível dela, acendendo calor por todo seu corpo.

— Poderia ter perdido você. — Foi quase uma acusação saindo dos lábios dele. Os dedos afundaram no cabelo dela, segurando até mostrar seu rosto para ele, até que ela visse o medo puro nos olhos.

— Poderia ter perdido *você*. — Lágrimas escaparam e arranhou, tentando segurar as costas duras e suadas. — Você poderia ter morrido. Eu te amo, Griffin. Nunca me deixe.

— Nunca.

— Mais rápido. Mais forte — exigiu, apertando-o com força.

Com a súplica, o movimento adquiriu um tipo de desespero – um ímpeto de dilacerar almas de se aproximar dela – e ela o encontrou com cada estocada selvagem.

Capturou a boca dela em um beijo incansável, implacável, de bater os dentes, que só acabou quando tudo ficou tenso, quando o corpo contraiu com doce prazer e o orgasmo a tomou com tanta força que precisou arquejar por ar. Depois que se juntou a ela no prazer, permaneceram juntos e ele os rolou para o lado, respirando com dificuldade enquanto se abraçavam, os rostos afundados no pescoço um do outro.

Depois de um tempo, ela tagarelou:

— Eu te amo, Griffin. — Porque talvez ele não tivesse ouvido a primeira vez.

Os braços a apertaram, mas não disse nada.

Ele não... ela... ele ia responder?

Ela se afastou para olhar nos olhos azuis vibrantes.

— Não vai dizer nada?

Ele franziu o cenho.

— Não te amo.

O coração dela palpitou.

— O-o quê?

— É mais do que isso. Amor é uma palavra muito pequena para o jeito que você me faz sentir, Lilo.

— Tá bom. — Tá bom. O que isso queria dizer? O que muito pequena queria dizer? Não era o bastante? Uma palavra de quatro letras? Ah, Deus. Um milhão de coisas já estavam passando na cabeça dela. Ele só não gostava tanto dela? Porque, hm, oi, o sexo foi incrível, e...

Ele ergueu o queixo dela para encontrar seu olhar de novo.

— Lilo.

— Sim.

Os lábios dele se curvaram presunçosos.

— Casa comigo.

— O quê?

— Você me ouviu. Casa comigo. É desse tanto que te amo. Nunca quero ficar longe de você.

— Eu... — Ela mordeu o lábio. — Ah, porra.

— Você não quer?

— Não é isso. Eu te amo, Griffin. Vou dizer um milhão de vezes se precisar. Você me fez sentir como ninguém jamais fez. Sou tão confiante perto de você. Eu me sinto amada. Me sinto... digna. Feliz. — Lágrimas surgiram nos olhos dela. Malditas lágrimas. Nunca secariam? — Mas não quero um casamento grandioso. Não tenho dinheiro, e essas coisas são caras. Sabe, vi como são aqueles casamentos de famílias grandes nas revistas. Às vezes tem esculturas de gelo e bandas, e... você pertence à uma família proeminente...

— Eu pago.

— Mas não é esse o ponto. Além do mais, não tenho família para convidar. Meu pai está na cadeia. Só Deus sabe onde minha mãe está...

— Sou sua família.

— ... e todo o excesso do casamento me lembra da minha mãe. Não quero me tornar ela.

Era isso. O verdadeiro medo dela. O dinheiro, a extravagância...

O dedo de Griffin traçou desenhos na nuca dela. O pequeno toque

a acalmou.

— Então vamos nos casar no civil — falou. — Vamos fazer surpresa. Só você e eu. Sem dinheiro. Sem extravagância.

— Sêrio? Faria mesmo isso por mim?

— Quero estar com você. Não ligo para mais nada.

Puxou os lábios dele para os dela.

— Então sim, Griffin Lázaro. Sim, caso com você.

Ele sorriu, dentes brancos perfeitos brilhando, olhos azuis sorrindo. E foi a coisa mais majestosa que já vira, melhor do que qualquer tesouro que um humano – ou monstro mítico – poderia ter.

CAPÍTULO 31

DUAS SEMANAS DEPOIS

GRIFFIN LÁZARO

Griffin segurou firme a mão de Lilo enquanto entravam na área de visita da prisão nos arredores de Cardinal City. A sala era fria e de concreto. Mesas e cadeiras estavam presas no chão e um guarda ameaçador observava do canto da sala, fazendo sua presença ser notada. Câmeras também ficavam de olho nos prisioneiros. Amantes, parentes, crianças relutantes, todos preenchem a sala, visitando os familiares criminosos.

Por ter se declarado culpado e cooperado com as investigações, o pai de Lilo escapou da prisão de segurança máxima. Griffin teria preferido que ele ficasse na segurança máxima, mas não podia negar o fato que o pai de Lilo tinha pouca ganância na alma. Era um homem levado aos extremos pelo amor errado por uma mulher materialista.

— Está pronta? — perguntou para Lilo enquanto eram levados para uma mesa redonda vazia no canto da sala.

Olhou para ele, mas apertou a mão.

— Sim. Obrigada por vir.

— Não deixaria que fizesse algo assim sozinha. Somos família agora.

Os olhos dela brilharam, e ergueu a mão esquerda para olhar para a aliança. Era um anel simples de platina. Nada de anel de diamante de noivado. Ela não queria nada, mas ele a convencera que um anel simples era algo que poderiam compartilhar. Queria que o mundo soubesse que era dele. Tinha um anel combinando na própria mão.

A porta de segurança levando para a prisão abriu com um apito, e um guarda entrou com o pai de Lilo – Haulani Liota. Griffin seguiu o homem acorrentado enquanto era guiado pelo cotovelo através da sala. Usando um macacão, o homem tinha a cabeça raspada e parecia ter perdido um pouco de peso, mas estava feliz. O sorriso quando viu a filha não podia ser embotado.

— Oi pai — Lilo disse quando ele se sentou.

— Docinho, estou tão feliz que veio. — Haulani encontrou os olhos de Griffin. — E você deve ser Griffin. Obrigado por cuidar da minha filha.

Griffin deu um aceno curto, mas não disse nada.

— Posso cuidar de mim mesma — Lilo disse, afrontada. — Sabe disso, pai. Mas sim, esse homem lindo aqui é meu marido.

As sobrelanceiras de Haulani se ergueram.

— Marido?

— Sim. — A voz de Lilo ficou aguda e abriu a bolsa para pegar um pequeno álbum de fotos. Os dedos tremeram com nervosismo, mas abriu o álbum e mostrou para ele. — Nos casamos no cartório ontem.

Não tiraram muitas fotos, mas Griffin insistira que houvesse algumas. Mary e Renata foram como testemunhas. Lilo usou um vestido branco básico que insistiu em comprar sozinha, e Griffin usou um terno sob medida liso.

— Queria que pudesse ter estado lá — Haulani disse, um tom melancólico surgindo.

— Eu também — Lilo respondeu. Griffin sabia que família significava muito para Lilo, e ter essa reunião com o pai, não importava o quão problemático, foi um passo na direção certa para ela. Também sabia que faria tudo em seu poder para mostrar que era valorizada e amada, mesmo que ela se esquivasse da atenção às vezes. Ela *era* amada.

Podia ter deixado que se safasse com o casamento, mas fez da sua missão mostrar a ela todos os jeitos que era importante, não só para ele, mas o resto das pessoas na sua vida.

O pai fez ooh e aah apropriadamente para as fotos até chegarem no final do álbum, que era uma boa deixa para Lilo discutir as fotos que encontrou no cofre.

— Por que tinha elas, pai?

Os olhos dele foram para Griffin de um jeito que sugeria que Haulani dera uma boa olhada nas fotos e sabia exatamente quem Griffin era. Quando voltou o olhar para a filha, disse:

— Fui procurado por uma mulher para conseguir evidências irrefutáveis das identidades reais dos vigilantes. Pagou muito dinheiro por isso. Na época, estava sob pressão para aumentar minha renda.

— Da mamãe, quer dizer.

Haulani encarou a filha, compreensivo, mas permaneceu de boca fechada.

— Não sei por que fica tentando protegê-la, pai. Sabemos que foi ela que o levou a tais extremos.

— Tenho que aceitar a responsabilidade, docinho. Poderia ter dito não. O amor nos faz fazer coisas estranhas, suponho. Teve notícias da sua mãe?

Lilo trocou um olhar resignado com Griffin.

— Procuramos, mas depois que seus bens foram congelados, ficou difícil rastreá-la. Achamos que foi vista na Jamaica.

O pai dela suspirou fundo.

— Ótimo.

— Ótimo? — Lilo ficou indignada. — Como isso poderia ser ótimo?

Deu de ombros.

— O amor nos faz fazer coisas estranhas. Só quero que fique segura.

— Pai. Ela te encorajou a fazer coisas ruins e agora está te deixando para apodrecer aqui enquanto está viajando pelo mundo. Só pra constar, não estou feliz com isso. — Ela esticou o braço sobre a mesa e pegou a mão do pai, apesar da repreensão firme do guarda no canto. — E pra constar, estou feliz que assumiu a responsabilidade por sua parte.

Griffin pigarreou.

— E quanto a essa parte, o que pode nos contar sobre a mulher que pagou pelas fotos de vigilância da minha família?

Haulani pensou a respeito.

— Era alta, linda e tinha cabelo branco comprido.

Falcon.

— Foi difícil dizer não para ela. Sabia exatamente o que eu esperava conseguir do acordo, o dinheiro e... é. Sabia o medo mais sombrio do meu coração para que pudesse capitalizar nele.

— Tem o contato dela? — Lilo perguntou.

— Não. Me ligou de um número bloqueado.

— E por que não entregou as fotos? — Griffin perguntou.

— Porque li a matéria da minha filha sobre o vigilante transformado em super-herói. Sabia o quanto esses heróis significavam para ela e... não consegui entregar. Não pude partir o coração dela outra vez. Garanti que ela fosse a única que pudesse acessar o cofre. Sabia que Lilo faria a coisa certa se algo acontecesse comigo. — Ele encontrou o olhar da filha. — Desculpa, docinho. Deveria ter feito a coisa certa há muito tempo atrás.

Lilo fungou.

— Eu acredito em você.

O guarda se aproximou da mesa.

— Acabou o tempo, Liota.

— Virá outra vez? — perguntou para a filha.

Ela assentiu e os olhos do pai lacrimejaram.

Quando partiu, Griffin segurou a mão da esposa.

— Vem. Vou pagar seu almoço.

* * *

Griffin guiou Lilo para a entrada de Heaven. Ligara antes para garantir que as coisas estavam de pé, e todos estavam onde deveriam estar. Lilo não sabia ainda, mas a missão para fazê-la se sentir amada já começara. Antes de abrir a porta do restaurante, parou e a segurou pelos ombros.

— Preciso contar uma coisa para você — falou.

Um toque de preocupação passou pela expressão dela.

— Está tudo bem?

Nervosismo embrulhou o estômago dele e por meio segundo de dúvida, considerou levá-la para outro restaurante. Mas... Não. Precisava fazer isso por ela.

— Menti. Não estamos aqui para almoçar.

— Não? Estou com fome.

Ele riu.

— Bom, tem comida aí, mas... — A mão deslizou pelo braço dela para segurar a mão, e depois abriu a porta. — Estamos aqui para comemorar.

— PARABÉNS — mil vozes gritaram juntas.

As mãos de Lilo voaram para as bochechas.

— O quê?

O restaurante inteiro fora reservado e preenchido com decorações de festa de casamento e família. A família dele estava toda ali, mais a família e amigos dela. Renata, Misha Minski e a família, Bev, Candy, Fred o Editor. Qualquer um cuja vida Lilo tocara viera abençoar sua união com Griffin, e desejar bem.

Ela virou para ele com lágrimas nos olhos e por um segundo, o coração palpitou. Estaria brava?

— Não é nada chique — sussurrou, se inclinando para ela. — Nenhuma escultura de gelo.

Ela gargalhou e limpou o nariz.

— Obrigada, Griffin. Nunca imaginei nada assim na minha vida. Ainda mais não depois da manhã que tivemos.

— Um dia perguntei o que te impressionava. Lembra do que disse?

Ela fez uma careta e balançou a cabeça.

— Disse que era o tipo de garota que ações falavam mais alto do que dólares. Então pensei nisso... tudo isso é algo que pude fazer para mostrar que você é amada, que é digna e que tem família. Então... Sempre e para sempre. Estou aqui. — Griffin pegou a mão dela e olhou pela sala cheia. — Estamos todos aqui.

Obrigada por ler *Ganância*. Espero que tenha gostado da história de Lilo e Griffin. O próximo é Cólera.

PERSONAGENS E GLOSSÁRIO

Os Sete Mortais

(Em ordem de idade, do mais novo para o mais velho)

Nota da Tradutora: As iniciais dos nomes em inglês são iguais as iniciais do pecado que cada um representa, foi uma escolha não traduzir os nomes e, infelizmente, perder a associação. Poderiam imaginar, Inveja – Igor, Preguiça – Patrícia, Gula – Gustavo, Cólera – Carlos, Orgulho – Oswaldo?

INVEJA: Evan Lázaro.

PREGUIÇA: Sloan Lázaro

GULA: Tony Lázaro

GANÂNCIA: Griffin Lázaro

LUXÚRIA: Liza Lázaro

CÓLERA: Wyatt Lázaro

ORGULHO: Parker Lázaro.

Mary Lázaro: Mãe adotiva dos Sete Mortais e ex-assassina da Irmandade Hildegard.

Flint Lázaro: Pai adotivo dos Sete Mortais.

Outros Personagens:

Dra. Grace Go: Médica cirurgiã no Hospital Geral de Cardinal City. Parceira de Evan Lázaro.

Lilo Likeke: Jornalista investigativa no Cardinal Copy. Parceira de Griffin Lázaro.

O Sindicato

O Sindicato é uma organização secreta que acredita que o único jeito de salvar o mundo de si é erradicar todos os pecadores, mesmo que signifique destruir metade do mundo.

O CHEFE: Julius Allcott

SARA MADDEN: Ex-namorada de Wyatt Lázaro

FALCON: Executora do Sindicato.

Irmandade Hildegard

A Irmandade Hildegard são freiras com uma história que data da idade média quando a Irmã Hildegard original lutou contra um clérigo dominado por homens. Agora o mundo conhece a Hildegard como a fundadora da história científica na Alemanha, mas na época, as opiniões dela foram ignoradas até alegar ter visões do próprio Deus. Diminuir-se como uma mulher para ser ouvida foi apenas o começo da humilhação que a mulher enfrentou.

Então, ela começou a própria abadia cheia de mulheres. A mesma abadia existe nos dias de hoje, e é um lugar onde as mulheres são celebradas e a educação é encorajada – sem a influência masculina. Registros nos arquivos da Irmandade revelam que tiveram um papel no levante ao poder de muitas mulheres da história, de *Joana d'Arc* até *Indira Ghandi*. De *Catherine a Grande* até *Margaret Thatcher*.

Sob a superfície da abadia auspiciosa está a missão secreta que nenhuma mulher sofrerá as mesmas dificuldades de Hildegard e condicionam algumas "Pecadoras" selecionadas para cumprirem a missão. Essas Pecadoras são assassinas treinadas para a causa: Pecadoras como Mary Lázaro. Um mal necessário.

Na novela prequela, *Pecadora*, Mary Lázaro escapou da Irmandade que queria usar as crianças para seu próprio ganho, assim como o Sindicato que as criou. Até hoje, ainda está fugindo.

O ANSEIO DE LOBOS SOLITÁRIOS

★★★Vencedor do prêmio Prisma FF&P RWA 2021 de Melhor Fantasia Romântica★★★

Rush é um Guardião Fae, um metamorfo lobo cujas habilidades aguçadas o fizeram ser um brutal protetor de Elphyne. Sua tarefa é proteger o reino do inimigo humano e garantir que os pecados do passado nunca se repitam, a risco da magia morrer para sempre. Mas uma noite de fraqueza resultou em uma maldição pior que a morte – exílio. Agora ele passa o tempo solitário ansiando por fazer parte dos vivos, mais uma vez os protegendo dos monstros... até que um aparece misteriosamente nas margens do seu lago.

Clarke é humana. Ela é linda, atrevida e impetuosa. Ela também é a única pessoa que pode vê-lo, falar com ele e o tocar.

Se a entregar para a ordem, ela é a solução para ter sua maldição removida. Incapaz de resistir à oportunidade, ele a ludibria em uma barganha de obediência, sem suspeitar nenhuma vez que seu mundo está prestes a ser virado de cabeça para baixo. Quanto mais aprende sobre esse inimigo humano, mais percebe que ela não é o monstro que foi treinado a acreditar. Na verdade, ela é capaz de incitar paixão que ele nunca sonhou ser possível outra vez. Mas Clarke tem uma mensagem do passado... os pecados já estão se repetindo. Desta vez, se não impedirem o mal que se aproxima, não será apenas a magia que vai morrer. Será tudo.

Um novo estilo de fantasia épica com um ardente romance metamorfo, um toque de viagem no tempo, caçada de monstros, um grupo de irmãos, parceiros predestinados, protetores fae ferozes e suas mulheres com personalidade forte do nosso tempo. Se gosta dos livros cheios de ação de virar a página, tensão romântica e desenvolvimento de mundo onde você pode se perder, este livro é para você.

Indicado para maiores de 17 anos.

CAPÍTULO 1

Clarke O'Leary acordou com um bocejo. Depois, o ardor de enxofre queimou seu nariz e ela espirrou, se sobressaltando com um borrico de água.

Água?

Abriu os olhos e piscou até que tudo entrou em foco. Estava deitada em água morna e rasa. Ar gélido açoitava seu nariz. Pinheiros altos cobertos de neve a cercavam de um lado, e do outro, céu azul e claro. Céu azul. O choque disso colidiu com ela.

Onde diabos eu estou?

Porque não era Vegas. Pelo menos não a que ela conhecia com o céu queimado e inverno nuclear. *Aquela* Vegas fora quarentenada, meia subterrânea e isolada na esperança fútil de evitar a radiação que deslizava pelo continente.

Clarke se levantou com tudo e segurou a cabeça com o ataque vertiginoso. Seu estômago embrulhou e ela se inclinou para o lado para vomitar algo grosso, escuro e gosmento. *Nojento*. Mover os olhos doía. Deus, tudo doía.

Afastando-se da nojeira, seus dedos encontraram algo duro sob a água. Suave e curvo. Ela puxou uma lata oxidada de Coca. A letra “C” havia sido entalhada no alumínio. Era igual a lata da qual havia bebido na noite passada... mas velha. E na água. No meio do nada.

Um senso crescente de ruína tomou conta do seu âmagô. Ela percebeu mais coisas estranhas. O metal em seu relógio se deteriorara e uma teia de ferrugem cobria os berloques frágeis de sua pulseira. Ela se atrapalhou na margem, procurando mais evidência de... de que, ela não tinha certeza... mas tudo o que encontrou era mais lama, mais água estranha com cheiro de enxofre, e mais pânico de comprimir a garganta.

Onde ela estava?

Por que estava aqui?

Enfiou as mãos nos olhos.

Se acalme, Clarke. Pense.

Voltando no tempo, ela tentou conjurar a última coisa que lembrava – o longo sono, acordando na água – mas seu cérebro estava tão gosmento quanto o lago que a cercava. Pequenas ondas mornas quebravam nas suas pernas de uma maneira tranquilizadora, como se

para dizer “Está tudo bem. Não se estresse. Você está onde deveria estar.”

Pense.

Precisava ir mais longe do que isso. Voltar para *antes* do sono. Para ontem. Para o fim do mundo.

Ela estava em um apartamento de um quarto, vendo as notícias apocalípticas em uma televisãozinha, bebendo refrigerante com duas amigas – Ada e Laurel – se perguntando se seria o último. *Sabendo* que seria o último. A memória solidificou em sua mente. Laurel não parava de mudar de canal, procurando notícias mais atualizadas. Ada andava de um lado para o outro ao lado do sofá. E Clarke havia arranhado suas iniciais na lata de Coca. Mas isso foi ontem... não foi?

Ar frio roçou sua face e cortou sua pele. Isso não era o apartamento dela. E não estava na Vegas assolada pela guerra. Mas estava viva.

Clarke olhou para a margem. O lago se estendia por quilômetros. Ela vislumbrou uma cabana escondida nos pinheiros cobertos de neve a certa distância. Fumaça rodopiava da chaminé até desaparecer em uma dança preguiçosa. Parecia algo saído de um conto de fadas.

Mas isso era real. Na água, seu reflexo ainda pertencia a mesma vigarista sardenta e ruiva. Bochechas coradas. Olhos azuis febris brilhantes. Lábios roxos e dentes batendo apesar da água morna. Era ela, Clarke O’Leary, ladra de mixarias. Algumas vezes psíquica, outras fingida. Sempre uma sonhadora.

Pense, Clarke. Respire. Lembre.

O mundo enlouquecera. Acabara de voltar do cassino. Com suas habilidades precognitivas, ela normalmente podia sentir quando as cartas a beneficiariam. Normalmente. Mas na noite em questão, ela fora para casa mais cedo. O cassino estava fechado.

Por que o cassino estava fechado?

Por causa da guerra. Elas pensaram que estavam a salvo, que as bombas não haviam atingido Vegas, mas era a chuva radioativa que as deveria ter preocupado. A guerra veio para todos, e para aqueles que escaparam, o céu queimado deu cabo neles. Padrões climáticos mudaram. Plantações não cresciam. Usinas nucleares entraram em colapso. Ao redor do mundo, o movimento de placas tectônicas derrubou prédios conforme a terra se movimentava. Elas tentaram continuar com a vida normal por mais tempo possível, esperando que estariam a salvo. Até não estarem.

Uma onda se afastou de suas pernas como um cobertor, expondo jeans surrados e tênis que um dia foram brancos, mas agora estavam marrons e cheios de furos. Ela deu tapinhas no relógio com o dedo. Morto. Sua berloqueira enferrujada tilintou e os brincos combinando balançaram nas orelhas. O pai dela havia presenteado-a com as joias.

Um presente para cada evento importante em sua vida. Um pingente de vela para seu aniversário de dezesseis anos. Um berloque de sorvete para a formatura. O relógio quando a mãe os abandonou. O pai havia morrido um pouco antes do seu aniversário de dezoito anos. Um infarto.

Mas isso fora anos atrás. Ela balançou a cabeça para deslocar as memórias e remexeu nas roupas que se desintegravam. Se essa era a roupa que usou ontem, então por que estava caindo aos pedaços? Por que sua pulseira estava tão enferrujada? E o vômito estranho...

Alguma coisa pousou em seus cílios e ela piscou. Outra coisa entrou em seu olho. Empurrou o cabelo molhado da bochecha e prendeu atrás da orelha. O farfalhar inconfundível de neve flutuou para cobrir seu rosto. Espanto a aqueceu e depois a memória surgiu.

Ela saía do apartamento porque estivera nevando. Em Vegas. Essa era a última coisa da qual se lembrava.

CAPÍTULO 2

Cinquenta anos caçando intrusos humanos trouxeram Rush até aqui – espreitar uma mulher enquanto se banhava nas fontes termais de um lago. O lago *dele*. Esfregou o rosto com o absurdo e saiu da floresta para ver melhor, mas não conseguiu manter o desdém longe dos pensamentos. Ele, um ex-Guardião, tarado como um adolescente.

— O que acha — resmungou para o lobo cinza ao seu lado —, parece boa o bastante para comer?

Pela maior parte da última década, o velho lobo desgrehado foi o companheiro constante de Rush. Ele e a alcateia de lobos da neve que estava caçando na floresta ao redor. Apesar de Rush não ter se transformado em um lobo há décadas, os locais ainda sentiam seu cheiro como um par e se curvavam para sua energia.

Rush hesitou. Podia não estar com a família Nightstalk original, mas criara uma nova família. Uma nova alcateia.

Gray rosnou e lambeu os dentes, os olhos nunca deixando a mulher, o prêmio. O prêmio *deles*. A maldição de Rush o proibia de tocar outro ser vivo, mas o lobo ao seu lado estava livre. A alcateia ajudava Rush a caçar humanos perdidos vagando pelo território. Era como Rush continuava a manter o reino de Elphyne seguro, mesmo que seu trabalho como Guardião tenha terminado.

A mulher tinha cabelo avermelhado comprido. Pele pálida e viçosa. Um pescoço delicado que chamava a atenção para os seios voluptuosos esticando a blusa. Era uma beleza como nenhuma outra, mas sempre estaria fora do alcance de alguém como ele. Puxou o colarinho da capa forrada com pelo. Apesar da neve o cercando, estava cozinhando.

— Possivelmente uma ninfa brincando na água? — murmurou.

Grey bufou.

Talvez.

Não podia ver Rush. Ninguém podia. A maldição também cuidou disso. Então, ele a estudou abertamente.

Usava roupas rotas estranhas em uma moda que não vira antes. Rush viajara por toda Elphyne, até além, para dentro da proibida Crystal City onde os humanos matavam os fae à primeira vista... se pudessem vê-lo. Mas esta mulher, as roupas eram estranhas. Puxou os sapatos.

Um rosnado ressoou da sua garganta conforme um feixe de luz atingia os olhos dele.

— Metal — sibilou para Gray. — Está usando metal no pulso.

A mão foi para o cinto e pairou sobre a faca de osso, ainda ensanguentada da caçada recente. A faca quase cantou quando a mão pousou no punhal. Queria ser libertada outra vez, e quando a mulher colocou o longo cabelo vermelho atrás de uma orelha curvada, Rush deu a faca o que desejava. Ele a puxou.

É humana.

Por dentes apertados, ordenou ao Gray:

— Volte para a alcateia. Espere o aviso.

Grey fungou um protesto.

Maldição. Deveria ter trazido a espada, *Starcleaver*. Pelo menos com ela, teria uma chance menor de tocá-la e desencadear a dor que vinha com a maldição. Outra ordem estava na ponta da língua, e então movimento perto do lago chamou sua atenção. Vários corpos espreitaram na direção da mulher pelos lados. Dois, três... seis. Seis fae. E – Rush cheirou o ar com um rosnado rouco – alguém que odiava mais do que tudo no mundo. Thaddeus. O tio. E agora alfa da alcateia de lobos metamorfos de Crescent Hollow.

CAPÍTULO 3

O uivo de um lobo desviou a atenção de Clarke para as sombras da floresta. Os pelos nos braços eriçaram. Rastejou mais na margem, deixando a água morna para trás. Uma sensação envolveu seu peito. O zumbido familiar de uma premonição. E então... *cuidado*. Alguém ou alguma coisa observava da escuridão da floresta. A sensação espreitou pela coluna e então *ela soube*. Algo a estava caçando. Era igual a todas as premonições. Bem ou mal, a sensação que sentia no meio do peito predizia seu futuro quando via o de todo mundo como filmes coloridos.

Outro uivo.

A respiração prendeu na garganta, o pulso acelerou e ela apertou os olhos para procurar a região pela fonte do perigo.

Encontrou.

Mas não na floresta como pensara. Sombras agachadas e hostis se aproximavam dela. Dois, talvez três de cada lado. À direita, homens musculosos com longos cabelos brancos espreitavam em sua direção. Outros avançavam à esquerda. O zumbido em seu peito rangia com uma sensação ruim oleosa, assim como todas as vezes que Clarke estivera perto de uma pessoa ruim no passado. Esses homens faziam o tipo. Todos eles seguravam armas – espadas, machados, martelos. Nenhuma era de metal, mas ainda pareciam perigosamente ferozes. Cabos de madeira com lâminas branco creme. Engoliu. Osso. Eram feitas de osso.

Corra.

Corra!

A única escapatória era a floresta à frente. Ignorando o protesto do corpo rígido, disparou. Os pés voaram pela margem encharcada. O cabelo açoitava atrás dela, e o vento sussurrava no lugar.

Corra mais rápido. Estão atrás de você. Irão comê-la viva. Corra.

E então ela ouviu.

Passos pesados atrás de si. Cada passo, cada respiração enevoadas, era ecoada por uma mais profunda, mais pesada. Gutural. Poderoso. Chegando mais perto. Mais perto. Quase... Terror a preencheu, exalando de dentro. Algo roçou nas costas, fazendo-a cambalear. Soltou um grito. O barulho tremeu as árvores e ecoou pela água. Pássaros voaram com medo.

Algo a atingiu entre as omoplatas, arrancando o ar dos seus pulmões. Caiu para frente na neve dura, a centímetros dos limites da floresta. Coisas afiadas escondidas afundaram nas mãos frias enquanto ela escorregava no chão como se estivesse em um trenó. As mãos bateram em algo liso sob a neve e tentou pegá-lo, mas não conseguiu firmar. Quando parou, o que viu sob a neve não fez sentido. O desenho familiar impresso no acrílico brilhante não pertencia a este lugar. Vermelho. Amarelo. Azul. Branco. Não podia ser. Mas era. Um segundo, foi tudo o que precisou, e aí o cérebro dela funcionou. Caíra no letreiro *Bem-Vindo a Las Vegas*, rachado e decadente.

Velho.

Antigo.

Algo pesado caiu nas costas dela e a tirou do choque. Pressionava com um rosnado bestial de aviso que suspirava calor no seu pescoço. O rosto amassou no letreiro até o nariz doer. Choramingou, lutando e resistindo freneticamente, mas a coisa nas suas costas era pesada demais, forte demais. E aí sentiu chafurdar no cabelo molhado, inalando o cheio dela. Clarke congelou, petrificada. *O que diabos?*

Algo macio e ainda assim áspero explorou o limite da sua orelha curvada, indo do topo ao lóbulo. Ultrajada, levou a última força para os membros, mas só convulsionou sob a enorme pressão. Bateu o queixo. Tontura embaçou a visão.

Uma voz grave de um macho surgiu quente na orelha.

— Não se mova, humana nojenta.

Um homem. Não um monstro. Homens eram feitos de carne e osso, não seres de terror e sonhos. Homens podiam ser enfrentados. Homens podiam ser derrotados.

— Deveria matá-la agora — disse e pressionou algo frio e duro no pescoço dela. Era uma faca. Tinha certeza disso. — Mas acho que meus soldados estão com fome.

Um coro de homens dando risadinhas e botas triturando o chão anunciou mais atacantes. A fome da qual falou não era de comida. Quase podia sentir a energia hostil a cercando como algo vivo. Cada instinto no seu corpo gritava que a machucariam, reivindicariam, destruiriam.

Nunca.

Nunca deixara o chefe de Bishop a levar. E não deixaria estes homens. Clarke apertou os dentes, chutou e rastejou para frente, agarrando os limites da floresta, pegando terra e restos de folhas para encontrar algo para se firmar. Só mais um pouquinho. Só mais um centímetro.

Encontre uma pedra. Uma rocha. Um pedaço do letreiro.

O macho atrás dela praguejou, segurando os tornozelos e a arrastando para trás com um grunhido. Afundou no chão, cavando um

apoio, mas não adiantou nada. Ele era forte, e quando virou seu corpo para que ficasse de costas, ela soube o porquê. O pesadelo era real.

Um homem pairava sobre ela, com mais de dois metros de altura. Uma capa forrada com pelo. Cabelo branco-prateado comprido preso na nuca. Uma cicatriz em relevo atravessando a bochecha. Parecia no meio dos trinta, mas a ameaça nos olhos contava outra história. Era cheia de crueldade antiga e quando zombou com conhecimento lascivo, a pele dela arrepiou.

— O que temos aqui? — arrastou.

Sombras pressionaram ao redor. Chifres de veado saíam da cabeça de um homem troncudo com um arco sobre os ombros. Dois homens tinham chifres de carneiro curvados nos cabelos escuros e oleosos. Também tinham cascos fendidos. E quando o olhar voltou para o captor, ela percebeu que uma coisa unia todos eles.

Orelhas pontudas.

Cobertas com uma camada fina de pelos.

Era uma festa a fantasia? Algum tipo estranho de convenção de cosplay? Mesmo sendo ilógico, alguma parte da sua mente ainda tentava levá-la de volta para Vegas, para qualquer desculpa que fizesse disso um sonho. Mas o letreiro sob o corpo contava outra história. A lata velha no lago. As bijuterias enferrujadas...

As orelhas do homem com cicatriz se abaixaram. Mostrou dentes perversos que pertenciam a um animal selvagem.

Os dedos de Clarke se curvaram na terra, nevosa, e jogou nos olhos dele.

Ele desviou com um sorriso que nunca chegou nos olhos frios.

O homem veado chupou alto os dentes.

— Acho que não deveria deixar ela se safar dessa, Faddeus.

— É Thaddeus, seu imbecil. Th-th-th. Crimson, me salve. — O captor revirou os olhos, mas aí seu humor mudou em um instante. Avançou nela, a prensando com o corpo poderoso, segurando seu queixo dolorosamente, forçando os lábios a se apertarem como um peixe. Ele a fez encontrar seu olhar amarelo. — Vai pagar por isso, vadia humana.

Depois seu peso sumiu. Latiu para os homens:

— Prendam-na.

Mãos de ferro a seguraram de todos os lados e a carregaram na direção de uma árvore. Eles a empurraram de costas e amarraram os pulsos dela na árvore.

— Me soltem, suas bestas de orelhas pontudas! — Chutou.

Mas só riram e desviaram. Excitação exalava deles tanto quanto medo revirava dentro de Clarke. Um deles a golpeou na bochecha até os olhos embaçarem. Dor entorpeceu sua mente e engasgou, enjoada.

Mais risada cruel.

Thaddeus, aparentemente o líder, avançou nela com um brilho curioso no olhar. A espada de osso arrastava preguiçosa no chão atrás dele. Usou a ponta para erguer a barra puída da blusa dela e abaixou os olhos para dar uma olhadinha atrevida embaixo. Depois a espada subiu, rasgando a blusa em dois, expondo o sutiã sujo.

O osso era afiado. Cortaria fundo.

Assobios de encorajamento incitavam Thaddeus que estufou o peito. Roçou a ponta da espada até o queixo dela, depois afastou o cabelo com cuidado para inspecionar as orelhas outra vez. Por um momento, os olhos semicerraram e ficaram pensativos.

— Cabelo vermelho — murmurou baixo. — Vermelho não estava na lista. Isso significa que é minha.

A ponta da lâmina prendeu no brinco e o arrancou do lóbulo. Agonia explodiu. Engolindo, ela repetiu um mantra na cabeça. *Não demonstre fraqueza. Não é uma vítima. É uma sobrevivente.*

Com a falta de reação, ele soltou um suspiro decepcionado.

— E pensar que iria ficar com você para meu próprio prazer. Com seu rosto, quase a confundi com uma elfo. Quase. Ah, bom. Acho que tudo o que sobrou para fazer com sua espécie é usá-la para esporte. — Ele se aproximou, o hálito rançoso no seu rosto. — Minha equipe está caçando há dias. Não nos permitem brincar com os outros humanos que encontramos, mas você não está na lista. Isso significa que é minha.

Clarke cuspiu na cara dele.

Um tapa com o dorso da mão na bochecha fez o rosto dela virar para o lado. A corda afundou nos seus pulsos, a mantendo em pé.

Mas aí algo estranho aconteceu. Por olhos embaçados, viu um estranho alto e musculoso vagar casualmente pelo grupo e se apoiar em uma árvore. Um deles, mas... não. Quando os outros desencadeavam vibrações doentias no peito dela, este provocava um formigamento bom. Palpitações. Não tinha outro jeito de explicar. Toda a dor, medo e terror no corpo dela se esvaiu ao encontrar o olhar do homem de olhos dourados. Não... homem não. Macho. Como os outros, era o macho de alguma espécie nova. Cabelo prateado até os ombros estava puxado para trás para revelar orelhas pontudas cobertas de pelo. Uma barba rente cobria uma mandíbula marcada. Curiosidade incontida brincava no seu rosto bonito. O fato que não participou da zombaria mostrou que não tinha nada a provar. Já sabia da própria força.

Tão alto quanto Thaddeus, tão musculoso quanto, mas um outro mundo de sofisticação.

— Ajuda — ela coaxou.

Sobrancelhas escuras se ergueram, e olhou sobre o ombro, como se ela tivesse falado com outra pessoa.

Os atacantes continuaram a passar a mão nela. A remoção forçada do sapato exigiu atenção, mas se recusava a aceitar o que significava. Já sentia a consciência tentando deixar as restrições do corpo, para se distanciar do que estava prestes a acontecer, mas não tiraria o olhar do estranho de olhos dourados. Ele se afastou da árvore e avançou em sua direção, serpenteando pelos corpos masculinos assistindo ao espetáculo, olhos intensos sempre em Clarke. Ninguém mais o via, mas saíam do caminho como se pressentissem o vento e abrissem caminho para a tempestade.

Tinha poder naquele homem. Lambia a pele dele.

Os outros não fizeram nenhum movimento para sugerir que sabiam da sua presença. Continuaram a brincar e dar tapinhas nas costas um do outro pela descoberta deliciosa, um bônus considerando que não permitiram que brincassem com a caça anterior.

— Pode me ver — o estranho constatou, voz grave como trovão.

— Não deveria?

Outro sapato saiu. Mais gargalhada masculina. E aí um homem com chifre de carneiro se aproximou com uma expressão lasciva no rosto. Os dedos grossos e curtos afundaram no jeans e puxaram. Tinha pelos nos dedos.

Clarke soltou um grito de resistência e chutou. Mas gostaram disso. Outro segurou um tornozelo e um terceiro pegou o outro. Alguém chupou o dedão. Havia muitas mãos. Muitos rostos. Quatro, cinco deles? Thaddeus observava alguns passos atrás, curtindo cada momento enquanto limpava as unhas com uma faca.

— Vai! — Lágrimas arderam os olhos de Clarke ao se virar para o estranho. Por que não ajudava? — Não seja um babaca. Faça alguma coisa.

— Ah, sim, vai implorar — Thaddeus riu. — Vai implorar até o final. Humanos sempre o fazem. — Ele se virou para a equipe, apoiou uma bota em uma pedra, e depois se inclinou sobre o joelho. — Não é verdade? Humanos e suas vidas nojentas sem *mana*. Acharia que amariam acabar com a existência lamentável mais cedo, mas sempre querem ser poupados. E por quê?

Os homens pararam de passar a mão nela para resmungar, fazendo caretas de confusão.

— Humanos não tem nada — Thaddeus elaborou. — É por isso que querem a *nossa* terra. A terra que ganhamos com sangue, suor e lágrimas. A terra que trouxemos de volta à vida, agora tão farta e mágica. Enquanto vivem entre paredes frias, temos isso! — Acenou para a floresta verde irrompendo sob a neve.

Clarke também olhou. Para ser honesta, era mais verde do que esperava a vida silvestre em um território gelado. Quando o inverno nuclear se acomorada, o calor de Vegas abriu caminho para o gelo.

Toda a vegetação sofreu. Nada crescia com tanta abundância quanto aqui.

Os homens gritaram a concordância para algo que Thaddeus declarou. Clarke prestou atenção no final.

— ... é por isso que sou o alfa de Crescent Hollow. Seu Lorde. Sou o único Nightstalk que pode proteger vocês de fae e ameaças humanas. Sou o único que pode jogar os dois lados do jogo e vencer. Sou o único Nightstalk que vai recompensá-los assim. — Acenou para Clarke, para os três que a tocavam e apalpavam.

Comemoraram.

Uma expressão de nojo assombrou as feições do estranho. Encontrou frio os olhos de Clarke.

— Vou ajudá-la.

— Obrigada — ela murmurou.

Thaddeus riu.

— Obrigada? Está maluca? Nunca agradeça um fae. Significa que está em dívida conosco.

Clarke desviou o olhar de volta para o estranho. Era verdade?

Ele deu um aceno curto.

— Preciso de algo em troca. Uma barganha.

Está de sacanagem comigo?

— Tá bom. Que seja. Vou fazer o que quiser.

Os atacantes irromperam em risadas alegres.

— Escutaram isso? Façam fila, fae — um deles disse. — Não precisam se transformar em bárbaros. Podemos compartilhar.

Uma língua longa e pontuda passou no lado do rosto dela e estremeceu com repulsa. Outra língua molhada tocou a pele da barriga.

— O quê — sussurrou. — O que precisa que eu diga?

— Diga que quer mais, vadia — um dos atacantes disse e depois riu.

Ela rangeu os dentes. Por que não podiam ver o estranho? Ou ouvi-lo?

O estranho jogou a capa sobre um ombro e depois dobrou a manga para revelar um antebraço musculoso coberto com runas brilhantes.

— Pode ser ouvida quando eu não posso — explicou. — Então será minha voz onde não posso falar. Será minhas mãos quando não puder tocar. Compreende?

— Sim. Pelo amor de Deus — gritou para ele. — Só faça algo logo.

— O que seja que estivesse prestes a fazer. *Faça agora.*

Os homens a cercando começaram a trocar olhares estranhos.

— Nunca tivemos uma participante disposta antes, chefe — notou um com chifres de carneiro.

Thaddeus, ainda limpando as unhas com a ponta de uma pequena

faca de osso, só deu de ombros.

— Aprendemos algo novo a cada dia.

Clarke abriu uma carranca para o estranho bonito.

— Preciso que faça essas coisas para mim — acrescentou. — Aceita?

— Já falei que sim.

— Só tendo certeza. — Seus lábios se curvaram em um sorriso lento e sórdido. O coração de Clarke palpitou, e por um momento, pensou que as boas vibrações que recebeu estivessem erradas, mas ele bateu a mão na sua. Um choque elétrico fez os dedos dela contraírem e calor percorrer seu braço.

Os olhos dele se arregalaram.

— Posso tocá-la.

Tão intimamente perto, as pálpebras se abaixaram para ela com reverência. Uma estranha tatuagem de uma lágrima azul brilhava sob o olho dele. Clarke não tinha tempo para ponderar o significado, e então a eletricidade intensificou nas mãos unidas. Energia e luz ondulou entre o toque, banhando a área de azul.

— Então estamos unidos — falou rouco, soltando.

A luz aumentou por um segundo, só o suficiente para os atacantes de Clarke pularem para trás chocados.

— Bruxa — alguém gritou.

Thaddeus respondeu com calma:

— Impossível. É humana. Abandonada pela Nascente.

— Rápido! — Clarke gritou para o suposto salvador. O idiota ainda encarava a mão, orgulhoso para caramba.

Saindo do torpor, piscou para ela – *o filho da mãe piscou!* – e depois soltou um assobio agudo. Retesando, Clarke fechou os olhos e virou para o lado, esperando algo acontecer. Nada.

Abriu os olhos e viu os atacantes se reunindo. Não ouviram o assobio. Nenhum deles. Talvez isso fosse tudo um sonho, uma alucinação. Talvez ainda estivesse deitada no quintal congelado de Vegas e vira o letreiro antes de desmaiar. Fazia mais sentido do que a evidência a qual fora apresentada... que acordou em um tempo muito depois do seu.

Mas aí o primeiro uivo assombroso de um lobo soou ao longe.

E depois outro.

E outro.

Cada vez, o som ficava mais alto.

— *Maldição* — Thaddeus cuspiu. Apontou a faca para o homem de chifres de cervo. — Vá pela esquerda. — Apontou para o carneiro. — Pela direita. — Depois para os homens remanescentes: — Os lobos comigo.

Lobos? Pareciam homens normais com orelhas estranhas. Clarke

olhou para o salvador. As orelhas se eriçaram como se tivesse pegado um rato, e depois sorriu para ela. Tinha o tipo de sorriso que transformava um rosto. Criava duas linhas ao lado da boca, rugas em volta dos olhos e alegria contagiante no corpo de Clarke. Palavras desapareceram da mente.

Só por um instante.

Depois choque empurrou tudo para o lado quando uma alcateia de lobos rosnando emergiram das árvores. Um por um, os animais selvagens rondavam mais perto, mostrando dentes sob lábios trêmulos. Um lobo cinza fixou em Thaddeus com um foco único.

Thaddeus foi para o meio da pequena clareira e deu um olhar tranquilizador para a equipe. Algo do tipo, *Eu resolvo*. E depois se agachou em uma posição de ataque e rosnou de volta para o lobo cinza.

Energia irrompeu na clareira. Fez Clarke se sentir como se devesse colocar o rabo entre as pernas e correr para as árvores, mas o lobo cinza não recuou. Avançou na direção de Thaddeus, aumentando o poder do rosnado.

Chocado, e um pouco confuso, Thaddeus piscou. Soltou uma risada curta e fraca, e depois pareceu se recompor. Estalando o pescoço, voltou o foco para o lobo e balançou os punhos. Desta vez, quando rosnou, transformou o corpo. Energia exalou dele. Garras surgiram dos dedos. O nariz alongou. Os caninos cresceram sobre o lábio inferior e o rosnado grave de um alfa que saiu da base da garganta congelou todo movimento do corpo de Clarke. Era mais lobo do que homem. Tudo dentro dela queria que deitasse no chão e se submetesse.

O lobo cinza pausou. Parou de rosnar e choramingou. Também sentiu a força do grunhido do alfa.

Com um sorriso presunçoso cheio de dentes, Thaddeus avançou.

— Gray — o salvador avisou.

Mas o lobo rolou para mostrar a barriga.

Um xingamento saiu da boca do salvador. Deu um olhar preocupado para Clarke, claramente lutando com uma decisão que não queria tomar. Então voltou o foco para os lobos.

— Ataquem — ordenou, voz tão grave quanto a de Thaddeus durante a transformação. Poder explodiu dele. Clarke podia sentir contra a pele como se tivesse se aproximado demais de um incêndio.

A alcateia de lobos mudou. Submissão abriu caminho para dominância. Avançaram nos atacantes de Clarke, mordendo ferozmente qualquer pedaço de pele que pudessem encontrar. O fedor de sangue fresco encheu o ar, e ela oscilou. Memórias do passado a atingiram com tudo entre os olhos. Cambaleando em um beco para encontrar Bishop e seus homens executando alguém. Um tiro. Sangue. Cérebro. O vídeo borrado de um homem observando tudo por um

smartphone. A queimação amarga de um Tequila Sunrise ao regorgitar por sua garganta.

Uma onda de tontura levou Clarke para o lado para vomitar. Algo como lama saiu outra vez. Gemeu. Tão nojento. Calor e suor pinicavam sua pele. Só teve tempo para registrar Thaddeus dando a ordem para recuar quando a escuridão assomou sua visão.

Tudo ficou turvo. Não.

Não não não.

Agora não. Não...

FICOU CURIOSO?

Continue lendo *O ANSEIO DE LOBOS SOLITÁRIOS* e descubra a história de Clarke, Rush e como os humanos acabaram com o mundo e os fae o reconstruíram [clikando aqui](#).

OUTROS LIVROS LANA PECHERCZYK

Os Sete Mortais

(Romance Paranormal)

[Pecadora](#)

[Inveja](#)

[Ganância](#)

[Cólera](#)

Guardiões Fae

(Fantasia/Romance Paranormal)

[O Anseio de Lobos Solitários](#)

[O Consolo de Garras Afiadas](#)

[Os Sonhos de Reis Partidos](#)

SOBRE A AUTORA

Ai, meu Deus! Como se pronuncia o meu nome?

Lana (bem simples - La-na) **Pecherczyk** (aqui complica - Pe-rer-chique).

Já fui chamada de Lana Price-Check (Preço-Certo), Lana Pera-Chickywack, Lana Pressed-Chicken (Frango-Prensado), Lana Pech... *aquela garota!* Pode pensar, já disseram. Então se é tão difícil de dizer, por que usaria este nome no lugar de um pseudônimo fácil?

Para simplificar, era o nome da minha mãe. E ela era minha maior torcedora.

Pela maior parte da minha vida, fui boa em uma coisa: arte. O mundo ao meu redor viu meu trabalho, e me disse que deveria fazer mais coisa dele, então eu fiz.

Mas quando, aos oito anos, disse que queria escrever histórias, e apesar de sermos pobres, minha mãe voltou para casa com um caderno em branco e um lápis, dizendo que deveria seguir meus sonhos, não importava onde me levassem, porque me fariam feliz. Eu não era muito boa, mas não importava porque tinha apoio e gostava.

Ela morreu quando eu tinha treze anos, e deixou as quatro filhas órfãs. De repente, perdi minha maior torcedora, fui separada das minhas duas irmãs mais novas e não tinha ninguém para conversar sobre o desafio da vida.

Então, eu escrevi em segredo. Desabafei com todo meu coração em um diário e as vezes imaginava que ela podia me ouvir. No final, mesmo que não pudesse, escrever mantinha aquele sonho vivo.

Enfim, depois de ter dois filhos (dois pestinhas no corpo de garotinhos) e ignorar minha voz interna por tanto tempo, decidi guiar por exemplo. Como poderia ensinar meus filhos a correr atrás dos sonhos se não estava fazendo isso? Eu me tornei minha maior torcedora e o resto é história, aqui estou.

Quando não estou escrevendo o próximo romance cheio de ação, ou controlando os pimpolhos, ou resgatando GI Joe da boca do meu cachorro, luto contra o mal sob a luz do luar, ganho o amor sob a luz do sol e nunca fujo de uma briga de verdade.

Moro na Austrália, mas estou disposta a bater papo online a qualquer hora. Venha me encontrar.

ÍNDICE

MAPA

Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33
Capítulo 34
Capítulo 35
Capítulo 36
Capítulo 37

Personagens e Glossário

O ANSEIO DE LOBOS SOLITÁRIOS

CAPÍTULO 1

CAPÍTULO 2

CAPÍTULO 3

Outros livros Lana Pecherczyk

Sobre a Autora